

REVISTA



Cajueiro

Revista Cajueiro: Ciência da Informação e Cultura da Leitura
Cajueiro Magazine: Information Science and Reading Culture



v.1, nº. 1, nov. 2018 – maio 2019

ISSN 2595-9379



REVISTA CAJUEIRO: CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E CULTURA DA LEITURA

<<https://seer.ufs.br/index.php/Cajueiro>>

VOLUME 1, NÚMERO 1, NOVEMBRO DE 2018.

EXPEDIENTE

A Revista Cajueiro é editada pelo PLENA: Grupo de Pesquisa em Leitura, Escrita e Narrativa, em formato eletrônico. É publicada pelo Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas da Universidade Federal de Sergipe. Se trata de um periódico científico semestral, que tem como objetivo principal promover a difusão, democratização e fortalecimento das pesquisas em Ciência da Informação, com ênfase na contemplação dos objetos e objetivos referentes à formação de leitores e da cultura da leitura, em todos os seus aspectos e ambientes sociais, assim como observar as repercussões positivas dos hábitos e gostos leitores na sociedade. Visa também ampliar o diálogo com a comunidade científica internacional e contribuir para o desenvolvimento da sociedade, nos caminhos da leitura.

ENTIDADE RESPONSÁVEL

GRUPO DE PESQUISA EM LEITURA, ESCRITA E NARRATIVA: Cultura, Mediação, Apresentação Gráfica, Editoração, Manifestações (PLENA). Inscrito no CNPq desde 2015.

- ❖ Instituição: Universidade Federal de Sergipe (UFS)
- ❖ Unidade: Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA)
- ❖ Área Predominante: Ciência da Informação; Interdisciplinar
- ❖ Situação: Certificado, espelho disponível em
<dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4559993991971758>
- ❖ Logradouro: Universidade Federal de Sergipe, Cidade Universitária “Prof. Aloísio de Campos”, Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA), Ed. Administração Acadêmica I – Antigo, sala 21, Av. Marechal Rondon, s/n, Bairro Rosa Elze, São Cristóvão/SE, CEP: 490100-000

SEÇÕES

- ❖ Artigos de Revisão
 - Dissertações e Teses (Ciência da Informação e Áreas Afins)
- ❖ Artigos originais e Ensaios
 - Documentação e Gestão da Informação
 - Formação do Leitor e Cultura da Leitura

- História e Cultura Editorial
- Leitura Pública, Equipamentos, Diretrizes e Políticas
- Mediação de Leitura e Letramento
- Narrativa Sequencial Gráfica em análise
- Temática Interdisciplinar em Ciência da Informação
- ❖ Biografia
- ❖ Cartas
- ❖ *Colunas*
 - *Advocacy & Lobby*
 - *Opinion Paper*
- ❖ Comissão Científica e Conselho de Avaliadores
- ❖ Comunicação Científica
- ❖ Editorial
- ❖ Entrevistas
- ❖ Especial
- ❖ Estudos de Caso e Relatos de Pesquisa
- ❖ Expediente
- ❖ Fórum
- ❖ Homenagem
- ❖ Índice
- ❖ Narrativa Sequencial Gráfica em exposição
- ❖ Programas e Projetos Nacionais e Internacionais
- ❖ Recensão
- ❖ Resenhas

CONSELHO EDITORIAL

Editora Responsável

- ❖ Prof^a. Dr^a. Valéria Aparecida Bari - UFS

Comissão Científica

- ❖ Prof^a. Dr^a. Valéria Aparecida Bari (Coordenação) - UFS
- ❖ Prof. Dr. Amaro Xavier Braga Júnior – UFAL
- ❖ Prof^a Me. Glêyse Santos Santana – UFS
- ❖ Prof. Dr. Iuri Andréas Reblin – UNIEST
- ❖ Prof^a. Dr^a. Carla Eugenia Caldas Barros – UFS
- ❖ Prof^a. Dr^a. Germana Gonçalves de Araujo - UFS
- ❖ Prof^a. Dr^a. Márjorie Garrido Severo - UFS
- ❖ Prof^a. Dr^a. Messiluce da Rocha Hansen – UFS
- ❖ Prof. Dr. Paulo da Silva Quadros - UNIP
- ❖ Prof. Dr. Sérgio Luiz Elias de Araújo - UFS
- ❖ Prof. Dr. Thiago Vasconcellos Modenesi - UNIGUARARAPES
- ❖ Prof. Me. Wanderley de Oliveira Menezes – UFS
- ❖ Prof. Dr. Waldomiro Vergueiro – USP

Conselho de Pareceristas Ad Hoc 2018

- ❖ Prof^a. Dr^a. Débora Eleonora Pereira da Silva – UFS
- ❖ Prof. Dr. Geraldo Moreira Prado – IBICT
- ❖ Prof. Dr. Iuri Reblin – UNIEST
- ❖ Prof. M^e. Júlio César Rocha da Silva - UFS
- ❖ Prof. Dr. Napoleão dos Santos Queiroz – UFS
- ❖ Prof^a. Dr^a. Patrícia Horta Alves – UFS
- ❖ Prof. Dr. Roberto Elísio dos Santos – USCS
- ❖ Prof. Dr. Waldomiro Vergueiro – USP

Equipe Editorial

- ❖ Salim Silva Souza – Mestrando UFS
- ❖ Shirley dos Santos Ferreira – Mestranda UFS
- ❖ Vanderléa Nóbrega Azevedo Cortes – Mestranda UFS
- ❖ Raul Felipe Silva Rodrigues – Mestrando UFS

Equipe de Design e Artes

- ❖ Andson de Jesus Azevedo
- ❖ Edson Lima Lemos
- ❖ Mário Fiscina
- ❖ Rafael Jesus de Oliveira
- ❖ Raul Felipe Silva Rodrigues

EDITORIAL

Profa. Dra. Valéria Aparecida Bari

Editora

Sejam bem-vindos, leitores, ao primeiro número da Revista Cajueiro: Ciência da Informação e Cultura da Leitura. Seu lançamento, no mês de novembro de 2018, reflete o esforço de um coletivo com poucos recursos, mas grandes sonhos: o PLENA: Grupo de Pesquisa em Leitura, Escrita e Narrativa: Cultura, Mediação, Apresentação Gráfica, Editoração, Manifestações.

O objetivo primordial dessa revista é reavivar o contato dos pesquisadores e os acadêmicos que, atuando em espaços e tempos diversos, terão aumentadas as oportunidades de sentir sua presença. A questão do encantamento com a pesquisa, a academia e seus protagonistas têm cedido espaço para produções que visam a obtenção de títulos e a resolução pragmática dos problemas que assolam o cotidiano do processo civilizatório. Contudo, desejávamos nesse coletivo imprimir outros ritmos à discussão do conhecimento e dos saberes, ao dirigir os esforços do PLENA para a publicação desse periódico. Ao desenhar uma publicação voltada só para a publicação de doutores, desejávamos também reforçar o espaço social de fala daqueles que tem se dedicado mais e por maior tempo às questões acadêmicas, pois esse é o caminho típico na obtenção do título.

Como características inerentes ao primeiro número, a sua viabilização foi possível mediante convites aos pesquisadores do PLENA no Brasil, assim como os interessados que fizessem parte da rede de contatos dos mesmos, inseridos em programas de graduação e pós-graduação, assim como em entidades de classe voltadas para as questões da pesquisa acadêmica.

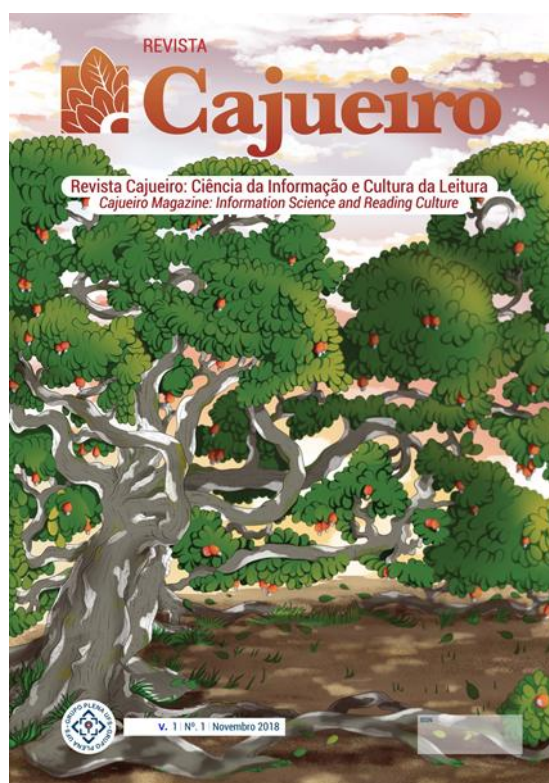
Os enlaces acadêmicos do PLENA se dão em nível institucional na Universidade Federal de Sergipe (UFS), com o Departamento de Ciência da Informação (DCI), com o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI), com o Departamento de Letras Libras (DELI) e com o Departamento de Artes Visuais e Design (DAVD). Em nível extramural, os enlaces do PLENA se dão com os seguintes grupos de pesquisa, colegiados e coletivos, com os quais desenvolve pesquisas e atividades de extensão de modo



cooperativo: Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial (ASPAS); Observatório de Histórias em Quadrinhos (OHQ/USP); Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Histórias em Quadrinhos, Charges e Cartuns da Faculdade dos Guararapes (GIP-HQ); Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas (DCS/UFAL).

Como linhas de pesquisa nas quais atua o PLENA, temos a Documentação, a Narrativa Sequencial Gráfica, a Mediação de Leitura e a Cultura Editorial, transversalizadas pelas questões de inclusão social e diversidade cultural, inseridas por sua vez no campo da Ciência da Informação, no campo abrangente das Ciências Sociais Aplicadas.

Figura 1: Capa da Revista Cajueiro



Fonte: Arte original de Edson Lima Lemos e Andson de Jesus Azevedo (2018).

Como efemérides que movimentaram recentemente o PLENA, temos o cinquentenário da Universidade Federal de Sergipe (UFS), a instituição que nos sedia; o decanato do Departamento de Ciência da Informação, o colegiado que nos acolhe; o falecimento de Stan Lee aos 95 anos, um narrador de tantas coletividades, que deu voz à questões sociais prementes e dialogou com os jovens leitores.

Apresentamos assim as seguintes contribuições, como componentes do primeiro número da publicação.

A docente universitária e escritora Cremilda Medina reflete sobre sua prática jornalística e docente, rememorando a juventude e estreitando seus laços com o ancestral Alexandre Herculano, em seu artigo original sobre história e cultura editorial “Narradores do Auto-Jornalista”.

Os pesquisadores e ativistas Geraldo Moreira Prado e José Arivaldo Moreira Prado sintetizam suas observações sobre leitura pública, tecendo um panorama sobre as bibliotecas comunitárias no Brasil, em seu artigo original sobre leitura pública, equipamentos, diretrizes e políticas “Da ordem presente à razão futura da biblioteca comunitária no Brasil”.

Mesclando os aspectos de leitor, quadrinhista, docente e pesquisador, Amaro Xavier Braga Júnior discorre sobre a cultura do Mangá, acompanhado de suas discípulas, pesquisadoras, quadrinhistas e ativistas culturais Gabriela Maria Cavalcanti Ferreira Lessa Santos e Mariana Petróvana Ferreira da Silva. No artigo original “Arquétipos em Quadrinhos: Kuroko no Basket e o uso dos “Deres”, a temática da narrativa sequencial gráfica em análise é transversalizada pela influência global da cultura japonesa.

Numa leitura especializada mais intimista, o docente universitário e pesquisador Thiago Vasconcellos Modenesi analisa uma importante adaptação quadrinhística, que influenciou a produção brasileira do século XXI. O seu artigo original sobre narrativa sequencial gráfica em análise “Moby Dick em um novo olhar: A adaptação da obra de Herman Melville na Coleção Classic Illustrated”, nos faz ver pelos olhos do quadrinhista Bill Sienkiewicz o confronto entre a civilização e a barbárie.

Avançando para a temática interdisciplinar em Ciência da Informação, temos o artigo do docente e pesquisador Paulo da Silva Quadros, intitulada “Internet e suas imagens interpretativas possíveis e inimagináveis: Comunicação e Educação”. Por meio do estudo contrastivo entre três modelos e simbologias universalizadas na academia e na sociedade, Quadros discute a dinâmica de nosso relacionamento com as fontes de informação e conhecimento, assim como suas transformações evolutivas nos suportes digitais.

A Coluna *Advocacy & Lobby* traz a análise de Cristian Brayner, aprofundada e bem humorada, sobre a premente questão da Biblioteca Escolar, cujas políticas públicas têm conceituado e disputado muito mais as relações comerciais do que a concretização de um ambiente de formação de leitores na instituição escolar. Como boa notícia, o empenho de Brayner o posicionou entre os mentores intelectuais da mais recente proposta levada ao plenário pela Comissão de Educação da Câmara dos Deputados, no dia 22 de novembro, às vésperas do fechamento dessa revista. O Projeto de Lei 9484/18, da deputada Laura Carneiro (DEM-RJ), modifica o conceito de biblioteca escolar e cria o Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares (SNBE), irá disputar espaço com cerca de doze outras propostas de PL que se debruçam sobre o mesmo tema.

Como estudo de caso e relato de pesquisa, temos os docentes universitários e pesquisadores Alberto Calil Elias Junior e Elisa Campos Machado, assim como a acadêmica Gabriela Falcão Klein, em seu artigo “Biblioteconomia Pública: Experiência de Ensino-Aprendizagem”, narrando a observação de campo da Biblioteca Comunitária “Atelier das Palavras” e toda a rede de significações e empoderamento que a cultura da leitura gera em uma comunidade pacificada no Rio de Janeiro.

A Homenagem é iniciativa do docente e pesquisador Waldomiro Vergueiro que, em seu artigo “Um artista completo das histórias em quadrinhos: Will Eisner e seu legado para a 9ª Arte”, nos fala de um dos mais significativos quadrinhistas norte-americanos. Consagrado internacionalmente, Eisner teria completado seu centésimo natalício em 2018, e ainda assim não teria tempo de envelhecer.

A identidade da Revista Cajueiro também foi desenvolvida do ponto de vista imagético, para que a edição da revista representasse também um exercício de síntese narrativa, do ponto de vista da arte e do grafismo.

Duas artes implicaram em esforços e sínteses conceituais importantes, que implicam na criação de uma identidade visual buscada pelo coletivo do PLENA e significativas na veiculação de conhecimentos: a capa (figura 1) e a logomarca (figura 2) da Revista Cajueiro. E as mesmas também são resultado da simbologia buscada pelo coletivo como representação de nossa metodologia de trabalho.

Sendo assim, o Cajueiro é um vegetal que pertence ao bioma Caatinga, muito embora se adapte quando replantado em áreas tropicais do mundo. Por essa razão, foi possível que

os seres humanos disseminassem o cajueiro em todos os estados brasileiros, por meio de suas sementes assim como também fosse cultivado para além das nossas fronteiras (em latitudes entre 30° N e 31° S).

Sergipe, a origem geográfica e sede do PLENA, se caracteriza pela cultura e exploração nativa dos caju, sendo que o cajueiro é a árvore que representa a cidade de Aracaju e todo o estado. O cajueiro representa um ecossistema gigantesco, pois vários indivíduos estão interligados por sua raiz, mantendo comunicação. Então, muito embora não seja frondosa, essa árvore é muito resistente, por conta da comunicação.

Outro ponto de origem a ser observado é o grande número de pesquisadores em narrativa gráfica sequencial, em sua maioria dedicados às revistas em quadrinhos. Sendo assim, a representação desse cajueiro, vivo e cheio de frutos, seguiu a estética das histórias em quadrinhos autorais. A cor, indispensável, integra a gama de recursos e possibilidades expressivas propiciadas pelo suporte digital, e reproduz em grande parte a recriação das condições do ambiente natural original desse vegetal, ou seja, o bioma caatinga em um ocaso do estio.

A proposta original dos desenhos foi de Edson Lima Lemos, com colorização de Andson de Jesus Azevedo, egressos da UFS e participantes do PLENA desde sua graduação. A logomarca e a miniatura foram um projeto conjunto de Edson Lima Lemos e Mário Fiscina, também egresso da UFS.

Figura 2: Logotipo e Miniatura da Revista Cajueiro



Fonte: Arte original de Edson Lima Lemos e Mário Fiscina (2018).

Quanto ao logotipo do PLENA (figura 3), também representou o amadurecimento de ideias que o coletivo discutiu desde o ano de 2015, quando o grupo recebeu a aprovação do registro no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. Concebido por Raul Felipe

Silva Rodrigues, pesquisador do PLENA vinculado desde sua graduação. A logo do PLENA incorpora a palavra GRUPO, para que fique clara a natureza do coletivo.

Figura 3: Logotipo de PLENA



Fonte: Arte original de Raul Felipe Silva Rodrigues

As cores utilizadas na composição foram o azul, simbolizando as Ciências Sociais Aplicadas, o vermelho, simbolizando a vida, com o fundo branco dando a noção de espaço. Podemos descrever assim a imagem resultante: No centro, a lupa representa a observação científica, sobreposta por um “P” orgânico vermelho (que não é escrito por tipos móveis, mas pelas mãos de alguém), representando o PLENA, como um coletivo tangível de pessoas. Essa centralidade é envolvida por um quadrilátero de paredes abertas, que representa a Academia e suas formulações, aberta para a sociedade, como desejamos. Partindo dessas aberturas da academia, outro quadrilátero aberto e transversal representa as linhas de pesquisa, expandindo as observações, discussões, prospecções e intervenções para o ambiente social. O conjunto é situado no interior de um círculo, representando a plenitude do mundo em que vivemos. Ao redor dessa representação, uma inscrição circular com o texto “GRUPO PLENA UFS”, identificando o coletivo, a denominação e a sede.

Após redobrados esforços para levar o nosso projeto à frente, oferecemos a todos os leitores uma experiência nova, agradável e construtora de relações e conhecimentos. Desejamos a todos uma ótima experiência de leitura.

VERSÃO INTEGRAL EM LINGUA INGLESA

EDITORIAL

Profa. Dra. Valéria Aparecida Bari

Scientific Publisher

Welcome, readers, to the first issue of Revista Cajueiro: Information Science and culture of reading. Its launch, in the month of November 2018, reflects the effort of a collective with few resources, but big dreams: the PLENA: Research group in Reading, writing and narrative: culture, mediation, graphic presentation, publishing, demonstrations.

The primary objective of this journal is to revive the contact of researchers and academics who, acting in different spaces and times, will have increased the opportunities to feel their presence. The issue of Enchantment with research, the academy and its protagonists have yielded space for productions that aim to obtain titles and the pragmatic resolution of the problems that are the daily life of the civilizational process. However, we wished in this collective to print other rhythms to the discussion of knowledge and knowledges, by directing the efforts of PLENA to publish this periodical. When designing a publication focused only on the publication of doctors, we also wished to reinforce the social space of speech of those who have devoted themselves more and for longer to academic issues, since this is the typical way in obtaining the title.

As characteristics inherent to the first number, its feasibility was possible through invitations to the researchers of PLENA in Brazil, as well as the stakeholders who were part of the network of contacts of them, inserted in undergraduate programs and As well as in class entities focused on academic research issues.

The academic links of the PLENA are given at the institutional level at the Sergipe's Federal University (UFS), with the Department of Information Science (DCI), with the graduate program in Information Science (PPGCI), with the Department of Letters Libras (Delhi) and with the Department of Visual Arts and Design (DAVD). At the extramural level, the links of the PLENA are with the following research groups, collegiate and collective, with which develops researches and activities of Extension Cooperative Mode:

Association of researchers in sequential art (quotation marks); Comic Book Observatory (OHQ/USP); Interdisciplinary group of Research in comic books, cartoons and cartoons of the Faculty of Guararapes (GIP-HQ); Department of Social Sciences, Universidade Federal de Alagoas (DCS/UFAL).

As lines of research in which PLENA operates, we have the documentation, the sequential graphic narrative, the reading mediation and the Editorial culture, transversalized by the issues of social inclusion and cultural diversity, inserted in its turn in the field of science of information, in the comprehensive field of applied social sciences.

As Ephemeris that recently moved the PLENA, we have the fiftiary anniversary of the Universidade Federal de Sergipe (UFS), the institution that is the same; The decanate of the Department of Information Science, the collegiate that welcomes us; The death of Stan Lee at 95 years old, a narrator of so many collectivities, who gave voice to pressing social issues and dialogued with the young readers.

We thus present the following contributions, as components of the first issue of the publication.

The university lecturer and writer Cremilda Medina reflects his journalistic and teaching practice, rememo the youth and narrowing his ties with the ancestor Alexandre Herculano, in his original article on History and editorial culture " Author-journalist storyteller's".

Researchers and activists Geraldo Moreira Prado and José Arivaldo Moreira Prado synthesate Their observations on public reading, weaving an overview of the community libraries in Brazil, in their original article on public reading, equipment, Guidelines and policies " From the present order to the future reason of the Community Library in Brazil".

Merging the aspects of reader, comic, teacher and researcher, Amaro Xavier Braga Júnior discusses the culture of the manga, accompanied by its disciples, researchers, comic artists and cultural activists Gabriela Maria Cavalcanti Ferreira Lessa Santos and Mariana Petróvana Ferreira da Silva. In the original article " Comic Archetypes: Kuroko no Basket and the use of the "Deres", the thematic of the sequential graphical narrative in analysis is transversalized by the global influence of Japanese culture.

In a more intimate specialized reading, the university lecturer and researcher Thiago Vasconcellos Modenesi analyzes an important comic's literary adaptation, which influenced the Brazilian production of the 21st century. His original article on graphical sequential narrative in analysis "Moby Dick in a new point of view: The adaptation of Herman Melville's Work in Classic Illustrated Collection", makes us see from the eyes of the comic book Bill Sienkiewicz the confrontation between civilization and Barbarism.

Advancing to the interdisciplinary thematic in information science, we have the article by Professor and researcher Paulo da Silva Quadros, entitled "Internet and its possible and unimaginable interpretative images: Communication and Education". Through the contrastive study of three models and universalised symbologies in academia and society, Quadros discusses the dynamics of our relationship with the sources of information and knowledge, as well as their evolutionary transformations in digital data.

The Advocacy and Lobby column brings the analysis of Cristian Brayner, deep and humorous, on the pressing issue of the school library, whose public policies have conceptually and disputed much more business relations than the realization of an environment of training of readers in the school institution. As good news, Brayner's commitment has positioned him among the intellectual mentors of the most recent proposal brought to plenary by the Brazilian Lower House of Congress Committee on Education on 22 November, on the eve of the closing of this magazine. The Law Project 9484/18, by Laura Carneiro (Democratic Political Party - DEM-RJ), modifies the concept of school library and creates the national system of School Libraries (SNBE), will dispute space with about twelve other proposals of law projects that address the same theme.

As a case study and research report, we have the university professors and researchers Alberto Calil Elias Junior and Elisa Campos Machado, as well as the academic Gabriela Falcão Klein, in her article "Public Librarianship: Teaching-Learning Experience", narrating the field observation of the Community Library "*Atelier das Palavras*" and the whole network of meanings and empowerment that the culture of reading generates in a pacified community in Rio de Janeiro.

The tribute is initiative of professor and researcher Waldomiro Vergueiro who, in his article "A complete comic book artist: Will Eisner and his legacy for the 9th Art", tells us of one of the most significant American comic artists. Internationally consecrated,



Eisner would have completed his hundredth Christmas in 2018, and still would not have time to grow old. The identity of the Revista Cajueiro was also developed from an imagetic point of view, so that the edition of the Journal also represented an exercise of narrative synthesis, from the viewpoint of art and graphism.

Figure 1: Revista Cajueiro's Cover



Source: Original art by Edson Lima Lemos and Andson de Jesus Azevedo (2018).

Two arts implied important conceptual efforts and syntheses, which imply the creation of a visual identity sought by the collective of PLENA and significant in the dissemination of knowledge: the cover (Figure 1) and the logotype (Figure 2) of the Revista Cajueiro. And they are also the result of the symbolism sought by the collective as representation of our work methodology.

Thus, Cajueiro is a vegetable that belongs to the Caatinga biome, although it adapts when replanted in tropical areas of the world. For this reason, it was possible for human beings to disseminate the cashew tree in all Brazilian states, through its seeds, as well as to be cultivated beyond our borders (at latitudes between 30° N and 31° S).

Sergipe, the geographic origin and headquarters of the PLENA, is characterized by the native culture and exploitation of the cashew trees, and the cashew tree is the country that represents the city of Aracaju and the whole state. The cashew tree represents a gigantic ecosystem, because several individuals are interconnected by its root, maintaining communication. So, even though it's not leafy, this tree is very resilient, on account of communication.

Figure 2: Logotype and Miniature



Source: Original creation by Edson Lima Lemos and Mário Fiscina (2018).

Another point of origin to be observed is the large number of researchers in sequential graphical narrative, mostly devoted to comic books. Thus, the representation of this cashew tree, alive and full of fruits, followed the aesthetics of the comic books. The color, indispensable, integrates the range of features and expressive possibilities provided by the digital support, and reproduces largely the recreation of the conditions of the original natural environment of this plant, that is, the Caatinga biome in an summer sunset.

The original proposal of the drawings was by Edson Lima Lemos, with colorization of Andson de Jesus Azevedo, graduates of the UFS and participants of the PLENA since graduation. The Logobrand and the miniature were a joint project by Edson Lima Lemos and Mário Fiscina, also egress of the UFS.

As for the PLENA logo (Figure 3), it also represented the maturation of ideas that the collective discussed since the year 2015, when the group received the approval of the registration in the CNPq Research Group Directory. Designed by Raul Felipe Silva Rodrigues, Researcher of PLENA linked since graduation. The logo of PLENA incorporates the word GRUPO, so that the nature of the collective is clear. The colors used in the composition were the blue, symbolizing the applied social sciences, the red, symbolizing life, with the white background giving the notion of space. We can describe

the resulting image: in the center, the magnifying glass represents the scientific observation, superimposed by a red organic "P" (which is not written by movable types, but by the hands of someone), representing the PLENA, as a tangible collective of people. This centrality is surrounded by a quad of open walls, which represents the academy and its formulations, open to society, as we wish. Starting from these openings of the academy, another open and transverse quad represents the lines of research, expanding observations, discussions, prospections and interventions for the social environment.

Figure 3: PLENA's Logotype



Source: Creation and original Art by Raul Felipe Silva Rodrigues

The ensemble is situated within a circle, representing the fullness of the world in which we live. Around this representation, a circular inscription with the text "GRUPO PLENA UFS", identifying the collective, the denomination and the headquarters.

After redoubled efforts to bring our project ahead, we offer all readers a new, enjoyable and constructive experience of relationships and knowledge. We wish you all a great reading experience.

ARTIGOS ORIGINAIS E ENSAIOS: HISTÓRIA E CULTURA EDITORIAL

Narradores do autor-Jornalista¹

Author-journalist storyteller's

Los cuentacuentos del autor-periodista

Cremilda Celeste de Araújo Medina²

¹ Recebido em 11/09/18, versão aprovada em 11/11/2018.

² Jornalista, pesquisadora e professora doutora titular sênior da Universidade de São Paulo (USP). Atua na formação de mestres, doutores e pós-doutores no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) e no Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (Prolam), ambos da USP. Autora de 18 livros, organizou também 52 coletâneas, entre elas, a série inter e transdisciplinar Novo Pacto da Ciência e a série de livros-reportagem São Paulo de Perfil. Da obra pessoal, seus mais recentes títulos, Ato presencial, mistério e transformações (2016) e A arte de tecer afetos, signo da relação 2, cotidianos (2018), abordam a pesquisa a que se dedica há cinco décadas e cujo principal desafio é a dialogia social.

RESUMO

Ensaio cujo tema da técnica da entrevista jornalística e seu registro são analisados do ponto de vista da finalidade informativa entremeada pelo estilo pessoal e gênero literário. Como pano de fundo da discussão, a autora reflete sobre sua própria produção jornalística, de ensino e pesquisa, espelhando-se na obra literária de seu tio-avô, Alexandre Herculano, um dos consagrados escritores da literatura portuguesa. Como considerações finais, verifica que é preciso lembrar, refletir e sentir, antes de definir, pois a função informacional do texto de apoia no terreno movediço da narrativa e da memória, fazendo do escritor aquele que irá atribuir sentidos e direcionar o diálogo entre o leitor e sua obra.

PALAVRAS-CHAVE: Entrevista Jornalística. Redação e Estilo Jornalístico. Alexandre Herculano.

ABSTRACT

Essay whose theme of the journalistic interview technique and its record are analyzed from the point of view of the informational purpose intermeted by the personal style and literary genre. As a backdrop to the discussion, the author reflects on her own journalistic production, teaching and research, reflecting on the literary work of her great-uncle, Alexandre Herculano, one of the renowned writers of Portuguese literature. As final considerations, it verifies that it is necessary to remember, reflect and feel, before defining, because the informational function of the text supports in the Quickland of narrative and memory, making the writer the one who will assign meanings and direct dialogue Between the reader and his work.

KEY WORDS: Journalistic Interview. Writing and Journalistic Style. Alexandre Herculano.

RESUMEN

Ensayo cuyo tema de la técnica de la entrevista periodística y su registro se analizan desde el punto de vista del propósito informativo mesclado por el estilo personal y el género literario. Como escenario de la discusión, la autora reflexiona sobre su propia producción periodística, docente e investigadora, reflexionando sobre la obra literaria de su tío abuelo, Alexandre Herculano, uno de los renombrados escritores de la literatura portuguesa. Como consideraciones finales, comprueba que es necesario recordar, reflexionar y sentir, antes de definir, porque la función informativa del texto apoya en el Quickland de la narrativa y de la memoria, haciendo al escritor el que asignará significados y diálogo directo Entre el lector y su trabajo.

PALABRAS-CLAVE: Entrevista Periodística. Escritura y Estilo Periodístico. Alexandre Herculano.



INTRODUÇÃO

Recorro ao ensaio, com a liberdade imaginativa que me dá, sem amarras do rigor racionalista. Apesar de registros acadêmicos – livros e artigos - desenvolvidos ao longo de uma pesquisa de cinco décadas, prefiro a experiência da reportagem jornalística e a ficção literária para aí recolher exemplos da autoria que, democraticamente, se descentraliza do Autor-Miraculoso. Este, travestido de uma terceira pessoa objetiva e imparcial, nas narrativas tradicionais da imprensa e da literatura, concebia seu relato como versão única e verdadeira. A hipótese em que me aventuro, desconstrói a autoridade concentrada no “Eu-terceira pessoa” e se admite oscilante entre o EU e os Outros, a quem delega a voz de narradores.

O doutorado, na Universidade de São Paulo (1986), ao questionar a técnica da entrevista e sua representação simbólica, explorava caminhos que, por cúmplices ao *Modo de ser, mó'dizer* (título da tese) dos protagonistas sociais, provocavam a criação de um estilo polifônico. Os cacoetes - *fulano disse, beltrano respondeu, acrescentou ele, aspas declaratórias e travessões de pergunta e resposta* - são recursos manipulados pela pretensa imparcialidade do autor. De fato, aprisionam o fluxo narrativo dos contextos, dos gestos, da oralidade e demais códigos da cena viva e da interação social criadora dos interlocutores, seja os de referência real ou os de referência ficcional (*Povo e Personagem*, 1996, livro retirado da tese de livre-docência na USP em 1989). Já em *Entrevista, o diálogo possível* (1986), segunda parte da tese de doutorado, havia sugerido as transgressões que proponho na epistemologia e na prática dialógica.

Ao lembrar a “morte” da técnica literária que os franceses no *nouveau roman*, como Allan Robbe-Grillet, Michel Butor ou Marguerite Duras, defenderam nos anos 1950, escrevi no livro de 1986: “[...] esses e outros escritores conscientizaram a superação do ponto de vista de terceira pessoa onisciente, onipresente, como se o autor miraculoso viajasse de helicóptero sobre a cena e descrevesse de um ponto fixo do espaço. Em lugar disso, propunham aquele narrador moderno que entra na cena e se permite vê-la de dentro, pousar em coisas, objetos. Radicalmente, como convém a qualquer ruptura, decretaram a *coisificação*.” (1986, p.72-73). Esta rebeldia também se expressou no cinema da época (*Nouvelle Vague*).

Da teoria literária, cito também a participação de Antônio Cândido numa mesa redonda sobre literatura e sociedade, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (1984). Para o ensaísta (que perdemos em 2017), o EU se pluraliza a partir do romantismo. Essas e outras inspirações, no campo da reflexão, foram empiricamente submetidas aos examinadores nas narrativas da primeira parte da tese de doutorado (não publicada em livro). Em *modo de ser, mó'dizer*, as histórias e seus protagonistas do bairro de Higienópolis, em São Paulo, *pluralizam* o eu-autor em narradores mutantes que entram na cena sem pedir licença, para lembrar a Irene do poema de Manuel Bandeira. As falas se encadeiam sem as marcações convencionais. Transcrevo um fragmento, a seguir, da narrativa do bazar da dona Arminda na Praça Buenos Aires. (Há poucos anos o bazar fechou, após a morte da proprietária).

Dona Arminda chega com um estojo de veludo. Abre a caixa diante dos olhos espertos da velha senhora. Arnaldo logo se enfia na roda para enxergar. A habilidade mágica das mãos esguias de dona Arminda desembulha uma pulseira imitando ouro, o cobre já gasto, opaco. Vê, que bonito, não é bem como a senhora gosta? Dona Arminda, acho que não vou ficar com ela, não. Eu agora evito usar tudo que é coisa que chama a atenção, não vê o que estão assaltando aí na rua? Dona Arminda guarda o tesouro rapidamente. Nesse instante entram no bazar dois jovens pingando de suor, roupa e cabelos estilo punk, com brilho de gel. Vê, Arnaldo, vê o que os moços querem. Querem saber o preço de spray, tinta preta. Consultam-se e desistem. Saem como entraram. Arnaldo tentou, apenas tentou enturmar: vocês tomaram banho agora, né? Os jovens estilo punk nem responderam.

A velha senhora escolhe um soutien de rendas para a sobrinha, mas vai para casa consultar a irmã para saber se é tamanho 42 ou 44.

As sucessivas cenas no bazar da Praça Buenos Aires, narradas nos anos 1980, desapareceram após a morte de Arminda, mas a senhora portuguesa de Mogadouro, em Trás-os-Montes, permanece na memória dos que conheceram a vivacidade da *Dama das miudezas*. E alguns orientandos ou alunos da USP, que não a conheciam, ao lerem o texto que escrevi para a tese e reproduzi no livro *Arte de tecer o presente, narrativas e cotidiano* (2003), vieram verificar, em ato presencial, a veracidade da referência na minha produção simbólica.

Se a cena real pode ser representada na reportagem jornalística com pontos de vista plurais, na literatura (e não só a contemporânea), encontram-se fartos exemplos. Na minha formação de Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, anos 1960, os professores de literatura me despertaram para as rupturas de estilo que contrastavam como

a gramática técnica do ensino de Jornalismo. A vantagem, nessa osmose cultural, se deve ao fato de que os mestres de língua e literatura eram comuns aos dois cursos. No meu aprendizado as disciplinas de redação jornalística corriam ao largo da fruição estética de Letras. Escritores como Fernando Sabino inspiravam, por exemplo, a superação de orações subordinadas (dignas representantes da estrutura de poder do absolutismo...) e o domínio lúdico da coordenação (sem a elite do poder assumida pela oração principal). Brincadeiras à parte, o fato é, como jornalista, não me viciiei, à partida, na estrutura da notícia em pirâmide invertida, no jogo declaratório das aspas e das perguntas e respostas, na lide (abertura ou cabeça de matéria) exclusivamente sumário, que responde esquematicamente às perguntas quem, o quê, quando, onde, como e por quê? Embora as lições do manual clássico estivessem presentes no laboratório do *Jornal Escola*, na prática dos primeiros anos da década de 1960, a inspiração maior vinha de Graciliano Ramos, João Cabral, Manuel Bandeira, Fernando Sabino, cronistas, poetas e romancistas que davam voz à oratura brasileira.

A liberdade estilística se ancorou também na oficina doméstica. Sinval Medina, escritor desde a adolescência, ao se iniciar como ficcionista nessa mesma década, ensaiava múltiplos narradores. Na sua primeira ficção, premiada em Porto Alegre pela Secretaria de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul (1963), a novela *Ninguém* exigia essas ousadias que marcariam nas décadas posteriores sua obra. O autor deslizava à vontade (sem aspas ou travessões) para a voz de sua personagem, uma empregada doméstica. (Esse texto inédito veio, datilografado, para São Paulo, na nossa mudança de 1971, e se perdeu, três anos depois, numa enchente de verão, no porão da casa onde morávamos, no Jardim Bonfiglioli.) Hoje com romances, livros para crianças e para adolescentes publicados, seus narradores consagram uma pluralidade de contadores da saga histórica ou contemporânea. Um bom exemplo da primeira é o romance premiado *Tratado da altura das estrelas* (1997) que vai ao século XVI da brasilidade; e da segunda, os tempos recentes do *Memorial de Santa Cruz* (1983).

Neste labor, o romancista, que está hoje às voltas com mais uma ficção do século XVIII, escreveu, em um momento de descanso (ora, descanso!), um texto curto avulso e me mostrou. Pronto, veio a calhar. Pedi que me passasse para aqui incorporar, bem ao estilo

do que defendo como descentralização “democrática” de narradores. Lá vai, com a devida licença doméstica:

AVE MARIAS

Nem numa hora como essa a menina perde a mania de grandeza. Ela se acha diferente, pelo amor de Deus. Já não chega a despesa que está me dando por querer um casamento de gente rica. Precisei implorar um papagaio na Caixa Econômica para pagar a festa. Doze prestações mensais, uma em cima da outra. Ali. Na batata. A mãe dando apoio em tudo, fazendo todas as vontades. É nossa única filha, Eusébio. Não temos outra para casar. Ainda bem que é só uma. Três promissórias assim, eu ia à falência. Não chama tua filha de promissória, desalmado. Está bem, deixa pra lá.

E o noivo nem é lá essas coisas. Não sei se vale o investimento. Ela ficou furiosa. Mais que tu ele vale. Mão de vaca. Usurário. Manipanço. Economizar, poupar, poupar, é só nisso que tu pensa. Juntar dinheiro pra quê, avarento? Só se for pra trocar de carro no fim do ano. Pura exibição para os vizinhos.

Ouvi calado. Todo jogo tem seu troco. A bola vai e volta. Não perdes por esperar, jararaca. O que é teu está guardado. Sem falar no noivo. Com o empreguinho que tem, quero ver sustentar os luxos da menina. Tal mãe, tal filha. Quem sai aos seus não degenera. Não dou nem três meses para ele vir com a primeira facada. Já dei fogão, geladeira, os móveis do quarto. E sou fiador do aluguel.

E agora, como se eu não tivesse mais nada com que me ocupar, ela vem com essa frescura da Ave Maria. Ah, papai, escolhi a do Gounod, que é muito mais bonita que a de Schubert. Mas o padre proibiu. Como assim, o padre proibiu? O Gounod era protestante, precisa de licença da Cúria Metropolitana para tocar numa igreja católica. O senhor tem que conseguir a licença, papai. E por que não escolheste a Ave Maria normal, minha filha? A Ave Maria de Schubert não é a normal. É mais sem graça. E toca em todos os casamentos da cidade.

PARA CULMINAR, A VISITA AO TIO HERCULANO

Recorro agora, com a devida licença do leitor, a outro laço familiar. Este mais remoto, porque se trata de um tio distante no tempo e no espaço: Alexandre Herculano Carvalho Araújo. Em três oportunidades não resisti à revelação pública, no Brasil, do parentesco com o célebre escritor português. A primeira vez, gesto de adolescente, falei que era sobrinha em quarto grau de Herculano numa aula de literatura do professor de francês que citava o autor como prócer do romantismo. Fiquei inquieta na carteira do segundo ano ginasial do Colégio Farroupilha de Porto Alegre e dei com a língua nos dentes. Pra quê? Não havia lido uma linha do parente e o professor começou a me cobrar aula a aula, semana após semana, respostas ao questionário literário que preparou para me castigar.



Me vali do padrinho em Portugal: Daniel Araújo, irmão de meu pai, José Pereira Araújo, o mais fiel dos sobrinhos bisnetos, ouviu de imediato meus apelos e me enviou a obra literária, encadernada, para o Brasil. Resulta que, aos 13 anos, li os romances do tio distante e enfrentei o mestre de francês no colégio alemão da capital gaúcha.

Quando chegou o vestibular em 1961, em Letras e Jornalismo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, estava de antemão preparada se caísse alguma questão sobre Alexandre Herculano. Mas ele não foi sorteado – lembro que tive de dissertar sobre Jorge Amado, acabara de ler *Gabriela, cravo e canela*. Com certa arrogância, me lancei com tudo numa discussão com a banca do exame oral sobre a literatura brasileira. Manifestei, com veemência, minha preferência por *Capitães da areia* diante de uma examinadora que visivelmente estava encantada com a *Gabriela*.

A segunda oportunidade irresistível aconteceu, em 1977, no centenário da morte do autor de *Eurico, o presbítero*. Já vivia na capital paulista e trabalhava no jornal *O Estado de S. Paulo* como editora de Artes: era meu dever profissional dar cobertura à efeméride. Desta vez pedi autorização ao editor chefe, o jornalista Miguel Jorge, se podia escrever um pequeno texto de sobre minha infância em Portugal e a memória de Herculano na família de meu pai. Prontamente me permitiu a liberdade autobiográfica em meio às repercussões de historiadores e críticos da literatura.

Desta vez, fui mais segura à empreitada. Fiz pesquisa bibliográfica e me vali do jornal *Diário de Notícias*, importante matutino de Portugal, que não só publicou cobertura especial como editou, em um box, a descendência do irmão de Alexandre Herculano Carvalho Araújo, José Félix Carvalho Araújo, de quem a mãe de meu avô paterno, Maria Efigênia Carvalho Araújo, era filha. Armando Pereira Araújo gerou cinco filhos, entre eles, José Pereira Araújo, meu pai. Para glória dos sobrinhos em quarto grau, já que o escritor não teve descendentes diretos, o jornal português cita, entre os “parentes já afastados”, Cremilda de Araújo Medina (São Paulo) e Dina Araújo Barberena (Porto Alegre). Meus filhos e netos e os filhos e netos de minha única irmã olham hoje para a árvore e lamentam a ausência dos sobrinhos de quinto e sexto grau...

Outro fato a citar, em 1977, se refere à publicação em Portugal, no *Diário*, do texto que escrevera para o *Estadão*. Recentemente, no Porto, o primo Arnaldo Couto, filho de uma irmã de meu pai, me presenteou com o jornal que guardou nos seus arquivos. O título da

matéria, bem diferente da edição brasileira, afirmava - *Homem teimoso e insubmisso, além de escritor e historiador*. E assim resumiu, no subtítulo, a memória de infância que relatei: “Se a sombra do romântico historiador não foi asfixiante na família – pelo contrário, notava-se até um certo desleixo no culto do escritor – houve sempre traços subjacentes que ponteavam as referências a Herculano.”

Talvez tenham sido esses traços subjacentes captados por meu avô paterno, sobrinho neto de Herculano e patriarca de minha infância em Portugal, que marcaram as lembranças da personalidade e ação política de Herculano. Armando Pereira Araújo, jornalista, ensaísta e reverendo da igreja protestante lusitana, salientava, para além do historiador e do romancista, as posições anticlericais, antimilitares, a rejeição ao voto de castidade e as campanhas pela educação universal e pública ou o casamento civil. Essa face de Alexandre Herculano era enaltecida no gabinete do meu avô, nos domingos à tarde, quando se reunia a família Araújo. Para mim, em paralelo com as brincadeiras no quintal com a irmãzinha Dina e os primos Maria Gualdina, Artur e Arnaldo, guardei palavras solenes de que Armando enunciava perante o retrato do ilustre escritor na parede.

Ao republicar, no século XXI, no livro *Atravessagem, reflexos e reflexões na memória de repórter* (2014), a matéria do centenário da morte sob o título, *Visita a tio Herculano*, lembrava essa herança imorredoura:

Foi preciso percorrer muitos autores e passar, anos mais tarde, por Jorge Luis Borges, inclusive, para voltar a Alexandre Herculano e perceber sua arte gótica. A figura do historiador era mais imediata, a do polemista também me impressionou muito antes. No momento em que as Américas se libertavam e a Europa lutava para sair do despotismo (mesmo que esclarecido) para o liberalismo, Herculano agiu com extrema coerência em relação ao seu pensamento, na época, de vanguarda: sem ser hábil como político, projetou na vida pública, questões que vão da estrutura e das técnicas agrícolas à divulgação de Caixas Econômicas, polêmicas sobre o casamento civil, a instrução pública, a situação dos professores do ensino primário, a preservação dos monumentos históricos contra a sede de modernização, a estrutura municipalista, a liberdade de imprensa e a condenação sumária à censura prévia ao teatro. (2014, p. 173.)

Incontestes o legado do romancista, do historiador, do polemista: na ficção, a prática pioneira em Portugal do romantismo de ascendência alemã ou da poesia mística; na historiografia, academias ou institutos de História da Baviera, de Turim, de Madri, da França ou dos Estados Unidos lhe atribuem o mérito de ter instaurado o domínio da documentação, da busca paciente nos arquivos, substituindo o brilho das lendas e dos

contos favoráveis à tradição aristocrática por um método de pesquisa, mesmo que, com isso, comprasse grandes inimizades. Há ainda os que o celebraram como herói das revoluções liberais. Cândido Beirante, autor português, publicou, no centenário da morte do escritor, o livro *A ideologia de Herculano* (1977). Ao se reportar à perda do intelectual, um século antes, registra entre outros depoimentos internacionais, o de Rui Barbosa: “Alexandre Herculano não jaz: existe entre nós; sobreviver-nos-á em nossos filhos; renascerá de geração em geração, enquanto esta língua soar.” (1977, p. 18)

Sem adotar o tom parnasiano de Rui, ressalvo, porém, no perfil do autor do romantismo português, a fibra esculpida no rosto anguloso - aquele do retrato no gabinete do avô Armando. Ali vejo também, estampados, os versos de Herculano:

Eu nunca fiz soar meus pobres cantos
Nos paços dos senhores!
Eu jamais consagrei hymno mentido
Da terra aos opressores.

MAS, VOLTEMOS AOS NARRADORES EM HERCULANO

Só em fevereiro de 2017 voltei a ler *Eurico, o Presbítero* (1843). Eis a terceira oportunidade de encontro com o antepassado.

Em viagem a Portugal, procurava, numa livraria de Lisboa, um romance para ler e me deparei o clássico de Alexandre Herculano, uma edição simples da Bertrand (2011). Ao abrir o livrinho de bolso, apesar do contraste com a coleção encadernada que padrinho Daniel Araújo me enviara ao Brasil na década de 1950, logo me detive com uma preciosidade, a introdução do autor na primeira edição, de 1844. É bem provável que a leitora adolescente tenha pulado essas páginas para entrar logo na aventura romanesca.

Assim, após seis décadas, voltei ao *Eurico, o Presbítero*.

Surpresa que só tempo amadurecido pode proporcionar. Esse autor, pesquisador de documentos em arquivos, ensaísta, poeta e ficcionista, se dirige ao leitor na apresentação do romance e faz uma confissão das ambiguidades da fronteira entre história e literatura:

Essa crônica de amarguras procurei-a já pelos mosteiros quando eles
desabavam no meio das nossas transformações políticas. Era um buscar

insensato. Nem nos códices iluminados da Idade Média, nem nos pálidos pergaminhos dos arquivos monásticos estava ela. Debaixo das lájeas que cobriam os sepulcros claustrais havia, por certo, muitos que a sabiam, mas as sepulturas dos monges achei-as mudas. Alguns fragmentos avulsos que nas minhas indagações encontrei apenas frases soltas e obscuras da história que eu buscava debalde; debalde, porque à pobre vítima, quer voluntária, quer forçada ao sacrifício, não era lícito gemer, nem dizer aos vindouros: “Sabei quanto eu padecei!”

O historiador, então, cede ao ficcionista “E, por isso mesmo, sobre ela pesava o mistério, a imaginação vinha aí suprir a história.” Esta frase bem poderia sair da criação contemporânea em que os romancistas vão buscar, em raízes históricas, alimento para a ficção aventurosa. Herculano reduz a ambição positivista do impropriamente denominado romance histórico:

Por isso na minha concepção complexa, cujos limites não sei de antemão assinalar, dei cabida à crónica-poema, lenda ou o que quer que seja do presbítero godo: dei-lha, também, porque o pensamento dela foi despertado pela narrativa de certo manuscrito gótico, afumado e gasto do roçar dos séculos, que outrora pertenceu a um antigo mosteiro do Minho.

Tal humildade (oriunda de uma epistemologia da complexidade, lembrando Edgar Morin (1989), um século e meio depois de Herculano, desmonta o controle de autor objetivo na narrativa romanesca. A releitura que fiz do *Eurico* me espantou pela descentralização da terceira pessoa para delegar voz a personagens, na fluência que defendo como habilidades polifônicas, seja na literatura, seja no jornalismo. A motivação do texto que aqui ensaio partiu da releitura do *Eurico*.

Assim anotei, em viagem do ano passado a Portugal, as variantes de narrador em Alexandre Herculano Carvalho Araújo: no **narrador-autor**, o leitor vai à História, vive a saga dos godos cristianizados na Península Ibérica. Da civilização romana aos godos e às invasões árabes que se anunciavam, a terceira pessoa do autor apresenta dados históricos (exemplo, 2011, p.13). No **narrador em fusão com Eurico**, o intimismo se revela na perspectiva do personagem (exemplo, p.17, 18). No **narrador do contexto com o poeta**, a mediação se desloca do autor para Eurico (exemplo, p. 20,23,25). No **narrador de primeira pessoa**, o presbítero destrona a voz implícita de Herculano para se assumir como o próprio autor (exemplo, p. 27). No **narrador em meditação** (p.34,35) ou no **narrador em diálogo com a consciência** (p. 44), some também a intervenção do autor, Herculano.

As cartas que compõem a correspondência entre Eurico e o Duque de Córdova expressam a liberdade mutante da terceira à primeira pessoa. Aí não comparece a ordenação de fatos

históricos, porque os sentimentos e confissões românticas ultrapassam o horizonte racional da exposição (exemplo, pág. 63,64). Se a cena dos contextos de guerra medieval vem a primeiro plano pela narrativa do historiador, este se entrega à imaginação e mergulha no campo pantanoso dos desejos e dos mistérios místicos do Cavaleiro Negro (p.85).

No “Mosteiro da Virgem Dolorosa”, a “Vulnerável Cremilde” acolhe a donzela, paixão do presbítero, e o amor romântico aí ficará aprisionado. Não vale a pena resumir esse amor gótico, pois o romance de Herculano permanece vivo no século XXI, não só para estudos de narrativa como, principalmente, para a fruição poética. A estilística e a pluralidade de narradores convidam o leitor a se projetar nos cenários históricos e íntimos do presbítero e de Hermengarda, numa aventura-desventura, que da épica medieval afunda em desfecho romântico.

Romance histórico ou simplesmente ficção? Herculano responde na apresentação que assina em 1843 no romance: “Deste modo, sendo hoje dificultoso separar, em relação àquelas eras, o histórico do fabuloso, aproveitei de um e de outro o que me pareceu mais apropriado ao meu fim.”

Chego à principal interrogante ensaística: estamos diante de um autor que se pergunta, que expõe dúvidas, que aceita, no pós-iluminismo, que “é mais fácil sentir do que definir”. Com essa coragem de desconstrução da terceira pessoa miraculosa, o romance escrito na primeira metade do século XIX, ainda nos oferece, como apêndice, as Notas do Autor. Nelas, oferece informações úteis, dados históricos pesquisados em arquivos e opções estilísticas na literatura. Curioso que quanto à escrita e aos clássicos da língua, submete, ao leitor de sua obra, considerações como as da página 231 na edição da Bertrand (2011):

– Pensem nisto!

Penso e repenso, sim, Alexandre Herculano. Acima de tudo, me chama a atenção, no longínquo tio, a dignidade de uma mente não absolutista na arte literária ou na ação política:

Desde a primeira até a última página do meu pobre livro caminhei sempre por estrada duvidosa traçada em terreno movediço; se o fiz com passos firmes ou vacilantes, outros, que não eu, o dirão (2011, p. 223).

REFERÊNCIAS

BEIRANTE, Cândido. **A ideologia de Herculano**. Santarém, Portugal, edição da Junta Distrital, 1977.

CANDIDO, Antônio, AVILA, Affonso, GULLAR, Ferreira. **Literatura e sociedade:** mesa redonda publicada na revista Letra nº 2 da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1984.

HERCULANO, Alexandre. **Eurico, o Presbítero**. Lisboa: Bertrand Editora, 2011. (Coleção Clássicos da Literatura Portuguesa). Nota: A edição antiga referida no texto também foi publicada pela Bertrand, já em 41ª edição, sem data, e foi dedicada à Cremilda Medina nos anos 1950.

HERCULANO, Alexandre. **Eurico, o Presbítero**. Lisboa: Livraria Bertrand, s/d. Nota: Edição que foi oferecida pelo tio da autora deste ensaio na década de 1950.

MEDINA, Cremilda **A arte de tecer o presente, narrativa e cotidiano**. São Paulo, Summus Editorial, 2003.

MEDINA, Cremilda **Entrevista, o diálogo possível**. São Paulo, Editora Ática, 1986, primeira edição.

MEDINA, Cremilda. **Atravessagem, reflexos e reflexões na memória de repórter**. São Paulo, Summus Editorial, 2014.

MEDINA, Cremilda. **Povo e personagem**. Canoas, Editora da ULBRA, 1996.

MEDINA, Sinval. **Memorial de Santa Cruz**. Porto Alegre, 1ª edição, Mercado Aberto, 1983.

MEDINA, Sinval. **Tratado da altura das estrelas**. Porto Alegre, Editora da PUC/RS e do Instituto Estadual do Livro, 1997. Em 2014, a EdiPUCRS reeditou o romance numa edição comemorativa de livros premiados nos 25 anos da editora gaúcha.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa, Publicações Instituto Piaget, 1989.

VERSÃO INTEGRAL EM LINGUA INGLESA
ORIGINAL ARTICLES AND ESSAYS: HISTORY AND
EDITORIAL CULTURE

Author-Journalist Storyteller's³

Cremilda Celeste de Araújo Medina⁴

³ Received on 09/11/2018, version approved in 11/11/2018.

⁴ Journalist, researcher and PhD professor, Senior lecturer at the University of São Paulo (USP). He works in the formation of Masters, doctors and post-doctoral students in the graduate Program in Communication Sciences (ppgcom) and the postgraduate program in Integration of Latin America (Prolam), both from USP. Author of 18 Books, she also organized 52 collectations, among them, the inter- and Transdisciplinary series New Covenant of Science and the series of books-Report São Paulo profile. From his personal work, his most recent titles, Presential Act, Mystery and Transformations (2016) and the art of weaving affections, sign of the relationship 2, everyday (2018), address the research that has been devoted for five decades and whose main challenge is social dialogue.



INTRODUCTION

I resort to the test, with the imaginative freedom it gives me, no strings attached the rationalist rigor. Although academic records - books and articles - developed over a five decades research, prefer the experience of journalistic and literary fiction to then collect examples authored that, democratically, to decentralize the Author-Miraculous. This, disguised as a third objective and impartial person in the traditional narratives of the press and literature, conceived his account as only true version. The hypothesis that I venture, deconstructs the authority concentrated in the I-third person and admits oscillating between the US and the Others, who delegates the voice of narrators.

The doctorate at the University of São Paulo (1986), by questioning the technique of the interview and its symbolic representation, exploring paths for accomplices to mode of being, *mó'dizer* (Title of thesis) of social actors, caused the creation of a polyphonic style. The tics - guy said, *beltrano* answer, he added, declaratory quotes and dashes question and answer - are resources manipulated by the alleged impartiality of the author. In fact, imprison the narrative flow of contexts, gestures, orality and other codes of the scene alive and creative social interaction of the speakers, is the actual reference or fictional reference (People and Character, 1996 book taken from the thesis free teaching of USP 1989). Already in Interview, the possible dialogue (1986), second part of the doctoral thesis,

Recalling the "death" of the literary technique in the French *nouveau roman*, as Allan Robbe-Grillet, Michel Butor and Marguerite Duras, argued in the 1950s, wrote in the 1986 book: "(...) these and other writers conscientizaram overcoming the point of view of third person omniscient, omnipresent, like the miraculous author traveled by helicopter on the scene and describe a fixed point in space. Instead, they proposed that modern narrator enters the scene and lets you see her in, land on things, objects. Radically, as befits any breakage, enacted objectification (...) "(1986, p.72-73). This rebellion was also expressed in the movies of the time (*Nouvelle Vague*).

Literary theory also cite the participation of Antonio Candido in a roundtable discussion on literature and society, Federal University of Rio de Janeiro (1984). For the essayist (which lost in 2017), the US is pluralizes from romanticism. These and other inspirations in the field of reflection, were empirically submitted to the examiners in the narratives of



the first part of the doctoral thesis (unpublished in book). In order to be, *mó'dizer*, stories and their protagonists the Higienópolis neighborhood of São Paulo, pluralizam self-authored narrators mutant entering the scene without permission, to remind Irene poem by Manuel Bandeira. The speeches are linked without conventional markings. I transcribe a fragment, then the Bazaar narrative owner Arminda in Piazza Buenos Aires. (A few years ago the bazaar closed,

Dona Arminda comes with a velvet case. Open the box before the eyes of the wise old lady. Arnaldo soon slips on the wheel to see. The magical ability of slender hands Arminda owner unwraps a bracelet imitation gold, copper already spent, opaque. See, that beautiful, not quite like you like? Dona Arminda, I think I will not stick with it, no. I avoid now use everything thing that draws attention, do not see what is holding up there on the street? Dona Arminda guard the treasure quickly. At that moment they enter the bazaar two young dripping with sweat, clothes and hair style punk, with gel shine. See, Arnold, see what the boys want. They want to know the price of spray, black ink. Consult and give up. They go as entered. Arnaldo tried, just tried to fit in: you bathed now, right? The young punk or answered.

The old lady picks a bra lace for niece, but go home to consult his sister to see if it is size 42 or 44.

Successive scenes in the bazaar of Buenos Aires Square, narrated in the 1980s, disappeared after the death of Arminda but the Portuguese lady Mogadouro in Tras-os-Montes, remains in the memory of those who knew the vividness of the Lady offal. And some mentees or students from USP, who did not know, to read the text I wrote for the thesis and play in the book *Art of weaving the present, narratives and everyday* (2003), came to check on attendance act, the accuracy of the reference in my symbolic production.

If the actual scene can be represented in journalistic reportage with plural views, literature (and not only contemporary), are fed up with examples. In my training Letters at the Federal University of Rio Grande do Sul, 1960s, literature professors awakened me to the style that contrasted breaks as technical grammar of journalism education. The advantage in this cultural osmosis, is due to the fact that language and literature teachers were common to both courses. In my learning the journalistic writing subjects ran off the aesthetic enjoyment of Letters. Writers such as Fernando Sabino inspired, for example, overcoming subordinate clauses (worthy representatives of the power structure of absolutism ...) and playful field of coordination (without the power elite assumed by the main clause). Jokes aside, the fact is, as a journalist, not addicted me at the outset, in the news structure in inverted pyramid, in declaratory set of quotes and questions and



answers, the deal (opening or head of matter) only summary, which schematically answers the questions who, what, when, where, how and why? Although the lessons of the classic manual were present in the lab of the Jornal School in practice in the early years of the 1960s, the greatest inspiration came from Graciliano Ramos, João Cabral, Manuel Bandeira, Fernando Sabino, writers, poets and novelists who gave voice to Brazilian orature. the deal (opening or head of matter) only summary, which responds schematically questions who, what, when, where, how and why? Although the lessons of the classic manual were present in the lab of the Jornal School in practice in the early years of the 1960s, the greatest inspiration came from Graciliano Ramos, João Cabral, Manuel Bandeira, Fernando Sabino, writers, poets and novelists who gave voice to Brazilian orature. the deal (opening or head of matter) only summary, which responds schematically questions who, what, when, where, how and why? Although the lessons of the classic manual were present in the lab of the Jornal School in practice in the early years of the 1960s, the greatest inspiration came from Graciliano Ramos, João Cabral, Manuel Bandeira, Fernando Sabino, writers, poets and novelists who gave voice to Brazilian orature.

The stylistic freedom is also anchored in the home workshop. Sinval Medina, writer since childhood, at the beginning as a writer of fiction in the decade, rehearse multiple narrators. In his first fiction, awarded in Porto Alegre by the Secretariat of the Rio Grande do Sul State Culture (1963), the novel Nobody demanded such boldness that would mark his work in later decades. The author slid at will (no quotes or dashes) to the voice of his character, a maid. (This unpublished text came, typed, to São Paulo, in our change in 1971 and lost, three years later, a summer flood in the basement of the house where we lived in Jardim Bonfiglioli.) Today with novels, books for children and teenagers published They devote their tellers counters a plurality of historical or contemporary series. A good example of the first is the award-winning novel of the stars height of the Treaty (1997) which goes to the sixteenth century of Brazilianness; and second, the recently Memorial Santa Cruz (1983).

In this work, the novelist, which is now grappling with another fiction of the eighteenth century, wrote in a moment of rest (now rest!), A short text loose and showed me. Ready, came in handy. I asked him to pass me here incorporate, in the style of which advocate

decentralization as "democratic" of narrators. There will, with appropriate domestic license:

AVE MARIAS

Not at a time like this girl loses delusions of grandeur. She thinks different, for God's sake. No longer comes to spending that is giving me want a wedding rich people. I had to beg a parrot in the Savings Bank to pay for the party. Twelve monthly installments, one on top of another. There. In potato. The mother supporting at all, making all wills. It's our only daughter, Eusebius. We have no one to marry. Thankfully it's only one. Three promissory so, I went bankrupt. Do not call your daughter promissory, soulless. Okay, never mind.

And the groom is not up to snuff. I do not know if worth the investment. She was furious. More than you it is worth. Penny-pincher. Usurer. Manipaço. Save, save, save, it's just what you think. Add money to what, miser? Only if it is to change cars at the end of the year. Pure display to neighbors.

I heard nothing. Every game has its change. The ball goes back and forth. Do not lose by waiting, pit viper. What it is is stored. Not to mention the groom. With little job I have, want to see hold the girl's luxuries. Like mother, like daughter. Who goes to their non degenerate. I do not give or three months for him to come with the first stab. I've given stove, refrigerator, the furniture of the room. And I'm guarantor of the rent.

And now, as if I had nothing else to occupy me, it comes with that freshness of Ave Maria. Oh, Dad, I chose the Gounod, which is much prettier than Schubert. But the priest banned. As well, the priest banned? Gounod was a Protestant, must leave the Metropolitan Curia to play in a Catholic church. You have to get the license, Dad. Why not chose the Normal Ave Maria, my daughter? The Schubert Ave Maria is not normal. It's dull. And touches all marriages city.

TO TOP IT OFF, THE VISIT TO UNCLE HERCULANO

I turn now to the reader due license to another family tie. This more remote, because it is a distant uncle in time and space: Alexandre Herculano Carvalho Araujo. On three occasions I could not resist public disclosure in Brazil, kinship with the famous Portuguese writer. The first time, teen gesture, I said I was in fourth grade niece of Herculano in a class of literature French teacher who quoted the author as of romanticism national hero. I was restless in the portfolio of the second year of junior high Farrington College of Porto Alegre and took to spill the beans. For what? There was a relative read line and the teacher started charging me class to class week after week, answers to the literary questionnaire prepared to punish me. Me vali godfather in Portugal: Daniel



Araujo, my father's brother, José Pereira Araújo, the most faithful of great-grandchildren nephews, heard my pleas and immediately sent me to literary, bound for Brazil. It follows that, at 13, I read the novels of distant uncle and faced the French master of the German school of Porto Alegre.

When he reached the entrance exam in 1961 in Letters and Journalism at the Federal University of Rio Grande do Sul, was prepared beforehand to fall any questions about Alexandre Herculano. But he was not drawn - I remember I had to speak about Jorge Amado, just read Gabriela, Clove and Cinnamon. With a certain arrogance, I threw myself with all in discussion with the banks of the oral examination on the Brazilian literature. I expressed vehemently, my preference for sand Captains before an examining that visibly was delighted with Gabriela.

The second irresistible opportunity happened in 1977, the centenary of the death of the author of Eurico, the priest. Already living in São Paulo and worked in the newspaper O Estado de S. Paulo as arts editor: it was my professional duty to cover the anniversary. This time asked permission to the chief editor, the journalist Miguel Jorge, I could write a short text about my childhood in Portugal and Herculano memory in my father's family. Readily allowed me the freedom autobiographical amid the repercussions of historians and critics of literature.

This time, it was safer to venture. Did literature and newspaper vali me Daily News, important morning of Portugal, which not only published special coverage as edited, in a box, the offspring of brother Alexandre Herculano Carvalho Araujo, José Félix Carvalho Araujo, who's mother my paternal grandfather, Maria Philomena Carvalho Araujo, was daughter. Armando Pereira Araujo generated five children, among them, José Pereira Araujo, my father. To the glory of his nephews in fourth grade, since the writer had no direct descendants, the Portuguese newspaper cites, among the "relatives already removed" Cremilda Medina de Araujo (Sao Paulo) and Dina Araújo Barberena (Porto Alegre). My children and grandchildren and the children and grandchildren of my only sister today look at the tree and regret the absence of the fifth and sixth grade nephews ...

Another fact to mention, in 1977, refers to the publication in Portugal, in the Journal, the text written for the ESP. Recently, in Porto, cousin Arnaldo Couto, the son of a sister of my father, gave me the paper you have saved in your files. The title of the article, quite



different from the Brazilian edition, said - stubborn and rebellious man, and writer and historian. And summed up in the subtitle, childhood memory that reported: "If the shadow of the romantic historian was not suffocating in the family - on the contrary, it was noticed to a certain laxity in the cult writer - there was always underlying traits that ponteavam references the Herculano. "

Perhaps it was these underlying traits picked up by my paternal grandfather, nephew of Herculano and patriarch of my childhood in Portugal, which marked the memories of the personality and Herculano policy action. Armando Pereira Araujo, journalist, essayist and Reverend Lusitanian Protestant church, stressed, in addition to historian and novelist, the anti-clerical positions, antimilitarist, the rejection of the vow of chastity and the campaigns for universal public education or civil marriage. This face of Alexandre Herculano was praised in the office of my grandfather, on Sunday afternoon, when met the Araujo family. For me, in parallel with the play in the backyard with Dina little sister and cousins Maria Gualdina, Arthur and Arnold kept solemn words that Armando enunciated before the portrait of the famous writer on the wall.

To republish, in the XXI century in *Atravessagem* book, glare and reflections on the reporter's memory (2014), the matter of the death centenary under the title, visit the uncle Herculano, remember this undying legacy:

It had to go and spend many authors, years later, by Jorge Luis Borges, even to return to Alexandre Herculano and realize its Gothic art. The figure of the historian was more immediate, the polemicist also impressed me before. By the time the Americas was freed and Europe struggled to get out of despotism (even if clear) for liberalism, Herculano acted with extreme consistency in relation to his thought at the time, cutting edge: without being skilled as a politician, designed in public life, issues ranging from the structure and farming techniques to the disclosure of Savings Banks, controversies about civil marriage, public education, the situation of primary school teachers, the preservation of historic monuments at the headquarters of modernization, municipalist structure ,(2014, p. 173.)

Uncontested novelist's legacy, historian, the polemicist: in fiction, a pioneer practice in Portugal of German descent of romanticism or the mystical poetry; in historiography, gyms or history institutes of Bavaria, Turin, Madrid, France or the United States give it the merit of having brought the field of documentation, patient search the archives, replacing the brightness of the legends and favorable tales the aristocratic tradition by a search method, even with that, buy large enmities. There are still those who celebrated as



a hero of the liberal revolutions. Candid Beirante, Portuguese author, published in the writer's death centenary, the book *Ideology of Herculano* (1977). When referring to the loss of intellectual, a century earlier, records and other international statements, the Rui Barbosa: "Alexandre Herculano not lies: between us; will survive us in our children; reborn generation to generation, the language sound. "(1977, p. 18)

Without adopting the Parnassian tone Rui, I must stress, however, the profile of the author of Portuguese romanticism, fiber carved in angular face - that portrait on grandfather's office Armando. See also Ali, printed, the verses of Herculano:

I never did sound my poor corner
In the palaces of lords!
I never consecrated hymn lied
The land to the oppressors.

COME BACK TO THE NARRATORS, IN HERCULANO

Only in February 2017 I went back to read *Eurico, the priest* (1843). Here is the third opportunity of meeting with the ancestor.

Traveling to Portugal, looking for, a bookstore in Lisbon, a novel to read and came across the classic Alexandre Herculano, a simple issue of Bertrand (2011). When you open the pocket booklet, despite the contrast to the bound collection godfather Daniel Araujo sent me to Brazil in the 1950s, soon stopped me with a gem, the introduction of the author in the first edition, 1844. It is likely that the teen reader has skipped those pages to get right the novelistic adventure.

So, after six decades, I returned to *Eurico, the priest*.

Surprise that only matured time can provide. This author, document files researcher, essayist, poet and novelist, the reader is addressed in the presentation of the novel and makes a confession of the ambiguities of the border between history and literature:

This chronicle of bitterness sought to have the monasteries when they collapsed in the middle of our political transformations. It was a look foolish. Or the illuminated manuscripts of the Middle Ages, or in pale parchment monastic files was. Under the loggias that covered the graves were cloistered, of course, many who knew, but the graves of the monks I found the seedlings.

Some loose fragments in my inquiries found only loose phrases and obscure history I sought in vain; in vain, because the poor victim, whether voluntary or forced to sacrifice, is not lawful to moan or say to future generations, "as I Know I suffered!"

The historian then gives the novelist:

And, therefore, she weighed about the mystery, imagination was coming meet history.

This phrase could well come out of contemporary creation in which novelists will seek in historical roots, food for the adventurous fiction. Herculano reduces positivist ambition of improperly called historical novel:

So in my complex design whose boundaries do not know beforehand point, I fit the chronic-poem, legend or whatever cobble priest: I gave it to him, too, because her mind was awakened by a certain manuscript narrative gothic, afumado and spent the brush of centuries, which once belonged to an ancient monastery of Minho.

Such humility (coming from an epistemology of complexity, recalling Edgar Morin (1989), a century and a half after Herculano, disassemble the author objective control in novelistic narrative. Rereading I did Eurico amazed me by the decentralization of the third person to delegate voice to characters in the fluency that advocate as polyphonic skills, whether in literature, whether in journalism. The motivation of the text here test came from rereading of Eurico.

So I wrote down in trip last year to Portugal, the narrator variants in Alexandre Herculano Carvalho Araújo: the narrator-author, reader goes to the history, live the saga of the Goths Christianized in the Iberian Peninsula. Roman civilization to the Goths and the Arab invasions that announced, the third person of the author presents historical data (eg, 2011, p.13). In narrator merger with Eurico, the intimacy is revealed in the character's perspective (eg p .17, 18). In the context of the narrator with the poet, mediation moves from the author to Eurico (eg, p. 20,23,25). In the first-person narrator, the priest dethrones implicit voice Herculano to take over as the author himself (eg, p. 27). In the narrator in meditation (p.34,35) or narrator in dialogue with consciousness (p. 44), also the author of some intervention, Herculano.

The letters that make up the correspondence between Eurico and the Duke of Cordoba expressing mutant freedom from the third to the first person. There does not attend the ordination of historical facts, because feelings and romantic confessions beyond the rational horizon of exposure (eg, pp. 63,64). If the scene of medieval warfare contexts

comes to the fore by the historian's narrative, it indulges the imagination and plunges into the marshy field of desires and mystical mysteries of the Black Knight (p.85).

In the "Monastery of the Virgin Dolorosa", the "vulnerable Cremilde" welcomes the maiden, priest's passion and romantic love there will be imprisoned. Not worth summarize this gothic love, for the romance of Herculano remains alive in the XXI century, not only for narrative studies and, above all, to the poetic fruition. Stylistic and the plurality of storytellers invite the reader to project the historical and intimate scenes of the priest and Hermengarda, an adventure-misfortune that the medieval epic sinks into romantic outcome.

Historical novel or just fiction? Herculano responds presentation signing in 1843 in the novel:

Thus, today being cornered separate, compared to those ages, the history of the fabulous, I took advantage of one and the other which seemed more appropriate to my purpose.

I come to the main questioner essay: we are dealing with an author who asks that exposes doubts, which accepts, in the post-Enlightenment, that "it is easier to feel than to define." With this deconstruction of courage third person miraculous, the novel written in the first half of the nineteenth century, still offers us, as an appendix, the author notes. In them, it provides useful information, historical data researched in archives and stylistic choices in the literature. Curious that as the writing and the language of classical submit, the reader of his work, considerations such as page 231 in the edition of Bertrand (2011): “ -- Think about it.”

I think and rethink, yes, Alexandre Herculano. Above all, it strikes me, in the distant uncle, the dignity of a non-absolutist mind in the literary art or political action:

From the first to the last page of my poor book ever I walked through dubious path traced on shaky ground; if done with steady or faltering steps, others, not me, will tell. (2011, p. 223)

REFERENCES

BEIRANTE, Cândido. **A ideologia de Herculano**. Santarém, Portugal, edição da Junta Distrital, 1977.

CANDIDO, Antônio, AVILA, Affonso, GULLAR, Ferreira. **Literatura e sociedade:** mesa redonda publicada na revista Letra nº 2 da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1984.

HERCULANO, Alexandre. **Eurico, o Presbítero**. Lisboa: Bertrand Editora, 2011. (Coleção Clássicos da Literatura Portuguesa). Nota: A edição antiga referida no texto também foi publicada pela Bertrand, já em 41ª edição, sem data, e foi dedicada à Cremilda Medina nos anos 1950.

HERCULANO, Alexandre. **Eurico, o Presbítero**. Lisboa: Livraria Bertrand, s/d. Nota: Edição que foi oferecida pelo tio da autora deste ensaio na década de 1950.

MEDINA, Cremilda **A arte de tecer o presente, narrativa e cotidiano**. São Paulo, Summus Editorial, 2003.

MEDINA, Cremilda **Entrevista, o diálogo possível**. São Paulo, Editora Ática, 1986, primeira edição.

MEDINA, Cremilda. **Atravessagem, reflexos e reflexões na memória de repórter**. São Paulo, Summus Editorial, 2014.

MEDINA, Cremilda. **Povo e personagem**. Canoas, Editora da ULBRA, 1996.

MEDINA, Sinval. **Memorial de Santa Cruz**. Porto Alegre, 1ª edição, Mercado Aberto, 1983.

MEDINA, Sinval. **Tratado da altura das estrelas**. Porto Alegre, Editora da PUC/RS e do Instituto Estadual do Livro, 1997. Em 2014, a EdiPUCRS reeditou o romance numa edição comemorativa de livros premiados nos 25 anos da editora gaúcha.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa, Publicações Instituto Piaget, 1989.

ARTIGOS ORIGINAIS E ENSAIOS: LEITURA PÚBLICA, EQUIPAMENTOS, DIRETRIZES E POLÍTICAS

**Da ordem presente à razão futura da biblioteca comunitária
no Brasil¹**

***From the present order to the future reason of the Community
Library in Brazil***

***Del orden actual a la razón futura de la biblioteca comunitaria
en Brasil***

**Geraldo Moreira Prado²
José Arivaldo Moreira Prado³**

¹ Recebido em 22/09/18, versão aprovada em 11/11/2018.

² Historiador, com Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas, professor e pesquisador aposentado do Programa de Ciência da Informação (Mestrado e Doutorado) pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), em convênio com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

³ Graduado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), graduando em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Diretor da Biblioteca Comunitária “Maria das Neves Prado”, também chamada Biblioteca Comunitária do Paiajá, membro do Grupo de Pesquisa em Leitura, Escrita e Narrativa (PLENA).

RESUMO

Num país com muitas limitações em relação à educação, cultura letrada e lazer cultural, a biblioteca comunitária assume a importante missão de promover a mediação de leitura e o contato com fontes de informação e conhecimento para além das fronteiras da escolarização, apoiando o desenvolvimento dos cidadãos brasileiros de todas as idades. Nesse momento histórico, é essencial que as bibliotecas comunitárias sejam vislumbradas pela academia e pelo Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas e Comunitárias (SNBP), como um equipamento público onde valem a pena os investimentos e os trabalhos de extensão universitária, pois são espaços sociais ideais para qualificar estudantes de Biblioteconomia, Pedagogia e Letras/Literatura, entre outros, na formação de leitores e na familiarização dos futuros profissionais com os hábitos, desejos e gostos leitores da população.

PALAVRAS-CHAVE: Biblioteca Comunitária. Biblioteconomia Pública. Ensino em Biblioteconomia.

ABSTRACT

In a country with many limitations in relation to education, literate culture and cultural leisure, the Community library assumes an important mission to promote reading mediation and contact with sources of information and knowledge beyond the boundaries of Education, supporting the development of Brazilian citizens of all ages. At this historic moment, it is essential that community libraries be glimpsed by the Brazilian Academy and the National System of Public and Community Libraries (SNBP), such as public equipment where investments and extension work are worthwhile University, as they are ideal social spaces to qualify students of Library Science, Pedagogy and Letters/Literature, among others, in the formation of readers and in the familiarization of future professionals with the habits, desires and tastes readers of people.

KEY WORDS: Community library. Public Librarianship. Teaching in Library Science.

RESUMEN

En un país con muchas limitaciones en relación con la educación, la cultura culta y el ocio cultural, la biblioteca de la comunidad asume una importante misión para promover la mediación de la lectura y el contacto con fuentes de información y conocimiento más allá de los límites de Educación, apoyando el desarrollo de ciudadanos brasileños de todas las edades. En este momento histórico, es esencial que las bibliotecas comunitarias sean vislumbradas por la Academia y el Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas y Comunitarias Brasileño (SNBP), como el equipamiento público donde las inversiones y el trabajo de extensión son universitarios de mérito, ya que son ideales espacios sociales para calificar a estudiantes de Biblioteconomía, Pedagogía y Letras/Literatura, entre otros, en la formación de lectores y en la familiarización de futuros profesionales con los hábitos, deseos y gustos lectores de la población.

PALABRAS CLAVE: Biblioteca Comunitaria. Biblioteconomía pública. Enseñanza en Biblioteconomía.

O PRINCÍPIO, PORTANTO: TRANSPARÊNCIA

Quando os seres humanos compreenderam que não bastava a memória para guardar os conhecimentos que iam se acumulando, porque já dominavam o fogo, fundiam metais, a argila se domesticava entre suas mãos e as primeiras rodas começavam a girar, necessitaram de algo mais durável que o cérebro do ancião da tribo e as recordações de cada um. Nasceu assim a escrita cuneiforme para anotar colheitas, batalhas e orações. Depois de milênios, surgiram as primeiras bibliotecas, lugares onde se reunia o saber de outros tempos, se discutia e se elaborava o saber do futuro.

Fernando de Giovanni

Antes de entrarmos no tema propriamente dito, vamos dizer nesta introdução algumas palavras sobre o que alguns especialistas do passado e do presente nacional ou estrangeiros dizem sobre biblioteconomia e bibliotecas, e daí mergulharmos de *corpo e alma* no tema-base deste artigo. Tomando a epígrafe acima citada como “mote” de inspiração para escrever este artigo, não repetindo *ipsis litteris*, é claro! a sua mensagem, mas dizer algo aos estudiosos da biblioteconomia e áreas afim, especialmente àqueles que militam em pró das bibliotecas comunitárias.

Assim, vamos começar falando rapidamente algumas palavras sobre a Biblioteconomia que é, conforme define Buonocore (1963), “a área do conhecimento que se ocupa com a organização e a administração das bibliotecas e outras unidades de informação, além da seleção, aquisição, organização e disseminação de publicações sob diferentes suportes físicos.”.

E para concluir este item do artigo selecionamos um fragmento dum texto do escritor Mario de Andrade escrito por volta dos anos de 1930 sobre a Biblioteconomia, publicado no livro “Os filhos da Candinha”. Acreditamos que este fragmento faz uma boa síntese em estilo literário sobre o que era a Biblioteconomia nos anos 30 do século passado no Brasil, na perspectiva de um intelectual “fora do eixo” dessa rica área de estudo. Achamos que esse texto do Mário ainda faz sentido nos dias de hoje, por isto faremos a citação abaixo de um dos seus fragmentos, diz Andrade (1963, pp.60-65):

De fato, a biblioteconomia é, dentre as artes aplicadas, uma das mais afirmativas. Diante desse mundo misteriosíssimo que é o livro, a biblioteconomia parece desamar a contemplação, pois categoriza e ficha. É engano quase de analfabeto imaginar tal desamor; e não foi senão por um velho hábito biblioteconômico que, faz pouco, me fichei na categoria dos envelhecidos, o que posso jurar ser pelo menos uma precipitação. Isso é a grandeza admirável da biblioteconomia! Ela torna perfeitamente acháveis os livros como os seres, e alimpa a escolha dos estudiosos de toda suja confusão.

Este o seu mérito grave e primeiro. Fichando o livro, isto é, escolhendo em seu mistério confuso uma verdade, pouco importa qual, que o define, a biblioteconomia torna a verdade utilizável, quero dizer: não o objeto definitivo do conhecimento, pois que houve arbitrariedade, mas um valor humano, fecundo e caridoso de contemplação. E pelo próprio hábito de fichar, de examinar o livro em todos os seus aspetos e desdobrá-lo em todas as suas ofertas, a biblioteconomia ralenta os seres e acode aos perigos do tempo, tornando para nós completo o livro, derrubando os queques e escovando as becas ⁴.

Comentando um pouco a última frase da epígrafe: “bibliotecas, lugares onde se reunia o saber de outros tempos, se discutia e se elaborava o saber do futuro”, veremos aqui entre as inúmeras definições sobre o que é uma biblioteca, Battles (2003, p. 12) faz uma analogia da biblioteca com o corpo humano dizendo: a biblioteca é como um corpo, e as páginas dos livros são os órgãos exprimidos uns contra os outros na escuridão, Segundo Mirtre (*apud* SALAS, 1997, p. 11):

[...] numa biblioteca encontra-se o culto, o não culto, o natural, a identidade, a esperança, a memória, o futuro ou a sua hipoteca, a idiossincrasia ou o essencial de uma comunidade na Terra, tudo isto disposto logicamente em suportes escritos, sonoros ou visuais.

Mais ou menos próximo do que Salas descreve o que é uma biblioteca em qualquer parte do mundo. No Brasil, a primeira biblioteca dita pública surgiu na então província da Bahia, a atual “Biblioteca dos Barris” projeto elaborado pelo comerciante português Pedro Castelo Branco estabelecido em Salvador, Bahia, que entrou em funcionamento em 1811, antes mesmo de a Biblioteca Nacional abrir as suas portas ao público⁵. Borba de Moraes, em sua obra clássica “Livros e Bibliotecas no Brasil Colonial” (2006 pp. 152-170), descreve que no dia 5 de fevereiro de 1811, Pedro Gomes Ferrão de Castello Branco encaminhou um projeto ao governador da Capitania da Bahia, Conde dos Arcos, solicitando a criação de uma Biblioteca.

A proposta foi aprovada e a Biblioteca foi instalada no Colégio dos Jesuítas, na praça da Sé, em 4 de agosto de 1811. Mas essa biblioteca estava mais para particular do que para pública, pois se voltava para o atendimento de uma ínfima parte da população de

⁴ ANDRADE, Mário. Os filhos da Candinha. pp. 60-65. Texto integral disponível em <http://sanderlei.com.br/PDF/Mario-de-Andrade/Mario-de-Andrade-Os-Filhos-da-Candinha.pdf>. Acessado em 06/12/2017.

⁵ PRADO, Geraldo Moreira. Biblioteca Comunitária: Território de Memória, informação e conhecimento. Disponível em <http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/761/1/desafios%20do%20impresso%20ao%20digital.pdf>. Acessado em 05/12/2017.

Salvador, ou seja, os comerciantes aí estabelecidos que sabiam ler, escrever e tinham acesso à informação e ao conhecimento da época, isto é, ao livro.

Assim, existia, naquela cidade e em outras cidades brasileiras de porte semelhante, apenas uma minoria da população que pertencia às camadas dominantes alfabetizadas e que controlavam o acesso à informação e ao conhecimento disponível da época. Essas outras cidades brasileiras que tinham bibliotecas públicas instaladas foram São Luiz do Maranhão (1829), São Cristóvão, Sergipe (1848) e Recife, Pernambuco (1852).

Durante a República Velha (1889-1930), no decênio de 1930, mais exatamente no seu final, quando Vargas deu o golpe endurecendo o regime e instituindo, o que ficou conhecido por Estado Novo ou período da ditadura Vargas. Nessa época, Mario de Andrade já era um intelectual consagrado como poeta, jornalista, cronista e romancista, crítico de literatura e de arte, musicólogo, pesquisador do folclore brasileiro e fotógrafo. Sem “dó-no-peito” Mário aceitou organizar e dirigir em parceria com os seus velhos companheiros (Paulo Duarte, Rubem Borba de Moraes, entre outros), o Departamento Municipal de Cultura da cidade de São Paulo cujo prefeito era Fábio da Silva Prado (de 07 de setembro de 1934 a 01 de maio de 1938), nomeado pelo interventor federal Armando de Sales Oliveira.

Nessa época também, Mario de Andrade, inspirado nas experiências que o seu amigo bibliófilo Rubens Borba de Moraes lhe contava, resolveu fazer a primeira experiência de “desenclausurar” os livros dos acervos da Biblioteca que tempos depois levou o seu nome, expondo-os em praças públicas (Praça da República, Jardim da Luz, Parque D. Pedro II e outras mais) nos fins de semana e feriados, facilitando assim o acesso às pessoas que não frequentavam por algum motivo a Biblioteca. Essas experiências foram registradas pelo fotógrafo, Benedito Junqueira Duarte⁶, irmão do jornalista, político e professor universitário Paulo Duarte.

Encerramos este item ressaltando o trabalho pioneiro realizado por Mário de Andrade relacionado à democratização da leitura, ação esta que se realizou tirando os livros dos seus mofados acervos e disponibilizando-os à população nas praças públicas paulistanas,

⁶ DUARTE, Benedito Junqueira. **À luz fosca do dia nascente – crônicas e contos da memória**. São Paulo: Massao Ono – Roswitha Kempf Editores, 1982.

conforme foi dito acima. É importante ressaltar ainda que essa modalidade de biblioteca não tem nenhuma característica de uma biblioteca comunitária como as que existem hoje espalhadas por todo o Brasil e estamos procurando definir neste e em outros textos sobre o assunto.

Ela tem similaridade com um Centro Cultural, que é o que de certa forma MILANESI (2003) tomando como exemplo o trabalho de Mário de Andrade e sua equipe à frente do Departamento Municipal de Cultura de São Paulo no decênio de 1930, concorda ser um modelo ideal para as bibliotecas públicas.

A BIBLIOTECA COMUNITÁRIA

Nesse momento histórico, é essencial que as bibliotecas comunitárias sejam vislumbradas pela academia e pelo Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas e Comunitárias (SNBP), como um equipamento público onde valem a pena os investimentos e os trabalhos de extensão universitária, pois são espaços sociais ideais para qualificar estudantes de Biblioteconomia, Pedagogia e Letras/Literatura, entre outros, na formação de leitores e na familiarização dos futuros profissionais com os hábitos, desejos e gostos leitores da população.

Uma biblioteca genuinamente comunitária tem a abrangência natural de uma organização social criada através da mobilização da comunidade para discutir e procurar solucionar problemas que as instâncias superiores do poder político não lhe dão atenção. Há cerca de trinta anos atrás praticamente ninguém falava ou escrevia sobre Biblioteca Comunitária, hoje em dia essa palavra já rompeu barreiras e está se tornando senso comum. Mesmo assim ainda continua provocando “ruídos” nos ouvidos de alguns moradores das grandes, médias e pequenas cidades e nas comunidades rurais do país. E por tal motivo, neste artigo vamos procurar fazer algumas reflexões de como a biblioteca comunitária se situa no contexto da ordem presente à razão futura do país.

Diríamos que o tema biblioteca comunitária começou a despertar interesse como objeto de estudo no meio acadêmico brasileiro, a partir do final decênio de 1990. Nessa época,

o Governo Federal assina o Decreto Presidencial n.3294, de 15 de dezembro de 1999, criando o Grupo de Implantação do Programa Sociedade da Informação do Ministério da Ciência e Tecnologia que lançou o Livro Verde⁷ da Sociedade da Informação (Socinfo). Esse Grupo era formado por uma equipe relativamente grande de profissionais, em sua maioria absoluta professores universitários, pesquisadores e tecnocratas de praticamente todas as áreas do conhecimento.

O principal objetivo do Programa da Socinfo era conceber, fomentar, articular e integrar ações visando à formação (sic) de um novo ciclo de infraestrutura e serviços de Internet no Brasil. Tal objetivo voltava-se para o desenvolvimento do empreendedorismo (apoio às pequenas e médias empresas, implantação do governo eletrônico, o e-governo etc) e sobrava uma “brechinha” na qual foi incluída uma Linha de Ação voltada para criação de seis mil bibliotecas públicas e seis mil bibliotecas do Terceiro Setor. A coordenação dessa Linha de Ação coube ao IBICT⁸ sob a responsabilidade da Profa. Maria Nazaré Pereira. O IBICT abriu o edital de inscrição e recebeu dezenove mil projetos de todo o país. Desses, foram selecionados onze mil; seis mil para bibliotecas públicas, pois visava atender a todos os municípios brasileiros, e cinco mil para bibliotecas do Terceiro Setor ou Centro de Difusão Cultural (ainda não havia a designação de bibliotecas comunitárias e nem de Ponto de Cultura), mas, no entanto, nenhum desses projetos foi executado porque o recurso era do FUST⁹, não foi liberado na época prevista para execução¹⁰.

Esta era a forma de como estava se materializando o discurso neoliberal no Brasil, e um dos tópicos mais marcante foi o reforço ao interdiscurso da “Democratização do conhecimento” no combate à “exclusão digita” (cópia do neologismo “exclusão social”)

⁷ **Livro Verde da Sociedade da Informação.** Disponível no site <https://www.governoeletronico.gov.br/documentos-e-arquivos/livroverde.pdf>. Acessado em 06/12/2017.

⁸ IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia vinculado ao Ministério de Ciência, Tecnologia, Informação e Comunicação – MCTIC.

⁹ FUST - Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações foi instituído por meio da Lei 9.998, de 17 de agosto de 2000, para financiar a implantação de serviços do setor - especialmente para a população mais carente - que não seriam normalmente prestados pelas companhias privadas em razão de custos e do baixo retorno.

¹⁴ Significa que os recursos voltaram para o orçamento original, sem uso.

que o governo afirmava que existia e estava e continua estando presente nas mais diversas camadas da sociedade de todo o país¹¹. E o que é Exclusão Social? Para Martins (1977):

A exclusão social não é um fenômeno novo, mas é a tentativa de transformá-la numa categoria que explique todos os males de nosso tempo. Esse livro é uma crítica à concepção corrente de exclusão e um convite a uma reflexão consequente sobre aquilo que constitui o verdadeiro problema¹²”.

A biblioteca comunitária e outras variações de nomenclaturas similares implantadas pela sociedade civil, na nossa opinião, está intimamente integrada ao conceito da exclusão social, como mostra o Prof. José de Souza Martins. Mas concordamos também com alguns bons estudos disponíveis na internet, de que essa classificação pode vir a se transformar numa nova tipologia que se diferencia das demais classificações, como a popular, publica, estudantil etc. Mas, na realidade, tal diferenciação se materializará no momento da sua organização, como veremos a seguir.

Um dos programas, talvez o mais dinâmico entre os vários que começaram a serem criados no país logo após a oficialização da Socinfo, foi “A tela e o texto” da UFMG. Em nota de rodapé o autor explica que

o Programa de ensino, pesquisa e extensão A “tela e o texto”, desenvolvido pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE/UFMG), é voltado para a formação de leitores e para a inclusão informacional das camadas mais excluídas da população. Dentre os projetos permanentes desenvolvidos dentro do Programa está o Projeto Bibliotecas Comunitárias¹³.

Ao analisar criteriosamente a complexa produção sobre os conceitos teóricos de biblioteca comunitária percebe-se quão “emaranhados” são os diferentes discursos, alguns ricos em conteúdos outros usados às vezes de forma imprecisa. Essa mobilização embora ainda muito pouco desenvolvida e considerada por grande parte dos seus militantes, não se atém para o alerta importante como o da pesquisadora Elisa Machado,

¹¹ **Democratização do conhecimento.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Democratiza%C3%A7%C3%A3o_do_conhecimento. Acessado em 06/12/2017.

¹² MARTINS, José de Souza. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Editora: Paulus, 1977, introdução.

¹³ GUEDES, Roger de Miranda. Bibliotecas comunitárias e espaços públicos de informação. Disponível em https://www.ufmg.br/proex/cpinfo/cultura/docs/11a_Bibliotecas_comunitarias_-_Roger_Guedes.pdf. Acessado em 06/12/2017.

de que “a Biblioteca Comunitária chega no local que o poder público não chega, e acrescentaremos aqui: e nem sempre tem interesse de chegar e resolver”¹⁴.

A julgar por uma rápida revisão da literatura disponível nos acervos das bibliotecas e hoje na internet, e que aponta para a realização da quantidade de estudos de diferentes enfoques publicados em vários tipos de suportes (livros, teses, artigos e outros materiais impressos somados aos que estão disponíveis na internet e em outros suportes de base tecnológica), pode-se dizer que o tema Biblioteca Comunitária, comparado com outros temas similares, tem uma curta história, mas já possui hoje uma massa crítica acumulada considerável. É importante dizer que nos encontros científicos da Biblioteconomia e Ciência da Informação, a primeira vez que o tema biblioteca comunitária foi aceito nos seus eventos, foi em 2006, no VII ENANCIB, em Marília, SP, num trabalho apresentado por Ribeiro e Prado, intitulado: “O cenário da dinâmica pragmática da informação: a biblioteca comunitária”¹⁵.

Em relação ao conceito teórico considera-se que o que mais se aproxima da sua função e objetivos é o definido na primeira tese de doutorado sobre o assunto, na qual Machado (2008, p. 52) diz:

Com relação ao termo Biblioteca Comunitárias, percebemos a dificuldade na sua definição, pois ele vem sendo empregado, pela sociedade em geral, como sinônimo de biblioteca pública e biblioteca popular, sendo que o mesmo ocorre no campo acadêmico. Partindo do princípio que é importante a definição de termos claros e significativos dentro de uma área de pesquisa, acreditamos ser importante fazer uma reflexão sobre suas formas de emprego e sua relação com os tipos de bibliotecas caracterizados pela Biblioteconomia¹⁶.

Deduzimos que já está chegando a hora de trabalharmos para superar a dificuldade e consolidar um conceito mais objetivo sobre o que é uma biblioteca genuinamente comunitária. Assim, denominamos no início deste artigo, como sendo uma organização na qual grupos de profissionais e militantes conscientemente organizados e na defesa de

¹⁴ MACHADO, Elisa Campos. **Bibliotecas Comunitárias como prática social no Brasil**. Tese de Doutorado - USP, 2008, p. 21. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-07012009-172507/pt-br.php>. Acessado em 06/12/2017.

¹⁵ RIBEIRO, Diego ; PRADO, Geraldo Moreira: “O cenário da dinâmica pragmática da informação: a biblioteca comunitária, VII ENANCIB, Marília, SP, 2006. Disponível em <http://portalppgci.marilia.unesp.br/viewabstract.php?id=249>. Acessado em 28/11/2017.

¹⁶ MACHADO, Elisa Campos. Op. Cit, p. 52.

ações objetivas, participem ativamente desse processo, porque são eles os seus principais e “fieis” representantes. Soares sustenta que:

As bibliotecas comunitárias seguem a missão da biblioteca pública, que devem promover o acesso aos registros do conhecimento, o estímulo à leitura e sua interpretação através de atividades como a hora do conto, concurso de poesia e literatura, e ainda, focar questões do cotidiano da comunidade como: saúde, transporte, segurança, esportes, etc, (FACCIO JUNIOR, 2005, p.17 *apud* MILANESI, 1986, p. 69).

Alertamos aos futuros e potenciais leitores deste artigo que a sociedade e os profissionais referidos no parágrafo acima não estão intimados a apresentar a toda hora “*as suas virtudes de paciência e de objetividade*”, porque eles não são indivíduos neutros, ao contrário, são sujeitos sociais que têm potencial para transformar a realidade na qual vivem. E por isto mesmo têm por compromisso ético apresentar conclusões sobre o tema em pauta, da mesma forma que nós também temos o compromisso ético de apresentar neste ensaio questões relacionadas à biblioteca comunitária e aos aspectos intrínsecos a ela - a leitura e a formação de monitores de leitura -, compondo assim o leque de ações para serem debatidas, questionadas, aceitas ou negadas.

Essas questões nem todas são fábulas, mas sim produto da realidade humana, logo, necessárias e possíveis de serem realizadas num mundo que vive em permanentes transformações social, cultural, econômica, política e tecnológica. Se formos cotejar os significados discursivos sobre bibliotecas comunitárias brasileiras com as demais bibliotecas existentes no mundo, conforme mostra a epígrafe deste ensaio, claro que há alguma similaridade entre elas, como por exemplo, a de reunir o saber do tempo presente e de outros tempos. Todas e quaisquer bibliotecas por mais simples que sejam, são lugares de memória nos quais elaboram, discutem, arquivam/guardam e disseminam o saber acumulado do tempo passado, do que está sendo produzido no tempo presente e, certamente do futuro.

Se formos fazer uma ordem do surgimento e uso dos conceitos de bibliotecas, o de biblioteca comunitária certamente será o mais recente, conforme pode ver na literatura sobre o assunto. A tese da Profa. Elisa, acima citada, é de grande relevância para os estudos acadêmicos e científicos da abrangente área que incorpora os conhecimentos da Biblioteconomia, Arquivologia, Ciência da Informação a atividades similares, por ser o

primeiro estudo acadêmica do país que lançou a discussão científica sobre o objeto “Biblioteca Comunitária”.

Elisa Machado, para justificar a sua tese sobre a importância da Biblioteca Comunitária no cenário sociocultural brasileiro, faz uma análise crítica sobre o papel das bibliotecas oficiais no Brasil a partir de análises criteriosas de trabalhos de vários estudiosos do assunto, especialmente no que se refere às suas percepções sensorial e intelectual voltadas para a interpretação das mudanças de valores sociais da e na sociedade brasileira.

Machado (2008, p.51) diz que

É interessante perceber que a biblioteca comunitária surge como um poder subversivo de um coletivo, uma forma de resistência contra-hegemônica, de quase enfrentamento social, numa nova realidade, que escapa das medidas e das categorias descritivas existentes [...]”¹⁷.

Avançando mais um pouco na conceituação acima, reforçamos que uma biblioteca comunitária pode ter como compromisso ético, por exemplo, desenvolver em complemento às suas ações atividades similares a de uma “Escola Comunitária” cuja legalidade está prevista no inciso I do art. 208 e na nova redação ao § 5º do art. 212 da Constituição Federal¹⁸. Essas atividades que dissemos acima, normalmente em sua maioria não são desenvolvidas pelas escolas da rede pública e demais entidades similares privadas. Se a biblioteca comunitária incorporar na sua proposta oficial de trabalho questões dessa natureza, evidentemente irá lhe conferir mais credibilidade, eficácia e credenciamento legal, e passará a executar as suas ações de forma livre, autônoma e transformadora.

Fazendo um alerta do que vamos dizer mais detalhadamente adiante, aviso aos futuros leitores deste artigo que na nossa concepção uma das funções primordiais da Biblioteca Comunitária, assim como também das escolares e municipais, é a leitura, cujo modelo histórico foi o desenvolvido por Mário de Andrade descrito no item I. A biblioteca comunitária deve ser um espaço aberto à participação democrática não apenas dos membros do local onde está sediada, mas das pessoas comprometidas com a consolidação

¹⁷ Cf. Machado, op.cit.; p. 51.

¹⁸ **Constituição Federal:** [Inciso I do art. 208 e na nova redação ao § 5º do art. 212](http://pactoensinomedio.mec.gov.br/images/pdf/constituicao_educacao.pdf). Disponível em http://pactoensinomedio.mec.gov.br/images/pdf/constituicao_educacao.pdf. Acessado em 06/12/2017.

da cidadania, da integração social e da democracia do país (em especial crianças e adolescentes mesmo que estejam fora da escola oficial) que queiram utilizá-las através da leitura crítico-criativo (que ainda está muito pouco desenvolvida no país) e demais atividades socioculturais e educacionais.

Diferente de uma escola oficial pública ou particular que conduz muito das vezes “mecanicamente” a leitura das crianças e adolescentes, numa biblioteca comunitária a escolha da leitura é absolutamente livre, para que o usuário se dedique àquilo que realmente deseja, quer, gosta, se interessa e/ou faça sentido em seu processo de aprendizagem. Na biblioteca comunitária como uma organização desburocratizada, não existe nenhum tipo de portfólio e nem é exigido também a nenhum usuário realizar obrigatoriamente a sua auto-avaliação. E quando executa um projeto de leitura (por ser este o núcleo básico das suas atividades) com financiamento de algum edital público ou mesmo de instituições privadas nacionais ou estrangeiras, obviamente existe um coordenador que atua similarmente a um “maestro” de uma orquestra sinfônica.

As suas ações são executadas conjuntamente de forma harmoniosa com o grupo executor, o que faz com que o usuário dessa biblioteca, em especial crianças e adolescentes, amadureça o hábito de valorizar as ações coletivas de cada membro nas suas atividades futuras. Essa metodologia conduz à aprendizagem e execução dos seus pares em quaisquer atividades voltadas ao desenvolvimento das suas habilidades cognitivas, motoras e críticas, cujo espaço da escola oficial e de outros espaços públicos e privados similares raramente disponibilizam.

Nessa concepção livre e participativa de uma organização social ser genuinamente comunitária, numa biblioteca comunitária os seus usuários devem ter espaço e liberdade para colocar as suas opiniões e/ou fazer críticas, embora a empatia seja a base das relações com bastante afetividade e respeito entre todos: comunidade, professores, alunos e demais frequentadores. Cabe ressaltar ainda, que a biblioteca comunitária tem como missão proporcionar conhecimentos integrais aos seus usuários, em especial crianças e adolescentes, dentro de uma visão holística (social, histórico, cultural, ecológico, de sustentabilidade e diversidade) respeitando as particularidades e a visão criativa do conjunto das pessoas que compõem a comunidade em que vivem. Acreditamos que esta é a tendência atual, pois, a natureza do mundo moderno, conforme diz Jan Christiaan

Smuts, “é a de usar a evolução criativa para formar um ‘todo’ que é maior do que a soma das suas partes”¹⁹.

Entendemos também que as atividades de uma biblioteca comunitária são desenvolvidas e integradas às atividades de auto (re)conhecimento, (expansão da consciência) como massagens, relaxamentos e demais ações harmoniosas praticadas pelos seus usuários. Por isto é que esse modelo de biblioteca deve se caracterizar como um espaço inovador desde o momento da sua criação, igual ao que já vem acontecendo em algumas delas espalhadas pelo país.

A biblioteca comunitária deve-se configurar também como um genuíno polo de mudança sociocultural e comportamental, no qual o seu usuário preconize de modo transversal o trabalho coletivo da leitura crítico-criativo na perspectiva de um Paulo Freire, Vygotsky, Luria, Freneit, Tragtemberg, Ferrer i Guàrdia, José Pacheco (Escola da Ponte) e outros mais. E ainda pra ela ser genuinamente orgânica no sentido dado pro Gramsci,²⁰ deve seguir teoricamente uma pedagogia baseada na ação participativa igualitária dos seus usuários, porque assim, como dissemos acima, está permitindo o desenvolvimento pessoal de processos lógicos, de habilidades (cognitivas, sociais e afetivas), de valores e de atitudes construídos através de uma “ética da leitura, uma ética da não exclusão”, conforme expõe o professor Fernando de Sousa Rocha no seu texto “A ética da leitura entre o corpo do escritor, o corpus textual e o corpo do leitor”²¹.

Na essência dessa ética que está na interação do corpo do escritor com o corpus textual e o corpo do leitor, conduz o ser humano a descobrir algum desejo que vai lhe despertar não exatamente medo, mas insegurança como algo novo ou diferente que pode influenciar na vida presente e futura dele próprio ou mesmo da humanidade. Por que esse medo do novo? Porque o novo, diz Octavio Paz, “... nos seduz não pela novidade, mas sim por ser diferente; e o diferente é a negação, a faca que divide o tempo em dois: antes e agora”.²²

¹⁹ SNUTS, Jan Christiaan. **Holism and Evolution**. New York: The Gestalt Journal Press, 1926, p. 26.

²⁰ LIGUORI, Guido e VOZA, Pasquale (orgs.). **Dicionário gramsciano (1926-1937)**. Boitempo Editorial, RJ, 2017.

²¹ SOUZA ROCHA, Fernand in **A ética da leitura entre o corpo do escritor, o corpus textual e o corpo do leitor**. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12650/11810>. Acessado em 03/12/2017.

²² PAZ, Octávio. **Os Filhos do barro: do romantismo à vanguarda**. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 20.

O antes não é o passado, mas o que existiu num tempo anterior, a tese, o início do processo dialético que procura demonstrar ser diferente do presente, ou seja, ser a representação mental do novo. Mas também o novo não é o futuro, é o agora, o momento que representa a oposição entre o presente e o passado. Ele é a representação mental do conceito sobre um tempo conhecido (mais simples), o presente, e do conceito sobre um tempo desconhecido (mais complexo) que ainda não é o futuro, porque este não existe a não ser na ideiação, ou seja, na representação.

Ao fazer uma leitura dessa natureza, o usuário da biblioteca comunitária está assumindo um grau de compromisso com a sua formação política, científica e cultural, pois este é o tripé básico para a construção de uma sociedade livre e comprometida com a defesa dos Direitos Humanos e com um genuíno Desenvolvimento orgânico, na perspectiva gramsciana, das múltiplas comunidades que formam as células básicas da sociedade brasileira. Ressaltar a importância dos Direitos Humanos no Brasil é de fundamental importância em qualquer espaço social do país, e a biblioteca comunitária como a entendemos, tem por compromisso ético de lutar pela ampliação desses Direitos, visto que apesar deles estarem contemplados na Constituição Federal de 1986, muitas falhas ainda se apresentam, aliás, não apenas na Constituição Brasileira, mas também na Declaração dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU).

Essas falhas nos são alertadas pelo escritor Eduardo Galeano no referente à crítica que ele faz à ONU, mas convém examinar também a Constituição Brasileira reproduz os definidos pela ONU. Galeano apresenta uma lista com 23 itens que são os direitos que não constam na Declaração dos Direitos Humanos da ONU. Se for comparar com os direitos humanos da Constituição Brasileira, a lista dos direitos que não constam na nossa carta é ainda maior e tão importantes quantos os nomeados para o Galeano. Ele começa o seu poema Direito ao Delírio dizendo: “que tal se começássemos a pensar no nunca proclamado direito de sonhar?”²³ na Carta Magna Brasileira além de não ter também o “Direito de Sonhar, não tem o de Ler, de Amar e de mais uma séria deles.

²³GALEANO, Eduardo. O direito ao delírio. Disponível em <https://michelechristine.wordpress.com/category/textos-escolhidos/eduardo-galeano-o-direito-ao-delirio/>. Acessado em 06/12/2017.

E mesmo naqueles direitos que estão lá registrados, às vezes, dependendo do seu nível social, dificilmente são respeitados. Por isto, é que a Biblioteca Comunitária deve assumir o seu lado de ser um espaço com potencial de inovação, como mostramos acima, e se configurar como um verdadeiro polo regional de mudança sociocultural e comportamental para que o seu usuário não seja apenas guardião de “acervos estáticos”, mas sim, se dedicar naquilo que consideramos como seu principal compromisso, ou seja, os permanentes multiplicadores da leitura.

FORMAÇÃO DE MEDIADOR DE LEITURA NA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA

Para formar um bom e competente mediador de leitura não é tarefa de realizar um treinamento de três ou quatro horas, ou no máximo de um dia, como naturalmente é feita no Brasil. não apenas pelos órgãos governamentais, mas inclusive por organizações sociais que demonstram ter compromisso com a mudança social. Abrindo aqui um parente: a nossa convicção, embora não tenhamos prova cabal, o motivo básico para o fracasso do Programa Arca das Letras. Vejamos então: um bom mediador de leitura é fundamental que seja bem preparado, compromissado com a difusão e democratização da leitura. A sua atuação, no nosso entender, compreende três fatores básicos:

- Combater o analfabetismo letrado, o analfabetismo funcional e o analfabetismo político, o pior mal que atina à população mundial em geral e a brasileira em particular;
- Esclarecer à população os perigos provocados pelo neocapitalismo que é o principal responsável por esse analfabetismo político e pelo aumento da miséria do mundo;
- Lutar pela igualdade social em todos os níveis e pela supressão da ignorância e hipocrisia, com a disseminação da informação e do conhecimento em nível local, nacional e internacional.

O mediador de leitura é uma peça chave no trabalho de uma biblioteca comunitária. Através do trabalho de um bom mediador, e isto não é utopia, o usuário da biblioteca certamente vai mudar o seu hábito de leitura, porque ele vai se sentir comprometido com a questão ética da mudança. Por que isto? Porque ele quando bem capacitado vai se sentir seduzido em descobrir algo que não seja necessariamente semelhante ao presente conhecido, produto do passado, mas sim, o novo. Embora isto também possa criar um pouco de angústia provocada pelo um desejo que lhe desperta não exatamente o medo, mas uma certa insegurança de como esse novo ou diferente irá se comportar na vida presente e futura dele e da humanidade.

Por que isto? Porque o novo, diz Octavio Paz, “nos seduz não pela novidade, mas sim por ser diferente; e o diferente é a negação, a faca que divide o tempo em dois: antes e agora”²⁴. O antes não é o passado, o que existiu num tempo anterior, a tese, o início do processo dialético que procura demonstrar ser diferente do presente, ou seja, ser a representação mental do novo. Mas também o novo não é o futuro, é o agora, o momento que representa a oposição entre o presente e o passado. Ele é a representação mental do conceito sobre um tempo conhecido (mais simples), o presente, e do conceito sobre um tempo desconhecido (mais complexo) que ainda não é o futuro, porque este não existe a não ser na ideação, ou seja, na

E assim, a biblioteca comunitária por ter inúmeras interfaces, uma delas diríamos, a mais importante, pode atuar também como uma Escola Comunitária livre e transformadora, pois se baseia, por um lado, numa pedagogia libertária (Maurício Tragtenberg: 1929-1998) e por outro, por conferir um espaço ambiental intelectualmente desafiador e emocionalmente seguro, com atenção individualizada e atuação coletiva e participativa do seu público nas tomadas de decisões.

²⁴ PAZ, Octavio. **Os Filhos do barro: do romantismo à vanguarda**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 20. Ver também PRADO, Geraldo Moreira Prado. Biblioteca Comunitária: Território de Memória, Informação e Conhecimento. In: BRAGA, Gilda Maria; PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro (Org.). **Desafios do impresso ao digital: questões contemporâneas de informação e conhecimento**. Brasília: UNESCO; IBICT, 2009. 428 p.

A IMPORTÂNCIA DAS REDES DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS

Há muitas pessoas competentes atuando nas redes de bibliotecas comunitárias. A primeira rede criada no Brasil foi a Rede Brasil de Bibliotecas Comunitárias (RBBC) que teve uma duração breve, mas ainda fez alguns poucos eventos importantes para o setor e o cadastramento das bibliotecas comunitárias espalhadas pelas grandes regiões metropolitanas do país. A grande importância das redes que congregam as bibliotecas comunitárias, é que elas são os fóruns naturais de discussão desse setor, e devem reforçar as suas ações. Deve possibilitar trocas de experiências com outras comunidades, discutir parcerias, troca de informações sobre meio de autossustentabilidade das bibliotecas comunitárias e das Redes criadas.

As Redes de bibliotecas comunitárias terão papel fundamental na elaboração de políticas de fortalecimentos das atividades desenvolvidas nas comunidades através de parcerias com universidades, escolas, comunidades, comércio. Articulação com os cursos de Biblioteconomia e as Licenciaturas como forma de possibilitar ambientes de aprendizagem e diálogo com a comunidade, como bem relatou Conceição e Costa (2017, p.19) “serve como um laboratório, aproximando os discentes da realidade da comunidade, cumprindo a função da Universidade, uma vez que se vivencia tanto o ensino, quanto a pesquisa e a extensão”. Sabemos que para tal procedimento de parcerias entre instituições, requer o “aparato” das leis e da burocracia, o que reforça o trabalho da Rede no buscar de soluções e esclarecimentos.

A organização social das bibliotecas comunitárias típicas, mesmo sendo constituída em Pessoa Jurídica de Direito Privado (CNPJ) e todos os demais documentos legais, são detentoras de um pequeno acervo e funcionam com recursos financeiros baixíssimos. Essas instituições têm objetivos muito semelhantes às outras modalidades de bibliotecas de caráter público, mas funcionam com metodologias e recursos práticos e simplificados. Por essa razão, a contratação do profissional bibliotecário não deveria ser imposta pela legislação e fiscalizada pelo Conselho Regional de Biblioteconomia, mas sua presença desejável poderia se dar por meio de convênios, apoios, políticas públicas e voluntariados que não sobrecarregassem financeiramente a sua estrutura frágil. Mensalmente a sua

maioria absoluta precisa fazer “vaquinha”²⁵ com a comunidade ou então contar com o apoio de alguns mecenas locais, num trabalho praticamente utópico, mas que se mostra essencial exatamente pela natureza da origem de seus recursos.

Esta é uma questão que não tem sido discutido ainda nos fóruns específicos das bibliotecas comunitárias, as redes sociais existentes, mas certamente vai ter que ser incluída nas suas agendas para nos próximos encontros discutir com mais afinco.

PALAVRAS FINAIS

E assim, meus caros futuros/as leitores/as, foi com isto que está dito acima que conseguimos informar e pensar mais um pouco antes de sair por aí dizendo banalidades, palavras vazias sobre o objeto em pauta. Esperamos que a leitura deste artigo proporcione reflexões, debates, estímulos para levar à frente a criação de muitas e muitas bibliotecas e redes de bibliotecas comunitárias na perspectiva de elas serem ou se transformarem em locais ou territórios de memória ativos e com ações coletivas para modernizar a realidade.

Tal mudança não é apenas na exterioridade, mas, especialmente. Na essência, por ser esse o caminho mais direto para a humanidade minimizar o *fosso* da desigualdade social. Diremos então, que numa esperança mais utópica inspirada no pensamento do Professor Antônio Cândido de Mello e Souza, é lutar pela democratização do livro e da leitura para que assim possamos encontrar o caminho em busca do socialismo. Este sim, é na nossa modesta opinião a única via para alcançar a liberdade e a igualdade social; pois como disse o poeta Mário Quintana: “Os livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas. Os livros só mudam as pessoas”.

E assim, esse caminho não permite que se faça calado como se estivéssemos fazendo uma marcha triste ou solitária. Não, ao contrário, é uma marcha alegre com música e poesia como estas do Grupo Força Ativa da Cidade Tiradentes, subúrbio de São Paulo que começa dizendo:

²⁵ “Vaquinha” é um termo popular que designa uma coleta de contribuições informais, entre um grupo de pessoas que colabora por uma causa comum.

VAMOS LER UM LIVRO

Ei, ei, cara
Mergulhe na história
Preste atenção no que eu vou dizer agora
Chega de ler besteira
Chega de babaquice
Procure se informar
Não seja o mestre da burrice
São tantos que falam merda
E isso enjoa, é um tormento
Procure ler um livro
Pois é a máquina do tempo.
Milhares de livros estão ao seu alcance
Mas você não quer saber
Sua ideia é faca a todo instante
Você só fala besteira
Não tem autoestima, meu irmão
Procure ler um livro, a fonte de informação
Mas você não quer saber
Só se liga em leituras pornográficas
Tipo revistas importadas, que vêm com loiras bem grandes na capa
Meu irmão, se esse tipo de coisa pra você é informação
Se Liga nas patricinhas que aparecem na Malhação
A televisão é uma droga que esconde a nossa história
Só tem coisa pra boy, quer ver os pretos pedindo esmola

[...]

Agora eu quero ouvir, todo mundo comigo:
Vamos ler um livro, vamos ler um livro
Povo da periferia,
vamos ler um livro
Eu quero ouvir a maioria,
vamos ler um livro

[...]

São tantos sem cultura,
sem conhecimento pra trocar
As propagandas na TV
Não assimilou
Pois bem, então continuou, saiu com várias, deu mó vacilo
Olha o resultado do machismo

[...]

Procure se organizar
Ideias positivas múltiplas, múltiplas, múltiplas
Para os parceiros e as parceiras, uma vida sexual iniciar
Sem susto, seguro, sem medo
Com camisinha Mem o vírus não pegará
A leitura é importante, o livro é arma fatal
Que acaba com a ignorância, deixa sua mente legal

[...]

Estou cansado de ouvir esses caras falarem besteira
Chega de letra babaca, o hip-hop não é brincadeira
Vamos mostrar a história que a escola não mostra hoje em dia
Em forma de rap, mostrá-la para o povo, aos trabalhadores na periferia
Vamos ler um livro, vamos ler um livro²⁶.

E depois desta longa caminhada, acreditamos que o que tínhamos para dizer está dito, mas se não estiver bem-dito,

[...] o caminho fica aberto
A quem mais quiser dizer
Pois eu mais não sei fazer²⁷

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário. **Os filhos da Candinha**. pp. 60-65. Texto integral disponível em <<http://sanderlei.com.br/PDF/Mario-de-Andrade/Mario-de-Andrade-Os-Filhos-da-Candinha.pdf>>. Acessado em 06/12/2017.> Acesso em: 16/12/2017,

BATTLES, M. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.

BARROS SOARES, Rubenita. **Biblioteca Comunitária como Alternativa às Bibliotecas Públicas e Escolares e o Papel Social do Profissional Bibliotecário: relato de experiência**. Disponível em <http://rabci.org/rabci/sites/default/files/Biblioteca%20comunitaria%20como%20alternativa%20as%20BP_id.pdf>. Acesso em: 10/12/2017

BRASIL, Ministério da Educação. **Constituição Federal**: inciso I do art. 208 e na nova redação ao § 5º do art. 212. Disponível em <http://pactoensinomedio.mec.gov.br/images/pdf/constituicao_educacao.pdf>. Acesso em: 01/12/2017.

²⁶ LOPES, Weber. Vamos ler um livro: iniciativa de um grupo juvenil. In: AÇÃO EDUCATIVA. Políticas e práticas de leitura no Brasil. São Paulo: Ação Educativa, 2003. p. 26-33. Citado por MACHADO, Elisa Campos PRADO, Geraldo Moreira em *O RAP como elemento desencadeador de informação e conhecimento*.

Disponível em <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/viewFile/4011/3419>. Acessado em 21/11/2017.

²⁷ Garcia de Rezende in NETO, Serafim da Silva. *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1951, p. 8.

BUONOCORE, Domingo. **Diccionario de Bibliotecologia**. Términos relativos a la bibliología, bibliografía, bibliofilia, biblioteconomía, archivología, documentología, tipografía y materias afines. Editorial Castellví, 316 pgs., Santa Fe, Argentina (1963)

DUARTE, Benedito Junqueira. **À luz fosca do dia nascente – crônicas e contos da memória**. São Paulo: Massao Ono – Roswitha Kempf Editores, 1982.

FERNANDES JUNIOR, Rubens. **B.J. Duarte Invenção e modernidade na fotografia documental**. Disponível em

<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0864-1.pdf>> Acesso em: 15/12/2017

GALEANO, Eduardo. **O direito ao delírio**. Disponível em

<<https://michelechristine.wordpress.com/category/textos-escolhidos/eduardo-galeano-o-direito-ao-delirio/>> Acesso em 25/11/2017.

GUEDES, Roger de Miranda. **Bibliotecas comunitárias e espaços públicos de informação**. Disponível em

<https://www.ufmg.br/proex/cpinfo/cultura/docs/11a_Bibliotecas_comunitarias_-_Roger_Guedes.pdf> Acesso em: 24/11/2017

LIGUORI, Guido e VOZA, Pasquale (orgs.). **Dicionário gramsciano (1926-1937)**. Boitempo Editorial, RJ, 2017.

LIVRO VERDE DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO. Disponível em

<<https://www.governoeletronico.gov.br/documentos-e-arquivos/livroverde.pdf>> Acesso em:

LOPES, Weber. **Vamos ler um livro: iniciativa de um grupo juvenil**. In: AÇÃO EDUCATIVA. Políticas e práticas de leitura no Brasil. São Paulo: Ação Educativa, 2003. p. 26-33.

MACHADO, Elisa Campos; PRADO, Geraldo Moreira. **O RAP como elemento desencadeador de informação e conhecimento**. Disponível em

disponh<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/viewFile/4011/3419>.

MACHADO, Elisa Campos. **Bibliotecas Comunitárias como prática social no Brasil**. Tese de Doutorado -USP, 2008, p. 21. Disponível em:

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-07012009-172507/pt-br.php>> Acesso em: 20/09/2017

MARTINS, José de Souza. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Editora: Paulus, 1977.

MILANESI, Luís. **A casa da Invenção**. Ateliê Editorial. São Paulo, 2003.

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. 2.ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

PRADO, Geraldo Moreira Prado. **Biblioteca Comunitária: Território de Memória, Informação e Conhecimento**. In: BRAGA, Gilda Maria; PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro (Org.). **Desafios do impresso ao digital: questões contemporâneas de informação e conhecimento**. Brasília: UNESCO; IBICT, 2009. 428 p.

PRADO, Geraldo Moreira. **Biblioteca Comunitária: Território de Memória, informação e conhecimento**. Disponível em:
<[http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/761/1/desafios%20do%20impresso%20ao%20di
gital.pdf](http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/761/1/desafios%20do%20impresso%20ao%20digital.pdf)> Acesso em: 25/11/2017

REZENDE, Garcia de. in NETO, Serafim da Silva. **Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1951.

RIBEIRO, Diego e PRADO, Geraldo Moreira: “**O cenário da dinâmica pragmática da informação: a biblioteca comunitária**, VII ENANCIB, Marília, SP, 2006.
Disponível em: <<http://portalppgci.marilia.unesp.br/viewabstract.php?id=249>.> Acesso em: 25/11/2017

SALAS, H. **Biblioteca Nacional Argentina. Buenos Aires**: Manzique Zago ediciones, 1997.

PAZ, Octavio. **Os Filhos do barro: do romantismo à vanguarda**. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1984, p 20.

SOUZA ROCHA, Fernand in **A ética da leitura entre o corpo do escritor, o corpus textual e o corpo do leitor**. Disponível em:
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12650/11810>.> Acesso em: 12/12/2017

SNUTS, Jan Christiaan. **Holism and Evolution**. New York: The Gestalt Journal Press, 1926.

VERSÃO INTEGRAL EM LÍNGUA INGLESA

**ORIGINAL ARTICLES AND ESSAYS: PUBLIC READING,
EQUIPMENT, DIRECTIVES AND POLICIES**

FROM THE PRESENT ORDER TO THE FUTURE

REASON OF THE COMMUNITY LIBRARY IN BRAZIL²⁸

Geraldo Moreira Prado²⁹
José Arivaldo Moreira Prado³⁰

28 Received on 22/14/2018, version approved in 11/11/2018.

29 Historian, with PhD in Applied Social Sciences, retired professor and researcher of the Information Science Program (Master and PhD) by the Brazilian Institute of Information on Science and Technology (IBICT), in agreement with the university Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ).

30 Degree in vernacular letters from Universidade Federal da Bahia (UFBA), graduating in Biblioteconomia and documentation from Universidade Federal de Sergipe (UFS), director of the Community Library "Maria das Neves Prado", also called Paiaíá's Community Library, a member of the research group on reading, writing and narrative (PLENA).

THE BEGINNING, SO: TRANSPARENCY

When humans realized that was not enough memory to store the knowledge that were piling up, because they already dominated the fire, melted metal, clay is tamed in his hands and the first wheels began to turn, required something more durable than tribal elder of the brain and the memories of each. thus was born the cuneiform to record crops, battles and prayers. After millennia, the first two libraries, places where gathered the knowledge of other times, it was discussed and elaborated knowledge of the future.

Fernando de Giovanni

Before we get into the issue itself, let's say in this introduction a few words about what some experts past and present national or foreigners say about librarianship and libraries, and then dive body and soul on the subject base of this article. Taking the above mentioned above as "motto" of inspiration to write this article, not repeating verbatim, of course! your message, but to say something to the students of library science and related areas, especially those who are active in pro of community libraries.

So let's get started quickly speaking a few words about librarianship that is, as defined Buonocore (1963) "Area of knowledge that deals with the organization and administration of libraries and other information units in addition to the selection, acquisition, organization and dissemination of publications under different physical media."

And to complete this item Article select a fragment of a text writer Mario de Andrade written around the year 1930 on the Library, published in the book "Children of Candinha". We believe that this fragment is a good synthesis in literary style on what was the Library in the 30s of the last century in Brazil, from the perspective of an intellectual "off-axis" of this rich area of study. We think that Mario text still makes sense today, so we will quote below of one of its fragments, says Andrade (1963, pp.60-65):

In fact, the library is among the applied arts, one of the statements. Given this misteriosíssimo world that is the book, the library seems desamar contemplation because categorizes and plug. It is mistake almost illiterate imagine such disaffection; and it was not until biblioteconômico by an old habit that does little COMMON me in the category of aged, I can swear to be at least one rainfall. That's the wonderful greatness of the library! It makes perfectly acháveis books as beings, and alimpa the choice of scholars from all dirty mess. This your first serious and merit. Fichando the book, that is, choosing his mystery confusing the truth, no matter what, the sets, the library makes the usable truth, I mean: not the ultimate object of knowledge, as there was arbitrary, but a human value, fruitful and charitable contemplation. And by the very habit of fichar to examine the book in all its aspects and unfold it in all its offerings, the library slows beings and acode the dangers of the time,

making us complete the book, tipping their caps and brushing the scholarships³¹.

Commenting slightly the last sentence of the epigraph: "libraries, places where gathered the knowledge of other times, it was discussed and elaborated knowledge of the future," we will see here among the numerous definitions of what is a library, Battles (2003, . p 12) makes an analogy of the library with the human body saying the library is like a body, and the pages of the books are expressed bodies against each other in the dark, Second Mirtre (in SALAS, 1997, p 11):

A library is the service, not the service, the nature, identity, hope, memory, the future or your mortgage, the idiosyncrasy or essential to a community on earth, all arranged logically supports written, audible or visual.

Approximately what Salas describes what a library anywhere in the world. In Brazil, the first public said library appeared in the then province of Bahia, the current "Library of Barrels" project prepared by the Portuguese dealer Pedro Castelo Branco based in Salvador, Bahia, which began operating in 1811, even before the National Library opening its doors to the public³². Borba de Moraes, in his classic work "Books and Libraries in Colonial Brazil" (2006 pp. 152-170) describes that on February 5, 1811, Pedro Gomes Stinger Castello Branco sent a project to the governor of Bahia Captaincy, Count of Arcos, requesting the creation of a library.

The proposal was approved and the library was installed in the Jesuit College, at the square of the Cathedral, on August 4, 1811. But this library was more for private than for public, it turned to the care of a tiny part of the population Salvador, namely traders established there who could read, write, and had access to information and knowledge of the time, this is the book.

So exist in that city and in other similar-sized Brazilian cities, only a minority of the population belonged to the ruling classes literate and controlled access to information and knowledge available of the time. These other Brazilian cities that had installed public

³¹ANDRADE, Mario. The children of Candinha. pp. 60-65. Full text available at <http://sanderlei.com.br/PDF/Mario-de-Andrade/Mario-de-Andrade-Os-Filhos-da-Candinha.pdf>. Accessed 06/12/2017.

³²PRADO, Geraldo Moreira. Community Library: Memory Territory, information and knowledge. Available in <http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/761/1/desafios%20do%20impresso%20ao%20digital.pdf>. Accessed 05/12/2017.

libraries were São Luiz do Maranhão (1829), St. Kitts, Sergipe (1848) and Recife, Pernambuco (1852).

During the Old Republic (1889-1930), in 1930 decade, more exactly at its end, when Vargas gave the coup regime and instituting hardening, which became known as the State New or period of the Vargas dictatorship. At the time, Mario de Andrade was already a renowned intellectual and poet, journalist, columnist and novelist, literary critic and art, musicologist, Brazilian folklore researcher and photographer. No "do-no-chest" Mario agreed to organize and direct in partnership with his old colleagues (Paulo Duarte, Rubem Borba de Moraes, among others), the Municipal Department of Culture of São Paulo whose mayor was Fabio da Silva Prado (from September 7, 1934 the May 1, 1938), appointed by the federal intervenor Armando de Sales Oliveira.

At that time also, Mario de Andrade, inspired by the experiences that your friend bibliophile Rubens Borba de Moraes told him, decided to make the first experience of "desenclausurar" the books of the Library collections that some time later took his name by exposing them in public squares (Republic Square, Garden of Light, Parque Dom Pedro II and other more) on weekends and holidays, thus facilitating access to people who did not attend for some reason the library. These experiences were recorded by the photographer, Benedito Junqueira Duarte³³, Brother of the journalist, politician and university professor Paulo Duarte.

We closed this item highlighting the pioneering work carried out by Mario de Andrade related to the democratization of reading, action that took place taking the books of their moldy collections and making them available to the population in São Paulo public squares, as stated above. It is important to underline that this type library has no characteristic of a community library as there are today scattered throughout Brazil and we are trying to define this and other texts on the subject.

It has similarity with a cultural center, which is that somehow MILANESI (2003) using the example of Mario de Andrade's work and his team ahead of the Municipal Department of Culture of São Paulo in 1930 decade, agrees to be a model ideal for public libraries.

³³DUARTE, Benedito Junqueira. In the dim light of the rising day - chronicles and tales of memory. Sao Paulo: Massao Ono - Roswitha Kempf Editors 1982.

COMMUNITY LIBRARY

At this historic moment, it is essential that community libraries be glimpsed by the Brazilian Academy and the National System of Public and Community Libraries (SNBP), such as public equipment where investments and extension work are worthwhile. University, as they are ideal social spaces to qualify students of Library Science, Pedagogy and Letters/Literature, among others, in the formation of readers and in the familiarization of future professionals with the habits, desires and tastes readers of people.

A genuine community library has the natural scope of a social organization created through community mobilization to discuss and attempt to resolve problems that the higher levels of political power do not give you attention. About thirty years ago almost no one spoke or wrote about Community Library, now that word has broken barriers and is becoming common sense. Still is still causing "noise" in the ears of some residents of large, medium and small cities and rural communities of the country. And therefore, in this article we seek to make some reflections on how the community library is located in the context of this order to the future because the country.

We would say that the theme community library began to arouse interest as an object of study in the Brazilian academic world, from the end of the decade of 1990. At that time, the federal government signed the Presidential Decree n.3294 of December 15, 1999, creating the Society Program Implementation group of the Ministry of Information Science and Technology that launched the Green Paper³⁴ Information Society (Socinfo). This group was made up of a relatively large team of professionals, mostly absolute university professors, researchers and technocrats from almost all areas of knowledge.

The main objective of Socinfo Program was to design, promote, coordinate and integrate actions aimed at training (sic) of a new cycle infrastructure and Internet services in Brazil. This goal turned to the development of entrepreneurship (support for small and medium-sized enterprises, implementation of e-government, e-government etc.) and was left a

³⁴ **Green Paper on the Information Society.** Available on the site <https://www.governoeletronico.gov.br/documentos-e-arquivos/livroverde.pdf>. Accessed 06/12/2017.

'brechinha "in which included was a dedicated action line for creating six thousand libraries public-six thousand libraries Third Sector. The coordination of this Action Line fell to IBICT³⁵ under the responsibility of Maria Nazaré Pereira. IBICT opened the registration notice and received nineteen thousand projects across the country. Of these, eleven thousand were selected; six thousand for public libraries, because it aimed to meet all Brazilian municipalities, and five thousand for libraries of the Third Sector and Cultural Dissemination Center (not yet had the designation of community libraries and neither of Culture Point), but nevertheless, none of these projects was executed because the resource was the FUST³⁶ It was not released at the time scheduled for execution³⁷.

This was the way how was materializing the neoliberal discourse in Brazil, and one of the most significant topics was the strengthening of the interdiscourse "Democratization of knowledge "in fighting". That the government claimed that existed and was and continues to be present in various layers of the society across the country³⁸. What is social exclusion? to Martin (1977):

Social exclusion is not a new phenomenon, but is trying to turn it into a category that explains all the evils of our time. This book is a critique of the current design of exclusion and an invitation to a subsequent reflection on what constitutes the real problem³⁹".

The community library and other variations of similar classifications implemented by civil society, in our view, is closely integrated with the concept of social exclusion, as the Prof. José de Souza Martins. But we also agree with some good studies available on the internet that this classification may ultimately become a new type that differs from the other classifications, such as the popular, public, student etc. But in reality, such differentiation will materialize at the time of its organization, as discussed below.

³⁵ IBICT - Brazilian Institute of Information in Science and Technology under the Ministry of Science, Technology, Information and Communication - MCTIC.

³⁶ FUST - Universalization Fund of Telecommunication Services was established by Law 9998, of August 17, 2000, to finance the implementation of sector services - especially for the poorest people - that would not normally be provided by private companies due costs and low returns.

³⁸ **Democratization of knowledge.** Available in; https://pt.wikipedia.org/wiki/Democratiza%C3%A7%C3%A3o_do_conhecimento. Accessed 06/12/2017.

³⁹ MARTINS, José de Souza. social exclusion and inequality new. São Paulo: Editora: Paulus 1977: introduction.

One of the programs, perhaps the most dynamic among several that have begun to be created in the country soon after the official Socinfo was "The screen and the words" from UFMG. In a footnote the author explains that

[...] teaching program, research and the "screen and the text," developed by the Faculty of Arts of the Federal University of Minas Gerais (TALK / UFMG), is aimed at the formation of readers and for informational inclusion of the most excluded segments of the population. Among the ongoing projects developed within the Program is the Community Libraries Project⁴⁰.

By carefully analyzing the complex production on the theoretical concepts of community library perceives how "tangles" are the different speeches, some rich in content other sometimes used inaccurately. This mobilization though still largely undeveloped and is considered by most of its members, does not hold for the important warning to the researcher Elisa Machado, that "Community Library arrives on site that the government does not arrive, and we will add here: and do not always have an interest to come and solve"⁴¹.

Judging by a quick review of the available literature in the collections of libraries and today on the Internet, and that points to the realization of the number of studies of different approaches published in various types of media (books, theses, articles and other printed material added to that are available on the internet and other technology-based media), it can be said that the subject Community Library, compared to other similar themes, has a short history, but already today has considerable accumulated critical mass. It is important to say that the scientific meetings of Library and Information Science, the first time the subject community library was accepted in their events, was in 2006, at the VII ENANCIB in Marília, SP, in a paper presented by Ribeiro and Prado, entitled "the scenario of pragmatic dynamics of information: a community library"⁴².

⁴⁰GUEDES, Roger de Miranda. community libraries and public spaces of information. Available in [https://www.ufmg.br/proex/cpinfo/cultura/docs/11a Bibliotecas comunitarias - Roger Guedes.pdf](https://www.ufmg.br/proex/cpinfo/cultura/docs/11a_Bibliotecas_comunitarias_-_Roger_Guedes.pdf). Accessed 06/12/2017.

⁴¹MACHADO, Elisa Campos. Community Libraries as a social practice in Brazil. Doctoral Thesis - USP, 2008, p. 21. Available in <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-07012009-172507/pt-br.php>. Accessed 06/12/2017.

⁴²RIBEIRO, Diego and PRADO, Geraldo Moreira "The setting of the pragmatic dynamics of information: a community library, VII ENANCIB, Marília, SP, 2006. Available at <http://portalppgci.marilia.unesp.br/viewabstract.php?id=249>. Accessed 11/28/2017.

Regarding the theoretical concept, it is considered that what is closest to their function and goals is defined in the first doctoral thesis on the subject, in which Machado (. 2008, p 52) says:

With regard to the term Community Library, we realize the difficulty in defining, for he has been employed by the company in general, as a synonym for popular public library and library, and the same is true in the academic field. Assuming that it is important to define clear and significant terms within a search area, we believe it is important to reflect on their forms of employment and its relation to the types of libraries characterized by the Library⁴³.

We deduce that is coming time to work to overcome the difficulties and consolidate a concept more objective about what is a genuinely community library. So we call earlier in this article, as an organization in which professional groups and consciously organized militants and defensive objective actions, actively participate in this process because they are their mainand "faithful" representatives. Soares (based on the definition of Professor Luiz Milanese, maintains that:

Community libraries follow the mission of the public library, which should promote access to the records of knowledge, encourage reading and interpretation through activities such as storytelling, poetry contest and literature, and also focus on everyday issues community such as health, transportation, security, sports, etc. (FACCIO JUNIOR, 2005, p.17 *apud* MILANESI, 1986, p. 69).

We alert to future and potential readers of this article that society and professionals referred to in the paragraph above are not enjoined to present all the time "their patience virtues and objectivity" because they are not neutral individuals, by contrast, are social subjects that they have the potential to transform the reality in which they live. And for this reason they have the ethical commitment to present conclusions on the subject at hand, just as we also have an ethical commitment to present this essay questions related to community library and intrinsic aspects to it - reading and training of monitors reading - thus compounding the range of actions to be debated, questioned, accepted or denied.

These questions are not all fables, but the product of human reality, therefore, necessary and possible to be carried out in a world that lives in permanent social transformation, cultural, economic, political and technological. If we collate the discursive meanings of Community Brazilian libraries with other existing libraries in the world, as shown in the

⁴³MACHADO, Elisa Campos. Op cit., P. 52.

title of this essay, of course there is some similarity between them, eg, to gather knowledge of this time and other times. Any and all libraries for simple they may be, are memory places where elaborate, discuss, file / store and disseminate the accumulated knowledge of the past, of what is being produced at the present time and certainly the future.

If we make an order of appearance and use of the concepts of libraries, community library will surely be the most recent, as can be seen in literature on the subject. The thesis of Professor. Elisa, cited above, is of great importance for academic and scientific studies of the comprehensive area that incorporates the knowledge of Library, Archival, Information Science in similar activities, for being the first academic of the country study that launched the scientific discussion about the object "Community Library".

Elisa Machado, to justify his thesis on the importance of Community Library in the Brazilian socio-cultural setting, a critical analysis of the role of official libraries in Brazil from careful analysis of works of various scholars of the subject, especially in regard to their sensory and intellectual insights focused on the interpretation of social values and changes in Brazilian society.

Machado (2008, p.51) says

It is interesting that the community library appears as a subversive power of a collective, a form of resistance counter-hegemonic, almost social confrontation, a new reality that escapes the measures and existing descriptive categories [...]"⁴⁴.

Advancing a little in the conceptualization up, strengthen a community library may have an ethical commitment, for example, develop in addition to their actions similar activities to a "Community School" whose legality is provided for in Part I of Art. 208 and new wording to § 5 of art. 212 of the Federal Constitution⁴⁵. These activities we said above, usually mostly are not developed by public schools and other private entities similar. If the community library to incorporate in their official job offer questions of this nature, of

⁴⁴See Ax, op.cit. ; P. 51.

⁴⁵ **Federal Constitution: Part I of Art. 208 and new wording to § 5 of art. 212.** Available in http://pactoensinomedio.mec.gov.br/images/pdf/constituicao_educacao.pdf. Accessed 06/12/2017.

course it will give you more credibility, effectiveness and legal accreditation, and will run their free form of shares, autonomous and transformative.

Making a watchful of what we say in more detail below, notice to future readers of this article that in our view one of the primary functions of the Community Library, as well as the school and municipal, is reading, whose historical model was developed by Mario de Andrade described in Section I. the community library should be an open space for democratic participation not only of the members of the site where it is headquartered, but the people committed to the consolidation of citizenship, social integration and the country's democracy (especially children and teenagers even if they are outside the official school) who want to use them through the critical and creative reading (which is still largely undeveloped in the country) and other socio-cultural and educational activities.

Unlike a public or private school official leading very often "mechanically" reading of children and adolescents in a community library the choice of reading is absolutely free, so that the user is dedicated to what they really want, want, like, if interests and / or makes sense in their learning process. In the community library as a non-bureaucratic organization, there is no type of portfolio and nor is it required to any user must carry out their self-assessment. And when you run a reading project (because this is the basic core of its activities) with funding of some public notice or even national private institutions or foreign, there is obviously an engineer similarly operates a "maestro" of a symphony orchestra.

Their actions are performed together harmoniously with the performer group, which makes the user of this library, especially children and adolescents, mature habit of valuing the collective actions of each member in their future activities. This methodology leads to learning and performance of their peers in any activities for the development of their cognitive, motor and critical skills, whose space of official school and other similar public and private spaces rarely offer.

In this free and participative design of a social organization being genuinely Community, aThe community library users must have their space and freedom to put their views and / or to criticize, while empathy is the basis of relations with enough affection and respect among all: community, teachers, students and other regulars. It is worth noting also that

the community library's mission is to provide integral knowledge to its users, especially children and adolescents, within a holistic view (social, historical, cultural, ecological, sustainability and diversity) respecting the individual and the creative vision of all the people who make up the community in which they live. We believe that this is the current trend, because the nature of the modern world, as says Jan Christiaan Smuts⁴⁶.

We also understand that the activities of a community library are developed and integrated into self activities (reco) knowledge (expansion of consciousness) as massage, relaxation and other harmonious actions taken by its members. That is why this library model should be characterized as a space innovative from the moment of its creation, equal to what has been happening in some of them around the country.

The community library must be configured also as a genuine pole of sociocultural and behavioral change, in which its transverse mode user should advocate the collective work of critical and creative reading the perspective of Paulo Freire, Vygotsky, Luria, Freireit, Tragtemberg, Ferrer i Guàrdia, José Pacheco (Bridge School) and others. And yet for her be truly organic in the sense given pro Gramsci⁴⁷ theoretically should follow a pedagogy based on egalitarian participatory activities of its users, as well, as we said above, is allowing personal development of logical processes, skills (cognitive, social and affective), values and attitudes built through a "ethics of reading, an ethic of non-exclusion " as exposes the teacher Fernando de Sousa Rocha in his text "The ethics of reading between the body of the writer, the textual corpus and the body of the reader⁴⁸".

In the essence of ethics that is the writer of the body's interaction with the textual corpus and the body of the player, leads the human being to discover some desire that will wake you do not exactly fear, but insecurity as something new or different that can influence life present and future of himself or even of humanity. Why this fear of the new? Because

⁴⁶ SNUTS, Jan Christiaan. Holism and Evolution. New York: The Gestalt Journal Press, 1926, p. 26.

⁴⁷ LIGUORI, Guido and Voza, Pasquale (eds.). Gramsci Dictionary (1926-1937). Boitempo Editorial, RJ, 2017.

⁴⁸ SOUZA ROCHA, Fernand Ethics in reading between the body of the writer, the textual corpus and the player's body. Available in <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12650/11810>. Accessed 03/12/2017.

the new, says Octavio Paz, "seduces us ... not for the novelty, but for being different; and the other is the denial, the knife that divides time in two: before and now".⁴⁹

The prior is not the past, but what existed in an earlier time, the thesis, the beginning of the dialectical process that seeks to prove to be different from the present, that is, be the mental representation of the new. But the new is not the future is now, the time is the contrast between the present and the past. It is the mental representation of the concept of a known time (simpler), the present, and the concept of an unknown time (more complex) which is not the future, because it does not exist except in the ideation, that is, in representation.

By doing a reading of this nature, the user of the community library is assuming a degree of commitment to its political, scientific and cultural training, as this is the basic tripod for the construction of a free society committed to defense of human rights and a genuine organic Development, in Gramscian terms, the multiple communities which form the basic cells of Brazilian society. To underscore the importance of human rights in Brazil is of fundamental importance in any social space of the country and the community library as we understand it, is ethical commitment to fight for the extension of these rights, since although they are included in the Federal Constitution of 1986 many shortcomings still present, by the way, not only in the Brazilian Constitution, but also in the Declaration of Human rights of the United Nations (UN).

These failures are warned by the writer Eduardo Galeano as regards the criticism that it is the UN, but should also examine the Brazilian Constitution plays defined by the UN. Galeano has a list of 23 items that are rights that are not in the UN Declaration of Human Rights. If compare with the human rights of the Brazilian Constitution, the list of rights that are not in our letter is even greater and so important how many nominees pro Galeano. He begins his poem Right to Delirium saying, "what if we started thinking about the never

⁴⁹PAZ, Octavio. *The clay of Children: Romanticism to the forefront*. Translation Olga Savary. Rio de Janeiro: New Frontier, 1984, p. 20.

proclaimed right to dream?"⁵⁰ the Brazilian Magna Carta besides not also have the "Right to Dream, is not to read, Amar and most serious of them.

And even those rights that are registered there, sometimes depending on their social status, are hardly respected. For this, it is that the Community Library should take his side to be an area with potential for innovation, as shown above, and set up as a true regional center for socio-cultural and behavioral change so that your user does notis only the guardian of "static collections," but rather, to dedicate what we consider as its primary commitment, that is, multipliers permanent reading.

READING MEDIATOR TRAINING IN COMMUNITY LIBRARY

To form a good and competent reading mediator is not a task to perform a training three or four hours, or at most a day, as of course is done in Brazil. not only by government agencies but by including social organizations that have demonstrated commitment to social change. Opening a relative here: our belief, although we have no definite proof, the basic reason for the failure of the Ark Program Letters. Let's see: a good reading mediator is essential that you are well prepared, committed to the dissemination and democratization of reading. Its performance, in our view, comprises three basic factors:

- To combat literate illiteracy, functional illiteracy and political illiteracy, the worst harm to the world population in general and the Brazilian in particular;
- Clarify to the population the dangers caused by the neocapitalism which is the main responsible for this political illiteracy and the increase of the world's misery;

⁵⁰GALEANO, Eduardo. The right to delirium. Available in <https://michelechristine.wordpress.com/category/textos-escolhidos/eduardo-galeano-o-direito-ao-delirio/>. Accessed 06/12/2017.

- Fight for social equality at all levels and the suppression of ignorance and hypocrisy, with the dissemination of information and knowledge at local, national and international level.

The reading is a key mediator in the work of a community library. Through a good mediator work, and this is not utopia, the library user will surely change your habit of reading, because it will feel committed to the ethical question of change. Why this? Because it when properly trained will feel enticed to find out something that is not necessarily similar to the known present product of the past, but the new. Although this may also create a bit of trouble caused by a desire that arouses not exactly fear, but some uncertainty of how this new or different will behave in the present life and his future and humanity.

Why this? Because the new, says Octavio Paz, "seduces us not for novelty, but for being different; and the other is the denial, the knife that divides time in two: before and now"⁵¹. The prior is not the past, which existed in an earlier time, the thesis, the beginning of the dialectical process that seeks to prove to be different from the present, that is, be the mental representation of the new. But the new is not the future is now, the time is the contrast between the present and the past. It is the mental representation of the concept of a known time (simpler), the present, and the concept of an unknown time (more complex) which is not the future, because it does not exist except in the ideation, that is, at

And so the community library to have numerous interfaces, one would say, the most important, can also act as a Community School and transforming free because it is based on the one hand, a libertarian pedagogy (Maurice Tragtenberg: 1929-1998) and on the other, to confer an environmental space intellectually challenging and emotionally safe with individualized attention and collective and participatory actions of their audience in decision making.

⁵¹ PAZ, Octavio. *The clay of Children: Romanticism to the forefront*. Rio de Janeiro: New Frontier, 1984, p 20. See also MEADOW, Geraldo Moreira Prado. *Community Library: Memory Territory, Information and Knowledge*. In: BRAGA, Gilda Maria; Pinheiro, Lena Vania Ribeiro (Eds.). *Challenges of the digital printed: contemporary issues of information and knowledge*. Brasilia: UNESCO; IBICT, 2009. 428 p.

THE IMPORTANCE OF LIBRARIES NETWORKS COMMUNITY

There are many competent people working in community libraries networks. The first network created in Brazil was the Brazil of Community Libraries Network (RBBC) had a short-lived, but still made a few important events for the sector and the registration of community libraries scattered around the large metropolitan areas. The great importance of networks that bring together the community libraries is that they are the natural forum for discussion of this sector, and should strengthen their actions. Should allow exchange of experiences with other communities, discuss partnerships, exchange of information on means of self-sustainability of community libraries and created networks.

Community libraries networks will play a fundamental role in developing policies fortifyings of activities in communities through partnerships with universities, schools, communities, trade. Coordination with the Library and Undergraduate courses as a way of enabling learning environments and dialogue with the community, as well reported Conception and Costa (2017, p.19) "... serves as a laboratory, bringing the reality of the student's community, fulfilling the function of the University, as it is experienced both the teaching, the research and extension. " We know that for such a procedure partnership between institutions, requires the "apparatus" of laws and bureaucracy, which reinforces the work of the Network seek solutions and explanations. communities, trade. Coordination with the Library and Undergraduate courses as a way of enabling learning environments and dialogue with the community, as well reported Conception and Costa (2017, p.19) "... serves as a laboratory, bringing the reality of the student's community, fulfilling the function of the University, as it is experienced both the teaching, the research and extension. " We know that for such a procedure partnership between institutions, requires the "apparatus" of laws and bureaucracy, which reinforces the work of the Network seek solutions and explanations. communities, trade. Coordination with the Library and Undergraduate courses as a way of enabling learning environments and dialogue with the community, as well reported Conception and Costa (2017, p.19) "serves as a laboratory, bringing the reality of the student's community, fulfilling the function of the University, as it is experienced both the teaching, the research and extension. "

We know that for such a procedure partnership between institutions, requires the "apparatus" of laws and bureaucracy, which reinforces the work of the Network seek solutions and explanations. approaching the community of the reality of students, fulfilling the function of the University, as it is experienced both the teaching, the research and extension. " We know that for such a procedure partnership between institutions, requires the "apparatus" of laws and bureaucracy, which reinforces the work of the Network seek solutions and explanations. approaching the community of the reality of students, fulfilling the function of the University, as it is experienced both the teaching, the research and extension. We know that for such a procedure partnership between institutions, requires the "apparatus" of laws and bureaucracy, which reinforces the work of the Network seek solutions and explanations.

The social organization of the typical community libraries, even being constituted in private legal entity (CNPJ) and all other legal documents, are holding a small collection and work with very low financial resources. These institutions have very similar objectives to other modalities of public libraries, but they work with practical and simplified methodologies and resources. For this reason, the hiring of the professional librarian should not be imposed by the legislation and supervised by the Regional Council of Biblioteconomia, but its desirable presence could be given through covenants, support, public policies and Who did not financially burden their fragile structure. Monthly the absolute majority need to to pass the hat round with the community or then rely on the support of some local patrons, in a practically utopian work, but which is essential exactly by the nature of the origin of its resources.

This is an issue that has not yet been discussed in specific forums of community libraries, existing social networks, but it will certainly have to be included in their agendas for the next meetings discussing harder to reach a conclusion.

FINAL WORDS

And so, my dear future / the readers / as it was with this that is said above we can inform and think a little more before you go around saying platitudes, empty words on the agenda subject. We hope that reading this article provides reflections, discussions, stimuli to bring forward the creation of many, many libraries and networks of community libraries in their perspective be or become local or territories of active memory and collective actions to modernize the reality.

This change is not only in externals, but especially. in essence, since this is the most direct way for humanity to minimize the gap of social inequality. We will say then, that a more utopian hope inspired by the thought of Professor Antonio Candido de Mello e Souza, is fighting for the democratization of books and reading so that we can find the path in search of socialism. This indeed is in our humble opinion the only way to achieve freedom and social equality; because as said the poet Mario Quintana: "Books do not change the world, who changes the world is people. Books only change people."

And so, this way does not allow to make silent as if we were making a sad or lonely march. No, on the contrary, it is a joyous march with music and poetry as such the Active Force Group Tiradentes City, a São Paulo's suburb who begins by saying:

WE READ A BOOK

"Hey, hey, man
Immerse yourself in history
Pay attention to what I will say now
Enough to read bullshit
No more bullshit
Please inform
Not the master of stupid
There are so many who talk shit
And it sickens, is a torment
Try reading a book
It is the time machine.
Thousands of books are at your fingertips
But you do not want to know
His idea is knife at all times
You just talk bullshit
You have no self-esteem, my brother
Try reading a book, the source of information
But you do not want to know
Only binds readings in pornographic

Type imported magazines that come with pretty big blondes on the cover
My brother, if this kind of thing for you is information
If the League patricinhas appearing in Malhação
Television is a drug that hides our history
Just something for boy, want to see the black begging
[...]
Now I want to hear, everyone with me:
Let's read a book, we read a book
People of the periphery,
let's read a book
I want to hear most,
let's read a book
[...]
There are so many uncultured,
without knowledge to change
Advertisements on TV
not assimilated
Well, then he continued, came out with several gave millstone falter
Look at the result of machismo
[...]
Try to organize
Ideas positive multiple, multiple, multiple
For partners and partner, start a sex life
Without fear, secure, without fear
With Mem condom the virus will not catch
Reading is important, the book is fatal weapon
Which finishes with ignorance, leaves his legal mind
[...]
I'm tired of hearing these guys talk bullshit
Enough jerk letter, hip-hop is not a joke
We will show the story that the school does not show today
In the form of rap, show it to the people, the workers on the outskirts
Let's read a book, we read a book⁵²".

And after this long walk, we believe that what we had to say is said, but if it is not well said: "The way is open / Who else wants to say/ For I do not know more"⁵³.

⁵²LOPES, Weber. Let's read a book: the initiative of a youth group. In: EDUCATIONAL ACTION. Policies and practices of reading in Brazil. São Paulo: Educational Action, 2003. p. 26-33. Quoted by MACHADO, Elisa Campos PRADO, Geraldo Moreira in RAP as triggering element of information and knowledge. Available in [disponhttp://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/viewFile/4011/3419](http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/viewFile/4011/3419). Accessed 11/21/2017.

⁵³Garcia de Rezende in NETO, Serafim da Silva. Introduction to the Study of the Portuguese language. Rio de Janeiro: Department of National Press, 1951, p. 8.

REFERENCES

ANDRADE, Mário. **Os filhos da Candinha**. pp. 60-65. Texto integral disponível em <<http://sanderlei.com.br/PDF/Mario-de-Andrade/Mario-de-Andrade-Os-Filhos-da-Candinha.pdf>>. Acessado em 06/12/2017.> Acesso em: 16/12/2017,

BATTLES, M. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.

BARROS SOARES, Rubenita. **Biblioteca Comunitária como Alternativa às Bibliotecas Públicas e Escolares e o Papel Social do Profissional Bibliotecário: relato de experiência**. Disponível em <http://rabci.org/rabci/sites/default/files/Biblioteca%20comunitaria%20como%20alternativa%20as%20BP_id.pdf>. Acesso em: 10/12/2017

BRASIL, Ministério da Educação. **Constituição Federal**: inciso I do art. 208 e na nova redação ao § 5º do art. 212. Disponível em <http://pactoensinomedio.mec.gov.br/images/pdf/constituicao_educacao.pdf>. Acesso em: 01/12/2017.

BUONOCORE, Domingo. **Diccionario de Bibliotecologia**. Términos relativos a la bibliología, bibliografía, bibliofilia, biblioteconomía, archivología, documentología, tipografía y materias afines. Editorial Castellví, 316 pgs., Santa Fe, Argentina (1963)

DUARTE, Benedito Junqueira. **À luz fosca do dia nascente – crônicas e contos da memória**. São Paulo: Massao Ono – Roswitha Kempf Editores, 1982.

FERNANDES JUNIOR, Rubens. **B.J. Duarte Invenção e modernidade na fotografia documental**. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0864-1.pdf>>. Acesso em: 15/12/2017

GALEANO, Eduardo. **O direito ao delírio**. Disponível em <<https://michelechristine.wordpress.com/category/textos-escolhidos/eduardo-galeano-o-direito-ao-delirio/>> Acesso em 25/11/2017.

GUEDES, Roger de Miranda. **Bibliotecas comunitárias e espaços públicos de informação**. Disponível em <https://www.ufmg.br/proex/cpinfo/cultura/docs/11a_Bibliotecas_comunitarias_-_Roger_Guedes.pdf>. Acesso em: 24/11/2017

LIGUORI, Guido e VOZA, Pasquale (orgs.). **Dicionário gramsciano (1926-1937)**. Boitempo Editorial, RJ, 2017.

LIVRO VERDE DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO. Disponível em <<https://www.governoeletronico.gov.br/documentos-e-arquivos/livroverde.pdf>> Acesso em:

LOPES, Weber. **Vamos ler um livro: iniciativa de um grupo juvenil**. In: AÇÃO EDUCATIVA. Políticas e práticas de leitura no Brasil. São Paulo: Ação Educativa, 2003. p. 26-33.

MACHADO, Elisa Campos; PRADO, Geraldo Moreira. **O RAP como elemento desencadeador de informação e conhecimento**. Disponível em <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/viewFile/4011/3419>.

MACHADO, Elisa Campos. **Bibliotecas Comunitárias como prática social no Brasil**. Tese de Doutorado -USP, 2008, p. 21. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-07012009-172507/pt-br.php>> Acesso em: 20/09/2017

MARTINS, José de Souza. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Editora: Paulus, 1977.

MILANESI, Luís. **A casa da Invenção**. Ateliê Editorial. São Paulo, 2003.

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. 2.ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

PRADO, Geraldo Moreira Prado. Biblioteca Comunitária: Território de Memória, Informação e Conhecimento. In: BRAGA, Gilda Maria; PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro (Org.). **Desafios do impresso ao digital: questões contemporâneas de informação e conhecimento**. Brasília: UNESCO; IBICT, 2009. 428 p.

PRADO, Geraldo Moreira. **Biblioteca Comunitária: Território de Memória, informação e conhecimento**. Disponível em: <http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/761/1/desafios%20do%20impresso%20ao%20digital.pdf>> Acesso em: 25/11/2017

REZENDE, Garcia de. in NETO, Serafim da Silva. **Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1951.

RIBEIRO, Diego e PRADO, Geraldo Moreira: **“O cenário da dinâmica pragmática da informação: a biblioteca comunitária**, VII ENANCIB, Marília, SP, 2006. Disponível em: <http://portalppgci.marilia.unesp.br/viewabstract.php?id=249>.> Acesso em: 25/11/2017

SALAS, H. **Biblioteca Nacional Argentina**. Buenos Aires: Manzique Zago ediciones, 1997.

PAZ, Octavio. **Os Filhos do barro: do romantismo à vanguarda**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p 20.

SOUZA ROCHA, Fernand in **A ética da leitura entre o corpo do escritor, o corpus textual e o corpo do leitor**. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12650/11810>.> Acesso em: 12/12/2017

SNUTS, Jan Christiaan. **Holism and Evolution**. New York: The Gestalt Journal Press, 1926.



ARTIGOS ORIGINAIS E ENSAIOS: NARRATIVA SEQUENCIAL GRÁFICA EM ANÁLISE

Arquétipos em Quadrinhos: *Kuroko no Basket* e o uso dos “Deres”¹

Comic Archetypes: *Kuroko no Basket* and the use of the "Deres"

Arquetipos em Historieta: *Kuroko no Basket* y el uso del "Deres"

Amaro Xavier Braga Jr²

Gabriela Maria Cavalcanti Ferreira Lessa Santos³

Mariana Petróvana Ferreira da Silva⁴

¹ Recebido em 12/09/18, versão aprovada em 11/11/2018.

² É Licenciado e Bacharel em Ciências Sociais (UFPE), Especialista em Ensino de História das Artes e das Religiões (UFRPE), Especialista em Artes Visuais (SENAC), Especialização em Gestão de Educação à Distância (UCB/Escola do Exército) e Mestre e Doutor em Sociologia (UFPE). Mestrando em Antropologia Social (PPGAS - UFAL). Atualmente é Professor Adjunto no Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Tem experiência na área de Sociologia e Antropologia, com ênfase na Sociologia dos Objetos e atuando principalmente nos seguintes temas: Histórias em Quadrinhos e Educação; Mangá e Cultura Pop Japonesa; Comportamento e Sociedade; Identidade e Cultura Popular e Religião Comparada. É membro pesquisador do Grupo de Leitura, Escrita e Narrativa (PLENA) desde 2015.

³ Estudante do curso de Design da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Comunicação Visual. Faz parte do Laboratório de Experimentação em Design (LED), e atua na pesquisa da comunicação por meio de jogos eletrônicos e a mecânica de suas linguagens.

⁴ Bacharel em Design pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), com foco em produção gráfica editorial. Pós-graduanda pelo Centro de Educação (UFAL) no Curso de especialização estratégias didáticas para educação básica, com uso de TIC. Com participação em diversos projetos de extensão com foco em Arte Sequencial e Estudos Sociais na própria UFAL, no período de 2011 até 2014. Em 2015, participação ativa na produção, exposição e disseminação do quadrinho independentes brasileiros em eventos, feiras e encontros acadêmicos em vários lugares do país. Em 2016, incluída como parte do LACC - Laboratório da Cidade e do Contemporâneo, também da Universidade Federal de Alagoas. Em 2017, parte do grupo fundador do LED - Laboratório de Experimentação em Design, também na Universidade Federal de Alagoas, ainda em 2017, ingressa como bolsista de Iniciação científica pelo CNPq.

RESUMO

Kuroko no Basket, ou *The Basketball Which Kuroko Plays*, é um mangá de esporte criado por Tadatoshi Fujimaki e foi publicado pela revista semanal *Weekly Shounen Jump* no período de 2008 à 2014, conhecida por ser voltada para um público adolescente. No Brasil, sua publicação começou em junho de 2014 até dezembro de 2016. *Kuroko no Basket* conta a história de *Kuroko Tetsuya*, que tem como objetivo se juntar à um novo time de basquete para assim, derrotar cada um dos seus cinco ex-colegas de time e levar o novo time à ser o melhor de Tóquio. Quando ‘dere’ se mistura com outros prefixos, acaba por descrever novas personalidades. As que serão trabalhadas e mais aprofundadas neste artigo são as consideradas principais: *tsundere*, *dere*, *dandere*, *yandere*, *kuudere*, com a inclusão de *himerdere* ou *kamidere*. A identificação desses arquétipos não vem só da maneira que o personagem age, mas do design geral, alguns elementos estando até mesmo implícitos no nome dos personagens.

PALAVRAS-CHAVE: Arquétipos nos Quadrinhos. *Kuroko no Basket*. Dere.

ABSTRACT

Kuroko no Basket or *The Basketball Which Kuroko Plays* is a sports manga created by Tadatoshi Fujimaki and was published by the weekly magazine *Shounen Jump* from 2008 to 2014, a magazine known for being directed to a young target audience. In Brazil, its publishing started from June 2014 to December 2016. *Kuroko no Basket* tells the story of *Kuroko Tetsuya*, who has the goal of being part of a new basketball team in order to beat each one of his five ex-teammates and then make his new team become the best of Tokyo. When mixed with other prefixes, “dere” ends up describing new personalities. The ones analysed more deeply in this paper are considered the main ones: *tsundere*, *dere*, *dandere*, *yandere*, *kuudere*, also including *himerdere* or *kamidere*. The identification of these archetypes come not only from the way the character acts, but their general design, where some of the elements are even implied in the character's names.

KEYWORDS: Archetypes on Comics. *Kuroko no Basket*. Dere.

RESUMEN

Kuroko no Basket o “Baloncesto que Kuroko juega” es un cómic manga deportiva creado por Tadatoshi Fujimaki y fue publicado por la revista semanal *Shounen Jump* de 2008 a 2014, una revista conocida por ser dirigida a un público joven objetivo. En Brasil, su publicación ocurrió durante el periodo del 2014 de junio al 2016 de diciembre. *Kuroko no Basket* cuenta la historia de *Kuroko Tetsuya*, que tiene el objetivo de ser parte de un nuevo equipo de baloncesto con el fin de vencer a cada uno de sus cinco ex-compañeros de equipo y luego hacer que su nuevo grupo se convierta en el mejor de Tokio. Cuando se mezcla con otros prefijos, “dere” termina describiendo nuevas personalidades. Los analizados más profundamente en este trabajo son considerados los principales: *tsundere*, *dere*, *dandere*, *yandere*, *kuudere*, también incluyendo *himerdere* o *kamidere*. La identificación de estos arquetipos viene no sólo de la forma en que actúa el personaje, sino de su diseño general, donde algunos de los elementos se implican incluso en los nombres del personaje.

PALABRAS CLAVE: Arquetipos del Cómic. *Kuroko no Basket*. Dere.

INTRODUÇÃO

Os *mangás* - histórias em quadrinhos japonesas - são construções de narrativas cinematográficas, cheia de dinamismo e ação, com estética característica, uso intenso de onomatopeias, metáforas visuais e personagens carismáticos (BRAGA JR, 2011). Na produção dos *mangás* os títulos se subdividem em vários nichos direcionados a uma enorme gama de públicos alvos, desde crianças até adultos (CHINEN 2013). O segmento voltado para jovens rapazes adolescentes - *shonen* -, é o que tem os números mais significativos de tiragens, e representam a maior parte da fatia do mercado japonês (LUYTEN 2000).

Nesse nicho, é possível encontrar os mais diversos temas para encabeçar as tramas, um dos mais recorrentes são obras que abordam esporte, parte disso se deve ao fato de que os japoneses vivem em uma sociedade altamente rigorosa sem espaço para a prática de atividades recreativas, por isso, parte dessa vontade é escoada e saciada por *mangás* que abordem aventuras e esportes (NAGADO, 2005).

Nessas histórias é necessário compor tanto o time protagonista quanto os times opositores, sendo assim torna-se necessário, que esses personagens e suas respectivas personalidades e aparência resultem em algo interessante para o público consumidor. Partindo dessa necessidade, este trabalho segue como um estudo do uso de arquétipos de personalidade, denominados como “*deres*” pelos japoneses, para composição de personagens, tendo como objeto de estudo para análise o grupo de ex-colegas de time do protagonista do *mangá Kuroko no Basket*.

O quadrinho narra a história de *Kuroko Tetsuya*, que muda de escola ao entrar no ensino médio, e forma um novo time de basquete, já tendo participado antes de um time grande conhecido como “*Geração dos Milagres*”, formado por cinco integrantes principais com características excepcionais e um sexto membro fantasma, este sendo *Kuroko*. E assim, no decorrer da trama, são apresentados os cinco ex-colegas de time: *Kise Ryota*, *Midorima Shintaro*, *Aomine Daiki*, *Murasakibara Atsushi* e *Akashi Seijuro*, que serão os exemplos utilizados para demonstrar as construções de personalidades específicas quanto ao uso dos *deres* e suas subdivisões.

Figura 1: Arte de *Kuroko no Basket*, com a chamada “geração dos Milagres”.



Fonte: Imagem promocional do anime *Kuroko no Basket*.

Para que se entenda sobre os *deres*, é necessário que se entenda o conceito do que é um arquétipo de personalidade. Em filmes e seriados é possível se encontrar personagens que já são considerados *clichês*⁵, até sendo possível se apontar clássicos como: ‘policial bom’ e ‘policial ruim’, comum em filmes dos mais diferentes gêneros, os *deres* são a leitura dos japoneses desses arquétipos pré-concebidos, sobre a ótica e lógica dos tipos de personalidades encontrados no Japão.

Porém, esses elementos não se prendem somente a questões relacionadas à personalidade, os maneirismos e a linguagem corporal das personagens muda drasticamente de acordo

⁵ **Clichê:** Segundo o dicionário Aurélio, uma de suas definições é molde ou vulgaridade que a cada passo se repete com as mesmas palavras. Para questões gráficas vistas em quadrinhos, essa situação de repetição pode ser incorporada como acontecimentos clássicos que por sua vez são utilizados como recursos narrativos.

com o tipo de *dere* que são, além de que, esses elementos característicos de cada *dere*, também se aplicam ao conjunto todo da estética do *character design*⁶ das personagens.

OS DERES

Sendo o “*dere*” o primeiro arquétipo nominado que se tem conhecimento segundo o website de cultura pop *MyAnimeList*⁷, este nome é designado justamente pela repetição da partícula “*dere*”. Inicialmente o termo era articulado para se referir a personagens femininas, ou como onomatopeia de quem está apaixonado, mas não demorou para o termo ganhar popularidade entre os aficionados por mangá e anime, e receber novos significados que não caberiam apenas em um arquétipo. O *dere* recebeu várias subdivisões, os *deres* passaram assim, a contemplar tanto personagens femininos e masculinos e representam diversos elementos estéticos e comportamentais.

Kise Ryota é um dos primeiros personagens a ser apresentado ao leitor, com boa aparência, cabelos loiros, olhos dourados, e trabalhando como modelo. Kise se mostra sempre carismático e com um sorriso no rosto, ele não tem problemas em demonstrar sua admiração por Kuroko através de palavras ou aproximações mais afetuosas, um traço clássico visto nesse tipo de arquétipo, também apontado pelo usuário *madokamage* do website *MyAnimeList*, onde faz uma explicação sobre o termo. Mas não são apenas esses fatores que fazem da personagem um *dere*, esses que são conhecidos por serem energéticos e afetuosos, também é possível enxergar nos pequenos detalhes da aparência, e da postura, que estes também foram representados para reforçar a construção do arquétipo, um exemplo pode ser percebido na maneira que o Kise se veste, longe do uniforme da escola ou do time de basquete, suas roupas sempre fazem parte da estação e da moda vigente. Os leitores do mangá de *Kuroko no Basket* são guiados dessa forma, a

⁶ **Character Design:** Se trata do processo de concepção de um personagem, onde o enfoque é sua aparência e traços, depois partindo para decisões finais sobre sua personalidade. Esse método é utilizado tanto pela área gráfica de quadrinhos quanto de filmes e jogos.

⁷ *MyAnimeList:* conhecido por juntar informações gerais sobre animes e mangás, além de incentivar a participação do seu público para a criação de artigos como feito pelo usuário citado, esse chamado Top 10 *Dere* Characters in Anime: *Dere* Meaning.

fazer uma leitura imediata de que o personagem Kise, se preocupa com sua imagem social, enquadrando-o no que seria considerado um cara “legal e descolado”, e que é exatamente o que foi apresentado como pré-estabelecido para o tipo de arquétipo que o *deredere* passou a ser: carismático e afetuoso.

Um exemplo de situações que se passam com Kise que reforçam o seu arquétipo de personalidade é logo ao início quando se reencontra com Kuroko e conhece seu novo time. Kise age de maneira desinibida, conversando de maneira alegre com o antigo companheiro mesmo que ignore os outros jogadores. Essa é uma questão muito explícita da personalidade de um “*deredere*” onde, por mais que seja expansivo, ele ainda é seletivo e apenas dá esse nível de intimidade as pessoas que respeita e considera próxima.

Figura 2: O personagem Kise Ryota, classificado como *Deredere*.



Fonte: Kuroko no Basket , volume 19, capítulo 169.

Esse tipo de construção pode ser entendido também como uma representação não de qualquer tipo de personalidade, mas de um conjunto de características tipicamente japonesas, já que apesar do “*deredere*” vender a ideia de pessoa extremamente extrovertida e alegre, Kise se limita a ser educado e cordial com seus fãs e pessoas que não estão em sua esfera íntima, mesmo que possua uma personalidade mais invasiva com seus amigos. Esse mesmo tipo de atitude: trejeito resguardado para estranhos e na esfera pessoal uma atitude mais aberta, é visto no desenvolver das outras personagens.

TSUNDERE

Midorima Shintaro é o segundo personagem a ser apresentado, com cabelos de tons mais escuros e fechados, usando óculos e uma aparência mais séria, ele se mostra como um personagem rude e muitas vezes frio. Midorima raramente sorri ou mesmo demonstra interesse em interações sociais de qualquer tipo que não as relacionadas ao esporte, e esse comportamento se destaca ainda mais, quando da interação com outras personagens que ele não conhece.

Sem pensar duas vezes antes de falar, e sem se importar se a pessoa com quem está discutindo pode se sentir ofendida ou não, Midorima acaba recaindo sobre o arquétipo do *tsundere*. Orgulhosos e muitas vezes chamados de teimosos, os personagens *tsundere* costumam ser grosseiros, beirando ao agressivo com uma pessoa, mesmo sendo alguém de quem goste, podendo dar a ideia de que realmente não possuem afeição ou que não se importam com o outro.

Porém essa é apenas a primeira imagem que deixam transparecer, esse exemplo também é citado no artigo do *website* Kotaku⁸, *How to identify Popular Japanese Character Types*, na matéria, Richard Eisenbeis, descreve algumas personalidades encontradas, normalmente referenciando à personagens femininas que se encaixam no quesito, por serem os tipos de personagem que mais se utilizando desses arquétipos.

⁸ Kotaku: Website especializado e conhecido por fazer matérias envolvendo cultura pop japonesa.

O “tsun” em tsundere vem da palavra japonesa “tsuntsun” (ツンツン) que significa ser arrogante e indiferente ou grande e poderoso. Portanto, tsunderes são comumente arrogantes por fora mas amáveis por dentro (EISENBEIS, 2013).⁹

Quando em momentos privados ou mesmo quando estão rodeados apenas de pessoas muito próximas, as personagens *tsundere* costumam ser mais abertos e menos agressivos, demonstrando até em alguns casos, caráter empático com aqueles que consideram próximos e importantes, é possível traçar que esse lado reservado da personalidade só aflora, quando estas personagens se sentem confortáveis o suficiente para se expressar nesse tipo de situação.

Figura 3: As ações de Midorima antes o jogo



This image is hosted at mangafox.com, we take no credit for the creation or editing of this image. All credit goes to the appropriate parties involved in the creation or editing of this image.

Fonte: Kuroko no Basket , volume 2, capítulo 16.

⁹ Richard Eisenbeis. How to Identify Popular Japanese Character Types, 2013. Tradução livre.



Novamente os estereótipos de personalidades japoneses partem desse princípio de tipos distintos de camadas sociais. Onde publicamente, a personagem *tsundere* demonstra um tipo de comportamento, grosseiro e rude com pessoas fora do círculo íntimo, e mesmo que na companhia de amigos e familiares se dá presença de estranhos, o comportamento é guiado para estabelecer certa distância, usando dos trejeitos arrogantes e hostis. Porém, o comportamento se altera de forma drástica quando estão dentro de uma zona de conforto e com pessoas próximas e confiáveis.

KUUDERE

Tetsuya Kuroko é o protagonista, de cabelos azuis claros e olhos no mesmo tom opaco, o rapaz possui baixa estatura fazendo com que não se destaque quando próximo dos demais componentes de time. Caracterizado por não possuir nenhum tipo de presença, ou seja, ele não consegue chamar a atenção para si, sempre passando despercebido em meio a outros personagens. Essa característica é potencializada a ponto de Kuroko parecer surgir do nada dentro das situações, gerando reações exageradas de surpresa nas outras personagens quando percebem que ele estava ali o tempo todo.

Sua personalidade é fechada e suas ações não transmitem nenhum tipo de emoção, ao ponto de que Kuroko praticamente nunca é visto sorrindo, irritado ou mesmo nervoso. Mesmo sendo uma história para jovens garotos - shonen - onde a ação e as expressões vivazes são plano principal, isso não se aplica ao protagonista Kuroko.

Suas expressões quando são foco da cena, são tão sutis, que não se destacam, sendo assim, ele é classificado como *Kuudere*, caracterizados justamente pela pouca ou quase nenhuma expressividade, como reportado na mesma matéria feita por Eisenbeis para o *Kotaku*.

O “kuu” visto em *kuudere* vem da pronúncia japonesa da palavra em inglês “cool¹⁰” (クール) e por isso é usada para uma pessoa que é calma e contidos por fora. (...) Kuuderes normalmente falam em um tom monótono e não parecem ser afetados pelas situações que os cercam. Nunca apresentam estar extremamente felizes, empolgados, or ou surpresos—da mesma maneira que não aparentam estar tristes, aborrecidos ou irritados. Alguns exemplos

¹⁰ Cool: Palavra em inglês que significa frio. Dependendo do desenvolvimento da conversa, também pode significar o mesmo que “legal” ou “calmo”.

extremos podem até aparentar ser completamente desprovidos de emoções (EISENBEIS, 2013).¹¹

Kuroko tende muitas vezes a surpreender seus companheiros, não apenas por suas habilidades no esporte que são inquestionáveis, mas por demonstrar em palavras muito além do que suas expressões faciais permitem. Kuroko é apresentado como um personagem sábio e bastante convicto de suas crenças, em certo ponto teimoso quando desafiado, já que por diversas vezes é convidado pelos seus antigos companheiros a deixar seu novo time, e sempre acaba rejeitando, dizendo que tem como único objetivo derrotá-los e mostrar o seu verdadeiro jeito de jogar basquete.

Figura 4: Kuroko demonstra rivalidade com Kise.



Fonte: *Kuroko no Basket*, volume 21, capítulo 184.

Da mesma forma que nos arquétipos japoneses anteriores, o kuudere, pode ser compreendido em dois momentos sociais. Em primeira instância é tomado como alguém sem sentimentos por não ter expressividade, no entanto, em segunda instância, a medida que este desenvolve uma relação de confiança com outras personagens, o kuudere

¹¹ Richard Eisenbeis. How to Identify Popular Japanese Character Types, 2013. Tradução livre.

expressa em palavras muito bem, e até melhor que outros arquétipos o que sente, pensa e acredita das situações.

DANDERE

Murasakibara Atsushi é um personagem de aparência desleixada, sendo o mais alto dentre todos os personagens, com dois metros de altura, tem cabelos roxos e olhos do mesmo tom. Muitas vezes é representado com expressão desinteressada, agregando à sua aparência naturalmente desalinhada, passa o aspecto de quem não leva nada a sério, e de não ter qualquer disposição para fazer as coisas. Aparentemente sem qualquer motivação evidente, Murasakibara demonstra estar constantemente entediado com tudo e todos e pouco expressivo já que as coisas não despertam seu interesse, sendo assim ele se encaixa como um *Dandere*, novamente, características destacadas por Eisenbeis.

Figura 5: Murasakibara demonstra sua habilidade



Fonte: *Kuroko no Basket*, volume 9, capítulo 78.

O “dan” em dandere surge da palavra japonesa “danmari” (黙り), que significa silêncio. Portanto, um *Dandere* é quieto e silencioso e muitas vezes um personagem antissocial. *Danderes* desejam ser sociáveis, mas normalmente temem ou possuem receio de se relacionar (EISENBEIS, 2013).¹²

¹² Richard Eisenbeis. How to Identify Popular Japanese Character Types, 2013. Tradução livre.



Danderes são personagens que possuem receios quanto à interações sociais, como comentado por Eisenbeis, seja por medo, ansiedade, ou desinteresse, e no desenvolver das histórias tendem a se tornam mais amigáveis. No caso de Murasakibara sua personalidade é reflexo de sua comodidade, no entanto, ele pode realmente se tornar ativo e intimidador quando é provocado a sair de sua zona de conforto, principalmente durante as partidas. *Danderes* não tem boa desenvoltura social, e por vezes isso fica visível quando Murasakibara fala de forma tão despreocupada que não percebe que está irritando seus companheiros.

É importante traçar uma linha entre o desinteresse e a falta de motivação expressa nos *danderes* com sua inabilidade para interações sociais, estes personagens quando provocados a se expressarem são intensos e demonstram parte desse desejo reprimido de socializar. Da mesma forma que os arquétipos anteriores, é possível perceber que existem dois momentos: um quando o *dandere* está desmotivado ou inseguro, e no segundo momento quando é posto em uma situação atípica e precisa expor seus pensamentos e sentimentos reprimidos. Murasakibara segue uma linha parecida, onde ele não consegue jogar confortavelmente por receio de causar danos aos jogadores do time adversário ou até do seu próprio time por conta do seu tamanho e força, e por isso acaba se reservando a jogar apenas defensivamente quando sua especialidade é a parte ofensiva. Mesmo sendo verdadeiramente bom, o personagem reprime suas capacidades, e como consequência perde o interesse no esporte, isso até encontrar alguém que o estimule a jogar de verdade.

KAMIDERE

Aomine Daiki tem cabelos azul escuro e olhos no mesmo tom, com uma pele mais escura que a dos outros personagens, Aomine sempre é visto como um personagem bastante narcisista, ao ponto de acreditar que o único que seria capaz de derrotá-lo em uma partida, seria apenas ele mesmo. O personagem nunca parece levar o esporte a sério, sempre faltando treinos, mas durante as partidas chega ao ponto de humilhar seus oponentes,

afinal, nunca encontrou um que fosse a sua altura e que o fizesse se esforçar para jogar a sério.

Kamidere é um termo japonês para um personagem que costuma se descrever como uma divindade. Eles se colocam sobre os outros e tem a tendência de acreditar que são os mais perfeitos e indefectíveis e que a sua presença merece atenção especial e prioridade no ambiente (SIDDQUE, 2017).

Aomine é uma nova evolução de *dere*, dentre todos os outros personagens, por não se encaixar exatamente na definição de um dos principais arquétipos padrões. Neste caso, ele seria considerado um *Ore-sama* ou *Kamidere*, no feminino *Ojou-sama* ou *Himedere*, que são as representações para personagens que levam o narcisismo a extremos, que acreditam ser superiores aos outros, e devem ser tratados como tal, muitas vezes são relacionados com algum tipo de “complexo de Deus”. Esses aspectos também são notados em matérias específicas dos portais *GoBoiano*¹³ e *CrunchFu*¹⁴.

Figura 6: Aomine antes de uma partida contra Kise.



Fonte: *Kuroko no Basket*, volume 8, capítulo 63.

Aomine antes do início da cronologia do *mangá*, é representado em trechos de memória dos ex-colegas como alguém energético e animado, similar ao Kise. Porém com a prática do basquete a autoconfiança adquirida, fez com Aomine passasse de um *dere* padrão

¹³ GoBoiano: Website especializado em notícias relacionado à cultura pop japonesa.

¹⁴ CrunchFu: Portal de notícias sobre cultura japonesa, voltado para anime e mangá.

para um *kamidere* por sentir que era insuperável em relação aos outros jogadores, e que nenhum teria a capacidade de derrotá-lo, se assemelhando à um Deus do basquete.

YANDERE

Akashi Seijuro, o antigo capitão da geração dos milagres, e o último personagem a ser apresentado. Diferentes dos demais, este possui um desdobramento de personalidade, fazendo com ele possua duas personalidades distintas entre si, a que será avaliada neste trabalho, é seu alter ego que é representado quando este apresenta olhos heterocromáticos, com um possuindo um tom mais alaranjado. Akashi se comporta de forma cordial e educada, desde que não seja desobedecido, ao ser confrontado ele torna-se intimidador e violento. No mangá, Akashi ataca Kagami com um par de tesouras pelo simples fato dele ter lhe interrompido em uma conversa. Akashi se identifica como um *Yandere*.

Semelhante a um fanático, ele acredita na vitória absoluta, que ganhar é o mesmo que respirar, e para aqueles que o seguirem poderão desfrutar dessa vitória, em detrimento, aqueles que se colocarem em seu caminho, “*não irei pensar duas vezes antes de mata-los*”, em suas próprias palavras.

Tradicionalmente, *yanderes* são personagens que se demonstram doces e carinhosos, mas quando veem o seu interesse romântico com outra pessoa ou em perigo, se tornam extremamente agressivos, ao ponto de serem capazes de causar a morte de algum outro personagem, fato observado e também comentado na matéria do *website* GoBoiano.

Porém, sua natureza amigável disfarça sua personalidade doentia. Personagens *Yandere* são bastante possessivos e controladores. A maioria se coloca disposta a matar pessoas que estão envolvidas com seu interesse amoroso ou até isolá-los da sociedade. Eles não costumam aceitar bem a rejeição (o que tem 90% de chance de acontecer) (MAGULICK, 2016).

Figura 7: Akashi tenta acertar Kagami com uma tesoura



This image is hosted at mangafox.com, we take no credit for the creation or editing of this image.
Please don't forget to support the mangaka in any way that you can.
Thank you for reading at mangafox.com, and hope you enjoy the chapter.

Fonte: *Kuroko no Basket*, volume 13, capítulo 113.

Da mesma forma que nos arquétipos anteriores, Akashi têm dois momentos distintos de interação, que é reforçado e potencializado pela mudança de personalidade. *Yanderes* necessitam de um objeto de obsessão, e de algo que dê ignição para que o aspecto violento de sua personalidade se expresse.

No caso de Akashi não seria o amor por uma pessoa e sim ao esporte que pratica, sua personalidade original, têm o desejo de vitória, mas ainda possui apreço pelos colegas de time, no entanto, na medida em que ele se vê em posição de ser derrotado, existe a ignição para essa mudança de personalidade, para o espectro violento do *yandere*, que ao invés de proteger seu amor de forma obsessiva, esse sentimento seria substituído pela vontade de vencer a qualquer custo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os arquétipos de personalidade citados são os mais comuns encontrados nas obras japonesas. Como as ações de alguns dos arquétipos já são esperadas, acabam funcionando como dinâmica da história.

Porém, não é por receberem essas denominações que não possam mudar, assim como citado no caso de Aomine, que é mostrado como um *deredere* em seu passado, e que no decorrer da história passa ser classificado como um *Kamidere*, se trata de uma história em quadrinhos, possuindo começo, meio e fim, então as personagens se desenvolvem durante sua trajetória, o que acaba fazendo com que se desenvolvam destes estereótipos iniciais, e criem personalidades mais complexas e distintas, o que também acaba gerando novos tipos de *deres* que não caberiam neste artigo.

De certa forma, é possível compreender também, que estas construções específicas de arquétipos se relacionam com os próprios trejeitos da sociedade japonesa, já que são recursos narrativos que se desenvolvem de forma muito particular para os *mangás*, evidenciando um comportamento inicialmente mais reservado em detrimento de um comportamento pessoal completamente diferente que revela sentimentos e ações mais intensas.

REFERÊNCIAS

BRAGA JR, Amaro X. **Desvendando o Mangá Nacional: Reprodução e Hibridização nos Quadrinhos**. Maceió: Edufal, 2011.

CHINEN, Nobu. **Linguagem Mangá - Conceitos Básicos**. 1. ed. São Paulo: Criativo, 2013

EISENBEIS, Richard. How to Identify Popular Japanese Character Types. **Kotaru**. 2013. Disponível em: <<http://kotaku.com/how-to-identify-popular-japanese-character-types-1169085239>>. Acessado em 10 de março de 2017.

KUROKO no Basuke. Wiki – Fandom. Disponível em: <http://kurokonobasuke.wikia.com/wiki/Kuroko_no_Basuke_Wiki>. Acessado em 06 de Abril de 2017

LUYTEN, Sonia Bibe. **Cultura Pop Japonesa, Mangá e Animê**. Editora Hedra. São Paulo 2005.

LUYTEN, Sonia Bibe. **Mangá - O Poder dos Quadrinhos Japoneses**. 3. ed. São Paulo: Hedra, 2000

MADOKAMAGE. **Top 10 Deredere Characters in Anime: Deredere Meaning**. Disponível em: <https://myanimelist.net/featured/1912/Top_10_Deredere_Characters_in_Anime__Dere_dere_Meaning>. Acessado em 05 de Abril de 2017.

MAGULICK, Aaron. **The 14 Popular Dere Types in Every Anime**. Disponível em: <<http://goboiano.com/the-14-popular-dere-types-in-every-anime/>>. Acessado em 12 de abril de 2017

SIDQUE, Ishrat. **Complete List of Popular Types of “-Dere” Characters in Anime and Manga**. Disponível em: <<https://www.crunchfu.com/popular-anime-dere-types-20170530>>. Acessado em 12 de abril de 2017.



VERSÃO INTEGRAL EM LÍNGUA INGLESA

ORIGINAL ARTICLES AND ESSAYS: SEQUENTIAL GRAPHICAL NARRATIVE IN ANALYSIS

Comic Archetypes: Kuroko no Basket and the use of the "Deres"¹⁵

Amaro Braga Xavier Jr¹⁶

Gabriela Maria Cavalcanti Ferreira Lessa Santos¹⁷

Mariana Petróvana Ferreira da Silva¹⁸

INTRODUCTION

¹⁵ Received on 09/12/2018, version approved in 11/11/2018.

¹⁶ Bachelor's degree in Social Sciences (UFPE), specialist in teaching history of Arts and Religions (Ufrpe), Specialist in Visual arts (SENAC), specialization in distance education management (UCB/Army School) and master and PhD in Sociology (UFPE). MSc in Social Anthropology (Ppgas-Ufal). He is currently an adjunct Professor at the Institute of Social Sciences (ICS) of Universidade Federal de Alagoas (Ufal). He has experience in the area of sociology and anthropology, with emphasis on the sociology of objects and acting mainly on the following topics: comics and education; Manga and Japanese Pop culture; Behavior and society; Identity and Popular culture and comparative religion. He is a researcher member of the Reading, Writing and Narrative Research Group (PLENA) since 2015.

¹⁷ Student of Design course at Universidade Federal de Alagoas (Ufal). He has experience in the area of communication, with emphasis on Visual communication. It is part of the laboratory of experimentation in Design (LED), and works in the research of communication through electronic games and the mechanics of its languages.

¹⁸ Bachelor's degree in Design from Universidade Federal de Alagoas (Ufal), with a focus on editorial graphic production. Postgraduate student at the Education Center (UFAL) in the course of specialization didactic strategies for basic education, with the use of ICT. With participation in several extension projects focusing on sequential art and social studies at Ufal itself, in the period from 2011 to 2014. In 2015, active participation in the production, exposition and dissemination of the Brazilian independent comic in events, fairs and academic meetings in various places of the country. In 2016, included as part of the LACC-Laboratory of the city and the contemporary, also of the Federal University of Alagoas. In 2017, part of the founding group of the LED-experimentation laboratory in Design, also at the Federal University of Alagoas, still in 2017, joins as a scholarship for scientific initiation by CNPQ.

Manga - Japanese comics - are constructions of cinematographic narratives, full of dynamism and action, with aesthetic feature heavy use of onomatopoeia, visual metaphors and charismatic characters (BRAGA JR, 2011). In the production of manga titles are subdivided into several niche targeted to a wide range of target audiences, from children to adults (CHINEN, 2013). The targeted segment for young teenage boys - shonen - is what has the most significant numbers of runs, and represent the majority of the slice of the Japanese market (LUYTEN, 2000).

In this niche, you can find different themes to head the plots, one of the applicants are works that deal with sports, part of it is due to the fact that the Japanese live in a highly rigorous society with no room for the practice of recreational activities, therefore, part of that will is drained and filled by addressing manga adventures and sports (NAGADO, 2005).

Figure 1: *Kuroko no Basket* poster's art, which "Miracle's Generation".



Source: Promotional anime art's *Kuroko no Basket*.

In these stories is necessary to compose both the protagonist team as opponent's teams, so it is necessary that these characters and their personalities and appearance result in something interesting for the consumer. Based on this need, this work follows as a study of the use of personality archetypes, known as "deres" by the Japanese, for composite

characters, with the object of study to analyze the group team of former colleagues of the protagonist of the manga Kuroko the Basket.

The comic tells the story of Kuroko Tetsuya, which changes from school to enter the high school, and form a new basketball team, having already participated before a great team known as "Generation of Miracles", made up of five main members with features exceptional and a sixth phantom limb, this being Kuroko. And so, in the course of the plot, they are presented the five team former colleagues: Kise Ryota, Midorima Shintaro, Aomine Daiki, Murasakibara Atsushi and Akashi Seijuro, which will be the examples used to demonstrate the construction of specific figures on the use of deres and their subdivisions.

To understand about you give, it is necessary to understand the concept of what is a personality archetype. In movies and TV shows it is possible to find characters that are already considered clichés¹⁹Until being possible to point out classics like 'good cop' and 'bad cop', common in films from different genres, the deres are reading the Japanese these preconceived archetypes on the optical and logical types of found personalities in Japan.

However, these elements do not relate only to issues related to personality, mannerisms and body language of the characters changes dramatically according to the type of dere which are in addition to that, these characteristic elements of each dere also apply to all the aesthetic character design²⁰ the characters.

THE DERES

¹⁹Cliché: According to the dictionary, one of its definitions is mold or vulgarity that every step is repeated with the same words. To view graphical issues in comics, this repetition of situation can be incorporated as classic events which in turn are used as narrative resources.

²⁰Character Design: This is the design of a character process where the focus is their appearance and mannerisms, after leaving for final decisions about your personality. This method is used both by the graphic area of comics and movies and games.

It is the "deredere" the first named archetype which are known according to the pop culture website MyAnimeList²¹This name is designated precisely by repeating the particle "dere". Initially the term was articulated to refer to female characters, or as onomatopoeia who are in love, but before long the term gaining popularity among manga and anime's fans, and receive new meanings that would not fit in only one archetype. The deredere received several subdivisions, the deres passed thus encompass both female and male characters and represent various aesthetic and behavioral elements.

Figure 2: The character Kise Ryota classified as Deredere.



Source: *Kuroko no Basket* , vol. 19, chapter 169.

Kise Ryota is one of the first characters to be presented to the reader, good looking, blond hair, golden eyes, and working as a model. Kise always shows charismatic and with a smile on his face he has no problem showing his admiration for Kuroko through words or more affectionate approaches, a visa classic grimace that kind of archetype, also appointed by madokamage user MyAnimeList website, where he an explanation of the term. But not only are these factors that make the character a deredere, those who are known for being energetic and affectionate, you can also see the small details of

²¹ MyAnimeList: known to gather general information about anime and manga, as well as encourage the participation of your audience to create items as done by that user, this call Deredere Top 10 Characters in Anime: Deredere Meaning.

appearance and posture, they were also shown to enhance the construction of the archetype, one example can be realized in the way that the clothes Kise, away from the school uniform or the basketball team, his clothes are always part of the season and current fashion.

The Kuroko manga readers in Basket are guided in this way, to make an immediate reading of the Kise character, cares about his social image, framing it in what would be considered a "cool and hip" face, and that is exactly which was presented as pre-set for the kind of archetype that deredere became: charismatic and affectionate.

An example of situations that happen with Kise to strengthen your personality archetype is just the beginning when it reunited with Kuroko and knows his new team. Kise acts uninhibited way, talking of cheerful way with the old fellow even ignore the other players. This is a very explicit question of the personality of a "deredere" which, though it may be expansive, it is still choice and just give that level of intimacy people respect and consider next.

This type of construction can also be understood as a representation not of any kind of personality, but a set of typically Japanese characteristics, since despite the "deredere" sell extremely outgoing and cheerful person's idea, Kise merely being polite and friendly with his fans and people who are not in your close relationships, even though it has a more invasive personality with your friends. This same type of attitude: to grimace sheltered strangers and personal sphere a more open attitude, is seen in the development of the other characters.

TSUNDERE

Midorima Shintaro is the second character to be presented, with darker shades and closed hair, wearing glasses and a more serious look, he shows how a rude character and often cold. Midorima rarely smile or even show interest in social interactions of any kind other

than those related to sports, and this behavior is further highlights when interacting with other characters he does not know.

Without thinking twice before you speak, and no matter if the person you are discussing can be offended or not, Midorima just falling on the archetype of tsundere. Proud and often called stubborn, the tsundere characters often rude, bordering on the aggressive with a person, even if someone you like, and may give the idea that really have no affection or who do not care about the other.

Figura 3: Midorima behavior before the game



Source: *Kuroko no Basket* , vol. 2, chapter 16.

But this is only the first image that let on, this example is also quoted in the article from the website Kotaku²², How to identify Popular Japanese Character Types in the matter, Richard Eisenbeis, describes some personalities encountered, usually referring to the female characters that fit in the category, for being the kind of character that most using these archetypes.

²² Kotaku: Website specialized and known for making matters involving Japanese pop culture.

The "Tsunami" in tsundere comes from the Japanese word "tsuntsun" (ツンツン) it means to be arrogant and indifferent or large and powerful. So tsunderes are commonly arrogant on the outside but lovely inside (EINSENBEIS, 2013).

When in private moments or even when they are surrounded only people very close, the tsundere characters tend to be more open and less aggressive, showing up in some cases, empathetic character with those who consider the next and important, it is possible to trace this private side of personality emerges only when these characters feel comfortable enough to express this kind of situation.

Again stereotypes of Japanese personalities depart this principle of different types of social strata. Where publicly, the tsundere character demonstrates a kind of behavior, coarse and rude to people outside the inner circle, and even in the company of friends and family is given the presence of strangers, behavior is guided to establish a distance, using the arrogant mannerisms and hostile. However, the behavior changes dramatically when they are in a comfort zone and close and trustworthy people.

KUUDERE

Tetsuya Kuroko is the protagonist, clear blue eyes and hair the same dull tone, the boy has short stature causing not stand out when near the other team components. Characterized by not having any kind of presence, that is, he can not draw attention to himself, always going unnoticed amid other characters. This feature is enhanced to the point of Kuroko seem to appear from nowhere in the situations, generating overreaction by surprise in the other characters when they realize that he was there all the time.

His personality is closed and your actions do not convey any emotion, to the point that Kuroko is virtually never seen smiling, angry or even nervous. Although a story for young boys - shonen - where the action and vivid expressions are the main plan, it does not apply to Kuroko protagonist.

Figura 4: Kuroko shows rivalry against Kise.



Source: *Kuroko no Basket*, vol. 21, chapter 184.

Their expressions when focus of the scene, are so subtle, they do not stand out, therefore, it is classified as Kuudere precisely characterized by little or no expression, as reported in the same matter made by Eisenbeis to Kotaku.

The "kuu" seen in kuudere comes from the Japanese pronunciation of the English word "cool"²³(クール) and so it is used for a person who is calm and contained out. (...) Kuuderes usually speak in a monotone and did not seem affected by the situations around them. Never have extremely be happy, excited, or surprised or in the same way that do not look sad, upset, or angry. Some extreme examples may even appear to be completely devoid of emotions (EISENBEIS, 2013).

Kuroko often tends to surprise your colleagues, not only for their skills in the sport are unquestionable, but to demonstrate in words far beyond what their facial expressions allow. Kuroko is presented as a wise character and quite convinced of their beliefs, in a stubborn point when challenged, as many times it is asked by his former comrades to leave his new team, and always ends up rejecting, saying it aims only to defeat them and show your true way to play basketball.

²³Cool: word in English which means cold. Depending on the development of the conversation, it can also mean the same as "legal" or "calm."

Just as in previous Japanese archetypes, the kuudere, can be understood in two social moments. In the first instance is taken as someone with no feelings for not having expressiveness, however, in the second instance, the as it develops a trusting relationship with other characters, kuudere expressed in words very well, and even better than other archetypes which feel, think and believe situations.

DANDERE

Murasakibara Atsushi is a character sloppy appearance, being the highest among all the characters, two meters tall, has purple hair and eyes the same shade. It is often represented with disinterested expression, adding to its naturally disheveled appearance, passes the aspect of who takes nothing seriously, and have no willingness to do things. Apparently without any apparent motivation, Murasakibara demonstrates constantly bored with everything and everyone and very expressive since things do not arouse their interest, so it fits like a Dandere again features highlighted by Eisenbeis.

The "dance" in dandere comes from the Japanese word "danmari" (黙り), which means silence. Therefore, a Dandere is quiet and silent and often antisocial character. Danderes want to be sociable, but usually fear or fear have to relate to (EISENBEIS, 2013).

Danderes are characters who have concerns about the social interactions, as commented by Eisenbeis, either by fear, anxiety, or lack of interest, and develop the stories tend to become more friendly. In the case of Murasakibara your personality is a reflection of your convenience, however, it can actually become active and intimidating when provoked to get out of your comfort zone, especially during matches. Danderes does not have good social resourcefulness, and sometimes it is visible when Murasakibara speech so carefree way that does not realize that is angering his teammates.

It is important to draw a line between disinterest and lack of motivation expressed in danderes with his inability to social interactions, these characters when provoked to express themselves are intense and show of this repressed desire to socialize. Just as the previous archetypes, you can see that there are two moments: one when the

dandere is unmotivated or unsafe, and the second time when it is put in an unusual situation and need to expose their thoughts and feelings repressed.

Murasakibara follows a similar line, where he can not comfortably play for fear of causing damage to the players of the opposing team or even your own team on account of their size and strength, and so end up reserving only play defensively when their specialty is the offensive part.

Figura 5: Murasakibara shows his ability



Source: *Kuroko no Basket*, vol. 9, chapter 78.

KAMIDERE

Aomine Daiki has dark blue hair and eyes in the same tone with darker skin than the other characters, Aomine is always seen as a rather narcissistic character, as to believe that the one who would be able to defeat him in a match it would just be himself. The character never seems to take the sport seriously, always missing practice, but during matches gets to the point of humiliating his opponents, after all, he never found one that was his height and did strive to play seriously.

Aomine is a new evolution of dere, among all the other characters, not exactly fit the definition of a major archetypes standards. In this case, it would be considered an Ore-sama or Kamidere in the female Ojou-sama or Himedere, which are representations for characters that lead narcissism to extremes, they believe to be superior to others, and must

be treated as such often they are related to some kind of "God complex". These aspects are also noted in specific areas of GoBoiano portals²⁴ and CrunchFu²⁵.

Figura 6: Aomine before a match against Kise.



Source: *Kuroko no Basket*, vol. 8, chapter 63.

Aomine before the chronology of the manga, it is represented in memory of excerpts from former colleagues as someone energetic and excited, similar to Kise. But the practice of the acquired confidence basketball, made Aomine pass a standard *dere* for *kamidere* for feeling that was unsurpassed in relation to other players, and that none would be able to defeat it, resembling the one basketball God.

Kamidere is a Japanese term for a character who often describe themselves as a deity. They put on others and have a tendency to believe that they are the most perfect and unfailing and that their presence deserves special attention and priority on the environment (SIDDQUE, 2017).

YANDERE

Akashi Seijuro, the former captain of the generation of miracles, and the last character to be displayed. Unlike the others, this has a split personality, making it has two distinct

²⁴ GoBoiano: Website specializing in noticiais related to Japanese pop culture.

²⁵ CrunchFu: News portal on Japanese culture, dedicated to anime and manga.

personalities to each other, that will be evaluated in this study, is that his alter ego is represented when it presents heterochromatic eyes, with one having a more orange tone. Akashi behaves friendly and polite manner, provided it is not disobeyed, when confronted he becomes intimidating and violent. In the manga, Akashi attacks Kagami with a pair of scissors for the simple fact that he interrupted him in a conversation. Akashi is identified as a Yandere.

Figura 7: Akashi tries to hit Kagami with scissors



This image is hosted at mangafox.com, we take no credit for the creation or editing of this image.
Please don't forget to support the mangaka in any way that you can.
Thank you for reading at mangafox.com, and hope you enjoy the chapter.

Source: *Kuroko no Basket* , volume 13, capítulo 113.

Traditionally, yanderes are characters who demonstrate sweet and loving, but when they see your love interest with another person or in danger, become extremely aggressive to the point of being able to cause the death of some other character, observed fact and also commented in the matter of GoBoiano website.

Like a fanatic, he believes in the absolute victory, winning is the same as breathing, and for those who follow will enjoy this victory, over, those who put in their way, "I will not think twice before killing them "in their own words".

However, their friendly nature disguises his unhealthy personality. Yandere characters are quite possessive and controlling. Most stands ready to kill people who are involved with your love interest or to isolate them from society. They do not usually accept and rejection (which has a 90% chance of happening (MAGULICK, 2016).

Just as in previous archetypes, Akashi have two distinct moments of interaction, which is strengthened and enhanced by personality change. Yanderes require an obsession object, and something to give spark to the violent aspect of his personality is expressed. In the case of Akashi would not love for one person, but to sports practicing, your unique personality, have the desire to win, but still has appreciation for teammates, however, in that he finds himself in a position to be defeated, there is the ignition for this change of personality, violent spectrum yandere that instead of protecting his love obsessively, that feeling would be replaced by the desire to win at all costs.

FINAL CONSIDERATIONS

The aforementioned personality archetypes are the most common found in Japanese works. As the actions of some of the archetypes are already expected, end up working as the dynamics of history.

But it is not for having those names which can not change, as mentioned in the case of Aomine, which is shown as a deredere in his past, and that in the course of the story is to be classified as a Kamidere, it is a story comics, having a beginning, middle and end, then the characters develop during his career, which ends up causing them to develop these initial stereotypes and create more complex and distinct personalities, which also generates new types of doest that would not fit in this article.

In a way, you can also understand that these specific archetypes buildings relate to their own mannerisms of Japanese society, as they are narrative resources that develop a very particular way to the manga.

REFERENCES

Revista Cajueiro, v. 1, n.1, p. 88-119, nov. 2018.



BRAGA JR, Amaro X. **Desvendando o Mangá Nacional: Reprodução e Hibridização nos Quadrinhos**. Maceió: Edufal, 2011.

CHINEN, Nobu. **Linguagem Mangá - Conceitos Básicos**. 1. ed. São Paulo: Criativo, 2013

EISENBEIS, Richard. How to Identify Popular Japanese Character Types. **Kotaru**. 2013. Disponível em: <<http://kotaku.com/how-to-identify-popular-japanese-character-types-1169085239>>. Acessado em 10 de março de 2017.

KUROKO no Basuke. Wiki – Fandom. Disponível em: <http://kurokonobasuke.wikia.com/wiki/Kuroko_no_Basuke_Wiki>. Acessado em 06 de Abril de 2017

LUYTEN, Sonia Bibe. **Cultura Pop Japonesa, Mangá e Animê**. Editora Hedra. São Paulo 2005.

LUYTEN, Sonia Bibe. **Mangá - O Poder dos Quadrinhos Japoneses**. 3. ed. São Paulo: Hedra, 2000

MADOKAMAGE. **Top 10 Deredere Characters in Anime: Deredere Meaning**. Disponível em: <https://myanimelist.net/featured/1912/Top_10_Deredere_Characters_in_Anime__Dere_dere_Meaning>. Acessado em 05 de Abril de 2017.

MAGULICK, Aaron. **The 14 Popular Dere Types in Every Anime**. Disponível em: <<http://goboiano.com/the-14-popular-dere-types-in-every-anime/>>. Acessado em 12 de abril de 2017

SIDQUE, Ishrat. **Complete List of Popular Types of “-Dere” Characters in Anime and Manga**. Disponível em: <<https://www.crunchfu.com/popular-anime-dere-types-20170530>>. Acessado em 12 de abril de 2017.

ARTIGOS ORIGINAIS E ENSAIOS: NARRATIVA SEQUENCIAL GRÁFICA EM ANÁLISE

Moby Dick em um novo olhar: A adaptação da obra de Herman Melville na Coleção *Classic Illustrated*¹

Moby Dick in a New point of view: The adaptation of Herman Melville's Work in Classic Illustrated Collection

Moby Dick en un nuevo punto de vista: la adaptación de la obra de Herman Melville en la colección Classic Illustrated

Thiago Vasconcellos Modenesi²

¹ Recebido em 18/09/18, versão aprovada em 11/11/2018.

² Atualmente exerce à docência em nível de graduação em vários cursos e pós-graduação no Mestrado Profissional em Inovação e Desenvolvimento (MPID), ambos no Centro Universitário Guararapes (UNIFG) e como professor permanente e no Mestrado Profissional em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste (MGP) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) como professor colaborador. Possui Licenciatura em História pela Universidade Federal de Pernambuco UFPE (2002); Especialização em Ensino de História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco UFRPE (2007) ; Mestrado em Educação pela UFPE (2012) e Doutorado em Educação pela UFPE (2015). É líder do Grupo Interdisciplinar de Pesquisas em Histórias em Quadrinhos, Charges e Cartuns (GIPHQ). Atua no Grupo de Pesquisa em Leitura, Escrita e Narrativa (PLENA), como pesquisador e membro do conselho editorial. Atua na Associação dos Pesquisadores em Arte Sequencial (ASPAS), como pesquisador e conselheiro. Atua no Laboratório de Gestão do Esporte e Políticas Públicas (LABGESPP) como pesquisador. Atua no Laboratório de Sociologia do Esporte (LASEPE) como pesquisador.

RESUMO

O artigo tem como principal objetivo estudar as estratégias e mecanismos de adaptar uma obra literária clássica, distante do tempo em que foi originalmente escrita, para a forma de histórias em quadrinhos no século XX, o fazemos dando destacada importância ao novo momento histórico em que a obra é reinterpretada. Buscamos aqui relacionar particularidades linguísticas, históricas e estéticas só possíveis no formato de história em quadrinhos com o texto original proposto por Melville, para tanto nos apoiamos nas teorias de Norbert Elias sobre o impacto histórico e cultural que os costumes, vestimentas, hábitos e relacionamentos tem em cada sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Quadrinhização Literária. Moby Dick – Adaptações. Leitura Literária.

ABSTRACT

Our main objective is to study the strategies and mechanisms to adapt a classic literary work, far from the time when it was originally written, to the form of comics in the twentieth century, we do it giving important importance to the new historical moment in which the Is reinterpreted. We seek here to relate the linguistic, historical and aesthetic peculiarities that are only possible in the comic book format with the original text proposed by Melville, for which we rely on Norbert Elias' theories on the historical and cultural impact that customs, dress, habits and relationships have in every society.

KEY WORDS: Literary Comics Adaptation. Moby Dick – Literary Adaptation. Literary Reading.

RESUMEN

El artículo presentado tiene como principal objetivo estudiar las estrategias y mecanismos de adaptar una obra literária clásica, distante del tempo en que fue originalmente escrita, para la forma de Cómics en el século XX, lo hacemos dando ênfasis al nuevo momento histórico en que la obra es reinterpretada. Buscamos aquí relacionar particularidades históricas, estéticas y lingüísticas que son solamente posíble tenerlas en el formato de Cómics con el texto original propuesto por Melville, para esto nos apoyamos en las teorías de Nobert Elias sobre el impacto histórico y cultural de las vestimentas, costumbres, hábitos y relacionamentos que existe en cada sociedad.

PALABRAS-CLAVE: Adaptación Literária por Historieta. Moby Dick – Adaptación. Lectura literária.



INTRODUÇÃO

Este artigo tem como principal objetivo analisar os mecanismos de adaptação de uma obra clássica da literatura aos dias atuais, distante do tempo em que foi originalmente escrita e na forma gráfica com desdobramentos de conteúdo e resultados após finalizada e publicada diferentes do original, aqui como história em quadrinhos publicada no século XX.

O fazemos dando importância destacada ao novo momento histórico em que a obra é reinterpretada. Buscamos aqui relacionar particularidades linguísticas, históricas e estéticas, só possíveis no formato de história em quadrinhos, com o texto original proposto por Melville. Para atingir tal fim nos apoiamos nas teorias de Norbert Elias sobre o impacto histórico e cultural que os costumes, hábitos e relacionamentos tem para cada sociedade.

A obra original, *Moby Dick*, é de 1851, a adaptação que aqui analisamos é desenhada pelo artista Bill Sienkiewicz e publicada em 1990 pela editora norte-americana First Comics, parte integrante da coleção *Classic Illustrated*.

A utilizamos para realizar a análise comparativa entre o texto clássico e novo contexto, aqui estudamos o que se mantém e o que se atualiza na obra, entendemos que o autor busca em sua arte preservar a essência do livro original, porém destacamos que é inevitável a atualização para os que a leram ou lerão: há cores, formas, personagens e dinâmicas novas, fruto do momento em que esta sofre releitura.

Aqui debatemos o quanto isto atinge ou não o conteúdo da mesma e quais as repercussões da nova publicação no instante em que esta vai a público e dá uma nova perspectiva no clássico livro.

As histórias em quadrinhos (HQ) nos ofertam a possibilidade do diálogo entre a imagem e o texto, levando em consideração sermos seres profundamente imagéticos, a potencialidade desta forma de publicação é bastante ampla.

Quando pensamos em algo, alguém ou alguma coisa não o fazemos na forma de letras ou sons, automaticamente associamos imagens ao nosso raciocínio, a nossa mente, a história



da humanidade em si é retratada em imagens desde a pré-história, no Egito Antigo e em vários outros momentos da humanidade.

Então, a leitura (ou releitura para quem teve contato com a obra original) sobre o foco das histórias em quadrinhos para essa obra é mais do que uma adaptação, ela dá origem a uma nova obra, a algo singular que é e ao mesmo tempo não é o original de Herman Melville, mas mantém algo da essência do livro que inspirou a história em quadrinhos criada pelo novo artista.

Essa possibilidade de estudar algo que possui ligação com uma obra literária original, que se apoia em seus textos e na sua mitologia prévia, mas que ao mesmo tempo insere o novo e apresenta ao leitor uma perspectiva contemporânea, atual de leitura, só é possível associada as peculiaridades estéticas, de conteúdo e forma que uma história em quadrinhos carrega, tal afirmação será nosso norteador nesse artigo.

NORBERT ELIAS E O HOMEM CIVILIZADO

Para analisarmos as mudanças presentes na maneira de se vestir, de se comportar, de se relacionar entre as pessoas e com a sociedade em que estão inseridas, mas também nos detalhes, nas mudanças em longo prazo e nos costumes como um todo, afetando o contexto em que o homem vive e tudo que o rodeia, elegemos o autor Norbert Elias para embasar o que aqui nos propomos a realizar.

O autor discute o processo que leva até a edificação do “corpo civilizado”, aqui este se mostra controlado pela mente, distante do eu. O mesmo se faz presente na busca por normas para conviver em sociedade.

Como bem nos apresenta Costa (2012) ao analisar a visão eliasiana de novos contextos separando o homem de suas funções corporais e analisando a mudança de comportamento destes:

[...]no decorrer do século XIX as distâncias foram encurtadas, os oceanos interligados, as grandes ferrovias intercontinentais aproximaram os extremos.

E tal convivência só se fez suportável mediante a automatização de um número infindável de regras de controle corporal (COSTA, 2012, p. 51).

Os manuais ricamente analisados por Elias (1990) no livro *Processo Civilizador* nos apresentam a construção humana como uma obra lenta e longa do próprio homem. Através da análise dos históricos manuais de comportamento o autor vai mostrando o que era preciso ser ensinado e que o passar do tempo gerou a introjeção de costume, para tanto o mesmo não precisava mais constar nos manuais, como o hábito de palitar os dentes com uma adaga.

Optamos aqui por buscarmos no conceito de “civilização de costumes” de Elias (1990) o nosso apoio conceitual, acreditamos que o desenvolvimento dos modos de conduta que foi abordado pelo autor na obra *O Processo Civilizador* (vol.1) prova que a atitude do homem é moldada pelo tempo, pela sociedade que o cerca e por outros fatores diversos, não existe atitude natural no homem.

A cada página que se passa da história em quadrinhos Moby Dick assistimos a mudança do homem, no comportamento, na aparência e psiquicamente, retratada pelas alterações que o Capitão Ahab sofre em seu semblante, em suas atitudes e no seu rosto conturbado, só possível de ser visto, e não apenas imaginado, em uma publicação desse formato e conteúdo.

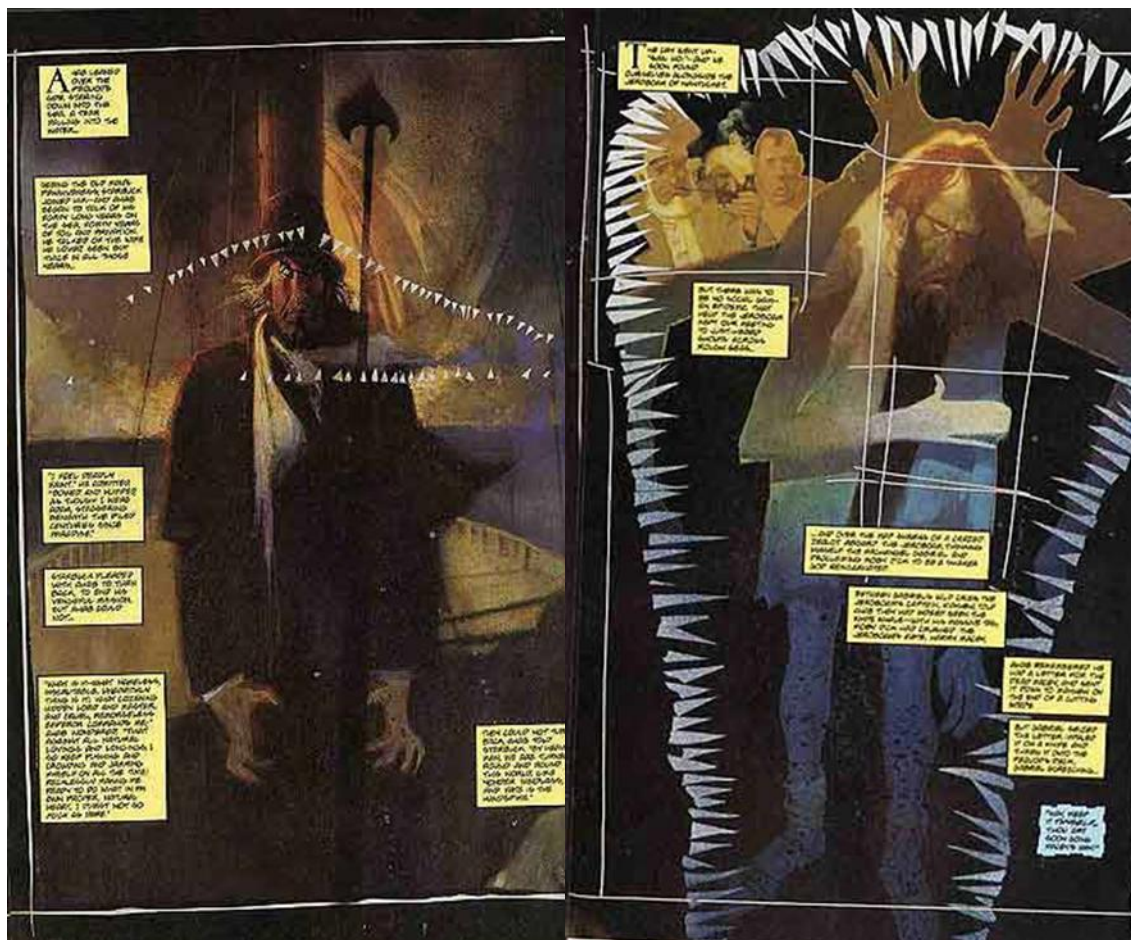
Na primeira página que retratamos nas figuras 1 e 2, logo no início da história em quadrinhos, temos um Ahab barbeado, com roupas alinhadas e mirando as mandíbulas representadas como pequenas em relação ao seu corpo, já na segunda página que analisamos vemos o mesmo capitão apartado de sua tripulação, com a barba imensa, com o olhar atordoado e as mandíbulas imensas o envolvendo como um todo.

O capitão acaba por transformar a luta contra a baleia no centro de sua vida, desarruma seus esquemas psíquicos e rompe com os limites do que poderia se supor como civilizado no contexto histórico em que a trama se desenvolve.

Na representação da página 16, Moby Dick influencia de tal forma Ahab que a mão deste segundo representa o mamífero, retrato da deterioração do seu estado mental representada em profundidade nos vários detalhes deste desenho, aqui a linguagem dos quadrinhos se expressa de maneira clara, a arte de Sienkiewicz, atual e dinâmica, contrasta com o livro

clássico e dá uma roupagem nova a trama, valoriza o drama pessoal e o processo de somatização do capitão, a perda das amarras civilizacionais que envolvem Ahab marcam cada página da história em quadrinhos.

Figura 1: páginas 2 e 16 da história em quadrinhos Moby Dick de Herman Melville



Fonte: Bill Sienkiewicz (1990).

Para Elias há um condicionamento no comportamento humano, o autor é levemente behaviorista, segundo o professor Renato Janine Ribeiro na introdução a edição brasileira do livro *O Processo Civilizador* (vol.1), o sociólogo respeita os costumes que se civilizaram, tem até simpatia relativa por estes, no entanto vê o processo de condicionamento como algo caro.

Nos parece em sintonia com o que aqui nos propomos estudar, a mudança dos costumes e hábitos contidos na história Moby Dick, de seu momento original em sua primeira publicação até a versão publicada como uma novela gráfica (*graphic novel*).



O condicionamento criado no contexto retratado na HQ passa a ser do resultado que causou o choque entre a baleia, o Capitão Ahab e sua tripulação. Aos poucos se dissipa todo o referencial de civilizado trazido das cidades e de seus portos e impera o construído na nova relação longa e rotineira entre humanos e animal.

Para fazer tal afirmação, embasar o debate teórico que aqui nos propomos quando afirmamos que as mudanças na sociedade passaram por um processo de divulgação de novos costumes que tinham abertura nas pessoas para assimilá-los, para serem educadas nos hábitos e características que emergiam, citamos aqui a visão de Elias sobre o homem ocidental:

O homem ocidental nem sempre se comportou de maneira que estamos acostumados a considerar como típica ou como sinal característico do homem “civilizado” (ELIAS, 1990, p. 13).

Tal raciocínio se aproxima da afirmação de Elias (1990) acerca da relação entre mudanças na estrutura da sociedade que são acompanhadas de mudanças de estrutura de comportamento e da constituição psíquica, estas nos ajudam a entender a maneira mais tensa e radicalizada que o Capitão encara a baleia Moby Dick e o que esta poderia personificar nos dias de hoje.

Vivemos numa sociedade cada vez mais tensa, complexa e peculiar do que a do período em que a obra teve sua primeira versão publicada, esta tensão psicológica e psíquica é destacada na história em quadrinhos. Acreditamos, em consequência disso, ser importante sublinhar que para Elias (1990) *civilização* não significa necessariamente a transformação em algo melhor, bem como há diferentes definições para esta, o sociólogo exemplifica isso na maneira em que os franceses e ingleses empregam a palavra de maneira distinta que os alemães.

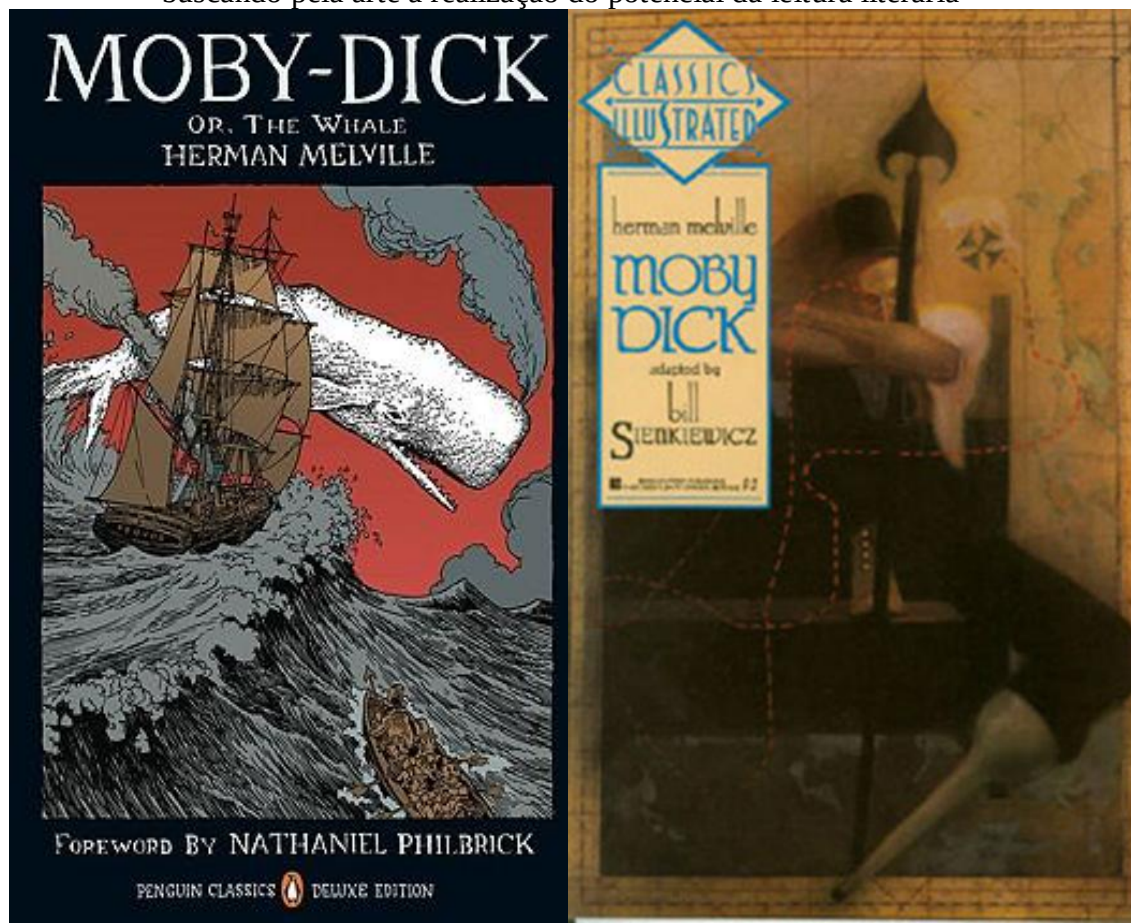
A pressão para seguir os hábitos, de tê-los como referência dos costumes, é profundamente afetada em alto mar, longe da sociedade, imersa em um contexto onde o barco passa a ser o limite do que seria justo ou não, do que deveria ser ou não feito, bem como seu capitão passa a ser a referência a ser seguida, o guia moral das situações. Citamos aqui Elias para dar mais consistência a tal argumento:

As unidades sociais que chamamos nações diferem muito na estrutura da personalidade de seus membros, nos esquemas através dos quais a vida

emocional do indivíduo é moldada sob pressão da tradição institucionalizada e da situação vigente (ELIAS, 1990, p, 49).

Entendemos que a referida *civilização* não é algo estanque, um estado em um determinado momento, mas sim um processo que deve prosseguir, como afirma Elias (1990) em seu livro *Processo Civilizador*. O barco, seus tripulantes, o confronto em alto mar, todos esses detalhes nos mostram a perda do construído como civilização perante o enfrentamento com o mamífero, a situação de anomia que vai se construindo a cada página, a perda de referência dos valores constituídos da sociedade da época.

Figura 2: Capa de edição da obra original e adaptação de Moby Dick em quadrinhos: buscando pela arte a realização do potencial da leitura literária



Fonte: Hermann Melville com prefácio de Nathaniel Philbrick (2009) e Adaptação de Bill Sienkiewicz da obra de Hermann Melville (1990).

As capas das edições que retratamos nas figuras 3 e 4 respectivamente nos permitem ver o enfoque prioritário dado ao Capitão Ahab na história em quadrinhos e a baleia branca



Moby Dick no livro, praticamente todas as edições literárias da obra por nós pesquisadas davam foco na capa das mesmas ao mamífero, não ao capitão. Na versão no formato livro precisamos imaginar tal situação, na nova como história em quadrinhos a tensão dos desenhos de Bill Sienkiewicz, a maneira como reproduz com cores e linhas fortes, com muito simbolismo e representações da mandíbula de Moby Dick nos ajuda a sentir mais diretamente toda a situação proposta.

O conceito de *civilização* não é novo no mundo ocidental, remete a Idade Média e sua sociedade de cavaleiros e a unidade da Igreja Católica se espalhando pelo ocidente, em um momento marcado por guerras de colonização e de expansão, nas palavras de Elias (1990).

Aqui destacamos o cuidado que é preciso para não estabelecer uma oposição entre o que é ou não civilizado, o que iria de encontro as ideias que emanaram dos estudos de Elias ao analisar a chegada do significado de *civilização* ao ocidente e da visão de civilização enquanto processo contínuo e não momento específico conquistado:

Na verdade, nossos termos “civilizado” e “incivil” não constituem uma antítese de tipo existente entre o “bem” e o “mal”, mas representam, sim, fases em um desenvolvimento que além do mais, ainda continua. É bem possível que nosso estágio de civilização, nosso comportamento, venham despertar em nossos descendentes um embaraço semelhante ao que, às vezes, sentimos ante ao comportamento de nossos ancestrais. O comportamento social e a expressão de emoções passaram de uma forma e padrão que não eram um começo, que não podiam em sentido absoluto e diferenciado ser designados de “incivil”, para o nosso, que denotamos com a palavra “civilizado”. E para compreender esse último temos que recuar no tempo até aquilo de onde emergiu. A “civilização” que estamos acostumados a considerar como uma posse que aparentemente nos chega pronta e acabada, sem que perguntemos como viemos a possuí-la, é um processo ou parte de um processo em que nós mesmos estamos envolvidos. Todas as características distintivas que lhe atribuímos – a existência da maquinaria, descobertas científicas, formas de Estado, ou o quer que seja, atestam a existência de uma estrutura social peculiar de relações humanas, de uma estrutura social peculiar, e de correspondentes formas de comportamento (ELIAS, 1990, p. 73)

A obra aqui analisada encerra com o ruir desta civilização representada pelo barco, seu capitão em particular, mas também sua tripulação que vai sendo gradativamente eclipsada no confronto entre Ahab e a baleia.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

As histórias em quadrinhos são uma forma peculiar de expressão comunicativa para além da arte tradicional e da literatura na atualidade, carregam a possibilidade de articulação entre dois aspectos da nossa arte: as letras e os desenhos, além de conseguirem expressar sensações de movimentos e outras nuances nas quais são únicas, singulares.

Reafirmar isso é assumir que a obra de Bill Sienkiewicz só é possível por ter se inspirado no original de Herman Melville, mas o autor não parou por aí, sua interpretação do clássico *Moby Dick* vai para além da transposição de um formato para o outro.

A história em quadrinhos que aqui analisamos abriu possibilidades e rumos de análise, tornou-se um desdobramento para além do publicado, um novo enfoque para o clássico, tornando-o atual sem desrespeitar sua essência, mas comunicando com o leitor através de outra mídia, com toda sua peculiaridade e potencialidade de articular letras, textos, movimentos e sensações que nunca seriam possíveis no clássico de Melville.

Comparar de maneira responsável e científica, não mecânica ou apaixonada, nos permite ter acesso ao melhor de dois momentos históricos distintos do homem ocidental num intervalo de cerca de 150 anos entre estas duas leituras da mesma obra.

Moby Dick nos ajuda compreender na arte de Sienkiewicz como nos tornamos complexos cada vez mais, como a civilização avança e se altera, embora escrito e desenhado a partir do texto original de Melville a obra que o quadrinhista cria é algo novo, singular, para além do livro, mas ao mesmo tempo ancorada nele.

Dito isto, Melville nos prova na obra original que nós temos dificuldades de enfrentar e buscamos conseguir o que queremos a todo custo há séculos, nos apresenta um enfoque no humano, no vulnerável ao contexto, transmutando hábitos, alterando costumes, tudo em função da conquista de um objetivo que surge por uma obsessão humana de conquista apresentada na obra.

O ser humano luta constantemente contra o molde civilizado, é forçado em seu limite quando posto em situações do porte de enfrentar uma descomunal baleia, clara e



materializada na versão original do livro e complexa e talvez subjetiva na história em quadrinhos.

Cabe a quem as lê fazer uma nova interpretação, dar um novo enfoque e apresentar o seu entendimento do proposto, um viés potencializado por ambos os autores, mesmo que em momentos históricos distintos da escrita.

A análise que aqui apresentamos se propõe a permitir o acesso estudado, pesquisado e analisado a obra de Bill Sienkiewicz que apresenta uma nova forma de interpretar um clássico, acreditamos que as histórias em quadrinhos aqui analisadas em duas páginas da novela gráfica *Moby Dick* dão uma primeira impressão a quem as lê não somente em seus textos, mas para os que o fazem “lendo” também o significado de cada peculiaridade contida em todos os recantos do desenho do autor.

Dar novo significado a uma obra literária e criar um significante diferente para um personagem clássico é algo em voga no século XX e ainda mais no atual século XXI, proliferam as adaptações quadrinhísticas que se propõe a rerepresentar os clássicos a um novo público leitor.

Vários desses, inclusive os publicados por editoras brasileiras, seguem o caminho percorrido pela coleção *Classic Illustrated* da editora norte-americana *First Comics* e não se limitam a apresentar imagens ilustrando textos, vão além: nos dão histórias em quadrinhos mescladas aos textos clássicos, misturadas com o já escrito, gerando algo único, singular.

Poderíamos ousar afirmar que o novo que surge está além da literatura e das histórias em quadrinhos, é algo que ainda carece de definição, possui elementos tanto de uma quanto de outra, mas repele classificações apressadas que possam limitar algo tão amplo, plural e inovador.

Mas aqui valorizamos o exercício possível de ser feito na mudança de configuração presente nas duas obras, a maneira com que isso é feito na literatura e nas histórias em quadrinhos corroboram as teses de Norbert Elias sobre a quebra de referência que ali ocorre no contexto do barco e dos dramas ali vividos pelos personagens envolvidos na trama dos autores.

REFERÊNCIAS

COSTA, C. **A Revista no Brasil do Século XIX**: a história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro. São Paulo: Alameda, 2012.

ELIAS, N. **Introdução à sociologia**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1990.

ELIAS, N. **O processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 1994a. 1 v.

MELVILLE, H. **Moby-Dick Deluxe Edition**. New York: Penguin Books, 2009.

MODENESI, T. V. As charges educando no segundo reinado do império brasileiro. **Imaginário!** v.1, p.91 - 114, 2014. Disponível em:
<<http://www.memorialhqpb.org/ebooks/imaginario-06-pdf/4-thiagomodenesi.pdf>>
Acesso em 11 de novembro de 2018.

MODENESI, T. V.; CASELLA, R. A. N. Historietas peruanas e a tradição incaica. **Estudos Teológicos** (Online)., v.56, p.85 - 97, 2016. Disponível em:
<http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/2739>. Acesso em 11 de novembro de 2018.

MODENESI, T. V.; SOUZA, E. F.; MENEZES, V. G. A revista ilustrada educando para a república. **Discursos Fotográficos**., v.20, p.231 - 252, 2016. Disponível em:
<www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/download/.../pdf>
Acesso em 11 de novembro de 2018.

SIENKIEWICZ, B.; MELVILLE, H. **Moby Dick (Classic Illustrated)**. New York: First Comics, 1990.

SOUZA, E. F.; MODENESI, T. V. Quadrinhos e charges de Angelo Agostini educando na perspectiva abolicionista. **Protestantismo em Revista**., v.36, p.127 - 137, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/2457>> Acesso em 11 de novembro de 2018.

VERSÃO INTEGRAL EM LÍNGUA INGLESA

ORIGINAL ARTICLES AND ESSAYS: SEQUENTIAL GRAPHICAL NARRATIVE IN ANALYSIS

Moby Dick in a new point of view: The adaptation of Herman Melville's Work in Classic Illustrated Collection³

Thiago Vasconcellos Modenesi⁴

³ Received on 09/18/2018, version approved in 11/11/2018.

⁴ Currently he is teaching at undergraduate level in several courses and postgraduate degree in the Professional Master in Innovation and Development (MPID), both at the Guararapes University Center (UNIFG) and as a permanent professor and in the professional Master in management Public for the development of the Northeast (MGP) of the Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) as a collaborating teacher. Holds a bachelor's degree in history from Universidade Federal de Pernambuco UFPE (2002); Specialization in history teaching at Universidade Federal Rural de Pernambuco UFRPE (2007); Master's degree in education from UFPE (2012) and PhD in Education, UFPE (2015). He is the leader of the Interdisciplinary group of Research in comic books, cartoons and cartoons (GIPHQ). Works in Research Group In Reading, Writing And Narrative (PLENA), as researcher and member of the editorial board. Works in Association of Researchers in Sequential Art (ASPAS) as researcher and advisor.



INTRODUCTION

This article aims to analyze the mechanisms of adaptation of a classic work of literature to the present day, apart from the time it was originally written and graphic form with content developments and results after finalized and published different from the original, here as history comic published in the twentieth century.

The outstanding importance we give to the new historical moment in which the work is reinterpreted. We seek here relate linguistic, historical and aesthetic features, only possible in the history of comic format, with the original text proposed by Melville. To achieve this end we support the theories of Norbert Elias on the history and cultural impact of the customs, habits and relationships have for each company.

The original work, *Moby Dick*, is 1851, the adaptation which we analyze is designed by artist Bill Sienkiewicz and published in 1990 by the American publisher First Comics, part of the collection Classics Illustrated.

The use to carry out a comparative analysis between the classical text and new context, here we study what remains and what is updated on the work, we understand that the author seeks in his art to preserve the essence of the original book, but we emphasize that it is inevitable update for those who have read or will read: there are colors, shapes, characters and new dynamics, due to the time it suffers rereading. Here we discuss how it reaches or not the content of it and what the new publication repercussions the instant that this goes public and gives a new perspective on the classic book.

Comic books (comics) proffer us the possibility of dialogue between the image and the text, taking into account being deeply imagery beings, the potential of this form of publication is quite broad. When we think of something, someone or something we do not in the form of letters or sounds, automatically associate images to our reasoning, our mind, the story of humanity itself is portrayed in images from pre-history, in ancient Egypt and in several other moments of humanity.

Then, reading (or rereading for those who had contact with the original work) on the focus of comics for this work is more than an adaptation, it gives rise to a new work, something



unique that is at the same time it is not the original Herman Melville, but retains something of the essence of the book that inspired the comic book created by young artist.

This possibility of studying something that has a connection with an original literary work, which is based on his writings and in his previous mythology, but at the same time insert the new and introduces the reader to a contemporary perspective, the current reading is only possible associated aesthetic peculiarities, content and form that a comic loads, such a claim will be our guiding this article.

NORBERT ELIAS AND CIVILIZATION MAN

To analyze the changes present in the way you dress, behave, to bond between the people and the society in which they operate, but also in the details, the changes in long-term and customs as a whole, affecting the context where man lives and everything that surrounds it, we elected the author Norbert Elias here to support what we propose to do.

The author discusses the process that leads to the building of the "civilized body," here shows this is controlled by the mind, away from me. The same is present in the search for rules to live in society.

As well presents Costa (2012) when analyzing the eliasiana vision of new contexts separating man from his bodily functions and analyzing the change of behavior of these:

[...] over the distances of the nineteenth century were shortened, the interconnected oceans, large intercontinental railroads approached the extremes. And this coexistence is only made bearable by automating an endless number of body control rules (Costa, 2012, p. 51)

Manuals richly analyzed by Elias (1990) in the book *Civilizing Process* present in the human construction like a slow and long work of man himself. By analyzing the behavior of manual historical author will show what had to be taught and that over time has generated the usual introjection, therefore it did not need to be included in textbooks as the habit of picking his teeth with a dagger.



We chose here for seeking the concept of "civilization of manners" Elias (1990) our conceptual support, we believe that the development of modes of conduct which was discussed by the author in the work *The Civilizing Process* (vol.1) proves that the attitude of the man is shaped by time, by the society that surrounds and other various factors, there is no natural attitude in man.

Every page that passes from comic book *Moby Dick* watch the change of man, in behavior, appearance and psychically, portrayed by changes that Captain Ahab suffers in his face, in his attitudes and his troubled face, only possible be seen, and not only imagined, in a publication of the format and content.

On the first page that portrayed in figure 1, at the beginning of the comic book, we have a shaved Ahab-lined clothing and targeting the jaws represented as small in relation to its body, in the second page that we look we see the same captain separated from his crew, with the immense beard, with the dazed look and massive jaws enveloping as a whole.

The captain eventually transform the fight against whale in the center of his life, litters his psychic schemes and breaks with the limits of what could be assumed as civilized in the historical context in which the plot develops.

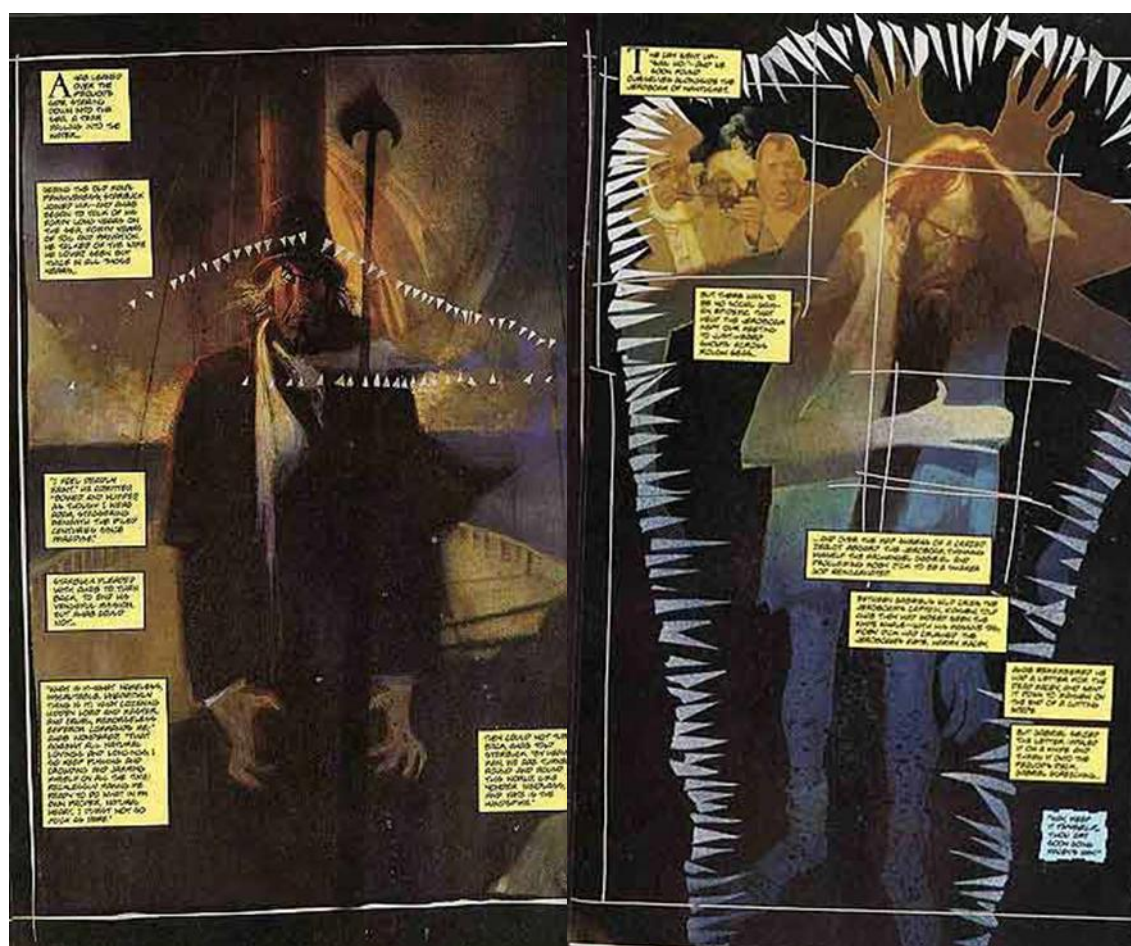
The page representation 16 *Moby Dick* influences such Ahab so that the hand of the second represents the mammal, portrait of the deterioration of the represented state of mind in depth in the various details of this design, here the language of comics is expressed clearly, art of Sienkiewicz, current and dynamic, in contrast to the classic book and give a new look to the plot, values the personal drama and somatization process captain, loss of civilizational ties involving Ahab mark each page of the comic book.

For Elias there is a conditioning of human behavior, the author is slightly behaviorist, according to Professor Renato Janine Ribeiro introduction in the Brazilian edition of the book *The Civilizing Process* (vol.1), sociologist respects the customs that civilized, has to relative sympathy for these, however see the conditioning process as something expensive.

It seems in tune with what we propose to study the change of customs and habits contained in the Moby Dick story, from its original time of its first publication to the version published as a graphic novel (graphic novel).

The conditioning created in the context portrayed in the comic becomes the result that caused the clash between the whale, Captain Ahab and his crew. Gradually dissipates the entire civilized framework brought the cities and their ports and built the new rules the long and routine relationship between human and animal.

Figure 1: Pages 2 and 16 of Herman Melville's Moby Dick comic story



Source: Bill Sienkiewicz (1990).

To make such a claim, base the theoretical debate that we propose when we say that changes in society have undergone a process of dissemination of new customs that were opening on people to assimilate them to be educated in the habits and characteristics that emerged, we quote here Elias' vision of Western man:

Western man not always behaved in a way we are accustomed to consider as typical or as a characteristic sign of the "civilized" man (ELIAS, 1990, p. 13)

Such reasoning approaches of Elias's statement (1990) about the relationship between changes in the structure of society that are accompanied by changes in behavior and psychic constitution structure, they help us understand the most tensely and radicalized that Captain sees the whale Moby Dick and that this could embody these days.

We live in an increasingly tense, complex and peculiar society than the period in which the work had its first published version, this psychological stress and mental is highlighted in the comic book.

We believe it is important to stress that for Elias (1990) civilization does not necessarily mean the transformation of something better, and there are different definitions for this, the sociologist exemplifies this in the way in which the French and English use the word differently than the Germans.

The pressure to follow the habits, to have them as a reference of customs, is deeply affected at sea, away from society, immersed in a context where the boat becomes the limit of what would be fair or not, than it should be or not done as well as their captain becomes the reference to be followed, the moral guide of situations. We quote here Elias to give more consistency to this argument:

Social units that we call nations differ greatly in their personality structure members, the schemes by which the individual's emotional life is shaped under pressure of institutionalized tradition and the status quo (Elias, 1990, p. 49)

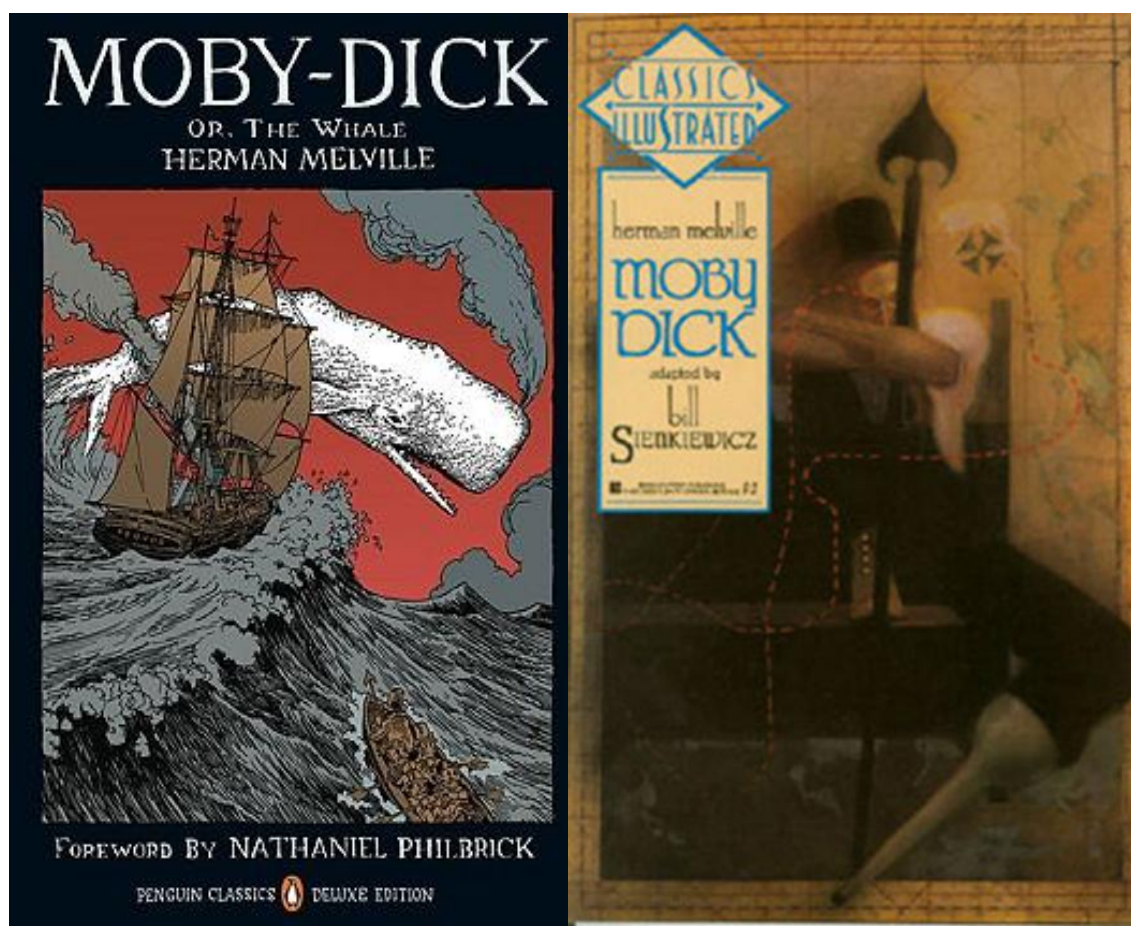
We understand that that civilization is not something tight, a state at a given time, but a process that must continue, as stated by Elias (1990) in his book *Civilizing Process*. The boat, its crew, the confrontation on the high seas, all these details show us the loss of built as a civilization before the confrontation with the mammal, the situation of anomie that is being built every page, the loss of reference values consisting of society of the time.

The covers of the issues portrayed in figure 2 respectively allow us to see the primary focus given to Captain Ahab in the comic book and the white whale Moby Dick in the book, virtually every literary editions of the work surveyed us for give focus on the cover of the same mammal, not the master.

In the version in the book format need to imagine such a situation in the new as comic tension of Bill Sienkiewicz drawings, the way plays with colors and strong lines, with a lot of symbolism and representations of Moby Dick jaw helps us to feel more directly all the given situation.

The concept of civilization is not new in the Western world, brings the Middle Ages and his company of knights and the unity of the Catholic Church spreading the West, at a time marked by wars of colonization and expansion, in Elias's words (1990).

Figure 2: Cover edition of the original work and adaptation of Moby Dick in comics: seeking for art the realization of the potential of literary Reading



Source: Hermann Melville with preface by Nathaniel Philbrick (2009) and comic's adaptation of Bill Sienkiewicz of the work of Hermann Melville (1990).

Here we highlight the care that it takes to not establish an opposition between what is and is not civilized, which would be against the ideas that emanated from the Elias studies to

analyze the arrival of the meaning of civilization to the West and the civilization vision as a process continuous and not specific time won:

In fact, our terms "civilized" and "uncivil" do not constitute an existing kind of antithesis between "good" and "evil", but represent stages in a development that besides, still continues. It is quite possible that our civilization stage, our behavior, our descendants will awaken an embarrassment similar to what sometimes felt at the behavior of our ancestors. Social behavior and the expression of emotions went from a form and pattern that was not a beginning, not at all could be designated and differentiated sense of "uncivil" to ours, which we denote with the "civilized" word. And to understand the latter we must go back in time to that from which emerged. "Civilization" we are accustomed to consider as a possession which apparently comes in ready and finished, without us to ask how we came to possess it, is a process or part of a process in which we ourselves are involved. All distinguishing characteristics we attribute to it - the existence of machinery, scientific discoveries, ways of state, or whatever, attest to the existence of a peculiar social structure of human relations, a peculiar social structure, and corresponding forms of behavior (Elias, 1990, p. 73).

The work analyzed here ends with the collapse of this civilization represented by the boat, its captain in particular, but also its crew is being gradually eclipsed in the confrontation between Ahab and the whale.

FINAL CONSIDERATIONS

The comics are a peculiar form of communicative expression beyond the traditional art and literature today, carry the possibility of links between two aspects of our art: the letters and drawings, as well as get express sensations of motion and other nuances in which they are unique, singular.

To reaffirm this is to assume that the work of Bill Sienkiewicz is only possible to have been inspired by original Herman Melville, but the author did not stop there, his interpretation of the classic Moby Dick goes beyond the transposition from one format to another.

The comic we reviewed here opened possibilities and analysis of course, became an unfolding beyond the published, a new approach to the classic, making the current while respecting its essence, but communicating with the reader through other media, with all

its peculiarity and capability to articulate letters, texts, movements and sensations that would never be possible in the classic Melville.

Compare responsibly and scientific, mechanical or not in love, it allows us to access the best of two different historical moments of Western man within about 150 years entre these two readings of the same work.

Moby Dick helps us understand the art of Sienkiewicz as we become increasingly complex, as civilization advances and changes, although written and designed from the original text of Melville's work that the comic artist creates is something new, unique, beyond the book, but at the same time anchored in it.

That said, Melville in evidence in the original work we have difficulties to face and seek to get what we want at all costs for centuries, presents us with a focus on human, the vulnerable context, transmuting habits, changing customs, all depending on the achievement a goal that comes with a human obsession with achievement presented in the work.

The man constantly fighting civilized mold, is forced at its limit when put in possession of facing an enormous whale situations, clear and embodied in the original version of the book and complex and perhaps subjective in comics.

It is the one who reads them make a new interpretation, giving a new approach and present their understanding of proposed an enhanced bias by both authors, even in historical writing different times.

The analysis presented here is proposed to allow access studied, researched and analyzed the work of Bill Sienkiewicz that presents a new way of interpreting a classic, we believe that the comics here analyzed in two pages of the graphic novel Moby Dick give a first printing one who reads them not only in their texts, but for those who do "reading" also the meaning of each peculiarity contained in every corner of the author of the design.

Giving new meaning to a literary work and create a significant different to a classic character is something in vogue in the twentieth century and even more in the current

twenty-first century, proliferate the adjustments that it proposes to reintroduce the classics to a new readership.

Several of these, including those published in Brazil, following the path taken by the collection Classics Illustrated's North American publisher First Comics and are not limited to display images illustrating texts, go beyond: give us comics merged the classical texts, mixed with already written, creating something unique, singular.

We might dare to say that the new that arises is beyond literature and comics, it is something that still lacks definition, has elements of both the one and the other but repels hasty ratings that may limit something as broad, plural and innovative.

But here we value the possible exercise to be done in changing this setting in two works, the way it is done in literature and comic books corroborate the theses of Norbert Elias on the reference break that occurs there on the boat context and there dramas experienced by the characters involved in the plot of the authors.

REFERENCES

COSTA, C. **A Revista no Brasil do Século XIX**: a história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro. São Paulo: Alameda, 2012.

ELIAS, N. **Introdução à sociologia**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1990.

ELIAS, N. **O processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 1994a. 1 v.

MELVILLE, H. **Moby-Dick Deluxe Edition**. New York: Penguin Books, 2009.

MODENESI, T. V. As charges educando no segundo reinado do império brasileiro.

Imaginário! v.1, p.91 - 114, 2014. Disponível em:

<<http://www.memorialhqpb.org/ebooks/imaginario-06-pdf/4-thiagomodenesi.pdf>>

Acesso em 11 de novembro de 2018.

MODENESI, T. V.; CASELLA, R. A. N. Historietas peruanas e a tradição incaica.

Estudos Teológicos (Online)., v.56, p.85 - 97, 2016. Disponível em:

<http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/2739>. Acesso

em 11 de novembro de 2018.



MODENESI, T. V.; SOUZA, E. F.; MENEZES, V. G. A revista ilustrada educando para a república. **Discursos Fotográficos.**, v.20, p.231 - 252, 2016. Disponível em: <www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/download/.../pdf> Acesso em 11 de novembro de 2018.

SIENKIEWICZ, B.; MELVILLE, H. **Moby Dick (Classic Illustrated)**. New York: First Comics, 1990.

SOUZA, E. F.; MODENESI, T. V. Quadrinhos e charges de Angelo Agostini educando na perspectiva abolicionista. **Protestantismo em Revista.**, v.36, p.127 - 137, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/2457>> Acesso em 11 de novembro de 2018.



ARTIGOS ORIGINAIS E ENSAIOS: TEMÁTICA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Internet e suas imagens interpretativas possíveis e inimagináveis:

*Comunicação e Educação*¹

Internet and its possible and unimaginable interpretative images:

Communication and Education

Internet y sus posibles e inimaginables imágenes interpretativas:

Comunicación y Educación

Paulo da Silva Quadros²

¹ Recebido em 11/09/18, versão aprovada em 11/11/2018.

² Tecnólogo em Processamento de Dados pela FATEC-SP, bacharel em Letras pela FFLCH/USP, Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP e Doutor em Educação pela FE/USP. É também professor-tutor da Universidade Virtual Brasileira (UVB), além de desempenhar outras atividades profissionais na instituição, como, por exemplo, revisor dos vários módulos de cursos de graduação da UVB. Pesquisador do Grupo de Pesquisa em Leitura, Escrita e Narrativa (PLENA). Participa ainda do Grupo de Pesquisa Alpha do Núcleo de Educação de Jovens e Adultos da Faculdade de Educação da USP (NEA-FE/USP). É articulista e parecerista da Revista Espaço do Professor, da Universidade Anhembi Morumbi..

RESUMO

A presente comunicação, por meio da análise dos modelos epistemológicos adotados por diferentes escolas teóricas, e naturalmente de suas imagens evocadas, traça uma frisa evolutiva da interpretação das relações comunicativas, educativas e evocativas da memória coletiva, nos suportes digitais da internet e na sua geografia digital. Árvore, Rede e Rizoma se sucedem como imagens evocativa desse conjunto de relações sociais, sem contudo esgotar a natureza complexa do fenômeno das mídias digitais, nem a velocidade de sua evolução e o impacto nas formas de narrar, redigir, registrar, apropriar-se e identificar-se no mundo do conhecimento. Em última análise, as mediações tecnológicas devem ser vistas, indubitavelmente, como meios que favorecem tanto o contato humano mediado ou mediatizado como novas possibilidades interpretativas do conhecimento humano que não devem ser vistas como únicas, absolutas, hegemônicas.

PALAVRAS-CHAVE: Internet. Produção de Conhecimento .Disseminação da Informação e do Conhecimento.

ABSTRACT

The present communication, through the analysis of the epistemological models adopted by different theoretical schools, and of course their evoked images, traces an evolutionary frise of the interpretation of the communicative, educational and evocative relations of Collective memory, digital Internet media and digital geography. Tree, network and rhizome succeed as evocative images of this set of social relations, without yet exhausting the complex nature of the phenomenon of digital media, nor the speed of its evolution and the impact on the ways of narrating, writing, registering, appropriating and Identify themselves in the world of knowledge. Nowadays, technological mediations should be seen, undoubtedly, as means that favor both mediated or mediatized human contact as new interpretive possibilities of human knowledge that should not be seen as unique, Absolutes, hegemonic.

KEYWORDS: Internet. Knowledge production. Dissemination of information and knowledge.

RESUMEN

La presente comunicación, a través del análisis de los modelos epistemológicos adoptados por diferentes escuelas teóricas, y por supuesto de sus imágenes evocadas, traza un sendero evolutivo de la interpretación de lo comunicativo, educativo y evocativo relaciones de memoria colectiva, medios digitales de Internet y geografía digital. El árbol, la red y el rizoma triunfan como imágenes evocadoras de este conjunto de relaciones sociales, sin agotar aún la compleja naturaleza del fenómeno de los medios digitales, en la velocidad de su evolución y el impacto en las formas de narrar, escribir, registrar, apropiarse e identificarse en el mundo del conocimiento. En la actualidad, las mediaciones tecnológicas deben verse, indudablemente, como medios que favorezcan el contacto humano mediado o mediado como nuevas posibilidades interpretativas del conocimiento humano que no deben ser vistas como únicas, absolutas, hegemónicas.

PALABRAS CLAVE: Internet. Producción de conocimiento. Difusión de la información y conocimiento.



INTRODUÇÃO

Muito se tem falado a respeito da internet a partir de imagens elucidativas que povoam o imaginário humano há bastante tempo. A princípio, nos anos 90, havia ainda muita precariedade conceitual em relação a este novo meio de informação e comunicação. Neste sentido, procurava-se então recorrência na ponte conceitual entre várias teorias já existentes provenientes de inúmeras áreas do conhecimento, que pudessem fornecer uma interpretação adequada ao fenômeno cultural que estava sendo desencadeado por este novo meio. Não havia ainda teorias interpretativas consistentes direcionadas, em especial, ao tema de uma mídia digital florescente como era o caso da internet.

Infelizmente, por maior que fosse o esforço elucidativo, muitas destas teorias não conseguiam dar conta de prover subsídios interpretativos necessários à compreensão deste novo fenômeno como um todo, dada a natureza da sua complexidade e singularidade.

Sem dúvida, durante muito tempo a imagem mais recorrente para se interpretar a internet foi a imagem da rede. Vista em amplo aspecto, esta visão definia um campo complexo de relações entre o humano e o tecnológico. Associava-se, assim, a idéia de redes tecnológicas com a noção de redes humanas ou sociais, e de como o entendimento das formas de desenvolvimento destas redes na sociedade poderiam potencializar novos usos da internet para fins diversificados da atividade humana.

Outras imagens também mereceram destaque no sentido tanto de representar o processo de construção do conhecimento humano, ao longo da história da humanidade, como de incorporar aspectos que atualizassem os referenciais interpretativos dentro de uma ótica mais contemporânea para se vislumbrar o conhecimento da natureza, a natureza do conhecimento, o conhecimento do mundo e o mundo do conhecimento (MORIN: 2000). Entre elas, além da imagem da rede, já anteriormente mencionada, podemos presumir, sem dúvida, outras duas também já bastante conhecidas: a imagem da árvore e a do rizoma. Vejamos a seguir como Cada uma delas apreende a visão do conhecimento humano e como podem ser empregadas para interpretar o fenômeno cultural da internet.



A IMAGEM DA ÁRVORE

Naturalmente, a simbologia da árvore, aplicada à vida e ao conhecimento remete ainda aos textos sagrados. No mito bíblico do paraíso, podemos claramente encontrar dois tipos de árvores bem conhecidas: “a da vida (símbolo da imortalidade?) e a do conhecimento do bem e do mal (a árvore proibida)” (ASSMANN: 1999, p. 76). Esta imagem servia, portanto, para caracterizar, de uma forma bem divisória, a distinção entre bem e mal, a qual nos permitiria sermos deuses para julgar todas as coisas existentes. Na verdade, esta visão acalentava o acesso ao conhecimento absoluto, impossível de se obter, e por isto mesmo, talvez, até simbolicamente proibido.

Esta árvore proibida pode ser didaticamente representada na atualidade pela ciência obcecada sempre por totalidades, a partir da figura do Uno e da busca aparente e constante na simetria entre as coisas. Naturalmente, o conhecimento científico espelha este desejo ensandecido por meio de várias imagens modernas: simetria, ordem, equilíbrio, metas claras e bem definidas, linha de produção industrial, entre outras. O poder regulador dos mercados, por exemplo, é um sintoma marcante desta síndrome obsessiva.

Contrariamente a isto, Pierre Lévy emprega o conceito de árvores do conhecimento, dizendo que estas “são fundadas sobre princípios de auto-organização, de democracia e de livre troca na relação com o saber” (LÉVY *apud* QUADROS: 1998). Sua visão enunciava, assim, elementos “de autonomia, liberdade e leveza no espaço da comunicação e negociação entre os diversos atores constituidores de uma nova coletividade extramural - características do projeto de ecologia cognitiva acalentado pelo autor” (QUADROS, 1998). Em certa medida, ele pensa a imagem da árvore associada a um espaço organizado por um conjunto de sinais que compreendem competências de uma dada comunidade (*idem*). Para atestar sua visão conceitual, ele, em conjunto com seu colega Michel Authier, elaborou um *software* que ficou conhecido como árvore do conhecimento, cujo objetivo era mapear as diversas competências dos indivíduos, levando a idéia de ecologia cognitiva até as suas últimas conseqüências práticas.



No entanto, conforme Assmann (1999) atesta, a imagem da árvore remete a uma espécie de voracidade do saber e poder, por parte de quem domina um conhecimento próprio, saboreando-o com prazer degustativo, ao mesmo tempo em que infere a si um certo ar de quem realmente sabe das coisas, sendo capaz de emitir juízos de valor definitivos e inquestionáveis por outros leigos no assunto. Corresponde, portanto, a um apetite infundável e incurável de insaciedade pela finitude das coisas no seu bojo interpretativo.

Segundo Deleuze e Guattari (KENSKI *apud* QUADROS: 1998), “a imagem da árvore relaciona-se com um pensamento que nunca compreendeu a multiplicidade”, já que “o conceito em si sugere um forte elo central, nuclear e polarizador de idéias e atitudes, sendo este nó, ponto sustentador e irradiador de novas significações”.

Neste sentido, denota-se claramente uma característica bem peculiar que constitui a imagem arbórea: “sua lógica binária de estruturação; a metáfora do tronco (ou raiz) original, representativo de um segmento específico do saber, o qual se desdobra, porventura, em ramos, também simbolizando outros segmentos específicos do saber, que funcionam como pontos locais de memória” (KENSKI *apud* QUADROS: 1998). Sendo assim, o poder de significância, obtido com base na estrutura arborescente estabelece-se pela capacidade de se articular diversos pontos de memória, como uma estrutura conceitual fortemente hierarquizante. Daí, pode-se perceber, claramente, dois princípios básicos que regem a lógica arborescente: o princípio do decalque e o da reprodução. O termo decalque sugere, neste caso, a capacidade de se descontextualizar e recontextualizar significados, segundo padrões de desdobramentos e/ou ramificações predeterminadas, pelas quais se mantém o vínculo de dependência ou hierarquia em relação à origem que foi inicialmente empregada para contextualizar o conhecimento apreendido. Trata-se, então, de um processo de sobrecodificação a partir de um eixo ou base central de suporte ou conteúdo (*idem*).

Na verdade, a imagem de árvore tem o seguinte pressuposto estruturador: uma origem comum (fonte primária) da qual se depreende a construção de vários outros conhecimentos (fontes secundárias). Os autores pós-estruturalistas, representados nas figuras de Deleuze, Guattari, Derrida e Baudrillard, com mais ênfase, procuram justamente ir contra a imagem



de um conhecimento absoluto, lançando grande desconfiança em relação aos esforços empreendidos por certos pensadores e cientistas no sentido de sempre se explicar “as origens do conhecimento humano”. Derrida, por exemplo, questiona muitos dos cânones interpretativos consagrados no campo da literatura mundial, mostrando que nenhuma visão pode ser vista como definitiva, em momento algum. Ele também desconfia do termo **origem**, substituindo-o pelo termo **rastros**, que para ele seria mais adequado aos esforços interpretativos, inclusive com respaldos no campo da investigação científica, uma vez que a busca da origem do conhecimento humano é algo inacessível e ilusória, e por assim dizer, impossível de ser restaurada, mediante o que representaria anteriormente, na sua essência, como tal. O rastro derridariano é o próprio sentido de diferença e alteridade circunscrito “pela espacialização do tempo ou a temporalização do espaço” (MARCONDES FILHO: 2004, p.228).

A IMAGEM DA REDE

Embora esta imagem trouxesse uma percepção até certo ponto instigante, logo, ela demonstrou-se insuficiente e, de algum modo, um tanto ingênua para caracterizar o fenômeno da internet como um todo. Para Assmann, a chamada era das redes é marcada por três categorias conceituais importantes: “a hipertextualidade, a conectividade e a transversalidade” (1999, p. 21). Para este epistemólogo brasileiro da educação contemporânea, estas seriam características promissoras em benefício da educação e de uma sociedade solidária e emancipatória, e que exigiriam uma nova sensibilidade perceptiva fruto dos desafios e contradições da contemporaneidade. Neste sentido, muitas questões indagativas advieram com base na metáfora da rede propriamente dita:

- A interconectividade praticamente inabarcável (ASMANN, 1999, p. 173);
- Uma complexidade de interconexões;



- A imagem da própria teia da vida em geral;
- A substituição da visão de estrutura conceitual para a noção do processo interpretativo.

Na verdade, a metáfora da rede pressupõe um nível de descentralização do dinamismo que decorre da natureza de um sistema. Ou seja, sua imagem determina que já não existe propriamente um centro, nem simplesmente uma multiplicidade de centros, mas uma espécie de contínua interpenetração e convocalidade do todo.

Para Nilson Machado (*apud* QUADROS: 1998),

a construção de significados segundo a abordagem redial aponta para os seguintes aspectos característicos:

- compreender é apreender o significado;
- apreender o significado de um objeto ou de um acontecimento é vê-lo em suas relações com outros objetos ou acontecimentos;
- os significados constituem, pois, feixes de relações;
- as relações entretecem-se, articulam-se em teias, em redes, construídas socialmente e individualmente, e em permanente estado de atualização;
- em ambos os níveis - individual e social - a idéia de conhecer assemelha-se à de enredar.

Dentro desta visão, o educador recupera todo o sentido semântico do que é enredar ou criar enredos que propiciam na articulação entre campos de visões, conhecimentos, fatos, objetos, sujeitos, a partir do uso recorrente de analogias, deduções, influências, comparações, ou seja, um grande intrincado de dialogicidades múltiplas. Com isto, pode-se construir uma variedade de interações entre “temas e sujeitos, temas e temas, sujeitos e sujeitos, o conhecido e o desconhecido, o velho e o novo, a parte e o todo, o interior e o exterior”, o contextualizado e o descontextualizado, o conexo e o desconexo ” (QUADROS, p. 39).

Como a rede, a árvore também “se constitui por processos intensos de hierarquização em níveis ou camadas de mais especificidade ” (QUADROS, 1998), contudo, dada a sua natureza binária, a árvore denota em si uma linearidade estrutural no processo de agregar os conhecimentos, sendo também marcada pela continuidade na articulação entre tempo e espaço. É justamente, neste ponto, em que as duas imagens conceituais se diferem, já que a rede contempla em seu aspecto a heterogeneidade ou multiplicidade, própria da natureza de



sua estrutura preconcebida, não havendo, portanto, um ponto central de articulação que seja ao mesmo tempo hierárquico e permanente, uma vez que o processo de construção do conhecimento em rede adquire diversos graus de relações interdependentes. Em outras palavras, a rede pressupõe, portanto, mais poder de autonomia em relação à percepção do conhecimento nos seus graus de articulações; do que a árvore, que hierarquiza as dimensões, muitas vezes, comportando-as em áreas especializadas do saber.

A IMAGEM DO RIZOMA

Além da rede, outras imagens já foram também empregadas para caracterizar a internet. Destas imagens, sem dúvida, a mais audaciosa e inquietante seja talvez a imagem do rizoma, definida por Deleuze e Guattari, da seguinte maneira:

Diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma interliga um ponto qualquer com outro qualquer. (...) O rizoma não se deixa reconduzir nem ao Uno nem ao múltiplo, (...) Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes, de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades lineares a n dimensões. Sem sujeito nem objeto, exibíveis num plano de consistência e do qual o Uno é sempre subtraído ($n-1$). Uma tal multiplicidade não varia suas dimensões sem mudar de natureza nela mesma e se metamorfosear. Oposto a uma estrutura, que se define por um conjunto de pontos e posições, por correlações binárias entre estes pontos e relações biunívocas entre estas posições, o rizoma é feito somente de linhas: linhas de segmentaridade. De estratificação, como dimensões, mas também como linha de fuga ou de desterritorialização como dimensão máxima segundo a qual, ao segui-la, a multiplicidade se metamorfoseia, mudando de natureza (DELEUZE & GUATTARI apud ASSMANN: p. 80).

Na verdade, o rizoma surge como uma forma de se fugir à pretensão interpretativa do homem em relação ao conhecimento dado pela racionalidade instrumental. De certa forma, é um reconhecimento dos limites impostos pela razão humana, que não pode, a todo custo, totalizar conceitos, transformando-os em peças de encaixes feito máquinas ou ramos de árvores endurecidos com o tempo.

O rizoma também é um fértil alimento contra a atitude epistemológica de dividir e fragmentar o conhecimento em pequenas porções, visando, assim, se buscar a unidade, ou seja, o princípio irreduzível empregado na formação do todo que compreende as partes perfeitamente



articuladas como num grande encaixe. No lugar da continuidade do pensamento, o rizoma propõe a descontinuidade, compreendendo o conhecimento como uma rede de articulações negociáveis, sujeitas a turbulências, questionamentos e desconstruções que podem ocorrer, aleatoriamente, a todo o momento. É uma imagem que resgata o sentido da impredictibilidade, ou seja, do imprevisível, inimaginável, improvável, inacabado, em suma, do processo em aberto, próprio da natureza da vida.

É uma imagem, portanto, que advoga contra os centros fixos de poder, os troncos dominantes da visão arborescente que impregnou a visão totalizante e especializada do conhecimento humano, as ramificações excessivas do saber contemplando disciplinas auto-suficientes e completamente desarticuladas do contexto de outras áreas, os significados fechados dados como prontos sem necessidade de questionamentos, as certezas conclusivas e indefensáveis. Enfim, o território das certezas e das verdades parece não encontrar mais apoio em um mundo conturbado, marcado por inúmeras contradições, que precisam ser melhor compreendidas à luz dos avanços tecnológicos e científicos que nos deixam muitas vezes imersos em grande perplexidade, angústia e inquietação.

Ao contrário da imagem da árvore, o rizoma, enquanto raiz tubercular, não possui um centro hierárquico, se distanciando em muito da visão binária de construção do conhecimento. Sendo assim, enquanto a árvore corresponde a uma imagem vertical, o rizoma corresponde a uma imagem horizontal, no processo de agregar conhecimentos de áreas heterogêneas, englobando cadeias biológicas, sociais, políticas, econômicas, culturais e tecnológicas. Ou seja, o rizoma esboça uma propriedade correlacional distinta, desafiando fronteiras do campo epistemológico, ao propor uma nova dinâmica para se repensar o contexto real do conhecimento humano.



IMAGENS E LIMITES INTERPRETATIVOS

Embora várias das imagens enunciadas acresçam um sentido pedagógico e estético para se compreender o fenômeno da internet, elas acabam não conseguindo acompanhar as reviravoltas preconizadas pelas formas de desenvolvimento desta nova mídia.

As três imagens são enriquecedoras do ponto de vista conceitual para apreensão da internet como fenômeno cultural em amplo aspecto, contudo servem mais à caracterização da grande rede de computadores em uma outra fase inicial de sua implementação e desenvolvimento, na qual esta nova mídia ainda era um processo contínuo de difícil entendimento conceitual.

Hoje em dia, elas têm mais um caráter didático e pedagógico, não sendo capazes de responder a muitas das questões postas em xeque pela diversidade de usos da internet, e das novas formas de controle impulsionadas pelo rápido processo de comercialização da rede.

Em certa medida, no início dos anos 90, ainda era possível se sonhar com uma internet altamente democrática, como alicerce de uma democracia ativa e emancipatória. Acreditava-se muito, portanto, no dilema de que a tecnologia da informação tornaria o mundo mais democrático e solidário, oferecendo grandes oportunidades de empregos e de distribuição de riquezas materiais e de bens simbólicos: cultura, educação, entretenimento, informação etc.

Até muito tempo atrás, havia uma infinidade de provedores de acesso gratuito no Brasil, acreditando-se no falso ideário de que, assim, como a mídia televisiva aberta é suprida adequadamente por grandes patrocinadores, a mídia digital, em certo momento, também poderia contar com determinada fatia deste mercado, inclusive atraindo novos nichos de interesse para a nova forma de veiculação de informações: dinâmica, em tempo real, acessível a qualquer momento em qualquer parte do globo. No entanto, isto não se observou, do mesmo modo, como também não se observou a predominância do fenômeno da convergência de mídias, que segundo alguns, tornaria inevitável o declínio rápido de outros suportes tecnológicos de acesso às informações, repercutindo principalmente no escopo da mídia impressa.



A convergência era vista como um elemento determinante nos caminhos da produção informacional, e a mídia digital como um vaso comunicante único que impulsionaria todo o redimensionamento das formas de produção e veiculação de informações, inexoravelmente sem escapatória. No entanto, o que se constatou foi justamente o que já acontecia na relação entre a mídia impressa, radiofônica e televisiva, um convívio competitivo para atender aos clientes com alta fidelidade, bem como o surgimento de novas propostas de co-reestruturação na articulação de meios tradicionais e novas mídias.

Deste modo, vendo-se pelo viés das imagens enunciadas, pode-se supor que vários dos conceitos que as impregnam fornecem parâmetros interpretativos ainda bastante consistentes, mas que precisam ser analisados como formas limítrofes de conhecimento, como qualquer outra imagem interpretativa que se possa criar, momentaneamente.

Neste trabalho, preferiu-se o termo imagem à metáfora, como recorrência mais a uma visão alegórica, em que se tornam necessários contínuos processos de decodificação e desdobramentos conceituais. A alegoria pode ser compreendida como um processo de metáfora continuada, no sentido de algo que substitui alguma coisa para se dizer outra. As metáforas, embora ricas em subsídios interpretativos ainda estão marcadas pelo mundo místico do simbólico, no qual se totaliza o sentido de apreensão das coisas. A alegoria já, ao contrário, aponta para o mundo dos signos, completamente laico e dessacralizado, em que as mediações passam a ocupar papel cada vez mais importante na relação do homem como o mundo da natureza e da cultura. Digamos que a idéia de árvore está mais para o campo simbólico, enquanto que a idéia de rizoma espelha mais o campo dos signos (sistema semiótico), no qual se contempla a historicidade da vida humana.

OUTRAS IMAGENS INTERPRETATIVAS

Galloway (2004) já havia advertido de que o conceito metafórico de rede prejudicava na interpretação mais adequada do fenômeno internet. Para ele, a concepção de rede abrange



apenas um aspecto da nova mídia, caracterizando-a mais a partir de um aporte efêmero que contempla a superfície no campo da interconectividade digital, desconsiderando os processos de regulação e auto-regulação que estão cada vez mais presentes na nova mídia.

Galloway defende a idéia de uma mídia concreta, longe das armadilhas interpretativas da virtualidade vinculada ao campo do imaginário humano enquanto potencial de inventariar modalidades socialmente emancipatórias. Sua imagem conceitual esboça uma materialidade concreta do controle informacional mediada pelas tecnologias digitais interativas.

Para ele, existe claramente um campo de tensão dialética entre o que eram os antigos protocolos de controle, representados pelo TCP/IP³ com o chamado DNS⁴. O primeiro se propunha a um nível de descentralização informacional; já o segundo atesta uma hierarquia rígida por meio do uso de bases de dados mais centralizadas. Neste sentido, tendemos a caminhar de uma visão lógica informativa, a qual pressupõe maior interação participativa com o leitor, para uma lógica evidentemente mais biblioteconômica, na qual venha a predominar a visão hierárquica de bancos de dados informacionais mais estruturados do que nunca.

Já Bernes-Lee (2001), com sua proposta de *web* semântica, recorre à inteligência artificial para explicar a perpetuação de uma forma cada vez mais hierarquizada de acesso informacional via internet, a qual gera um condicionamento do pensamento do usuário. Esta forma de condicionamento do pensamento, a partir de pontos equidistantes, substitui a visão do pensamento correlacional para a do pensamento circular.

Neste sentido, nega-se completamente a capacidade de uma mediação cognitiva individual, e, portanto, singular e aberta, para se impor um pensamento uniformizado de acesso informacional. Na verdade, vê-se claramente, neste caso, um retrocesso conceitual, migrando-se dos redemoinhos de linguagens e dos rizomas de conceitos (ASSMANN: 1999)

³ TPC, Transmission Control Protocol (Protocolo de Controle de Transmissão) e o IP, Internet Protocol (Protocolo de Internet) (Nota da Editora).

⁴ O DNS, Domain Name System (Sistema de Nomes de Domínios) é um sistema de gerenciamento de nomes hierárquico na Internet. Com ele, é possível criar os endereços do IP, distinguindo-os entre páginas e servidores (Nota da Editora).



para novamente à priorização da imagem da árvore do conhecimento. Ou seja, um recrudescimento às formas simbólicas, místicas e totalizantes do saber.

Para Bernes-Lee, a propriedade essencial da web é justamente o seu caráter universal, no entanto, a tecnologia desenvolvida por ele não responde a questões acerca do conteúdo distribuído, e de como aprimorá-lo em benefício de serviços mais customizados e personalizados. Sua ferramenta ainda prevê a unificação da linguagem lógica da internet, o que segundo ele, promoveria um mundo mais coletivizante, no entanto, nada disso, seria possível sem a existência de um certo didatismo hierárquico (idem).

Outra idéia que deverá se desenvolver cada vez com mais intensidade será a ubiquidade (ROSNAY, 1997), dadas as tendências recorrentes de miniaturização e convergência das tecnologias digitais. Com isto, o processamento de informações irá ser cada vez mais invisível aos olhos dos usuários. Neste sentido, a computação passará a fazer parte de nossas vidas como nunca antes imaginado, de uma forma pervasiva, onipresente, e quem sabe até mesmo onisciente. Na computação ubíqua, tudo estará conectado a tudo a qualquer momento que se queira, o que traz certos alentos para a questão da privacidade; a emergência de uma internet imanente, na qual o mundo real e virtual estarão plenamente interconectados, e de difícil dissociação, assim como uma vigília constante em torno dos cidadãos comuns, como na imagem do *Big Brother* de George Orwell.

Deste modo, parece-nos que a sociedade do controle total pode não ser um simples imaginário da ficção científica mais, já que a evolução das tecnologias tem trazido com muita ênfase a necessidade do controle em amplo aspecto. Então, novamente, saímos das imagens conceituais da rede e do rizoma, para abarcamos a ideologia simbólica e perene das totalidades que a árvore do conhecimento concebe, com sua clara dissociação entre bem e mal, belo e feio etc, sempre nas recorrências binárias claramente fronteiriças.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em certa medida, a mudança da visão arborescente para a visão rizomática do conhecimento humano expõe uma ruptura paradigmática radical do mundo dos símbolos para o mundo dos signos, ou seja, do mundo do sagrado para o campo da dessacralização permanente das formas interpretativas. Em outras palavras, passamos do universo dos símbolos (valores sagrados e imediatos) para o universo dos signos (valores dessacralizados), e conseqüentemente, para o campo das mediações, já que não existiria mais a idéia de um conhecimento original, capaz de responder a todas as inquietações e perplexidades da vida e da cultura humanas.

Trata-se aqui, portanto, de uma forte recusa à idéia do conhecimento absoluto, e uma forte valorização do conhecimento relativo, apoiada na visão multiperspectivística do mundo da natureza e da cultura (QUADROS: 2005). O pensamento kantiano e cartesiano, heranças ocidentais, e marcadas pela grande rigidez de pensamento, trazia em si, um jogo dualista de intensas confrontações entre idéias e pensamentos.

Do ponto de vista educacional, esta percepção foi durante muito tempo empregada para ditar posturas de enquadramento pedagógico, com base na transmissão de verdades e certezas absolutas, em que prevalecia sempre o sentido de se mensurar objetos, incansavelmente, observando-se, calculando-se, minuciosamente, e provendo representações matemáticas, gráficas, cujo objetivo era o de se provar a realidade constatada. Não que o paradigma educacional emergente se proponha a abandonar ingenuamente estas formas de representação do conhecimento humano, ao contrário disso, a idéia é a de nutrir o pensamento educacional justamente de mais aderência e flexibilidade no uso de várias possibilidades interpretativas, já que uma ou mais formas não esgotam, de maneira alguma, a nossa capacidade de apreensão de fatos, idéias e objetos presentes em nosso cotidiano.

Isto denota compreender que não há inteira correspondência entre as formas interpretativas, por mais experimentais e científicas que elas possam ser, com a realidade, de fato. Portanto,



o que existe, em grande parte, são elaborações circunstanciais, aproximações calcadas em modelos idealizados, conforme o limite do espectro de racionalidades instrumentais que a razão humana é capaz de nos prover.

O reconhecimento deste limite do nosso poder interpretativo é justamente um passo importante para sensibilizarmos nosso imaginário epistemológico com vistas a reflexões pedagógicas que inter-relacionem cada vez mais certos campos do conhecimento que sempre foram tratados, de modo isolado, estanque, compartimentado, a partir de suposições e ilusões conceituais herdadas e reproduzidas sistematicamente ao longo de gerações. No campo da comunicação e da educação, não se pode mais aceitar a divisão equivocada entre estas duas áreas de conhecimentos, sem considerar o caráter de ambiência entre teorias comunicacionais e educacionais, bem como processos comunicativos e pedagógicos. Caberá aos novos pesquisadores (comunicólogos e educadores em sintonia) prover campos elucidativos consistentes que atuem nas interfaces entre estes modos de conhecimentos, aparentemente ainda seguindo campos interpretativos separados, dada a formação altamente hiper-especializada de vários profissionais atuantes nestas áreas, não havendo, portanto, em decorrência disso, muita clareza na sinergia entre tais visões. Por isso, o campo dos estudos midiológicos, inclusive em detrimento dos avanços tecnológicos, marcados, sobretudo, pela convergência de meios e mídias digitais, torna-se foco imprescindível na aproximação destas áreas de conhecimentos para se construir novos enfoques elucidativos mais adequados à realidade tecnocientífica da atualidade.

Didaticamente, as imagens conceituais servem tanto para instigar nossa percepção, nos levando a horizontes mais frutíferos do pensamento, e nos sensibilizando para formas mais concretas e abertas de ver a vida e o mundo, como também para nos aprisionar em labirintos simbólicos inescapáveis. Enquanto a imagem da árvore nos evoca à busca incansável das totalidades, fruto da patologia do saber acumulado, trazendo à tona, uma visão até fascista do conhecimento que se sobrepõe a outros conhecimentos e formas interpretativas; já a imagem do rizoma, por outro lado, nos remete a uma visão mais anárquica, e, por natureza, anti-fascista para qualquer forma de pensamento. No entanto, não devemos nos esquecer de que a mídia digital, hoje em dia, caminha, cada vez mais, para um processo de controle



obsessivo do acesso a informações e pessoas. Neste sentido, imagens como o rizoma, por exemplo, podem oferecer um forte antídoto pedagógico, visto em amplo aspecto na vida social, à prevalência de idéias fascistas e totalitárias disfarçadas por outras imagens contemporâneas recorrentes que denotam muitas vezes discursos modernos: globalização da economia e da cultura, desregulamentação de mercados, redimensionamento da noção tempo-espaço. Não se trata aqui de negar a evolução natural do processo de desenvolvimento humano, mas sim, de colocar no bojo de tais conceitos, indagações alternativas que possam desconstruir visões hegemônicas que muitas vezes ocupam os espaços midiáticos como referenciais inquestionáveis. Pôr em questão o pensamento único ou unilateral em qualquer forma de dominação cultural: científica, tecnológica, estética, epistemológica, política, midiática, é, sem dúvida, um desafio pedagógico a se buscar na era da informação e comunicação globalizadas.

Em última análise, as mediações tecnológicas devem ser vistas, indubitavelmente, como meios que favorecem tanto o contato humano mediado ou mediatizado (a distância) como novas possibilidades interpretativas do conhecimento humano que não devem ser vistas como únicas, absolutas, hegemônicas, mas sim como formas existentes e possíveis dentre outras formas talvez ainda vindouras ou pouco exploradas na relação com o saber. Em certa medida, vivemos um mundo em que o acesso às realidades é cada vez mais mediado por artefatos tecnológicos, ora ampliando, ora distorcendo nosso espectro de visão interpretativa, o que passa a exigir de todos os agentes educativos: comunicólogos, educadores e mesmos pais, um novo esforço hermenêutico de interpretar, analisar, correlacionar, construir e desconstruir formas de conhecimento no sentido de sempre se revelar algo mais, algo além do que a objetividade e a subjetividade ingênuas nos sejam capazes de revelar. Neste sentido, torna-se imprescindível também o desenvolvimento de competências, habilidades e atitudes que permitam os indivíduos estabelecerem uma sintonia mais adequada entre processos mediativos e valores educacionais decorrentes.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Hugo. **Competência e sensibilidade solidária**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação**: Rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Editora Vozes, 3ª edição, 1999.

BERNERS-LEE, Tim et al. **The semantic web**: A new form of web content that is meaningful to computers. Disponível em: <https://www-sop.inria.fr/acacia/cours/essi2006/Scientific%20American_%20Feature%20Article_%20The%20Semantic%20Web_%20May%202001.pdf> Acesso em: 17 nov. 2018.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura; vol. 1**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre & AUTHIER, Michel. **As árvores do conhecimento**. São Paulo: Editora Escuta, 1995.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: Por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

LÉVY, Pierre; AUTHIER, Michel. **As árvores do conhecimento**. São Paulo: Editora Escuta, 1995.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

GALLOWAY, Alexander. **Protocol: how control exists after decentralization**. Cambridge: MIT Press, 2004.

MACHADO, Nilson. **Conhecimento como rede**: a metáfora como paradigma e como processo. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados – IEA/USP, 1994. (Coleção Documentos: Série Educação para a Cidadania, número 9)

MARCONDES FILHO, Ciro. **O escavador de silêncios**. São Paulo: Paulus, 2004.

MORIN, Edgar. **Sete saberes necessários à educação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

QUADROS, Paulo da Silva. Aspectos perceptuais das redes comunicacionais e tecnológicas. Fórum Latino-Americano de Redes, Educação e Cultura (FLUREC). São Paulo: Escola do Futuro/USP/SENAC-SP, 1998. **Anais**.

QUADROS, Paulo da Silva. **Cibernética pedagógica na era das redes: a ótica da educação digital na contemporaneidade**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação). São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), 2001.

QUADROS, Paulo da Silva. Cognitivismo coletivo virtualizado: potencialidades para uma nova hermenêutica pedagógica. Virtual Educa 2005. México: Cidade do México, UNAM (Universidade Nacional Autônoma do México) **Anais...**

QUADROS, Paulo da Silva. Em busca de uma pedagogia em rede. **Redemoinhos – Informativo Digital da Cidade do Conhecimento/IEA-USP – ano II, no. 12, 16 a 31 de agosto de 2002**. Disponível em: <<http://www.cidade.usp.br/redemoinhos/1202/analise.php>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

ROSNEY, Joël de. **Homem simbiótico. Perspectivas para o terceiro milênio**. Petrópolis: Vozes, 1997.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano: Da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

THACKER, Eugene. **Biomedia**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2004.

WELLMAN, Barry; HOGAN, Bernie. **The descent on the internet**. Scotland: University of St. Andrews Press, 2004.

WELLMAN, Barry. **Three ages of internet studies: ten, five and zero years ago**. New Media & Society, 2004.

WEISER, T. **The world is not a desktop**. Universidade de São Paulo: Programa de Doutorado em Educação: conteúdo disciplinar apostilar. São Paulo: USP, 1993.



VERSÃO INTEGRAL EM LINGUA INGLESA
ORIGINAL ARTICLES AND ESSAYS: INTERDISCIPLINARY
THEMATIC IN INFORMATION SCIENCE

Internet and its possible and unimaginable interpretative
images: Communication and Education⁵

Paulo da Silva Quadros⁶

⁵ Received on 09/11/2018, version approved in 11/11/2018.

⁶ Technologist in data processing by Fatec-SP, Bachelor in Letters from Ffllch/USP, MSc in Communication Sciences from ECA/USP and PhD in Education from FE/USP. He is also professor-Tutor of the Brazilian Virtual University (UVB), besides performing other professional activities in the institution, such as reviewer of the various modules of undergraduate courses at UVB. Researcher of the Research Group in Reading, Writing and Narrative (PLENA). He also participates in the Alpha research group of the Youth and Adult Education center of the USP School of Education (NEA-FE/USP). He is a writer and lecturer at Espaço do Professor magazine, from Universidade Anhembi Morumbi.



INTRODUCTION

Much has been said about the internet from the elucidating images that have been populating the human imagination for a long time. At first, in the 1990s, there was still a lot of conceptual precariousness about this new medium of information and communication. In this sense, a recurrence was sought in the conceptual bridge between several existing theories from numerous areas of knowledge that could provide an adequate interpretation of the cultural phenomenon that was being triggered by this new medium. There were still no consistent interpretive theories directed, in particular, to the theme of a flourishing digital media such as the Internet.

Unfortunately, however much the elucidative effort was, many of these theories failed to account for providing interpretive inputs necessary to the understanding of this new phenomenon as a whole, given the nature of its complexity and uniqueness.

Without doubt, for a long time the most recurrent image to interpret the internet was the image of the network. Viewed broadly, this vision defined a complex field of relations between the human and the technological. The idea of technological networks was associated with the notion of human or social networks, and how the understanding of the ways of developing these networks in society could potentiate new uses of the Internet for diversified purposes of human activity.

Other images also deserved prominence in the sense of both representing the process of constructing human knowledge throughout the history of mankind and of incorporating aspects that updated the interpretative references within a more contemporary perspective in order to glimpse the knowledge of nature, nature of knowledge, the knowledge of the world and the world of knowledge (MORIN: 2000). Among them, besides the image of the network, already mentioned above, we can presumably assume two others also well known: the image of the tree and that of the rhizome. Let's see next how each of them apprehends the vision of human knowledge and how they can be used to interpret the cultural phenomenon of the internet.



THE TREE IMAGE

Of course, the symbology of the tree, applied to life and knowledge, also refers to the sacred texts. In the biblical myth of paradise, we can clearly find two well-known types of trees: "life (symbol of immortality?) And knowledge of good and evil (the forbidden tree)" (ASSMANN 1999: 76). This image thus served to characterize, in a very divisive way, the distinction between good and evil, which would allow us to be gods to judge all existing things. In fact, this view cherished the access to absolute knowledge, impossible to obtain, and for this very reason, perhaps even symbolically forbidden.

This forbidden tree can be represented in current times by science obsessed always by totalities, from the figure of the One and the apparent and constant search in the symmetry between things. Naturally, scientific knowledge mirrors this desire manifested through various modern images: symmetry, order, equilibrium, clear and well defined goals, industrial production line, among others. The regulatory power of markets, for example, is a striking symptom of this obsessive syndrome.

Contrary to this, Pierre Lévy uses the concept of knowledge trees, saying that they are "founded on principles of self-organization, democracy and free exchange in relation to knowledge" (LÉVY apud QUADROS: 1998). His vision enunciated, thus, elements of autonomy, freedom and lightness in the space of communication and negotiation between the various constituents of a new extramural collectivity - characteristics of the cognitive ecology project cherished by the author "(QUADROS, 1998). To some extent, he thinks of the image of the tree associated with a space organized by a set of signals that comprise the competences of a given community (idem). To substantiate his conceptual vision, he, together with his colleague Michel Authier, developed software known as the tree of knowledge, whose objective was to map the diverse competences of individuals, taking the idea of cognitive ecology to its ultimate practical consequences.

However, as Assmann (1999) attests, the image of the tree refers to a kind of voracity of knowledge and power, on the part of those who dominate their own knowledge, savoring it



with tasteful pleasure, at the same time that it infers a certain air of those who really know things, being able to issue definitive and unquestionable value judgments by other lay people on the subject. It corresponds, therefore, to an unsubstantial and incurable appetite for insanity for the finitude of things in its interpretative bulge.

According to Deleuze and Guattari (KENSKI *apud* QUADROS, 1998), "the image of the tree is related to a thought that never understood multiplicity", since "the concept itself suggests a strong central, nuclear and polarizing link of ideas and attitudes being this node, sustaining and radiating point of new significations".

In this sense, a very peculiar characteristic that constitutes the arboreal image is clearly denoted: "its binary logic of structuring; the metaphor of the original trunk (or root), representative of a specific segment of knowledge, which perhaps unfolds in branches, also symbolizing other specific segments of knowledge, which function as local points of memory. Thus, the power of significance, obtained on the basis of the tree structure is established by the ability to articulate several points of memory, as a strongly hierarchical conceptual structure. Hence, one can clearly perceive two basic principles governing arborescent logic: the principle of decal and reproduction. The term decal suggests, in this case, the capacity to decontextualize and recontextualize meanings, according to patterns of unfolding and / or predetermined ramifications, through which the dependency or hierarchy link is maintained in relation to the origin that was initially used to contextualize the knowledge learned. It is then a process of overcoding from a central axis or base of support or content (*idem*).

In fact, the tree image has the following structuring assumption: a common origin (primary source) from which the construction of various other knowledge (secondary sources) can be inferred. The post-structuralist authors, represented in the figures of Deleuze, Guattari, Derrida and Baudrillard, with more emphasis, seek precisely to go against the image of an absolute knowledge, launching great distrust of the efforts undertaken by certain thinkers and scientists in the sense of always if we explain "the origins of human knowledge".



Derrida, for example, questions many of the established interpretative canons in the field of world literature, showing that no vision can be seen as definitive at any time. He also distrusts the term origin, replacing it with the term traces, which for him would be better suited to interpretive efforts, including with endorsements in the field of scientific inquiry, since the search for the origin of human knowledge is something inaccessible and illusory, and so to speak, impossible to be restored, by what it would represent previously, in its essence, as such. The derridian trace is the very sense of difference and alterity circumscribed "by the spatialization of time or the temporalization of space" (MARCONDES FILHO: 2004, p.228).

THE NETWORK IMAGE

Although this image brought a somewhat insightful insight, it soon proved insufficient and somewhat naive to characterize the phenomenon of the internet as a whole. For Assmann, the so-called network age is marked by three important conceptual categories: "hypertextuality, connectivity and transversality" (1999, p.21). For this Brazilian epistemologist of contemporary education, these would be promising characteristics for the benefit of education and a society of solidarity and emancipation, and that would require a new perceptive sensitivity fruit of the challenges and contradictions of contemporaneity. In this sense, many questions arise from the metaphor of the network itself:

- The interconnectivity practically unaccountable (ASSMANN, 1999, p. 173);
- A complexity of interconnections;
- The image of the very web of life in general;
- The substitution of conceptual framework vision for the notion of the interpretative process.

In fact, the network metaphor presupposes a level of decentralization of dynamism that stems from the nature of a system. That is, his image determines that there is no longer a center,



nor simply a multiplicity of centers, but a kind of continuous interpenetration and convocality of the whole.

For Nilson Machado (QUADROS: 1998),

The construction of meanings according to the radial approach points to the following characteristic aspects:

- Understanding is to grasp the meaning;
- Grasping the meaning of an object or an event is to see it in its relations with other objects or events;
- The meanings constitute, therefore, bundles of relations;
- relationships are interwoven, articulated in webs, in networks, constructed socially and individually, and in a permanent state of updating;
- At both levels-individual and social-the idea of knowing resembles to enmesh.

Within this view, the educator recovers the whole semantic sense of what is to entangle or create entanglements that propitiate in the articulation between fields of visions, knowledge, facts, objects, subjects, from the recurrent use of analogies, deductions, influences, comparisons, or a great intricacy of multiple dialogisms. With this, one can construct a variety of interactions between "themes and subjects, subjects and themes, subjects and subjects, the known and the unknown, the old and the new, the part and the whole, the interior and the exterior,"the contextualized and the decontextualized, the connected and disconnected "(QUADROS: 1998, 39).

Like the network, the tree is also "constituted by intense hierarchical processes at levels or layers of more specificity" (QUADROS, 1998), however, given its binary nature, the tree itself denotes a structural linearity in the process of aggregating the knowledge, and is also marked by the continuity in the articulation between time and space. It is precisely at this point that the two conceptual images differ, since the network contemplates in its aspect the heterogeneity or multiplicity, proper to the nature of its preconceived structure, so there is no central point of articulation that is the same hierarchical and permanent time, since the process of building knowledge in the network acquires several degrees of interdependent relations. In other words, the network presupposes, therefore, more power of autonomy in relation to the perception of knowledge in its degrees of articulation; than the tree, which hierarchizes the dimensions, often behaving them in specialized areas of knowledge.



THE RHIZOME IMAGE

In addition to the network, other images have also been used to characterize the internet. Of these images, undoubtedly the most audacious and disturbing is perhaps the image of the rhizome, defined by Deleuze and Guattari, as follows:

Unlike the trees or their roots, the rhizome interconnects any point with any other. (...) The rhizome is not allowed to return to either the One or the multiple, ... It is not made up of units, but of dimensions, or rather, of moving directions. It has no beginning or end, but always a means by which it grows and overflows. It constitutes linear multiplicities in n dimensions. Without subject or object, exhibited in a plane of consistency and from which the One is always subtracted ($n-1$). Such a multiplicity does not change its dimensions without changing its nature in itself and metamorphosing. Opposite a structure, which is defined by a set of points and positions, by binary correlations between these points and biunivocal relations between these positions, the rhizome is made only of lines: lines of segmentarity. Stratification, as dimensions, but also as a line of escape or deterritorialization as the maximum dimension according to which, following it, multiplicity metamorphoses, changing nature (DELEUZE; GUATTARI *apud* ASSMANN, p. 80)

In fact, rhizome emerges as a way of escaping from man's interpretive claim to knowledge given by instrumental rationality. In a way, it is a recognition of the limits imposed by human reason, which can not, at all costs, total concepts, turning them into pieces of fittings made of machines or branches of trees hardened over time.

The rhizome is also a fertile food against the epistemological attitude of dividing and fragmenting knowledge into small portions, in order to seek unity, that is, the irreducible principle used in the formation of the whole that comprises the perfectly articulated parts as in a great fitting. Instead of the continuity of thought, the rhizome proposes discontinuity, understanding knowledge as a network of negotiable joints, subject to turbulence, questioning, and deconstruction that can occur randomly at any moment. It is an image that rescues the sense of unpredictability, that is, the unpredictable, unimaginable, improbable, unfinished, in short, of the open process, proper to the nature of life.

It is an image, therefore, that advocates against the fixed centers of power, the dominant trunks of the arborescent vision that impregnated the totalizing and specialized vision of



human knowledge, the excessive ramifications of knowledge contemplating self-sufficient disciplines and completely disjointed from the context of other areas, closed meanings given as ready without questioning, conclusive and indefensible certainties. Finally, the territory of certainties and truths seems to find no further support in a troubled world, marked by innumerable contradictions, which need to be better understood in the light of the technological and scientific advances that often leave us in great perplexity, anguish and restlessness.

Unlike the image of the tree, the rhizome, as a tubercular root, does not have a hierarchical center, distancing itself far from the binary view of knowledge construction. Thus, while the tree corresponds to a vertical image, the rhizome corresponds to a horizontal image, in the process of aggregating knowledge from heterogeneous areas, encompassing biological, social, political, economic, cultural and technological chains. That is, the rhizome outlines a distinct correlative property, challenging the boundaries of the epistemological field, by proposing a new dynamic to rethink the real context of human knowledge.

IMAGES AND INTERPRETIVE LIMITS

Although several of the images enunciated add a pedagogical and aesthetic sense to understand the phenomenon of the internet, they end up failing to follow the twists and turns advocated by the development of this new media.

The three images are enriching from the conceptual point of view to apprehend the internet as a cultural phenomenon in wide aspect, yet serve more to characterize the great computer network in another initial phase of its implementation and development, in which this new media was still a continuous process of difficult conceptual understanding.



Nowadays, they have a more didactic and pedagogical character, being not able to answer many of the questions put in question by the diversity of uses of the Internet, and the new forms of control driven by the rapid process of commercialization of the network.

To a certain extent, in the early 1990s, it was still possible to dream of a highly democratic internet as the foundation of an active and emancipatory democracy. The dilemma was therefore widely believed that information technology would make the world more democratic and supportive, offering great opportunities for employment and distribution of material wealth and symbolic goods: culture, education, entertainment, information, etc.

Until a long time ago, there was a plethora of providers of free access in Brazil, believing in the false idea that, therefore, as the open television media is adequately supplied by large sponsors, digital media, at one point, could also count with a certain share of this market, including attracting new niches of interest to the new form of information delivery: dynamic, real-time, accessible anytime anywhere on the globe. However, this was not observed in the same way, nor was the predominance of the phenomenon of media convergence observed, which, according to some, would make inevitable the rapid decline of other technological supports of access to information, mainly affecting the scope of the media printed.

Convergence was seen as a determinant in the ways of information production, and digital media as a single communicating vessel that would drive the entire re-sizing of information production and delivery, inexorably without escape. However, what was observed was precisely what happened in the relationship between the print, radio and television media, a competitive relationship to serve clients with high fidelity, as well as the emergence of new proposals for co-restructuring in the articulation of means traditional and new media.



OTHER INTERPRETIVE IMAGES

Galloway (2004) had already warned that the metaphorical concept of network impaired in the more adequate interpretation of the internet phenomenon. For him, network design encompasses only one aspect of the new media, characterizing it more from an ephemeral contribution that contemplates the surface in the field of digital interconnectivity, disregarding the processes of regulation and self-regulation that are increasingly present in the new media.

Galloway defends the idea of a concrete media, far from the interpretative traps of the virtuality linked to the field of the human imaginary as a potential to inventory socially emancipatory modalities. His conceptual image sketches a concrete materiality of informational control mediated by interactive digital technologies.

For him, there is clearly a field of dialectical tension between what were the old control protocols, represented by TCP/IP⁷ with the so-called DNS⁸. The former proposed a level of informational decentralization; the latter attests to a rigid hierarchy through the use of more centralized databases. In this sense, we tend to move from a logical, informative vision, which presupposes a more participatory interaction with the reader, to an obviously more librarian logic, in which the hierarchical view of informational databases more structured than ever will prevail.

Bernes-Lee (2001), with its semantic web proposal, uses artificial intelligence to explain the perpetuation of an increasingly hierarchical form of informational access via the internet, which generates a conditioning of user's thinking. This form of conditioning of thought, from equidistant points, replaces the view of correlational thought with that of circular thought.

In this sense, the capacity of individual, and therefore singular, open cognitive mediation to impose a standardized informational access thinking is denied. In fact, it is clear that in this

⁷ Transmission Control Protocol (TPC) and the IP, Internet Protocol (Publisher's note).

⁸ Domain Name System (DNS) is a hierarchical name management system on the Internet. With it, it is possible to create IP addresses, distinguishing them between pages and servers (note from the publisher).

case, a conceptual regression, migrating from the swirls of languages and the rhizomes of concepts (ASSMANN: 1999) to again prioritize the image of the tree of knowledge. That is, a resurgence to the symbolic, mystical and totalizing forms of knowledge.

For Bernes-Lee, the essential property of the web is precisely its universal character, however, the technology developed by it does not answer questions about distributed content, and how to improve it for the benefit of more personalized and personalized services. His tool still foresees the unification of the logical language of the internet, which according to him, would promote a more collectivizing world, however, none of this would be possible without the existence of a certain hierarchical (idem) hierarchy.

Another idea that should develop more and more intensively will be ubiquity (Rosnay: 1997), given the recurring trends of miniaturization and convergence of digital technologies. With this, the processing of information will be increasingly invisible in the eyes of users. In this sense, computing will become part of our lives as never before imagined, in a pervasive, omnipresent, and perhaps even omniscient way. In ubiquitous computing, everything will be connected to anything anytime you want, which brings some encouragement to the privacy issue; the emergence of an immanent Internet in which the real and virtual world will be fully interconnected and difficult to dissociate, as well as a constant vigil around ordinary citizens, as in the image of George Orwell's Big Brother.

In this way, it seems to us that the total control society may not be a mere fiction of science fiction anymore, since the evolution of technologies has brought with great emphasis the need for control in broad aspect. Then again, we leave the conceptual images of the network and the rhizome to embrace the symbolic and perennial ideology of the totalities that the tree of knowledge conceives, with its clear dissociation between good and evil, beautiful and ugly, etc., always in the binary recurrences clearly bordered.



FINAL CONSIDERATIONS

To a certain extent, the shift from the arborescent vision to the rhizomatic view of human knowledge exposes a radical paradigmatic rupture of the world of symbols into the world of the signs, that is, from the world of the sacred to the field of permanent desecration of the interpretive forms. In other words, we move from the universe of symbols (sacred and immediate values) to the universe of signs (desacralized values), and consequently to the field of mediations, since there would no longer exist the idea of an original knowledge, capable of responding to all the anxieties and perplexities of human life and culture.

It is, therefore, a strong refusal to the idea of absolute knowledge, and a strong valuation of relative knowledge, supported by the multiperspectivistic view of the world of nature and culture (QUADROS, 2005). Kantian and Cartesian thought, Western legacies, and marked by the great rigidity of thought, had in itself a dualist game of intense confrontations between ideas and thoughts.

From an educational point of view, this perception was for a long time used to dictate pedagogical frameworks, based on the transmission of absolute truths and certainties, in which there was always a sense of measuring objects, relentlessly, observing themselves, calculating themselves, in detail, and providing mathematical, graphic representations whose purpose was to prove the reality. Not that the emerging educational paradigm proposes to naively abandon these forms of representation of human knowledge, rather, the idea is to nurture educational thinking precisely with more adherence and flexibility in the use of various interpretive possibilities, since one or more forms do not exhaust, in any way, our capacity for apprehension of facts, ideas and objects present in our daily life.

This denotes understanding that there is no complete correspondence between the interpretative forms, however experimental and scientific they may be, with reality, in fact. Therefore, what exists, to a large extent, are circumstantial elaborations, approximations based on idealized models, according to the limit of the spectrum of instrumental rationalities that human reason is able to provide us.



The recognition of this limit of our interpretative power is precisely an important step to sensitize our epistemological imaginary with a view to pedagogical reflections that interrelate more and more certain fields of knowledge that have always been treated, isolated, watertight, compartmentalized, from assumptions and conceptual illusions inherited and reproduced systematically over generations. In the field of communication and education, one can no longer accept the mistaken division between these two areas of knowledge, without considering the ambience between communication and educational theories, as well as communicative and pedagogical processes.

It will be up to the new researchers (communicators and educators in tune) to provide consistent elucidating fields that act on the interfaces between these modes of knowledge, apparently still following separate interpretive fields, given the highly hyper-specialized formation of several professionals working in these areas, as a result, much clarity in the synergy between such visions. Therefore, the field of media studies, even to the detriment of technological advances, marked mainly by the convergence of digital media and media, becomes an essential focus in the approximation of these areas of knowledge in order to construct new explanatory approaches more suited to the techno-scientific reality of the present time.

Didactically, conceptual images serve both to instigate our perception, leading us to more fruitful horizons of thought, and sensitizing us to more concrete and open ways of seeing life and the world, as well as to imprison us in inescapable symbolic labyrinths. While the image of the tree evokes the untiring pursuit of totalities, the result of the pathology of accumulated knowledge, bringing to the surface a fascist view of knowledge that overlaps with other knowledge and interpretive forms; the image of the rhizome, on the other hand, refers us to a more anarchic, and, by nature, anti-fascist vision for any form of thought. However, we must not forget that digital media, nowadays, increasingly moves towards a process of obsessive control of access to information and people. In this sense, images such as the rhizome, for example, can offer a strong pedagogical antidote, seen in a broad aspect in social life, to the prevalence of fascist and totalitarian ideas disguised by other recurrent contemporary images that often denote modern discourses: globalization of the economy and



of culture, deregulation of markets, resizing of the notion of time and space. It is not a question here of denying the natural evolution of the process of human development, but of placing in the bosom of such concepts, alternative inquiries that may deconstruct hegemonic visions that often occupy the media spaces as unquestionable referential. To call into question single or unilateral thinking in any form of cultural domination: scientific, technological, aesthetic, epistemological, political, media, is undoubtedly a pedagogical challenge to seek in the era of globalized information and communication.

Ultimately, technological mediations must undoubtedly be seen as media that favor both mediated or mediated (distance) human contact and new interpretive possibilities of human knowledge that should not be seen as unique, absolute, hegemonic, but as existing and possible forms among other forms maybe still to come or little explored in relation to knowledge. To a certain extent, we live in a world in which access to realities is increasingly mediated by technological artifacts, sometimes amplifying or distorting our spectrum of interpretive vision, which requires all educational agents: communicologists, educators and the same parents , a new hermeneutic effort to interpret, analyze, correlate, construct and deconstruct forms of knowledge in the sense of always revealing something more, something beyond which naive objectivity and subjectivity can reveal us. In this sense, it is also essential to develop skills, abilities and attitudes that allow individuals to establish a more adequate tune between mediative processes and resulting educational values.

REFERENCES

- ASSMANN, Hugo. **Competência e sensibilidade solidária**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação**: Rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Editora Vozes, 3ª edição, 1999.



BERNERS-LEE, Tim et al. **The semantic web:** A new form of web content that is meaningful to computers. Disponível em: <https://www-sop.inria.fr/acacia/cours/essi2006/Scientific%20American_%20Feature%20Article_%20The%20Semantic%20Web_%20May%202001.pdf> Acesso em: 17 nov. 2018.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura; vol. 1.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre & AUTHIER, Michel. **As árvores do conhecimento.** São Paulo: Editora Escuta, 1995.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva:** Por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

LÉVY, Pierre; AUTHIER, Michel. **As árvores do conhecimento.** São Paulo: Editora Escuta, 1995.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

GALLOWAY, Alexander. **Protocol: how control exists after decentralization.** Cambridge: MIT Press, 2004.

MACHADO, Nilson. **Conhecimento como rede:** a metáfora como paradigma e como processo. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados – IEA/USP, 1994. (Coleção Documentos: Série Educação para a Cidadania, número 9)

MARCONDES FILHO, Ciro. **O escavador de silêncios.** São Paulo: Paulus, 2004.

MORIN, Edgar. **Sete saberes necessários à educação.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

QUADROS, Paulo da Silva. Aspectos perceptuais das redes comunicacionais e tecnológicas. Fórum Latino-Americano de Redes, Educação e Cultura (FLUREC). São Paulo: Escola do Futuro/USP/SENAC-SP, 1998. **Anais.**

QUADROS, Paulo da Silva. **Cibernética pedagógica na era das redes: a ótica da educação digital na contemporaneidade.** Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação). São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), 2001.

QUADROS, Paulo da Silva. Cognitivismo coletivo virtualizado: potencialidades para uma nova hermenêutica pedagógica. Virtual Educa 2005. México: Cidade do México, UNAM (Universidade Nacional Autônoma do México) **Anais...**

QUADROS, Paulo da Silva. Em busca de uma pedagogia em rede. **Redemoinhos – Informativo Digital da Cidade do Conhecimento/IEA-USP – ano II, no. 12, 16 a 31 de agosto de 2002.** Disponível em: <<http://www.cidade.usp.br/redemoinhos/1202/analise.php>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

ROSNAY, Joël de. **Homem simbiótico. Perspectivas para o terceiro milênio.** Petrópolis: Vozes, 1997.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano: Da cultura das mídias à cibercultura.** São Paulo: Paulus, 2003.

THACKER, Eugene. **Biomedia.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 2004.

WELLMAN, Barry; HOGAN, Bernie. **The descent on the internet.** Scotland: University of St. Andrews Press, 2004.

WELLMAN, Barry. **Three ages of internet studies: ten, five and zero years ago.** New Media & Society, 2004.

WEISER, T. **The world is not a desktop:** Universidade de São Paulo: Programa de Doutorado em Educação: conteúdo disciplinar apostilar. São Paulo: USP, 1993.



COLUNA: ADVOCACY & LOBBY

O Parlamento Brasileiro e a Biblioteca Escolar em 2018¹

The Brazilian Lower House of Congress and the School Library in 2018

El Parlamento brasileño y la biblioteca de la escuela en 2018

Cristian José Oliveira Santos Brayner²

¹ Recebido em 25/09/18, versão aprovada em 11/11/2018.

² Graduado em Direito, Biblioteconomia, Filosofia, Tradução e Letras (Língua e Literatura Francesas), Mestre em Ciência da Informação, Doutor em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília. É pós-doutor em História pela Casa de Rui Barbosa. Agraciado com o Prêmio Casa de las Américas, dedica-se ao estudo da filosofia de Michel Foucault e Simone Weil, bem como das questões jurídicas envolvendo o patrimônio cultural. É, atualmente, servidor da Câmara dos Deputados. E-mail: <cristian.brayner@camara.leg.br >

RESUMO

Ensaio cuja análise reflete o conjunto de projetos de lei e políticas públicas em discussão na Câmara dos Deputados, que demonstra a ascensão das questões da leitura escolar, dividida entre a mercantilização da biblioteca escolar e a reflexão sobre o novo perfil e papéis do profissional bibliotecário, assim como a formação em nível técnico e as nuances do corporativismo. O ambiente social escolar pode ampliar oportunidades da formação de leitores, com o necessário envolvimento dos diferentes profissionais em protagonismo para além dos pedagogos e professores, como os bibliotecários, psicólogos e outros, para superar propostas de legislação que se voltam com mais ênfase à compra e distribuição de livros do que às oportunidades de mediação, circulação e apropriação da leitura durante a convivência escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Políticas Públicas: Leitura Escolar. Biblioteca Escolar. Projetos de Lei: Biblioteca Escolar.

ABSTRACT

Essay whose analysis reflects the set of bills and public policies under discussion in the Brazilian's lower house of congress, which demonstrates the rise of the questions of school reading, divided between the mercantilization of the school library and the reflection on the new profile and Roles of the professional librarian, as well as training at the technical level and the nuances of corporativism. The school social environment can expand opportunities for the formation of readers, with the necessary involvement of the different professionals in protagonism beyond the pedagogues and teachers, such as librarians, psychologists and others, to overcome proposals of legislation that goes back with more emphasis on the purchase and distribution of books than to the opportunities for mediation, circulation and appropriation of reading during school coexistence.

KEY WORDS: Public Policies: School Reading. School library. Law Projects: School Library.

RESUMEN

Ensayo cuyo análisis refleja el conjunto de proyectos de ley y políticas públicas que se discuten en el parlamento brasileño, que demuestra el surgimiento de las cuestiones de la lectura escolar, divididas entre la mercantilización de la biblioteca escolar y la reflexión sobre el nuevo perfil y funciones del bibliotecario profesional, así como formación a nivel técnico y los matices de corporativismo. El entorno social escolar puede expandir oportunidades para la formación de lectores, con la necesaria implicación de los diferentes profesionales en protagonismo más allá de los pedagogos y docentes, como bibliotecarios, psicólogos y otros, para superar propuestas de legislación que se remonta con más énfasis en la compra y distribución de libros que en las oportunidades de mediación, circulación y apropiación de la lectura durante la convivencia escolar.

PALABRAS CLAVE: Políticas Públicas: Lectura en la Escuela. Biblioteca de la Escuela. Proyectos Jurídicos: Biblioteca de la Escuela.



INTRODUÇÃO

2018 promete. Não me refiro à recuperação da economia brasileira, assunto para lá de controverso desde o tríplice rebaixamento da nota de crédito do país. Reporto-me, exclusivamente, ao nosso negócio, as bibliotecas, universo para lá de complexo e, de tempos em tempos, com boa dose de novidades. Sabiam que o Instituto C&A vai deixar de investir na formação de professores como mediadores de leitura? Mudaram de foco e vão se dedicar, exclusivamente, à moda. Uma pena. Esperava que o programa Prazer em Ler ganhasse corpo e passasse a atuar junto aos bibliotecários, os legítimos administradores das bibliotecas. Meu sonho morreu na praia, ao lado do programa dos gringos.

Outro assunto fresquinho foi a regulamentação da profissão do Técnico em Biblioteconomia.³ Os vetos do Presidente da República produziram gritaria nas redes sociais. E o pior: Dos 416 deputados presentes à 4ª Sessão Conjunta do Congresso Nacional, 262 votaram pela manutenção dos vetos. Desse modo, o Conselho Federal de Biblioteconomia não poderá dispor sobre o Código de Ética, a anuidade, as atribuições e a fiscalização da atividade do técnico. Também foi vedada a obrigatoriedade de registro no Conselho Regional de Biblioteconomia para exercício da profissão. Para os colegas mais curiosos, informo que a votação é nominal. Em ano de eleição, fica a dica.

Falando de parlamento, suspeito de que nunca na história desse país tivemos tantos projetos de lei tratando de biblioteca, literatura e afins. Curioso o interesse dos representantes do povo por este equipamento, encarado por gente bem formada como democraticamente neutro. Da minha parte, observo as torres sendo erigidas.

Sabendo do risco de nos perdermos nos emaranhados de galerias hexagonais e postos de ventilação do Congresso Nacional, nossa Babel de Borges, irei me restringir aos discursos produzidos em relação às bibliotecas escolares. Minha escolha tem uma razão de ser: reina entre nós, brasileiros, a ideia de que o futuro do país passa pela educação. Isso ganha corpo e protuberâncias no púlpito do plenário, nas mesas das audiências públicas e nas

³ BRASIL. *Lei nº 13.601, de 9 de janeiro de 2018*. Regulamenta o exercício da profissão de Técnico em Biblioteconomia. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2018/lei-13601-9-janeiro-2018-786076-publicacaooriginal-154725-pl.html>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

conversas de corredores e de gabinetes. Assim, lançando o olhar sobre esse espaço institucionalizado de poder, conseguimos mensurar a percepção e o nível de interesse por parte da sociedade em relação ao impacto da biblioteca na pauta da educação. Quer concordemos, quer não, a política, enquanto resultado articulado da linguagem, poder, ação e verdade, é *locus*, por excelência, do debate público de ideias, e onde atos se tornam imperativos, seja por meio da argumentação ou da paixão ensandecida.⁴

Entre as duas cúpulas do Niemeyer, rola um turbilhão de narrativas, saraivado por interesses de toda sorte. Algumas são ótimas, como a Proposta de Emenda à Constituição que isenta os livros digitais de impostos.⁵ Outras são, no mínimo, excêntricas, como o projeto de lei que torna obrigatória a exibição da bandeira nacional na contracapa de todos os nossos livros didáticos.⁶ Ainda tem uma indicação para que a leitura da Constituição Federal se torne prática usual nas escolas de ensino médio.⁷ Nessa mesma linha tradição, família e propriedade, o deputado carioca Cabo Daciolo quer tornar obrigatória no currículo do ensino fundamental e médio do Brasil a disciplina “Estudo da Bíblia Sagrada.”⁸ Profetizo, em nome do bom senso que, sendo aprovada, turbas de Bíblias lançarão ao desbaste as poucas Sutas e Guitas de nossos acervos.

⁴ CHARAUDEAU, P. *Le discours politique: les masques du pouvoir*. Paris, Vuibert, 2005.

⁵ BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. *Proposta de Emenda à Constituição nº 316, de 2013*. Dá nova redação à alínea “d” do inciso VI do art. 150 para isentar impostos sobre jornais, revistas e livros digitais. Disponível em:
<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=AD12CE83BA7F568E709ABE5BCED5CBDB.proposicoesWeb2?codteor=1551366&filename=PEC+316/2017>. Acesso em: 11 fev. 2018.

⁶ BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. *Projeto de Lei nº 3.758, de 2012*. Insere dispositivo na Lei nº 5.700, de 1º de setembro de 1971, para tornar obrigatória a impressão da imagem da Bandeira Nacional na contracapa dos livros didáticos confeccionados para os ensinos fundamental e médio. Disponível em:
<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=985861&filename=PL+3758/2012>. Acesso em: 14 fev. 2018.

⁷ BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. *Indicação nº 3.855, de 2017*. Sugere ao Ministro de Estado da Educação, a adoção da prática de leitura da Constituição Federal de 1988, nas escolas de ensino médio em todo o País. Disponível em:
<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1584672&filename=INC+3855/2017>. Acesso em: 14 fev. 2018.

⁸ BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. *Projeto de Lei nº 9.164, de 2017*. Altera e acrescenta dispositivos à Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para incluir “Estudo da Bíblia Sagrada” como disciplina obrigatória no currículo do ensino fundamental e médio do Brasil. Disponível em:
<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1625314&filename=PL+9164/2017>. Acesso em: 14 fev. 2018.

Tramita, ainda, na Câmara, um projeto de lei que obriga a escola a informar ao aluno o ISBN (*International Standard Book Number*) do material didático, evitando, assim, que o mesmo adquira material didático errado.⁹ Cá entre nós: haveria uma proposição mais despropositada que essa? Adoraria que a criatividade descabida e exibida desse vez a medidas simples e urgentes. Um exemplo? Que tal um requerimento de informação dirigido ao Ministro da Cultura questionando a teimosia de sua pasta em não regulamentar a Lei do Depósito Legal? O resultado desse silêncio com pitadas de menoscabo tem resultado numa perda cultural inequívoca para o país, envolvendo, dentre outras questões, a não produção e disseminação da bibliografia brasileira.

Há, ainda, neste mesmo campo de joio e trigo, alguns projetos controvertidos. O deputado Pedro Fernandes propôs que 25% e 5% dos livros das bibliotecas escolares sejam, respectivamente, de autores nascidos ou residentes no Estado e no Município em que se encontra o estabelecimento de ensino.¹⁰ Embora a motivação seja louvável – fazer com que os alunos conheçam a literatura local – não creio que a custódia e a disseminação dessa memória seja de competência da biblioteca escolar, mas da pública. E digo, isso, com ressalva. Afinal de contas, como bem ressaltou o luandês Gonçalo Tavares,¹¹ “o moralismo é a antítese da Literatura.” Garanto não haver maior imoralidade que defender a natureza apátrida do discurso literário. Melhor arriscar o pescoço no patíbulo goethiano do *Weltliteratur* a cair como um pato nas estreitezas regionalistas. Nem FIESP¹², nem tucupi¹³, camaradas. Talvez o saber mais adequado para interpretar a nossa nacionalidade esteja no confronto entre o fora e do dentro.

⁹ BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. *Projeto de Lei nº 8.419, de 2017*. Obriga a instituição de ensino informar o ISBN - International Standard Book Number - do material didático que solicitar ao aluno. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1592977&filename=PL+8419/2017>. Acesso em: 14 fev. 2018.

¹⁰ BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. *Projeto de Lei nº 7.455, de 2017*. Altera a Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010, que "Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país", para tornar obrigatória a presença de títulos de autores locais nas bibliotecas escolares. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1547190&filename=PL+7455/2017>. Acesso em: 11 fev. 2018.

¹¹ TAVARES, G. M. [Entrevista]. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, 2005.

¹² Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, aqui representando o segmento social das grandes riquezas do capital no Brasil. (nota da editora)

¹³ Caldo da mandioca brava, que somente os mais experientes brasileiros sabem preparar, pois é venenosa. Então, aqui, representa o popular. (nota da editora)



O RUMO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS

No meio do campo discursivo, há projetos destinados a ampliar o rumo das políticas públicas levadas a cabo pelo Executivo Federal. A deputada Professora Dorinha Seabra Rezende, por exemplo, ressuscitou um projeto de lei que institui o Programa Nacional do Livro Técnico e Profissionalizante.¹⁴ A meta é distribuir livros didáticos para o segmento da educação profissional e tecnológica. Sabendo que esse segmento oferece, além dos cursos técnicos e de qualificação, programas de pós-graduação lato e stricto sensu, tenho cá minhas dúvidas de que essa proposta seja a mais benéfica. Sempre me pareceu, em quase vinte anos ocupando um banco na universidade, que os textos avulsos preservam um quê de originalidade, muito apropriado para estes espaços pedagógicos inacabados.

Nessa mesma linha está a proposta de implantar o Programa Biblioteca do Professor,¹⁵ que consiste na doação de dois livros de literatura por trimestre aos docentes, agentes auxiliares de creches e bibliotecários que exercem suas atividades na rede de educação básica. A sugestão parlamentar me soa como mero paliativo ao descumprimento legal por parte de 14 estados em não pagarem o piso salarial nacional do professor.¹⁶ Nem mesmo o projeto de lei, já aprovado na Câmara e tramitando no Senado, que prevê descontos de 20% para profissionais do magistério em materiais bibliográficos vinculados à sua área

¹⁴ BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. *Projeto de Lei nº 2.422, de 2015*. Institui o Programa Nacional do Livro Técnico e Profissionalizante (PNLTP). Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=1594154>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

¹⁵ BRASIL. Congresso. Senado Federal. *Projeto de Lei do Senado nº 1.649-A, de 2007*. Autoriza a criação do Programa Biblioteca do Professor. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=4EAC43B3360A2EB4FE659EDC6C3511E2.node2?codteor=492474&filename=Avulso+-PL+1649/2007>. Acesso em: 12 fev. 2018.

¹⁶ BRASIL. Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008. Regulamenta a alínea “e” do inciso III do caput do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11738.htm>. Acesso em: 10 fev. 2018.

de atuação me parece adequado.¹⁷ Se o país acredita que o professor, ao consumir boa literatura, acaba beneficiando os seus alunos, o melhor caminho não é o do assistencialismo barato e controlador. Empodere-o monetariamente, permitindo que ele escolha os títulos que lhe melhor aprouver. Talvez pudéssemos implantar um programa semelhante ao dos Tribunais de Justiça de São Paulo e do Maranhão, que concede aos seus juízes e desembargadores R\$ 5 mil reais mensais de auxílio livro.

De todo modo, na rede há peixe de qualidade. Entre as propostas robustas, destaco uma em particular. A deputada Laura Carneiro acaba de apresentar um projeto de lei¹⁸ destinado a criar o Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares e a ampliar o conceito de biblioteca escolar. Trata-se de uma resposta à Lei 12.244¹⁹ que vincula, de forma bastante restritiva, essa tipologia de biblioteca ao acervo bibliográfico. A autora da proposição, ao contemplar uma série de objetivos que extrapolam o livro, reconhece tratar-se de espaço simbólico marcado pela complexidade. Sabiamente, ela distingue informação de conhecimento. Longe de mero rigorismo linguístico, é reconhecido que o acervo bibliográfico, ainda que adequado aos parâmetros curriculares, se dissociado de outros mecanismos e linguagens, não gera conhecimento, ou seja, a capacidade potencial de um ator comportar-se eficazmente.²⁰

Palmas para a deputada. Estranhamente, o Senado Federal chove no molhado ao pretender alterar a Lei de Diretrizes e Bases de Educação, dispondo sobre a implantação de bibliotecas nas escolas públicas de ensino fundamental ou médio. Faltou alguma alma

¹⁷ BRASIL. Projeto de Lei nº 2.098, de 2015. Dispõe sobre a garantia aos profissionais do magistério de desconto em livros, periódicos e materiais didáticos correlatos vinculados à sua área de ensino e de atuação profissional. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1564380&filename=Tramitacao-PL+2098/2015>. Acesso em: 10 fev. 2018.

¹⁸ BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. *Projeto de Lei nº 9.484, de 2018*. Altera a Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas escolares nas instituições de ensino do País, para dispor sobre uma nova definição de biblioteca escolar e cria o Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares (SNBE). Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1639337&filename=PL+9484/2018>. Acesso em: 11 fev. 2018.

¹⁹ BRASIL. *Lei nº 12.244, de 2 de maio de 2010*. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm>. Acesso em: 11 fev. 2018.

²⁰ DÍAZ NAFRÍA, J. M.; PEREZ-MONTORO, M.; SALTO ALEMANY, F. (Org.). Conocimiento. In: _____. *Glosarium BITri: glosario de conceptos, metáforas, teorías y problemas en torno a la información*. León: Universidad de León, 2010. p. 47. Disponível em: <<http://glossarium.bitrum.unileon.es/>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

boa apresentar aos doutos senadores a Lei 12.244. De todo modo, corre o risco da Lei ser estripada antes mesmo de revelar o seu frescor. Refiro-me ao Projeto de Lei do Senado nº 158, de 2016, da Senadora Regina Sousa,²¹ que obriga a escola a manter na sala de aula, acervos de livros paradidáticos e de literatura infantil. A pulverização de acervos, ainda que pareça, num primeiro momento, como estratégias democratizadoras do acesso ao livro, representa uma série ameaça à biblioteca. De fato, o projeto de lei reduz a biblioteca a espaço destinado ao processamento técnico do acervo adquirido. Dentro dessa perspectiva, o bibliotecário é mero catalogador. Isso é uma impropriedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em todos os países em que a leitura se tornou hábito, os alunos são estimulados, desde muito pequenos, a frequentarem a biblioteca. Eles sabem que esse espaço, longe de ser uma topografia plasmada sob o crivo da ordem e do silêncio, é equipamento ruidoso, múltiplice, garantidor de competências informacionais que acompanharão seus frequentadores por toda a vida. Nesse sentido, deixar o espaço controlado da sala de aula, e embrenhar-se na biblioteca, com seus acervos e linguagens, além de gerar competências geradoras do conhecimento, prepara o indivíduo a enfrentar *fake news* e narrativas *rosiclares*. Que uma parcela das atividades pedagógicas seja desenvolvida na biblioteca! Afinal de contas, o mundo, desde que é mundo, nunca se pareceu com uma sala de aula. O mundo é uma biblioteca, com suas potencialidades e impermanências. Talvez esta seja a primeira lição a ser aprendida pelos que povoam os espaços entre as duas cúpulas.

21 BRASIL. Congresso. Senado Federal. Projeto de Lei do Senado nº 158, de 2016. Altera a Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010, para definir especificidades das bibliotecas escolares em instituições que ofertem a educação pré-escolar, o ensino fundamental e o ensino médio. Disponível em: <<https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=570571&disposition=inline>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 2.422, de 2015**. Institui o Programa Nacional do Livro Técnico e Profissionalizante (PNLTP). Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=1594154>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 7.455, de 2017**. Altera a Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010, que "Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país", para tornar obrigatória a presença de títulos de autores locais nas bibliotecas escolares. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1547190&filename=PL+7455/2017>. Acesso em: 11 fev. 2018.

BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 9.484, de 2018**. Altera a Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas escolares nas instituições de ensino do País, para dispor sobre uma nova definição de biblioteca escolar e cria o Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares (SNBE). Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1639337&filename=PL+9484/2018>. Acesso em: 11 fev. 2018.

BRASIL. Congresso. Senado Federal. **Projeto de Lei do Senado nº 1.649-A, de 2007**. Autoriza a criação do Programa Biblioteca do Professor. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=4EAC43B3360A2EB4FE659EDC6C3511E2.node2?codteor=492474&filename=Avulso+-PL+1649/2007>. Acesso em: 12 fev. 2018.

BRASIL. **Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008**. Regulamenta a alínea “e” do inciso III do caput do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11738.htm>. Acesso em: 10 fev. 2018.

BRASIL. **Lei nº 13.601, de 9 de janeiro de 2018**. Regulamenta o exercício da profissão de Técnico em Biblioteconomia. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2018/lei-13601-9-janeiro-2018-786076-publicacaooriginal-154725-pl.html>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 2.098, de 2015**. Dispõe sobre a garantia aos profissionais do magistério de desconto em livros, periódicos e materiais didáticos correlatos vinculados à sua área de ensino e de atuação profissional. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1564380&filename=Tramitacao-PL+2098/2015>. Acesso em: 10 fev. 2018.

TAVARES, G. M. [Entrevista]. **Jornal de Letras, Artes e Ideias**. Lisboa, 2005.



VERSÃO INTEGRAL EM LÍNGUA INGLESA

COLUMN: *ADVOCACY & LOBBY*

The Brazilian Lower House of Congress and the School Library in 2018²²

Cristian José Oliveira Santos Brayner²³

²² Received on 09/25/2018, version approved in 11/11/2018.

²³ Degree in law, Library Science, philosophy, translation and lyrics (French language and literature), Master in Information Science, PhD in literature and social practices from the University of Brasilia. He has a post-doctorate in history by the House of Rui Barbosa. Awarded the House of the Americas Award, he dedicates himself to the study of the philosophy of Michel Foucault and Simone Weil, as well as legal issues involving cultural heritage. Currently, an employer of the House of Congress. E-mail: <cristian.brayner@camara.leg.br >



INTRODUCTION

2018 will be a remarkable year. I do not mean the recovery of the Brazilian economy, a highly controversial since the triple downgrade the country's credit rating. I refer exclusively to our business: libraries, a very complex universe, and soundness subject to change. Did you know that the C & A Institute will stop investing in teacher training as reading mediators? They changed focus and will be dedicated exclusively to fashion. A pity. I had hoped the Pleasure in Reading Program would be strengthened and be used together with librarians, the legitimate managers of the libraries. My dream died on the beach, next to the “gringos”²⁴ program.

Another issue was the regulation of the profession²⁵ of Library Technician.²⁶ the President's vetoes produced outcry on social networks. And the worst: of the 416 deputies present at the 4th Joint Session of Congress, 262 voted for the maintenance of vetoes. Thus, the Federal Library Council may not regulate on the Code of Ethics, the annuity, the duties and the supervision of technicians activity. The registration requirement was also prohibited in the Regional Library Council for the profession. For the most curious fellow, I inform you that this vote is nominal. In an election year, just a hint.

Speaking of the lower house of congress, I suspect that never in the history of this country have we had so many bills dealing library, literature and the like. The interest of the representatives of the people for this equipment is curious, regarded by well formed people as democratically neutral. For my part, I see the towers²⁷ going up.

Knowing the risk of getting lost in the tangles of hexagonal galleries and ventilation stations in Congress, our Borges' Babel, I will restrict myself to the speeches made in relation to school libraries. My choice has a reason: among us Brazilians, the idea reigns

²⁴ “Gringo” is a term assumed in Brazil from the culture of the Western movies, which serves to identify North Americans or foreigners in general, in a playful way. (Publisher's note)

²⁵ In Brazil, the professional librarian is an undergraduate, who has his work record approved by the Librarian's National Council. But currently, the technician may take part in its professional prerogatives.

²⁶ BRAZIL. Law No. 13,601, of January 9, 2018. Regulates the exercise of the profession of Technical Library. Available at: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2018/lei-13601-9-janeiro-2018-786076-publicacaooriginal-154725-pl.html>>. Accessed on 10 February 2018.

²⁷ “The Towers” refer to Lower House of Congress' Palace, designed by the architect Oscar Niemeyer, which boasts two large towers and two domes, one of them inverted. (Publisher's note)

that the country's future requires education. This takes shape on the pulpit, on the tables of public hearings and discussions in corridors and offices. Looking at this institutionalized space power, we can measure the perception and the level of interest by part of society in relation to the library's impact on the education agenda. Whether we agree or not, the policy as articulated result of language, power, action and truth, is the locus par excellence of the public debate of ideas,²⁸ where acts become imperatives, whether by argument or by mad passion.

Between two Niemeyer's domes, rolls a whirlwind of narratives, shot through by interests of all kinds. Some are great, as the Proposed Amendment to the Constitution, which exempts digital books from taxes.²⁹ Others are at least eccentric, such as the bill that mandates the display of the national flag on the back of all our textbooks.³⁰ There is also an indication that Reading the Constitution is to become common practice in high schools.³¹ In the same "tradition, family and property" line, the Rio's deputy Corporal Daciolo wants to create a compulsory (in primary and secondary school curriculum in Brazil) discipline "study of the Holy Bible."³² I foresee, in the name of common sense that, if approved, Bible mobs will overwhelm the few Sutras and Guitas of our collections.

Being processed also in the House, one bill that requires the school to inform students of the ISBN (International Standard Book Number) of the teaching material, thus preventing

²⁸Charaudeau, P. *Le discours politique: les masques du pouvoir*. Paris, Vuibert, 2005.

²⁹BRAZIL. Lower House of Congress. Proposed Amendment to the Constitution No. 316, 2013. Gives daughter writing the letter "d" of item VI of art. 150 to exempt taxes on newspapers, magazines and digital books. Available in:
<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=AD12CE83BA7F568E709ABE5BCED5CBDB.proposicoesWeb2?codteor=1551366&filename=PEC+316/2017>. Accessed on 11 February 2018.

³⁰BRAZIL. Lower House of Congress. Bill No. 3758, 2012. Inserts device in Law No. 5,700, of September 1, 1971 to make mandatory the print image of the national flag on the back cover of textbooks made for primary and secondary education. Available at:
<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=985861&filename=PL+3758/2012>. Accessed on 14 February 2018.

³¹BRAZIL. Lower House of Congress. . Indication No. 3855, 2017. suggested the Minister of Education, the adoption of the practice of reading the Constitution of 1988 in high schools in the country tdo Available at: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1584672&filename=INC+3855/2017>. Accessed on 14 February 2018.

³²BRAZIL. Lower House of Congress. Bill No. 9164, 2017. Amends and adds provisions to Law No. 9.394, of December 20, 1996, the Law of Directives and Bases of Education to include "Study of the Bible" as a compulsory subject in the curriculum of elementary and secondary education in Brazil. Available in: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1625314&filename=PL+9164/2017>. Accessed on 14 February 2018.



them from buying wrong teaching materials.³³ Just between us, could there be a more preposterous proposition that this? I love that misplaced creativity gave way to simple and urgent action. An example? That such an information request addressed to the Minister of Culture questioning the stubbornness of his Ministry in not regulating the Law of Legal Deposit? The result of this silence with pinches of contempt has resulted in a clear cultural loss for the country, involving, among other issues, the lack of production and dissemination of Brazilian literature.

There are also, in this same field of chaff and wheat, some controversial projects. Mr. Pedro Fernandes proposed that 25% and 5% of school library books be, respectively, by authors born or resident in the State and in the city of the school.³⁴ While the motivation is laudable - to make students know the local literature – I do not believe the custody and dissemination of this memory is incumbent upon the school library, but upon the public. And I say this with a caveat. After all, as luandese Gonçalo Tavares said,³⁵ "Moralism is the antithesis of Literature". I guarantee no greater immorality exists than to defend the stateless nature of literary discourse. Better to risk his neck on the goethian gallows *Weltliteratur* than to fall like a duck into regionalist narrowness. Neither FIESP nor tucupi³⁶, comrades. Perhaps most appropriate knowledge to interpret our nationality is in confrontation between the outside and the inside.

³³BRAZIL. Lower House of Congress. Bill No. 8419, 2017. It requires the educational institution to inform the ISBN - International Standard Book Number - the courseware that ask the student. Available at: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1592977&filename=PL+8419/2017>. Accessed on 14 February 2018.

³⁴BRAZIL. Lower House of Congress. Bill No. 7455, 2017. Changes to Law No. 12,244, of May 24, 2010, which "offers on the universalization of libraries in the country's educational institutions" to make compulsory the presence of titles by local authors in school libraries. Available in: <[Http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1547190&filename=PL+7455/2017](http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1547190&filename=PL+7455/2017)>. Accessed on 11 February 2018.

³⁵ TAVARES, GM [Interview]. *newspaper Letters, Arts and Ideas*, Lisbon, 2005.

³⁶ The expression refers to two social groups: the great fortunes of Brazil, represented by the Federation of Industries (FIESP) and the population, which feeds on cassava juice (tucupi). (Publisher's note)



THE COURSE OF PUBLIC POLICIES

In the middle of the discursive field, there are projects to expand the direction of public policies pursued by the Federal Executive. Congresswoman Professora Dorinha Seabra Rezende, for example, raised a bill establishing the National Program of Technical and Vocational Books.³⁷ The goal is to distribute textbooks for the segment of vocational and technological education. Knowing that this segment offers, in addition to technical courses and qualifications, post-graduation programs. I have my doubts that this proposal is the most beneficial. It always seemed to me in almost twenty years occupying a seat in the university, that the various articles preserve a hint of originality, very suitable for these unfinished pedagogical spaces.

In the same vein is the proposal to implement the Teacher's Library Program³⁸, which consists of the donation of two literature books per quarter for teachers, auxiliary staff of kindergartens and librarians who perform their activities in the basic education network. The parliamentary suggestion strikes me as a palliative to the legal non-compliance by 14 states not to pay the national minimum wage of the teacher.³⁹ Not even the bill, already approved in the House and handled in the Senate, which provides discounts of 20% for teaching professionals in bibliographic materials related to their area seems appropriate.⁴⁰ If the country believes that the teacher, when consuming good literature, ends up

³⁷BRAZIL. Lower House of Congress. Bill No. 2422, 2015. Establishing the National Program of Technical and Vocational Book (PNLTP). Available in: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=1594154>>. Accessed on 11 February 2018.

³⁸BRAZIL. Congress. Federal Senate. Project of Senate Bill No. 1649-A, 2007 authorizes the creation of the Teacher's Library Program. Available at: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=4EAC43B3360A2EB4FE659EDC6C3511E2.node2?codteor=492474&filename=Avulso+-PL+1649/2007>. Accessed on 12 February 2018.

³⁹BRAZIL. Law No. 11,738 of 16 July 2008. Regulates item "e" of item III of the caput of art. 60 of the Act of Constitutional Provisions to establish national professional minimum salary for professionals in the public teaching of basic education. Available at: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11738.htm>. Accessed on 10 February 2018.

⁴⁰BRAZIL. Bill No. 2098, 2015. It provides for the guarantee to discount teaching professionals in books, periodicals and related teaching materials related to their area of teaching and professional practice. Available at: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1564380&filename=Tramitacao-PL+2098/2015>. Accessed on 10 February 2018.



benefiting their students, the best way is not cheap and controlling welfare. Empower them monetarily, allowing them to choose the titles that they see fit. Maybe we could implement a similar program to the Courts of Justice of São Paulo and Maranhão, which grants its judges and justices R \$ 5000 monthly book complement.

In any case, the network has quality stuff. Among the robust proposals, I highlight one in particular. Congresswoman Laura Carneiro has just submitted a bill⁴¹ aimed at creating the National System of School Libraries and broadening the concept of school library. This is a response to Law 12,244⁴² that links, in a very restrictive manner, this type of library. The author of the proposition, contemplating a series of objectives that go beyond the book, recognizes that this is a symbolic space characterized by complexity. Wisely, it distinguishes knowledge from information. Far from mere linguistic rigor, it is recognized that the references while appropriate to curriculum guidelines, if dissociated from other mechanisms and languages, does not generate knowledge, ie, the potential ability of an actor to behave effectively.⁴³ I applaud the representative Laura Carneiro. Strangely, the Senate is redundant to want to change the Law of Directives and Bases of Education, providing for the establishment of libraries in public elementary or middle school. Some good soul was needed to present to senators Law 12,244.

In any event, there is a risk that the Law be gutted before it reveals its freshness. I am referring to Senate Bill No. 158, 2016, by Senator Regina Sousa,⁴⁴ which forces the school to keep in the classroom, textbooks books collections and children's literature. The

⁴¹BRAZIL. Lower House of Congress. Bill No. 9484, 2018. Changes to Law No. 12,244, of May 24, 2010, which provides for the universalization of school libraries in educational institutions of the country, to provide for a new definition of school library and creates the System national School Library (SNBE). Available in:

<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1639337&filename=PL+9484/2018>. Accessed on 11 February 2018.

⁴²BRAZIL. . Law No. 12,244, of May 2, 2010. It provides for the universalization of libraries in educational institutions in the country Available at: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm>. Accessed on 11 February 2018.

⁴³Nafria DIAZ, JM; MONTORO-PEREZ, M .; JUMP ALEMANY, F. (Eds.). Conocimiento. In: _____. Glosarium BITri: glossary of fetuses, metaphors, theories problems y en la información around the. Leon: Universidad de León, 2010. p. 47. Available at: <<http://glossarium.bitrum.unileon.es/>>. Accessed on 14 February 2018.

⁴⁴BRAZIL. Congress. Federal Senate. Project Senate Bill No. 158, 2016. Changes to Law No. 12,244, of May 24, 2010, to define specifics of school libraries in institutions that ofertem preschool education, elementary and high school. Available in:<<https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=570571&disposition=inline>>. Accessed on 11 February 2018.



dilution of collections, although it may seem, at first, as strategies democratizing access to books, is a serious threat to the library. In fact, the bill reduces library space to the technical processing of the acquired assets. Within this perspective, the librarian is mere cataloguer. This is an impropriety.

FINAL CONSIDERATIONS

In all countries in which reading has become a habit, students are encouraged from a young age, to attend the library. They know that this space, far from being a topography shaped under the scrutiny of order and silence is a noisy equipment, manifold, guarantor of informational skills that will accompany its visitors for life. In this sense, leaving the controlled space of the classroom, and becoming embroiled in the library with its collections and languages, and generating skills, that generate knowledge, prepares the individual to face fakenews and “rosiclairs” narratives. We indicate that some educational activities be developed in the library! After all, the world never looked like a classroom. The world is a library, with its potential and impermanency. Perhaps this is the first lesson to be learned by those who populate the spaces between the two towers.

REFERENCES

BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 2.422, de 2015**. Institui o Programa Nacional do Livro Técnico e Profissionalizante (PNLTP). Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=1594154>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 7.455, de 2017**. Altera a Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010, que "Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país", para tornar obrigatória a presença de títulos de autores locais nas bibliotecas escolares. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1547190&filename=PL+7455/2017>. Acesso em: 11 fev. 2018.

BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 9.484, de 2018**. Altera a Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas escolares nas instituições de ensino do País, para dispor sobre uma nova definição de biblioteca escolar e cria o Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares (SNBE). Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1639337&filename=PL+9484/2018>. Acesso em: 11 fev. 2018.

BRASIL. Congresso. Senado Federal. **Projeto de Lei do Senado nº 1.649-A, de 2007**. Autoriza a criação do Programa Biblioteca do Professor. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=4EAC43B3360A2EB4FE659EDC6C3511E2.node2?codteor=492474&filename=Avulso+-PL+1649/2007>. Acesso em: 12 fev. 2018.

BRASIL. **Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008**. Regulamenta a alínea “e” do inciso III do caput do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11738.htm>. Acesso em: 10 fev. 2018.

BRASIL. **Lei nº 13.601, de 9 de janeiro de 2018**. Regulamenta o exercício da profissão de Técnico em Biblioteconomia. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2018/lei-13601-9-janeiro-2018-786076-publicacaooriginal-154725-pl.html>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 2.098, de 2015**. Dispõe sobre a garantia aos profissionais do magistério de desconto em livros, periódicos e materiais didáticos correlatos vinculados à sua área de ensino e de atuação profissional. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1564380&filename=Tramitacao-PL+2098/2015>. Acesso em: 10 fev. 2018.

TAVARES, G. M. [Entrevista]. **Jornal de Letras, Artes e Ideias**. Lisboa, 2005.



ESTUDOS DE CASO E RELATOS DE PESQUISA: FORMAÇÃO DO LEITOR E CULTURA DA LEITURA

Biblioteconomia Pública: Experiência de Ensino-Aprendizagem¹

Public Librarianship: Teaching-Learning Experience

Biblioteconomía pública: experiencia docente-didáctica

Alberto Calil Elias Junior²

Elisa Campos Machado³

Gabriela Falcão Klein⁴

¹ Recebido em 14/09/18, versão aprovada em 11/11/2018.

² Prof. Dr. do Departamento de Estudos e Processos Biblioteconômicos (DEPB) e do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da UNIRIO. Líder do Grupo de Pesquisa Bibliotecas Públicas no Brasil.

³ Profa. Dra. do Departamento de Estudos e Processos Biblioteconômicos (DEPB) e do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da UNIRIO. Líder do Grupo de Pesquisa Bibliotecas Públicas no Brasil.

⁴ Graduada em Letras-Português pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Discente do curso de Bacharelado em Biblioteconomia da UNIRIO.

RESUMO

Apresenta os resultados de ensino-aprendizagem vivenciados em disciplina de Biblioteconomia Pública, ministrada na Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), com ênfase a visita à Biblioteca Comunitária Atelier das Palavras. Relata a metodologia utilizada pelos docentes, bem como a narrativa construída pela discente a partir do exercício de uma observação e registro em diário de campo. Com o relato da experiência pedagógica na universidade pública, espera-se dar visibilidade e valorizar a temática que envolve a Biblioteconomia Pública, bem como a importância do diálogo, do estímulo ao olhar atento e sensível e a vivência de alunos e alunas de Biblioteconomia para além da sala de aula, no processo de ensino-aprendizado, no âmbito da graduação.

PALAVRAS-CHAVE: Biblioteca Comunitária. Biblioteconomia Pública. Ensino em Biblioteconomia.

ABSTRACT

It presents the results of teaching-learning experienced in the discipline of Public Librarianship, taught at the school of Library Science of the Federal University of Rio de Janeiro State (Unirio), with emphasis on the visit to the Community Library “Atelier Das Palavras” (Workshop of Words). It reports the methodology used by the professors, as well as the narrative constructed by the student from the exercise of a observation and record in a field diary. With the report of the pedagogical experience in the public university, it is expected to give visibility and value the theme that involves the Public Librarianship, as well as the importance of dialogue, encouragement to attentive and sensitive eyes and the experience of students and pupils of Library Science beyond the classroom, in the teaching-learning process, in the context of graduation.

KEY WORDS: Community library. Public Librarianship. Teaching in Library Science.

RESUMEN

Presenta los resultados de la enseñanza-aprendizaje experimentado en la disciplina de la Biblioteconomía Pública, impartido en la escuela de Biblioteconomía de la Universidad Federal del Estado de Río de Janeiro (UNIRIO), con énfasis en la visita a la biblioteca comunitaria Atelier das Palabras. Se reporta la metodología utilizada por los profesores, así como la narrativa construida por el alumno desde el ejercicio de una observación y registro en un diario de campo. Con el informe de la experiencia pedagógica en la Universidad Pública, se espera dar visibilidad y valor al tema que involucra la Biblioteconomía Pública, así como la importancia del diálogo, el estímulo a los ojos atentos y sensibles y la experiencia de los estudiantes y alumnos de Biblioteconomía, más allá del aula, en el proceso de enseñanza-aprendizaje, en el contexto de la graduación.

PALABRAS CLAVE: Biblioteca Comunitaria. Biblioteconomía Pública. Enseñanza en Biblioteconomía.



INTRODUÇÃO

Desde 2013, o Grupo de Pesquisa “Bibliotecas Públicas no Brasil: reflexão e prática” (GPBP)⁵, sediado na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e certificado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), vem trabalhando na ampliação e fortalecimento do ensino e pesquisa na área da Biblioteconomia Pública. Para tanto, seus integrantes têm por premissa atuar de maneira articulada por meio de projetos de pesquisa, ensino e extensão, atendendo assim as diretrizes do ensino superior e da universidade pública.

O GPBP tem por objetivo atuar como um catalisador, articulador e fomentador de pesquisas acadêmicas sobre o assunto, de maneira a:

- colaborar para a qualificação da formação de profissionais para atuar nesse segmento;
- desenvolver estudos acerca das práticas biblioteconômicas para esse tipo de biblioteca;
- identificar conteúdos para serem desenvolvidos e implementados em cursos de graduação e pós graduação e;
- apoiar a formulação de políticas culturais para as bibliotecas públicas no país.

Dentre as atividades desenvolvidas nesse universo, encontra-se a oferta da disciplina Biblioteconomia Pública para os discentes do curso de graduação em Biblioteconomia de Bacharelado e Licenciatura da UNIRIO.

A Biblioteconomia Pública é considerada um recorte, ou um ramo da Biblioteconomia, que trata das especificidades que envolvem as bibliotecas públicas e a formação de profissionais para atuar nesse tipo de instituição. Como disciplina, aborda conteúdos relativos às origens, funções, objetivos, características e conceitos da biblioteca pública; dos sistemas de bibliotecas públicas: nacional, estadual e municipal; da biblioteca comunitária, mantidas e geridas por coletivos; da leitura e mediação de leitura como

⁵ Mais informações sobre o GPBP no endereço eletrônico: <http://culturadigital.br/gpbp/>



práticas nesses espaços; além das questões que envolvem a gestão pública e as políticas públicas de cultura voltadas para esse tipo de instituição.

Nesse artigo, apresentamos um relato de experiência de ensino-aprendizado vivenciada no segundo semestre de 2017, durante curso ministrado na Escola de Biblioteconomia da UNIRIO. Essa narrativa enfatiza os resultados de uma das atividades propostas pelos docentes, que envolvia a visita presencial a uma biblioteca pública ou comunitária e o posterior compartilhamento da experiência com o restante da turma.

METODOLOGIA

A disciplina Biblioteconomia Pública tem por objetivo oferecer oportunidade para o(a) aluno(a) refletir sobre as condições e práticas de gestão de bibliotecas públicas. Além disso, busca apresentar e aproximar o(a) aluno(a) dos projetos de pesquisa e extensão voltados para essa temática, intra e extra Universidade, bem como vivenciar experiências reais que envolvam a ação cultural e a mediação de leitura em bibliotecas públicas e comunitárias.

O curso foi organizado em 3 unidades programáticas, buscando-se a articulação entre o arcabouço teórico e a prática em bibliotecas públicas e comunitárias. Para cada uma das unidades foram sugeridas leituras de textos considerados basilares para a compreensão e debate em sala de aula, bem como o desenvolvimento de atividades práticas que abrangeram: a participação em oficinas ligadas aos temas discutidos em sala de aula; promoção de palestras de professores, bibliotecários e mediadores de leitura atuantes em bibliotecas públicas ou comunitárias; visitas às bibliotecas públicas e comunitárias. A seguir, são apresentadas as unidades propostas, bem como os autores utilizados para a realização desses debates:

- Unidade 1 - Bibliotecas Públicas e Bibliotecas Comunitárias
(FERNANDEZ, MACHADO, 2016; KOONTZ, GUBBIN, 2012;
MACHADO, 2015; MILANESI, 2002, 2013;)

- Unidade 2 - Leitura e mediação de leitura (CHARTIER, 2002; DUBEUX, ROSA, 2015; PETIT, 2008, 2009)
- Unidade 3 - Políticas públicas para bibliotecas (CALABRE, 2009; MACHADO, CALIL, ACHILLES, 2014; YEPES, 2007)

As aulas presenciais em sala foram intercaladas com aulas externas com atividades programadas. Dentre as atividades externas, como já mencionado anteriormente, destacamos a proposta feita ao grupo referente à visita a uma biblioteca dentro da tipologia pública ou comunitária, tendo como objetivo a realização de observações in loco do cotidiano desse tipo de equipamento cultural. Naquele momento, os(as) alunos(as) já haviam se aproximado de várias experiências em curso, por meio de debates com profissionais e pesquisadores convidados que atuam nesses ambiente, além de vídeos e leitura de textos complementares.

Os(as) alunos(as) tiveram autonomia para escolher executar a atividade individualmente ou em grupo, bem como escolher a biblioteca a ser visitada. Para facilitar a escolha, foram fornecidas duas fontes de pesquisa, o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas⁶ e a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias⁷. Além disso, foram orientados(as) a planejar sua visita, agendando, apresentando-se como estudantes de Biblioteconomia da UNIRIO e organizando os meios para o registro das informações coletadas.

Nessa perspectiva, foi necessária uma discussão acerca das técnicas de observação participante e não-participante, bem como uma breve aproximação dos discentes com o fazer etnográfico e com as atividades de registro de diário de campo, tendo em vistas a realização da visita às bibliotecas selecionadas. Os alunos foram orientados a atuar, durante a visita, como observadores, com atenção especial à dinâmica do espaço, dos serviços e atividades de mediação, das condições físicas da biblioteca, entre outras questões que fossem percebidas e consideradas importantes.

No diário de campo, deveriam registrar:

⁶ Endereço eletrônico: - <http://snbp.culturadigital.br/informacao/dados-das-bibliotecas-publicas/>

⁷ Endereço eletrônico: <http://www.rnbc.org.br>

- as condições externas - que envolvem a chegada a biblioteca, condições de acesso, fachada da biblioteca, etc.;
- as condições internas - descrever como é a iluminação, temperatura, ventilação, ruído.
- informações sobre a circulação de pessoas na biblioteca: tem usuários entrando e saindo? Usuários fazendo pesquisa? Crianças? Adultos?
- informações sobre a circulação dos funcionários: quantos funcionários estavam trabalhando no local? O que faziam? Onde estavam?
- além de outras ocorrências que considerassem curiosas e que valessem registro antes, durante ou ao término da visita.

Outro mote importante da atividade foi a proposta do compartilhamento. Na aula subsequente ao período destinado à visita, cada aluno(a) ou grupo apresentou suas impressões sobre a biblioteca escolhida, de forma oral, e entregou o diário de campo com o registro das observações realizadas. Após a apresentação, professores e os demais discentes da turma puderam tecer comentários e perguntas sobre o relato, favorecendo a articulação entre o cotidiano observado das bibliotecas e o arcabouço teórico previamente estudado.

A devolutiva dos(as) alunos(as) foi um momento muito significativo em sala de aula, pois foi observada a importância da aproximação e vivência dos(as) alunos(as) de Biblioteconomia a esses espaços, e o quanto essa realidade não faz parte do dia-a-dia de aprendizado na Universidade. Os resultados superaram as expectativas do grupo que pouco conheciam a biblioteca de sua região. Vale registrar a surpresa e descoberta de bibliotecas públicas com espaços, serviços, acervos exemplares, indo contra o discurso recorrente, que impera na academia e na sociedade como um todo, sobre o fracasso desse tipo de serviço público. Por outro lado, foram também observadas bibliotecas com problemas e inadequação de espaço, recursos, acervos entre outros, no entanto, os resultados das visitas evidenciou que essa condição não é a regra.

A seguir, apresentamos o diário de campo de uma das alunas que participaram do processo.



VISITA À BIBLIOTECA COMUNITÁRIA ATELIER DAS PALAVRAS⁸

Mas o pranto da Mangueira
É tão diferente
É um pranto sem lenço
Que alegra a gente
(Cartola)

Mesmo antes da proposta de atividade de campo da disciplina Biblioteconomia Pública, já tinha vontade de visitar alguma das bibliotecas que foram citadas, ou representadas no evento “Bibliotecas Comunitárias: entre saberes e fazeres”, ocorrido em março de 2017, no Centro de Ciências Humanas (CCH) da UNIRIO. Esse evento foi pelos integrantes do projeto de extensão Bibliotecas públicas e comunitárias: da teoria à prática, do qual faço parte.

Primeiramente pensei na Biblioteca Comunitária Elias José, no Complexo da Maré, mas a considerável distância da minha casa e a possível falta de segurança da comunidade me fizeram declinar da ideia. Como sabia que uma integrante do grupo de pesquisa do qual faço parte⁹ possui ligação com a Biblioteca Comunitária Atelier das Palavras, que fica na Mangueira¹⁰, zona norte do Rio de Janeiro, decidi tentar uma visita lá. Para isso, conversei, via email, com ela (Ilca Bandeira dos Anjos, bibliotecária formada pela UNIRIO), sobre a possibilidade de me acompanhar nessa visita. Ela se mostrou muito solícita e combinamos, então, que iríamos até lá na manhã do dia 21 de setembro de 2017.

Na data acordada, encontrei com a Ilca na saída do metrô, estação Maracanã, às 8h10min. Ao descer as escadas da plataforma, em direção à comunidade da Mangueira, observei que havia ambulantes e mototaxistas conversando efusivamente. Não contei o número exato, mas eram em torno de dez a doze homens, no total. Ao lado deles, e escrita na parede da plataforma, já na calçada da Avenida Visconde de Niterói (que dá acesso à

⁸ A narrativa apresentada nessa seção encontra-se na primeira pessoa do singular, na forma como foi apresentada em sala de aula e refere-se ao resultado da visita realizada por uma das autoras desse artigo, Gabriela Falcão Klein, à Biblioteca Comunitária Atelier das Palavras, localizada na Mangueira, na cidade do Rio de Janeiro.

⁹ Grupo de Pesquisa Bibliotecas Públicas no Brasil: reflexão e prática (GPBP).

¹⁰ A ocupação do Morro da Mangueira começou no século XIX, já denominação “mangueira” veio em função de uma famosa fábrica de chapéus de mesmo nome, instalada na região (que era uma grande produtora de mangas). De acordo com o censo de 2010, a população da comunidade é de quase 15 mil habitantes. Disponível em: <http://www.riomaissocial.org/territorios/mangueira/>. Acesso em 19 jan 2018.



comunidade), havia uma tabela de preços para as corridas de moto, variando de acordo com o destino escolhido pelo passageiro.

Entramos na primeira viela à esquerda após essa plataforma e percebi, prontamente, que o movimento no local era grande, apesar de ser um pouco cedo: pessoas lavando as frentes de suas casas ou comércios com baldes d'água, alguns pequenos grupos conversando, dois gatos dormindo em cima de uma moto vermelha, televisões ligadas na quase dezena de estabelecimentos comerciais por onde passamos, trazendo as notícias de uma cidade. Sangue quente que já mostrava que uma insustentável situação logo mais explodiria na (nem) tão distante Rocinha¹¹, em contraste com as notícias de uma cidade maravilhosa cheias de encantos mil e seus preparativos para o Rock in Rio, que retornaria naquela noite, após sucesso na semana anterior, mesmo com a ausência de sua principal atração¹².

Quantos Rios de Janeiro cabiam naquele telejornal?

Fazia calor e nós continuamos nossa breve caminhada, até que Ilca parou para conversar com uma moça que cortava couve numa mesinha em frente a um pequeno restaurante. O almoço de logo mais já começara a ser preparado. Oito reais a quentinha. Na volta, passarei aqui para levar duas para meu almoço e de minha família, pensei.

Mais duas dúzias de passos e, entrando em uma estreita viela à direita, com o aviso na parede “favor não jogar lixo”, chegamos a uma espécie de portal, onde era possível ler um convidativo “Era uma vez”. Chegamos. Encarei o colorido portal como uma passagem para um lugar que seria, quem sabe, um outro Rio de Janeiro, que não aqueles dois tão diferentes entre si que os telejornais estavam mostrando naquela calorenta manhã de quinta-feira, último dia de inverno no Hemisfério Sul.

Eram quase oito e meia da manhã. Na parede da entrada da biblioteca, cartazes de incentivo à leitura - “quem não lê mal fala, mal ouve, mal vê” - “você não precisa ir tão

¹¹ Entre os meses de setembro e outubro de 2017, ações policiais para o combate ao tráfico e prisão de traficantes que dominavam a Rocinha fizeram com que a comunidade vivesse um período de muita tensão e falta de itens básicos como água, gás e alimentos.

¹² O Rock in Rio teve sua primeira edição em 1985, na cidade do Rio de Janeiro, com presença estimada de 1,38 milhão de espectadores e show de artistas como AC/DC, Yes e Queen. No ano de 2017, ocorreu a 17ª edição do festival, entre os dias 15 a 17 e 21 a 24/09. Nessa edição, e às vésperas de sua apresentação na Cidade do Rock, a cantora Lady Gaga anunciou que não poderia comparecer ao evento devido à fortes dores causadas por fibromialgia.

longe para viajar, Biblioteca Atelier das Palavras, o passaporte para sua viagem” – e mais: desenhos das crianças e uma placa informando que a biblioteca participa do projeto Cine Clube Literário.

Fomos recebidas pela Luana, monitora da biblioteca e pela Jeniffer, menina de cerca de oito anos que varria a área que dava acesso ao pequeno prédio: uma construção de dois andares, em que a biblioteca funciona no de baixo e, no segundo andar do imóvel há uma cozinha, escritório, banheiro, um depósito, onde ficam livros doados e ainda não selecionados, além de outros materiais (móveis, máquinas de costura e etc.). Na biblioteca, há estantes coloridas, uma mesa grande para leitura, mesas e cadeiras menores, para crianças, uma televisão de 40 polegadas, ventiladores e uma mesa com computador, para registro de empréstimos e devoluções. Numa sala ao fundo, há uma brinquedoteca e banheiro.

Logo chega Kely Louzada, gestora da biblioteca, e começamos a conversar. Havíamos nos falado muito brevemente no evento na UNIRIO, então me apresentei e contei um pouco sobre minha jornada acadêmica e profissional. Ilca subiu para fazer um café com Beethoven Lima, integrante da equipe, que havia acabado de chegar. Kely, que é moradora da Mangueira, me disse ser arte educadora. Também me contou que a biblioteca foi construída em sede própria (o terreno foi doação dela), e que a mesma é um desdobramento da associação “Meninas e Mulheres do Morro”, que atua na comunidade da Mangueira desde 1995, e foi fundada por ela¹³. A primeira grande doação de livros veio por meio da iniciativa de uma cineasta da novela Floribella (exibida pela Rede Bandeirantes entre os anos de 2005 e 2006), que conheceu o Projeto Meninas e Mulheres

¹³ De acordo com o site institucional, “Meninas e Mulheres do Morro” é sediada no Morro da Mangueira, numa área conhecida como “Parque Candelária”, zona norte da Cidade do Rio de Janeiro desde a sua criação em 1995. A compreensão plena da realidade local e o consequente interesse na busca de alternativas capazes de transformar o contexto social da comunidade foram os fatores sensibilizadores para o nosso surgimento, ou seja, da mobilização para a formalização da nossa instituição. Desde então, o “MM do Morro”, como é conhecida, nos impulsionou como “agente transformador” a importantes conquistas no encontro ao fortalecimento da educação, da cultura e cidadania das crianças, adolescentes e jovens em nossa “Comunidade”. Em 2004 registramos a ONG, que ganhou o nome de Associação Meninas e Mulheres do Morro. Todas as nossas ações são voltadas para arte educação, leitura, cultura e cidadania e sempre nos apropriando de novos recursos tecnológicos e metodológicos. Nossa missão tem como meta criar oportunidades transmitindo valores, e que a comunidade e o entorno crie um sentimento de pertencimento com o espaço. Para que crianças, adolescentes, jovens/adultos e mulheres possam se desenvolver plenamente como cidadãos visando seu futuro, fazendo disto um meio de transformação do seu ambiente social.” Disponível em: <<http://www.meninasemulheresdomorro.org.br/p/quem-somos.html>> Acesso em 25/09/2017.



do Morro e então doou os livros que compunham o cenário da narrativa infanto-juvenil. Criou-se, assim, uma sala de leitura.

Logo, a sala foi promovida a Biblioteca Comunitária, devido ao crescimento do acervo e de sua estrutura. A parceria com o Instituto C&A, iniciada em 2006, e em vigor até hoje, possibilitou que novos títulos e infraestrutura (estantes, computadores, etc.) pudessem ser disponibilizados aos usuários.

Kely deixou claro que, quando há dinheiro em caixa, eles mesmos compram livros e, muitas vezes, os que são indicados pelos frequentadores. Hoje, a biblioteca comunitária conta com aproximadamente 12 mil exemplares e, segundo a coordenadora, cerca de 50% desse acervo está catalogado. O acervo não possui livros didáticos, por decisão administrativa. “Aqui é lugar de literatura”, disse Kely.

A biblioteca funciona de terça a sexta-feira, das 8h30min até às 17h. Nas segundas, não há atendimento ao público. Ela também abre em alguns sábados, das 9h às 11h. Kely me contou que estão estudando a possibilidade de abrir o espaço todos os sábados e com um horário mais estendido, devido à grande demanda. Ocorre também, na biblioteca, um almoço semanal. Na data de minha visita, dia desse almoço, seria preparado um *stroganoff*. Cada criança contribui com 2 reais ou algum ingrediente para o preparo do prato. Enquanto conversávamos, uma delas chegou com um pacote de batata palha e outra lamentou ter esquecido o creme de leite.

Observei que, naquele dia, a biblioteca tinha sido aberta um pouco antes, tanto é que, quando chegamos (antes do horário “oficial” de abertura), o movimento por lá já era grande: cerca de oito a dez crianças já estavam no espaço e, embora tenha havido um grande entra e sai nesse primeiro momento da minha visita, notei que logo o número de frequentadores foi aumentando. Eram crianças na faixa dos sete a doze anos, negras, e em número equilibrado entre meninos e meninas. Algumas estavam entregando e/ou retirando livros, outras liam sentadas no chão ou cadeiras e outras, ainda, estavam apenas circulando pelo espaço. As crianças agiam com bastante autonomia: pegavam livros nas estantes, conversavam entre si, ajudavam a organizar o espaço, seja arrumando as cadeiras ou mesmo varrendo a entrada da biblioteca, como fazia Jeniffer, na hora de nossa chegada. Percebi que elas tinham grande respeito ao local.



Kely me explicou que dificilmente é preciso pedir que baixem o tom de voz, pois as crianças costumam equilibrar a fala (seu tom ou mesmo sua necessidade) com o silêncio. Além disso, me disse que, estatisticamente, poucos livros não são devolvidos ou voltam com algum tipo de rasura, e os próprios frequentadores “cobram” daquele que atrasa a devolução de algum livro e chegam a ir à casa dos “devedores”, pedindo: “fulano, entrega logo o livro tal que eu também quero ler”. E isso quase sempre dá certo.

Acontece, às vezes, dos livros serem compartilhados: “As crônicas de Nárnia”, por exemplo, estava sendo lida de forma “coletiva” por crianças e jovens, uma vez que há apenas um exemplar na biblioteca e eles, então, o leem no local, cada um de uma vez, e marcam a página que está sendo lida. A imagem de um livro com muitos marcadores de páginas me fez pensar: quantas e quais histórias daquelas crianças da comunidade se misturam às das crianças do livro? Que tipos de fantasias e sonhos elas partilham?

Há, ainda, uma “estante para leitura”, localizada na entrada da biblioteca, que é organizada pelos próprios leitores: eles selecionam livros que acreditam que devam ser lidos por outras pessoas e os colocam em destaque. Já os “livros sensibilizados”, segundo Kely, são aqueles que são retirados das estantes pelas crianças, são “mexidos”, mas não são lidos até o final. O grupo gestor está fazendo uma estatística sobre quais são esses livros e, com ela, pretendem verificar fatores que possam ter “sensibilizado” os leitores, como capa, ilustrações, temática, etc.

Chamou-me muito a atenção uma estante onde os livros ali presentes já haviam sido adaptados para o cinema e que havia, para cada título, dois exemplares: um para empréstimo e outro para consulta local. Kely me explicou que aquela era a “seção Cine Literário”, doação de um projeto parceiro, e que havia, além dos livros, os DVDs dessas adaptações e que estavam disponíveis ao público, mas apenas para serem vistos ali na biblioteca, dada a fragilidade do material. Havia, em outra estante, algumas prateleiras de livros com marcadores de páginas em seus interiores. A razão disso era simples: eles estavam sendo lidos no espaço da biblioteca pelas crianças/jovens, e os marca-páginas, claro, eram para eles saberem onde tinham parado a leitura. Segundo Kely, ninguém mexia naqueles livros e naqueles marcadores, que não o seu leitor da vez.



Perguntei à minha anfitriã sobre possíveis outras ações de leitura e fui informada de que, ao final de cada mês, o grupo gestor realiza um planejamento mensal de um assunto a ser trabalhado. No mês de setembro, por exemplo, o tema escolhido foi “identidade”. Os gestores da biblioteca buscam, no acervo, livros relativos ao tema proposto e os deixam à disposição para o público, seja em lugar de destaque na estante, seja em cima da mesa. Além disso, há rodas de leitura dessas obras com as crianças.

Enquanto conversávamos, o grupo de crianças que ali permanecia se reuniu em roda e, quando me dei conta, já estavam lendo “O livro da avó”. Não tenho como afirmar se foi uma atitude totalmente “espontânea” por parte deles mas, no momento em que iniciaram a atividade, não havia nenhum adulto fazendo qualquer tipo de mediação. Mas eu ainda presenciaria um (outro) momento de mediação de leitura, logo em seguida.

Em torno das 9h, chegou ao local uma estudante de Pedagogia da UNIRIO, chamada Amanda, que está fazendo um estágio curricular na biblioteca. Ela primeiramente esperou as crianças terminarem a atividade de leitura que estavam fazendo e, logo após, apresentou ao grupo alguns exemplares da coleção “como eu me sinto”, que traz temas como o medo, o amor, a perda, etc. O título escolhido para leitura foi “como eu sinto... quando sou amado”. No início de sua leitura, houve um pouco de burburinho entre as 12 crianças que ali estavam, mas logo elas ficaram mais atentas à historinha contada. Era a terceira ida da estudante ao local, e penso que a possível falta de vínculo entre ela e o grupo pode ter afetado o comportamento das crianças. Após a leitura, Amanda perguntou a elas quando e como se sentem amadas. Achei interessante o fato de quase todas, e muito rapidamente, citarem as mães como algo relativo ao amor. Outras respostas que consegui identificar, pois estavam falando todos ao mesmo tempo, foram: “quando minha vó me passa batom”, “quando eu saio para passear”.

Num segundo momento da atividade de mediação de leitura, as crianças leram, em grupo, outra obra da mesma coleção, de título “quando me sinto triste”. Não ouvi os exemplos dados por elas, pois nesse momento fui chamada para conhecer a parte superior do prédio da biblioteca. Quando subi para conhecer as instalações, Luana e Ilca iniciavam os preparativos do almoço coletivo. Beethoven havia, há pouco, passado café e o cheiro ainda estava no ambiente. A conversa entre eles era sobre lavar ou não o arroz antes de cozinhar. Logo, Ilca se despediu de nós, pois precisava ir para a Lapa, onde trabalha.



Tirei algumas fotos e logo retornei à biblioteca para acompanhar o andamento da mediação de leitura. Amanda havia proposto uma atividade de desenho relativo aos livros recém-lidos: em folhas A4, elas coloriam um emoji referente às suas emoções (feliz, triste) e escreviam ou desenhavam algo relativo a esses sentimentos. Pouco tempo depois, me dirigi à parte de fora da biblioteca e, enquanto lanchava rapidamente, observava o entorno daquele portal: o lado de dentro e o lado de fora estariam, assim, tão distantes?

Fazia muito calor na rua. Calor e silêncio. Aproveitei para tirar algumas fotos de cartazes lambe-lambe que estavam em uma parede próxima, sendo uma destas o cartaz do samba enredo do carnaval de 2018. Algumas pessoas por ali passaram e todas me cumprimentaram. Em seguida, um senhor entrou no portal e foi conferir se havia livros para serem levados para descarte ou doação. Ele verificou que havia uma pilha de livros didáticos para serem doados e me disse que, em breve, voltaria com um carrinho (de mão?) para levá-los. Apenas sorri e assenti com a cabeça.

Olhei meu celular. Quase onze horas. Eu tinha que ir embora. Soube, então, que Kely precisou ir para a sua casa, pois teve um contratempo. Fiquei ali ainda mais um pouco, mas às onze não pude esperá-la mais e deixei um abraço e um “muito obrigada”. Despedi-me de Luana, que fazia o almoço, de Amanda e das crianças, que ainda faziam a atividade de desenho.

ATRAVESSEI O PORTAL

Beethoven me acompanhou até a saída da comunidade. Falamos sobre a biblioteca, sobre o Sul, de onde eu vim, sobre a cidade do Rio de Janeiro e suas variações de temperatura (ele me contou que, no Rio das Pedras, onde mora, corre um vento que refresca um pouco essa cidade sangue quente), sobre os caminhos acadêmicos e profissionais: ele me disse que é graduado em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, mas vê no lado mais social de sua profissão o seu “norte”; contei a ele que me graduei em Letras, mas pretendo continuar atuando na educação de outra forma, através da Biblioteconomia.

O caminho que fizemos, Beethoven e eu, não foi o mesmo que fiz com Ilca, quando chegamos na Mangueira. Nós andávamos numa rua relativamente larga para os padrões



do lugar. Ali, vi alguns bares fechados, uma quadra de esportes mal cuidada e, do outro lado da pista veloz, o Maracanã. O novo, o da Copa, o dos milhões de reais desviados. Já muito perto da saída para o asfalto, uma viatura passa ao nosso lado, perigosamente perto de mim. Nela, quatro policiais. A ponta do fuzil de um deles, que estava para fora da janela, quase encostou em meu ombro. Foi então que percebi que, ao passar aquele portal colorido, não longe dali, eu voltara a viver em um daqueles outros Rios de Janeiro. E sem a minha quentinha para o almoço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados dessa atividade geraram 32 diários de campo com relatos ricos em detalhes, expressando os resultados da visita às bibliotecas selecionadas, sob o ponto de vista etnográfico, visando estreitar o diálogo entre o aporte teórico do campo da Biblioteconomia Pública, com o cotidiano de bibliotecas públicas e de bibliotecas comunitárias, conforme pode ser observado na narrativa da Biblioteca Comunitária Atelier das Palavras, apresentada na seção anterior. Ademais, nesse estreitamento entre a teoria e a prática, buscou-se também a reflexão, em conjunto com os discentes, sobre a relevância dos “modos de fazer” para se pensar sobre esses espaços, seus atores e suas práticas

A proposta dessa disciplina está alinhada com o princípio da indissociabilidade entre a pesquisa, o ensino e a extensão, visto que lançou mão de conteúdos dos projetos que encontram-se nessas 3 dimensões e que vem sendo desenvolvidos dentro do Grupo de Pesquisa Bibliotecas Públicas no Brasil. Com o relato dessa experiência pedagógica na universidade pública esperamos dar visibilidade e valorizar a temática que envolve a Biblioteconomia Pública, bem como a importância do diálogo, do estímulo ao olhar atento e sensível e a vivência de alunos e alunas de Biblioteconomia para além da sala de aula, no processo de ensino-aprendizado, no âmbito da graduação.

Entendemos que a oferta dessa disciplina, com os conteúdos e metodologias propostas, contribui para que a universidade pública, e especificamente o curso de Biblioteconomia da UNIRIO, cumpra a missão de formar bibliotecários(as) cidadãos(ãs) para atuar em

bibliotecas públicas e comunitárias e em outros espaços públicos, como verdadeiros gestores públicos. Num país como o Brasil, onde os índices de analfabetismo funcional são alarmantes, o acesso à informação, à leitura e à cultura são tarefas prioritárias que o bibliotecário encontrará no dia-a-dia das bibliotecas públicas e comunitárias, portanto, formá-los(as) para enfrentar tal desafio é nosso objetivo.

REFERÊNCIAS

- CALABRE, L. **Políticas Culturais no Brasil: dos anos 1930 ao século XXI**. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.
- DUBEUX, M. H. S.; ROSA, E. C. de S. **Abriu-se a biblioteca... mitos, rimas, imagens, monstros, gente e bichos**. Recife: Ed. UFPE, 2015.
- FERNANDEZ, M. A. A.; MACHADO, E. C. **Bibliotecas públicas: um equipamento cultural para o desenvolvimento local**. Recife: Centro de Desenvolvimento e Cidadania, 2016.
- KOONTZ, C; GUBBIN, B. **Diretrizes da IFLA para bibliotecas públicas**. Brasília: Brique de Lemos, 2012.
- MACHADO, Elisa Campos; CALIL JUNIOR, Alberto; ACHILLES, Daniele. Mapeamento das políticas culturais nacionais voltadas para as bibliotecas públicas no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 15., 2014, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: ECI, UFMG, 2014. p. 2283-2301. Disponível em: <<http://enancib2014.eci.ufmg.br/documentos/anais/anais-gt5>>. Acesso em: 23 jan 2016.
- MILANESI, L. **Biblioteca**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002.
- MILANESI, L. **A casa da invenção: biblioteca centro de cultura**. 4. ed. rev. e ampl. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.
- MACHADO, E. C. **Acesso à informação em bibliotecas públicas: aspectos políticos e econômicos**. SILVA, J. F. M da (Org.) A biblioteca pública em contexto: cultural, econômico, social e tecnológico. Brasília: Thesaurus, 2015.
- PETIT, M. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Ed. 34, 2009.
- PETIT, M. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Ed. 34, 2008.
- YEPES, L. B. **Consideraciones políticas en torno a la biblioteca pública y la lectura**. Medellín: Comfenalco, 2007.



VERSÃO INTEGRAL EM LINGUA INGLESA

CASE STUDIES AND RESEARCH REPORTS: READER FORMATION AND READING CULTURE

Public Librarianship: Teaching-Learning¹⁴

Alberto Calil Elias Junior¹⁵
Elisa Campos Machado¹⁶
Gabriela Falcão Klein¹⁷

¹⁴ Received on 09/14/2018, version approved in 11/11/2018.

¹⁵ PhD. professor of Department of Library Science Studies and Processes (DEPB) and the post-graduation program in Library Science of Unirio. Leader of the research group public libraries in Brazil.

¹⁶ PhD. professor Department of Library Science Studies and Processes (DEPB) and the post-graduation program in Library Science of Unirio. Leader of the research group public libraries in Brazil

¹⁷ Degree in Vernacular Letters Portuguese by Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS). Student of UNIRIO Library Science Graduation.



INTRODUCTION

Since 2013, the Research Group "Public Libraries in Brazil: reflection and practice" (GPBP)¹⁸, Based at the Federal University of the State of Rio de Janeiro (UNIRIO) and certified by the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq), has been working on the expansion and strengthening of teaching and research in the field of Public Library. To this end, its members have premised act in a coordinated manner by means of research projects, education and extension, thus meeting the guidelines of higher education and the public university.

The GPBP aims to act as a catalyst, articulator and developer of academic research on the subject, in order to: - contribute to the qualification of the training of professionals to work in this segment; - carry out studies about library economics practices for this type of library; - identify content to be developed and implemented in undergraduate and graduate programs and; - support the development of cultural policies for public libraries in the country. Among the activities developed in this universe, is the offer of the Public Library discipline for undergraduate course students in Bachelor of Library Science and Bachelor of UNIRIO.

Is considered a cut, or a branch of the Library, which deals with specificities of public libraries and the training of professionals to work in this type of institution. As a discipline, deals with content relating to the origins, functions, objectives, features and concepts of the public library; of public library systems: national, state and municipal; Community library, maintained and managed by collective bargaining; reading and reading mediation as practical in these spaces; beyond the issues involving the public administration and public policy culture aimed at this type of institution.

In this article, we present an account of teaching and learning experience lived in the second half of 2017, during course taught in the School of Library UNIRIO. This narrative emphasizes the results of the activities proposed by the teachers, which involved face visit to a public library or community and the subsequent sharing of experience with the rest of the class.

¹⁸ More information about the GPBP at the website: <http://culturadigital.br/gpbp/>



METHODOLOGY

Discipline Public Librarianship aims to provide opportunity for (a) student (a) reflect on the conditions and public library management practices. It also seeks to present and approach the (a) student (a) research projects and outreach focused on this theme, within and outside the University, as well as experience real experiences involving cultural action and reading mediation in public libraries and Community.

The course was organized in 3 units programAttic, seeking the relationship between the theoretical framework and practice in public libraries and community. For each of the units were considered readings of texts suggested basic for understanding and debate in the classroom, as well as the development of practical activities covering: participation in workshops related to topics discussed in class; promotion of lectures for teachers, librarians and reading mediators active in public and community libraries; visits to public and community libraries. Next, the drive motions are displayed, and the authors used for the purposes of these discussions:

- Unit 1 - Public Libraries and Community Libraries (FERNANDEZ, MACHADO, 2016; KOONTZ, Gubbin, 2012; MACHADO, 2015; MILANESI, 2002, 2013;)
- Unit 2 - Reading and Reading mediation (CHARTIER, 2002; DUBEUX, ROSA, 2015; PETIT, 2008, 2009)
- Unit 3 - Public policies for libraries (Calabria, 2009; MACHADO, CALIL, ACHILLES, 2014; YEPES, 2007)

To-face classroom lessons were interspersed with external classes with scheduled activities. Among the outdoor activities such as jyou mentioned earlier, we highlight the proposal by the group concerning the visit to a library within the public or community type, with the objective of conducting on-site observations of everyday life of this kind of cultural facility. At that time, the (as) students (as) had already approached various ongoing experiences through discussions with professionals and guest researchers working in such environment, as well as videos and reading complementary texts.

The students had autonomy to choose to run the activity individually or in groups, as well as choose the library to be visited. To facilitate the choice were provided two sources of research, the National Library System Public¹⁹ and the National Network of Community Libraries²⁰. In addition, we were told (as) to plan your visit, scheduling, performing as librarianship students UNIRIO and organizing the means to record the information collected.

From this perspective, it was necessary a discussion of participant observation techniques and non-participant as well as a brief approach of the students to do the ethnographic and the daily record of activities field with a view to carrying out the visit to selected libraries. Students were guiding the work during the visit, as observers, with special attention to the dynamics of the space, services and mediation activities, the physical conditions of the library, among other issues that were perceived and considered important.

In the diary, should register:

- external conditions - involving the arrival of the library, access conditions, Library facade, etc.;
- the internal conditions - describe how the lighting, temperature, ventilation noise.
- record information about the movement of people in the library: has users in and out? Users doing research? Children? Adults?
- record information about the movement of employees: how many employees were working on the site? What did? Where were they?
- as well as other events that consider curious and were worth recording before, during or at the end of the visit.

Another important theme of the activity was the proposal of sharing. In the subsequent class the period for the visit, each student (a) or group presented its views on the chosen library, orally, and handed the diary to record the observations. After the presentation, teachers and other students in the class were able to make comments and questions about

¹⁹ E-mail: - <http://snbp.culturadigital.br/informacao/dados-das-bibliotecas-publicas/>

²⁰ E-mail: <http://www.rnbc.org.br>



the story, favoring the relationship between the daily observed the libraries and the theoretical framework previously studied.

The devolution of (the) students (as) was a very significant moment in the classroom, because the importance of the approach and experience of (the) students (as) librarianship these spaces was observed, and how this reality does not part of day-to-day learning at the University. The results exceeded the group's expectations that little knew the library in your area. It is worth noting the surprise and discovery of public libraries with spaces, services, exemplary collections, going against the applicant speech that prevails in academia and society as a whole, about the failure of this type of public service. On the other hand, libraries were also seen with problems and inadequate space, resources, collections among others, however, the results of the visits showed that this condition is not the rule.

Following is the field diary of one of the students who participated in the process.

VISIT TO THE COMMUNITY LIBRARY *ATELIER DAS PALAVRAS*²¹

But the weeping hose
It's so different
It is a cry without scarf
That cheers us
(Cartola²²)

Even prior to the proposed field of activity of the discipline Public Library, had wanted to visit some of the libraries that were cited, or represented at the "Community Libraries: between knowledge and practices", held in March 2017, the Humanities Center (CCH)

²¹ The narrative presented in this section is in the first person singular, as it was presented in class and refers to the result of the visit by one of the authors of this article, Gabriela Hawk Klein, the Community Library Workshop of Words, located on the hose in the city of Rio de Janeiro.

²² Angenor de Oliveira, whose pseudonym is Cartola (Topper) (Rio de Janeiro, October 11, 1908-Rio de Janeiro, November 30, 1980), was a Brazilian singer, songwriter, poet and guitarist. It has the greatest successes, the songs "The Roses don't speak" and "The world is a windmill". Considered by several musicians and critics as the largest samba player in the history of Brazilian music. Financial difficulties forced the large family to move to the Morro da Mangueira and lived there (note from the publisher).



UNIRIO. This event was for members of the extension project Public libraries and community: from theory to practice, to which I belong.

First I thought of the Community Library Elias Joseph in Complexo da Maré, but at a considerable distance from my house and the possible lack of safety of the community made me decline the idea. How did you know that a member of the research group to which I belong²³ It has a connection with the Community Library *Atelier das Palavras* (Workshop of Words), located in the hose²⁴, North of Rio de Janeiro, decided to try a visit there. For this, I spoke via email with it (Ilca Flag of Angels, librarian formed by UNIRIO), about the possibility to join me on this visit. She proved to be very caring and we agreed then that we would go there on the morning of September 21, 2017.

On the agreed date, I met with Ilca the subway exit, Maracanã²⁵ station to 8h10min. When down the deck stairs toward the Mangueira community, I noticed that there were street vendors and motorcycle taxi drivers talking effusively. I did not tell the exact number, but they were around ten to twelve men in total. Next to them, and writing on the platform wall, since the pavement of Visconde de Niterói Avenue (giving access to the community), there was a price list for motorcycle races, varying according to the destination chosen by the passenger.

We entered the first alley to the left after this platform and realized promptly movement in the location was great, although a little early: people washing the fronts of their homes or businesses with buckets of water, some small groups talking, two cats sleeping on a red bike, connected televisions in almost ten shops we passed, bringing the news of a city. hot blood that already showed that an untenable situation soon explode in (not) so far

²³ Research Group Public Libraries in Brazil: reflection and practice (GPBP).

²⁴The Morro da Mangueira occupation began in the nineteenth century, as "hose" name came because of a famous factory of the same name ho make hats, installed in the region which was a major producer of mangoes. According to the 2010 census, the community population is almost 15 000 inhabitants. Available in:<http://www.riomaissocial.org/territorios/mangueira/>. Accessed on January 19, 2018.

²⁵ The Maracanã stadium refers to the name of the owls who inhabited the valley where it was installed, is a word in tupy-guarany. It received a focus to adapt to the conditions demanded by the International Football Federation (FIFA), being prioritized this investment of the federal government on other needs of the population of Rio de Janeiro. For this reason, it is emphasized in the writing of this article (note from the publisher).



Rocinha²⁶In contrast to the news of a wonderful city full of charms thousand and its preparations for the Rock in Rio, would return that night, after success in the previous week, even with the absence of its main attraction²⁷.

How Rio de Janeiro fit that newscast?

It was hot and we continue our brief walk until Ilca stopped to talk to a girl who cut cabbage on a table in front of a small restaurant. The lunch soon had begun to be prepared. Eight reais to warm. In turn, will pass here to take two for my lunch and my family, I thought.

More two dozen steps and entering a narrow lane on the right, with the sign on the wall "Please do not throw garbage" we came to a kind of portal, where it was possible to read an inviting "Once upon a time". We arrived. I stared at the colorful portal as a gateway to a place that would be, perhaps, another Rio de Janeiro, than those two so different that newscasts were showing that calorenta Thursday morning, the last day of winter in the Southern Hemisphere .

It was almost eight-thirty in the morning. The library entrance wall, reading incentive posters - "who does not read speaks badly, barely heard, barely see" - "you do not have to go that far to travel, Library Workshop of Words, the passport for your trip" - and more: drawings of children and a sign stating that the library participates in the project Cine Literary Club.

We were received by Luana, monitors the library and by Jeniffer, about eight year old girl who was sweeping the area that gave access to the small building: a building of two floors, where the library runs on low and on the second floor Property there is a kitchen, office, bathroom, a warehouse, where they donated books and not selected yet, and other materials (furniture, sewing machines, etc.). In the library, there are colored shelves, a

²⁶ Between the months of September and October 2017, police actions to combat trafficking and arrest drug dealers who dominated the Rocinha caused the community lived a period of great tension and lack of basic items such as water, gas and food.

²⁷ Rock in Rio was first held in 1985 in the city of Rio de Janeiro, with an estimated attendance of 1, 38 million viewers and show artists such as AC / DC, Queen and Yes. In the year 2017, it was the 17th edition of the festival, from 15 to 17, and 21 to 24/09. In this issue, and on the eve of his appearance at Rock City, the singer Lady Gaga announced that he could not attend the event due to severe pain caused by fibromyalgia.



large table for reading, tables and smaller chairs for children, a 40 inch television, fans and a desk with computer, to record loans and returns. In a room at the bottom, there is a playroom and bathroom.

Then comes Kely Louzada, library management, and we started talking. We had spoken very briefly in the event in UNIRIO then introduced myself and told a little about my academic and professional journey. Iliac went to make a coffee with Beethoven Lima, a member of staff, who had just arrived. Kely, which is a resident of hose, told me be art educator. Also told me that the library was built at headquarters (the ground was giving it), and that it is an offshoot of the association "Girls and Women Morro", which operates in the Mangueira community since 1995 and was founded by her²⁸. The first major donation of books came through the initiative of a filmmaker Floribella novel (displayed by Rede Bandeirantes between the years 2005 and 2006), which met the Girls Project and Women Morro and then donated the books that made up the scenario children's narrative. It created thus a reading room.

Soon, the room was promoted to Community Library, due to the growth of the collection and its structure. The partnership with the Instituto C & A, started in 2006, and in force today, has enabled new titles and infrastructure (racks, computers, etc.) could be made available to users.

Kely made it clear that when there is cash, buy books themselves and often those who are appointed by the regulars. Today, the community library has approximately 12,000 copies and, according to the coordinator, about 50% of this collection is cataloged. The

²⁸According to the corporate website, "Girls and Women Morro is based in Morro da Mangueira, an area known as" Candlemas Park ", north of the City of Rio de Janeiro since its inception in 1995. A full understanding of the local reality and the consequent interest in finding capable of transforming the community's social context alternatives were sensitizers factors for our emergence, ie the mobilization for the formalization of our institution. Since then, the "MM Hill" as it is known, encouraged us to "change agent" to important achievements in meeting the strengthening of education, culture and citizenship of children, adolescents and young people in our "Community". In 2004 we registered the NGO, which was named Association Girls and Women Mountain. All our actions are focused on art education, reading, culture and citizenship and always in appropriating new technological and methodological resources. Our mission aims to create opportunities transmitting values, and that the community and the surroundings create a feeling of belonging to space. . For children, teenagers / adults and women can develop fully as citizens seeking their future, making it a means of transformation of their social environment "Available in<<http://www.meninasemulheresdomorro.org.br/p/quem-somos.html>>. Accessed on 25/09/2017.



collection does not have textbooks, by administrative decision. "This is the literature of place," Kely said.

The library is open from Tuesday to Friday, from 8:30 am until 17h. On Mondays, there is no customer service. It also opens on some Saturdays from 9am to 11am. Kely told me they are studying the possibility of opening the space every Saturday and with a more extended hours due to the large demand. It also occurs in the library, a weekly lunch. At the date of my visit, the day that lunch would be prepared one stroganoff. Each child contributes two real or any ingredient for the preparation of the dish. As we talked, one of them came with a potato sticks package and another regretted having forgotten the cream.

I noticed that on that day the library was open a little earlier, so much so that when we arrived (before the time "official" opening), the movement there was already great: about eight to ten children were already in space and, while there has been great in and out this first time of my visit, I noticed that soon the number of attendees increased. Were children between the ages of seven to twelve years old, black, and balanced number of boys and girls. Some were delivering and / or removing books, read other sitting on the floor or chairs and still others were just hanging in space. Children acted with enough autonomy: they took books on the shelves, talking among themselves, helped to organize the space, is arranging the chairs or even sweeping the library entrance, as did Jennifer, at the time of our arrival. I realized that they had great respect to the site.

Kely explained to me that it is hardly necessary to ask that lower the tone, as children often balance the speech (his tone or even a necessity) with silence. Moreover, he told me that, statistically, few books are not returned or come back with some kind of erasure, and the regulars own "charge" that delaying the return of a book and even go to the house of the "debtors", asking: "so, delivery soon the book so I also want to read." And it almost always works.

It sometimes happens, the books were shared: "Narnia chronicles of" for example, was being read in a "collective" for children and young people, since there is only one copy in the library and they, then, read on site, each once, and mark the page being read. The image of a book with lots of bookmarks made me think: how many and which of those



stories community children mingle with the children's book? What kinds of fantasies and dreams they share?

There is also a 'bookshelf for reading ', located in the library's entrance, which is organized by the readers themselves: they select books they believe should be read by other people and put them in the spotlight. Already the "sensitized books", according to Kely, are those who are removed from the shelves by children are "scrambled", but are not read to the end. The management group is making a statistic on what these books and with it, intend to identify factors that may have "touched" readers, as the cover, illustrations, theme, etc.

He called me much attention a shelf where those present books had been adapted for film and there was, for each title, two copies: one for loan and another for local consultation. Kely explained that this was the "Cine Literary section", giving a partner project, and that there was, in addition to books, DVDs of these adaptations and which were available to the public, but only to be seen there in the library, given the fragility of material. There were, on another shelf, a few shelves of books with bookmarks in your interiors. The reason was simple: they were being read in the library space for children / young people, and bookmarks, of course, were for them to know where they left off reading. Kely second, no one moved in those books and those markers which your reader's time.

I asked my host about possible other reading activities and was informed that at the end of each month, the management group holds a monthly planning a subject to be worked. In September, for example, the theme was "identity". The library managers seek, in the collection, books related to the proposed theme and leave them available to the public, is in a prominent place on the shelf, is on the table. In addition, there reading circles these works with children.

As we talked, the group of children who remained there gathered round and when I realized they were already reading "The Book of grandmother." I can not say if it was an attitude completely "spontaneous" from them but at the time it initiated the activity, there was no adult doing any kind of mediation. But I still presenciaria a (different) time of reading mediation, soon followed.



Around 9 am, arrived at the scene Pedagogy Student UNIRIO named Amanda, who is doing an internship at the library. She first waited children finish reading activity they were doing and, soon after, the group presented some copies of the collection "how I feel", which brings issues such as fear, love, loss, etc. The title chosen for reading was "how I feel ... when I am loved." Early in his reading, there was a bit of buzz among the 12 children who were there, but soon they were more attentive to the story told. It was the third round of the student to the site, and I think that the possible lack of link between her and the group may have affected the behavior of children. After reading, Amanda asked when and how they feel loved. I found it interesting the fact that almost all, and very quickly, citing mothers as something related to love. Other responses that could identify, for they were all talking at the same time, were: "When my grandmother gives me lipstick", "when I go out for a walk."

In a second step of reading mediation activity, the children read, in groups, another work from the same collection, entitled "When I feel sad." I did not hear the examples given by them, because at that time I was called to meet the top of the library building. When I went up to see the facilities, Luana and Ilca initiated preparations for the collective lunch. Beethoven had, just, brewed coffee and the smell was still in the room. The conversation between them was not about washing or rice before cooking. So Ilca said goodbye to us because it needed to go to Lapa, where he works.

I took some pictures and then returned to the library to track the progress of reading mediation. Amanda had proposed a drawing activity on the newly-read books: on A4 sheets, they coloriam emoji referring to their emotions (happy, sad) and wrote or drew something about these feelings. Shortly thereafter, I went to the outside of the library, while lanchava quickly, watching the surroundings that portal: the inside and the outside would thus so far?

It was very hot in the street. Heat and silence. I took the opportunity to take some pictures of posters licks licks that were in a nearby wall, being one of the carnival's samba poster of 2018. Some people passed by there and all greeted me. Then a man entered the portal and was checking if there were books to be taken to disposal or donation. He found that there was a pile of textbooks to be donated and told me that soon would return with a (hand?) trolley to get them. Just smiled and nodded.



I looked at my phone. Almost eleven. I had to go. I knew then that Kely had to go to his house, because he had a setback. I stood still a little, but at eleven could not wait for her over and left a hug and a "thank you". I said goodbye to Luana, who was lunch, Amanda and children, who were still drawing activity.

I CROSSED THE PORTAL

Beethoven accompanied me to the community output. We talk about the library, on the South, where I came from, over the city of Rio de Janeiro and its temperature variations (he told me that in Rio das Pedras, where you live, runs a wind that cools a bit this city blood hot), on academic and professional paths: he told me he has a degree in Systems Analysis and Development, but sees in the social side of their profession its "north"; I told him I graduated in Literature, but I intend to continue working in education otherwise, through the Library.

The way we did, Beethoven and I was not the same as I did with Ilca when we got the hose. We walked a relatively wide street to the standards of the place. There I saw some bars closed, a block unkempt sports and, across the fast track, the Maracana. The new, the Cup, the millions of real diverted. Already very close to the exit to the road, a car passes us by, dangerously close to me. In it, four police officers. The tip of the rifle of one of them, who was out the window, almost touched my shoulder. Then I realized that by spending that colorful portal, not far away, I returned to live in one of those other Rios de Janeiro.

And without my lunchbox.



FINAL CONSIDERATIONS

The results of this activity generated 32 difield Aryans with rich reports in detail, expressing the results of the visit to selected libraries, under the ethnographic point of view, aiming to strengthen the dialogue between the theoretical basis of the field Public Library, with the daily life of public libraries and community libraries, as can be seen in the narrative of Community Library Workshop of words, presented in the previous section. Moreover, this narrowing between theory and practice, also sought to reflection, together with the students, on the relevance of "ways of doing" to think about these spaces, its actors and their practices

The purpose of this discipline is in line with the principle of indivisibility of research, teaching and extension, as it launched content hand the projects that are in these 3 dimensions and that has been developed within the Research Group Public Libraries in Brazil . With the account of this teaching experience in public university we hope to give visibility and value the theme involving the Public Library, as well as the importance of dialogue, encouraging the attentive and sensitive look and experience of librarianship students and students in addition to the room school, in the teaching-learning process in the context of graduation.

We understand that the offer of this discipline, with the contents and methodologies proposed, contributes to the public university, specifically the course of Library Science UNIRIO, fulfill the mission to train librarians citizens to act in public and community libraries and other public spaces, as true public managers. In a country like Brazil, where functional illiteracy rates are alarming, access to information, reading and culture are priority tasks that librarians find day-to-day public libraries and community, therefore, form them to face such a challenge is our goal.

REFERENCES

CALABRE, L. **Políticas Culturais no Brasil: dos anos 1930 ao século XXI**. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

DUBEUX, M. H. S.; ROSA, E. C. de S. **Abriu-se a biblioteca... mitos, rimas, imagens, monstros, gente e bichos**. Recife: Ed. UFPE, 2015.

FERNANDEZ, M. A. A.; MACHADO, E. C. **Bibliotecas públicas: um equipamento cultural para o desenvolvimento local**. Recife: Centro de Desenvolvimento e Cidadania, 2016.

KOONTZ, C; GUBBIN, B. **Diretrizes da IFLA para bibliotecas públicas**. Brasília: Brique de Lemos, 2012.

MACHADO, Elisa Campos; CALIL JUNIOR, Alberto; ACHILLES, Daniele. Mapeamento das políticas culturais nacionais voltadas para as bibliotecas públicas no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 15., 2014, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: ECI, UFMG, 2014. p. 2283-2301. Disponível em: <
<http://enancib2014.eci.ufmg.br/documentos/anais/anais-gt5>>. Acesso em: 23 jan 2016.

MILANESI, L. **Biblioteca**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002.

MILANESI, L. **A casa da invenção: biblioteca centro de cultura**. 4. ed. rev. e ampl. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.

MACHADO, E. C. **Acesso à informação em bibliotecas públicas: aspectos políticos e econômicos**. SILVA, J. F. M da (Org.) A biblioteca pública em contexto: cultural, econômico, social e tecnológico. Brasília: Thesaurus, 2015.

PETIT, M. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Ed. 34, 2009.

PETIT, M. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Ed. 34, 2008.

YEPES, L. B. **Consideraciones políticas en torno a la biblioteca pública y la lectura**. Medellín: Comfenalco, 2007.



HOMENAGEM

Um artista completo das histórias em quadrinhos: Will Eisner
e seu legado para a 9ª Arte¹

A complete comic book artist: Will Eisner and his legacy for the
9th art

El artista completo del cómic: Will Eisner y su legado para el 9º
arte

Waldomiro Vergueiro²

¹ Recebido em 28/09/18, versão aprovada em 11/11/2018.

² Professor Doutor Titular aposentado da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Graduado em Biblioteconomia pela Escola Fundação de Sociologia e Política de São Paulo. Mestre e Doutor em Ciência da Informação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Fundador e coordenador do Observatório de Histórias em Quadrinhos da Escola de Comunicações e Artes (OHQ/USP). Professor associado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Sergipe (PPGCI/UFS). Autor de representativo número de livros e artigos científicos sobre histórias em quadrinhos.

RESUMO

Homenageando o centenário de nascimento de Will Eisner, descreve aspectos biográficos, com ênfase na produção das histórias em quadrinhos, com inequívoca contribuição às narrativas sequenciais gráficas, do ponto de vista da 9ª. Arte, da linguagem dos quadrinhos, mídia e mediações, abrangência de segmentos de público, linguagem e grafismos, editoração, ainda contemplados na forma como todo conhecimento produzido por ele era mediado e disseminado entre os jovens artistas gráficos e quadrinhistas. Como considerações finais, conclui que Will Eisner teve uma vida totalmente dedicada ao desenvolvimento e divulgação da linguagem das histórias em quadrinhos, mostrando, por obras e atos, sua firme crença de que ela poderia ser colocada em uma enorme variedade de usos e missões, do entretenimento à educação de jovens e adultos.

PALAVRAS-CHAVE: Will Eisner. Histórias em Quadrinhos. Indústria Cultural.

ABSTRACT

Honing the centenary of the birth of Will Eisner, it describes biographical aspects, with emphasis on the production of comic books, with unequipping contribution to sequential graphic narratives, from the point of view of the 9th. Art, the language of comics, media and mediations, coverage of segments of public, language and graphisms, publishing, still contemed in the way all the knowledge produced by it was mediated and disseminated among the young graphic artists and Comic artists. As final considerations, it concludes that Will Eisner had a life fully devoted to the development and dissemination of the language of comic books, showing, by works and deeds, his firm belief that it could be placed in a huge variety of and missions, from entertainment to youth and adult education.

KEY WORDS: Will Eisner. Comics. Cultural Industry.

RESUMEN

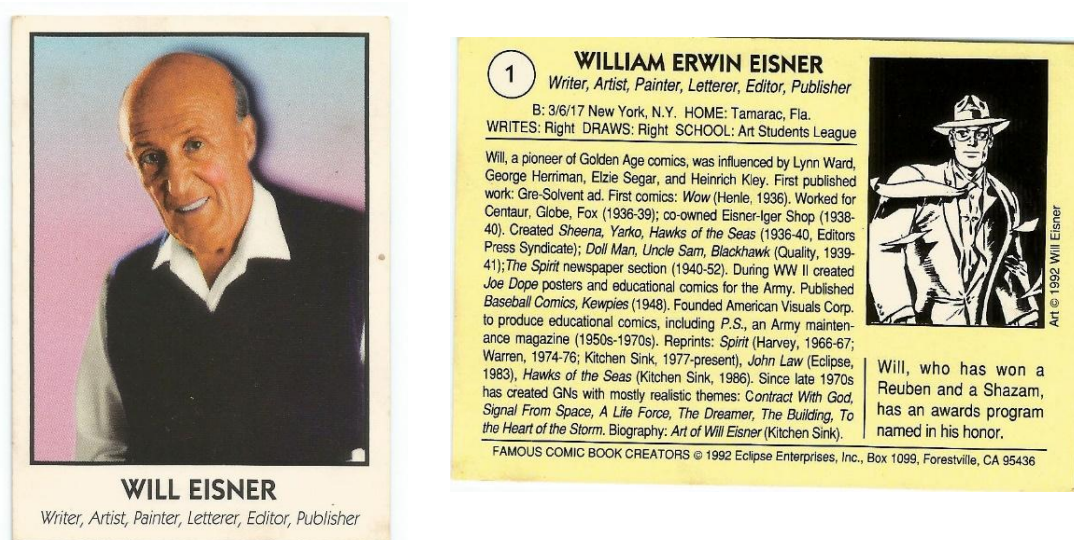
Perfeccionando el centenario del nacimiento de Will Eisner, describe aspectos biográficos, con énfasis en la producción de cómics, con la contribución desequipación a las narrativas gráficas secuenciales, desde el punto de vista del noveno. El arte, el lenguaje de los cómics, los medios de comunicación y las mediaciones, la cobertura de los segmentos de público, el lenguaje y los grafismos, la publicación, sigue contemed en la forma en que todos los conocimientos producidos por ella fueron mediados y diseminados entre los jóvenes artistas gráficos y artistas cómicos. Como consideraciones finales, concluye que Will Eisner tuvo una vida plenamente dedicada al desarrollo y difusión del lenguaje de los cómics, mostrando, por obras y hechos, su firme creencia de que podría situarse en una gran variedad de misiones, desde entretenimiento a la juventud y la educación de adultos.

PALABRAS CLAVE: Will Eisner. Cómics. Industria Cultural.

INTRODUÇÃO

No início de 2005, o mundo dos quadrinhos perdeu um de seus maiores artistas. Vítima de complicações decorrentes de uma intervenção cirúrgica a que se submeteu no final de dezembro de 2004, o norte-americano William Erwin Eisner, mundialmente conhecido como Will Eisner (Figura 1), faleceu em 3 de janeiro de 2005. Caso ainda estivesse vivo, no ano passado, 2017, ele teria completado cem anos.

Figura 1: O mais famoso quadrinhista dos Estados Unidos – Will Eisner



Fonte: FAMOUS COMIC BOOK CREATOR, 1992. Cartão colecionável nº. 1.

À época de seu falecimento, os jornais e publicações especializadas se encheram de panegíricos ao quadrinhista. A internet reproduziu centenas de louvações ao grande artista desaparecido, enfocando os diversos aspectos de sua arte e da grande figura humana que nos havia deixado naquele momento. Artistas de todas as procedências e estilos quadrinhísticos, contemporâneos ao autor ou diretamente influenciados por ele, tanto dos Estados Unidos como de outros países e continentes, relataram suas experiências de contato pessoal com o produtor gráfico e deram diversos testemunhos do prestígio que ele havia granjeado entre seus colegas de profissão. Leitores de todos os quadrantes do mundo procuraram formas de manifestar o seu pesar pela perda de um de seus maiores



ídolos, relembrando suas grandes criações e a influência que estas tiveram em suas vidas e em seu gosto pela leitura de histórias em quadrinhos.

Nada mais justo. Não é sempre que se perde um gigante. E Will Eisner era um gigante. Ou talvez mais. Pode-se dizer que nas suas últimas décadas de atividade nos quadrinhos ele havia se transformado em um verdadeiro colosso. Pode-se até arriscar a afirmação de que ele se havia tornado maior do que ele mesmo e acabara por ingressar no espaço da lenda. Nesse sentido, é possível até defender que a maioria das manifestações apenas acompanhava o espírito da frase colocada na boca do jornalista retratado na película *O homem que matou o facínora* (1962): “quando a lenda se torna maior do que os fatos, imprima-se a lenda”.

Exagero? Um pouco, talvez. Mas é certo que a contribuição de Will Eisner ao desenvolvimento da 9ª Arte não foi desprezível. Pelo contrário: poucos chegaram a oferecer tanto à arte gráfica sequencial. No entanto, mais que, mesmo que justificadamente, lamentar a ausência do grande Mestre (ainda não preenchida, por sinal), parece ser mais importante refletir sobre o seu impacto na área, sobre aquilo que ele construiu ao longo de seus 87 anos de uma vida totalmente dedicada à produção e divulgação da arte gráfica sequencial. Foi ela a sua grande paixão. E é ela a sua grande herança.

É o que se busca fazer neste artigo.

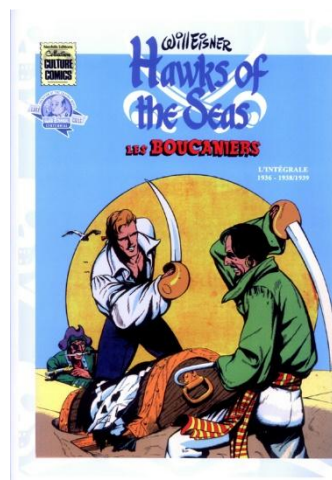
O INÍCIO, NA LINHA DE PRODUÇÃO...

Pode-se afirmar que, em sua longa carreira, Will Eisner perpassou por todos os aspectos da produção de histórias em quadrinhos, dos mais simples aos mais complexos, dos mais humildes aos mais considerados socialmente. No tempo em que se iniciou na produção de histórias para os ainda iniciantes *comic books*, ainda muito jovem, ele atuou intensamente como fornecedor de material quadrinhístico a uma grande variedade de editoras comerciais. Fez isso por meio da S. M. Iger Studios, empresa que fundou em

sociedade com o também desenhista Jerry Iger (1903-1990) – mais conhecida no mercado de quadrinhos norte-americano como Eisner-Iger Studios -, uma das primeiras empresas de produção de quadrinhos do mercado americano, que ele fundou em 1936, em parceria com Jerry Iger (COUCH, WEINER, 2004). Trabalhando intensamente, Eisner alimentou a então nascente indústria, exercendo um papel vital na disseminação e popularização das revistas de histórias em quadrinhos em seu país.

Não estava sozinho. Com sua equipe – da qual fizeram parte artistas que depois atingiram destaque na área, como Bob Kane (1915-1988), Lou Fine (1914-1971), Jack Kirby (1917-1994), George Tuska (1916-2009), Bob Powell (1916-1967), entre outros –, ele constituiu uma verdadeira linha de montagem para uma “fábrica” de produção de quadrinhos, estabelecendo o modelo para vários outros estúdios semelhantes e moldando a sistemática de produção de gibis nos Estados Unidos para as décadas seguintes.

Figura 2: Os piratas de Eisner –



Fonte: MCKINLEY, C. (2017)

Na empresa, Iger era responsável pela parte comercial, enquanto Eisner tomava conta do aspecto criativo, como conta Robert C. Harvey (1996, p. 23, tradução nossa³):

³ Eisner presided from a drawing board at one end of a large room; other artists sat at drawing boards that lined the wall of the room. At his drawing board, Eisner roughed out stories in non-photo blue pencil on sheets of illustration board – breaking down the action, designing page layouts, sketching in figures, indicating dialogues. These rough pages he passed on to a staff writer, who wrote captions and dialogue. Then the page went to the other artists. The first of these would finish Eisner’s pencils and then ink the

Eisner presidia a partir de uma mesa de desenho situada em um extremo de uma ampla sala; outros artistas sentavam em mesas que se alinhavam junto às paredes da sala. Em sua mesa, Eisner rascunhava histórias com lápis azul não fotográfico em folhas de desenho, quebrando a ação, elaborando o leiaute das páginas, esboçando as figuras, indicando os diálogos. Estas folhas rascunhadas eram passadas para um escritor da equipe, que escrevia as legendas e o diálogo. Então, a página ia para outros artistas. O primeiro deles terminava os rascunhos a lápis de Eisner e passava tinta neles. Finalmente, as letras receberiam tinta e a página era apagada e limpa.

Em vários estágios da produção, cada página passava sob os olhos de Eisner para aprovação. Quando ele via alguma coisa que não atendia a seus padrões, ele sugeria mudança. Algumas vezes, ele mesmo fazia as mudanças.

Já nessa época – então com pouco mais de 20 anos –, Eisner não se contentava em apenas supervisionar o trabalho de seus colegas de equipe, mas também se envolvia na criação de personagens; de autoria dele são várias séries de maior ou menor sucesso, como *The Flame*, *Blackhawk*, *Black Condor*, *Doll Man*, *Mr. Mystic*, *Lady Luck*, *Hawks of the Seas* (Figura 2), *Uncle Sam*, etc. (HARVEY, 1996, p. 23).

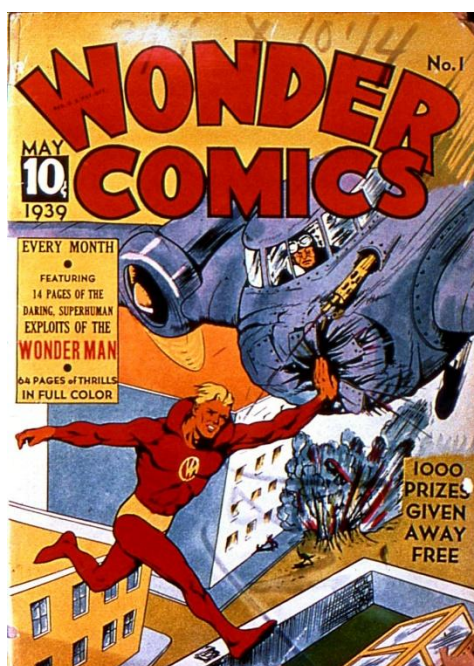
Durante seus anos de atividade, o estúdio produziu literalmente centenas de histórias em quadrinhos dos mais variados gêneros, englobando desde histórias de mistério a super-heróis com os mais variados poderes, de contos policiais a aventuras em ambientes exóticos, de histórias de guerra a narrativas de piratas, etc. Nele, inclusive, foi produzida a mais descarada cópia do *Superman*, criada por solicitação do editor Victor Fox para responder diretamente ao sucesso do primeiro super-herói dos quadrinhos; lançada em maio de 1939, a criação de Eisner, *Wonder Man*, publicada na revista *Wonder Comics* (Figura 3), teve uma meteórica carreira, sendo imediatamente interrompida depois de um processo judicial que foi movido contra Fox por parte da editora do *Homem de Aço* (SCHUMACHER, 2010, p. 51-54).

Os anos 1940 foram de intensa atividade para o autor, representando sua imersão total no mundo das histórias em quadrinhos como forma de entretenimento massivo. Ainda assim, ele não se contentou em apenas atuar como um trabalhador mecânico, elemento, como tantos outros, de uma cadeia de produção que produzia narrativas gráficas da mesma forma como poderia produzir desenhos animados, passatempos ou qualquer outro produto voltado à diversão do público leitor de seu país. Mesmo se beneficiando bastante com o sistema de produção industrial – e também ganhando muito dinheiro com ele, diga-se de

figures; a second artist would draw in the backgrounds and ink them. Finally, the lettering would be inked and the page erased and cleaned up. At various stages in the production, each page passed under Eisner's eye for approval. When he saw something that didn't meet his standards, he suggested changes. Sometimes, he made the changes himself.

passagem... – Eisner parecia sentir a necessidade íntima de produzir algo diferente, voltado para um público que não fosse constituído apenas por crianças e adolescentes. A possibilidade de satisfazer esta ansiedade surgiu para ele em 1940, com o convite de Everett M. "Busy" Arnold (1899-1974), da editora Quality Comics, para que assumisse como redator-chefe, desenhista e roteirista da editora, o que levou Eisner a desfazer a sociedade com Jerry Iger e seguir um caminho próprio nos quadrinhos.

Figura 3: *Wonder Man*: o meteórico herói de Will Eisner



Fonte: Wikimedia Commons (WONDER, 2016).

Iniciou-se assim uma nova fase na carreira de Will Eisner, se não a mais criativa, pelo menos aquela que mais o marcou aos olhos dos leitores de histórias em quadrinhos, granjeando-lhe, posteriormente, o reconhecimento geral como um dos maiores mestres da arte gráfica sequencial de todos os tempos.



UMA OBRA AUTORAL NO SEIO DA INDÚSTRIA CULTURAL

O ponto alto desta fase ocorre sem dúvida a partir da ideia de elaborar um suplemento semanal de quadrinhos para os jornais norte-americanos, uma publicação bastante diferente daquelas com que os leitores estavam acostumados: em vez das histórias estarem dispostas no interior do jornal, em um caderno especial semelhantes aos demais suplementos, a nova proposta se constituía em uma revista de quadrinhos de 16 páginas que sairia encartada nos periódicos. Assim, a partir de 2 de junho de 1940, quando foi publicada a primeira história de seu novo herói – o *Spirit*, um justiceiro mascarado bastante peculiar –, no *Sunday Comic Book Section*, Eisner teve muito mais liberdade para realizar os voos criativos que antes não havia ousado ou não havia encontrado espaço para desenvolver.

De uma certa forma, a criação de Eisner quebrava com dois paradigmas característicos dos quadrinhos mais populares de sua época: em primeiro lugar, procurava afastar-se da figura dos super-heróis com suas roupas espalhafatosas, para assumir uma vestimenta muito mais sóbria, um terno e gravata comuns, completados por uma máscara que apenas lhe encobria os olhos e tampouco apresentando qualquer dom extravagante, que pudesse distingui-lo grandemente do comum dos mortais; em segundo lugar, buscava um leitor diferenciado daquele que consumia essas outras personagens, ansiando por atingir um público mais velho e com maiores exigências em termos de narrativas gráficas. Desta forma, as histórias do *Spirit* nem sempre se concentravam no protagonista, mas se utilizavam dele para apresentar uma narrativa sobre uma preocupação humana específica. como menciona Javier Coma (1981, p. 83, tradução nossa⁴), em muitas histórias o herói é apenas:

[...] uma testemunha impotente desta barbárie moral onde o relativo culto à liberdade pressupõe o desprezo à justiça social, onde a semente da delinquência se torna inerente à mesma promoção abusiva da instituição familiar como prazer primeiro e últimos dos estratos majoritariamente

⁴ [...] un testigo impotente de esta barbarie moral donde el relativo culto a la libertad presupone el desprecio a la justicia social, donde la siembra de la delincuencia deviene inherente a la misma proporción abusiva de la institución familiar como placer primero y último de los estratos mayormente misérrimos, donde el antiguo cazador de criminales de 1940 há terminado siendo un hombre huido a toda costa del Sistema.

miseráveis onde o antigo caçador de criminosos de 1940 terminou sendo um homem em fuga a todo custo do Sistema.

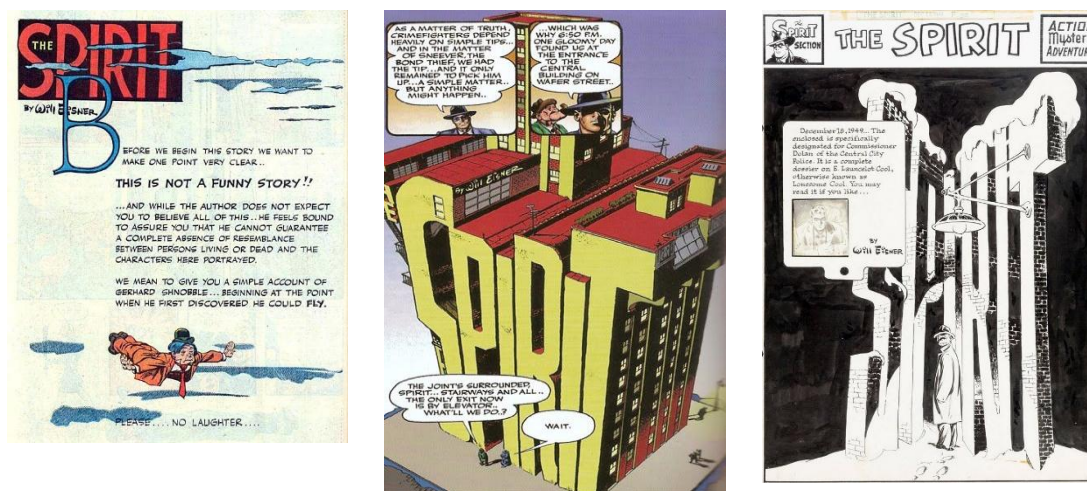
As histórias do *Spirit* são, em geral, pequenos contos que destacam a fragilidade do ser humano na luta pela sobrevivência frente a situações adversas e enfatizam, muitas vezes, a ironia da própria existência. Ainda que se constituindo basicamente em um defensor da lei e da ordem e, em essência, assumindo a defesa do *status quo*, do *American way of life*, o protagonista da mais famosa série de Will Eisner não representa um mero agente da ordem constituída ou um solucionador de problemas – como ocorre com os outros heróis dos quadrinhos –, mas é, também ele, mais uma vítima do modelo social predominante, impotente para apresentar qualquer tipo de solução ou resposta definitiva aos problemas da sociedade. Muitas vezes, inclusive, é fragorosamente derrotado por oponentes e acontecimentos, evidenciando a incoerência da própria vida. Suas histórias eram às vezes exóticas, às vezes românticas e às vezes extremamente triviais, mas, em geral, enfatizavam mensagens em que predominavam o humanismo e o bom senso, mesmo quando acompanhados por inevitáveis cenas de violência.

Os aspectos gráficos foram outra área em que as histórias do *Spirit* se distinguiram de suas contemporâneas. Elaborando suas narrativas sempre com um número limitado de apenas sete páginas, Eisner colocou nessa obra toda a sua genialidade tanto em termos de composição da página como de estruturação da sequência de quadrinhos. Ele inovava com estruturas narrativas paralelas, planos inusitados (como a história narrada através dos globos oculares de uma das personagens), jogos de sombra e luz, ângulos inquietantes, etc.

Cada aventura do *Spirit* desenhada por Eisner constitui, ainda hoje, uma verdadeira lição sobre a arte de composição de uma história em quadrinhos, até mesmo para artistas já experientes. Entre esses aspectos inovadores, destaca-se ainda a introdução da *splash page*, em que a página inicial da história assume um papel destacado para prender a atenção do leitor: com técnicas gráficas inovadoras, Eisner sempre diversificava essa página introdutória, jogando com os elementos que a compunham e fazendo com que o logotipo – a cada vez com características diferentes – compusesse com a imagem um mesmo corpo visual.

Às vezes, o logotipo podia ser constituído pela parte superior de vários prédios vizinhos, fazer parte de um cartaz de recompensa, ser desenhado pelas pedras funerárias de um cemitério, representar um elemento do cenário, etc., figurando em qualquer parte da página (figura 4).

Figura 4: Exemplos de *splash page* de *The Spirit*



Fonte: FALLANI, R. (2018)

PARTICIPAÇÃO NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E PRODUÇÃO PARA O EXÉRCITO NORTE-AMERICANO

Will Eisner foi mobilizado para o exército norte-americano em 1942. No exército, continuou a escrever as histórias, enviando-as a seus colaboradores para serem completadas; no entanto, no final de 1942 teve que abandonar por completo a personagem Spirit, deixando-a nas mãos dos artistas de sua equipe – principalmente Lou Fine, nos desenhos, e William Woolfok (1917-2003) e Manly Wade Wellman, (1903-1986) nos roteiros (COUCH, WEINER, 2004, p. 86).

Retornou à personagem somente em dezembro de 1945, após sua desmobilização, assumindo novamente o controle da produção e realizando algumas das melhores histórias do herói. Nessa segunda fase, contou com a colaboração de vários ajudantes de grande talento, como Jules Feiffer, Abe Kanegson, Jerry Grandenetti (1926-2010) e o



haitiano André LeBlanc (1921-1998), que depois viria a fixar residência no Brasil, onde trabalharia durante muitos anos para Editora EBAL, de Adolfo Aizen (1907-1991).

O Suplemento dominical foi publicado até 28 de setembro de 1952, quando já então havia assumido a denominação de *The Spirit section*, destacando ainda mais a personagem de Eisner (COUCH, WEINER, 2004, p. 79).

O *Spirit* permaneceu no limbo até 1966, quando foi fugazmente ressuscitado em um número especial do *New York Magazine* e em dois números de uma revista própria publicada pela Harvey Comics; ele só retornaria à ribalta a partir de 1973, com recopilações publicadas pela Kitchen Sink Enterprises. Ao final da década de 1990, a série passou a ser publicada pela DC Comics, que criou selos exclusivos para a reedição de todas as obras em quadrinhos de Eisner – *Will Eisner Library* e *Will Eisner's The Spirit Archives* –, bem como para publicar seus novos trabalhos.

Aparentemente, Eisner encerrou a publicação de *The Spirit* em 1952 por estar cansado das exigências que o quadrinho comercial lhe colocava. Havia sido mais de 600 histórias nos doze anos de existência do herói, além de uma tira diária que durou de 8 de dezembro de 1941 a 11 de março de 1944. (COUCH, WEINER, 2004, p. 14) No entanto, também seria possível supor que se tratou de uma opção por uma outra forma de trabalho com a linguagem dos quadrinhos ou da busca de novos desafios criativos, algo que sempre caracterizou sua carreira. Desde 1950, ele havia criado uma empresa – a American Visuals Corporation –, voltada para o uso das histórias em quadrinhos como um instrumento de ensino ou treinamento industrial, tendo como clientes grandes companhias, como a General Motors, a American Medical Association e a RCA Victor, além de várias outras empresas que queriam utilizar a linguagem dos quadrinhos para instruir seus empregados (SCHUMACHER, 2010, p. 148).

Por outro lado, ao deixar a publicação de sua personagem mais popular, ele também retomou uma atividade que havia desenvolvido durante os seus anos de exército, época em se dedicou à produção de quadrinhos com conteúdo educativo para a revista *Army motors*. Com o advento da Guerra da Coreia, o exército norte-americano o convidou para retornar em uma publicação semelhante a essa revista; assim, a partir de 1952 ele passou a se dedicar exclusivamente à *P. S. Magazine*, buscando elaborar uma publicação que

pudesse prender a atenção dos soldados pela mistura de personagens de histórias em quadrinhos, anedotas, equipamentos falantes, etc. com um texto bastante informal, enfatizando sempre elementos gráficos e coloridos.

Figura 5: Joe Dope, o soldado criado por Eisner na Segunda Guerra Mundial



Fonte: THOMPSON, S. (2012).

Eisner permaneceu na revista durante seus primeiros vinte anos de existência, sendo praticamente o único artista a nela atuar nesse período. Inicialmente, ele encontrou dificuldades de relacionamento com os editores da revista, que tinha dificuldades para manter uma publicação regular. Felizmente, boa parte dos problemas acabaram sendo equacionados quando o terceiro editor da revista foi contratado, em 1952. James Kidd, professor de jornalismo da West Virginia University, rapidamente colocou a casa em ordem e garantiu que a revista fosse publicada regularmente até 1971, quando o autor de Spirit se afastou de sua redação. Nessa revista, Eisner teve a possibilidade de colocar em prática sua crença no potencial instrutivo da linguagem quadrinística, desenvolvendo personagens (figura 5) que ajudavam a levar avante essa crença, ainda que nem sempre bem compreendidas pelas autoridades militares:

Os militares, que dedicavam muito tempo e esforço a moldar os processos mentais dos soldados, não estavam interessados em

informalidade nem em humor. Joe Dope e seu parceiro, Soldado Fogsnoff, eram um eterno ponto de discórdia – e, em essência, exemplos primários das desavenças que nunca se resolveriam entre Eisner e o exército. Eisner acredita – e corretamente, a julgar pela reação dos leitores à *P*S* – que os dois desajustados exemplificavam, por meio de seu fracasso, como algo *não* devia ser feito. Os oficiais militares não pensavam assim. Joe Dope, contrapunham, ridicularizava o processo de treinamento e, por extensão, o próprio exército (SCHUMACHER, 2013, p. 174).

Essas dificuldades de comunicação com a burocracia – que, eventualmente, fizeram até com que o Soldado Fogsnoff fosse “expulso” do exército, por sua ineficiência –, estavam provavelmente entre os motivos que fizeram Eisner se afastar da publicação no início da década de 1970. Ele ainda tentou obter judicialmente a propriedade das personagens, mas não foi bem sucedido em seu intento, com o juiz decidindo que estes pertenciam ao exército norte-americano (SCHUMACHER, 2013, p. 176).

A “INVENÇÃO” DAS *GRAPHIC NOVELS*

Em 1972, com 59 anos de idade, Eisner decidiu vender sua empresa de produção de quadrinhos educacionais e se enfrontar em novos projetos na área de histórias em quadrinhos. Iniciava-se, assim, o que se poderia chamar da terceira e última fase de sua carreira, voltada para o aprofundamento e divulgação do potencial da linguagem dos quadrinhos e à criação de produtos especialmente dirigidos ao público adulto, que buscavam também explorar a capacidade literária das histórias em quadrinhos como meio de comunicação. A essas obras, ele genericamente denominou de *graphic novels*.

A criação da nova denominação para a linguagem gráfica seqüencial é em geral creditada a Will Eisner, o que levou, inclusive, a ser muitas vezes chamado de o “pai da *graphic novel*”, como ocorre no subtítulo do livro que a ele dedicaram Couch e Weiner (2004). O próprio artista se encarregou de divulgar, de forma bem-humorada, em várias entrevistas, uma versão dos fatos que ajuda a corroborar essa crença:

Eisner telefonou para Oscar Dystel, então presidente da Bantam Books, e jogou o conceito. Dystel não somente conhecia Eisner mas se dizia que era um fã de seu trabalho em *The Spirit*. Dystel lembrou-se dele, mas era um homem ocupado, como editores normalmente são, e estava impaciente. Ele queria saber o que era que Eisner tinha, exatamente. Eisner olhou para o seu boneco,

e um instinto lhe disse, *Não diga a Dystel que é uma revista em quadrinhos ou ele baterá o telefone na sua cara.*

Assim Eisner pensou por um momento, e disse: “É uma *graphic novel*.”

“Oh,” Dystel disse, “isto parece interessante; eu nunca tinha ouvido falar disso antes.”

A convite de Dystel, Eisner levou o boneco a seu escritório. Dystel olhou o boneco, olhou para Eisner em descrença, e então olhou de volta para o boneco. Então Dystel balançou sua cabeça.

“Chame isso do que você quiser,” ele disse tristemente, “mas isto é ainda uma revista em quadrinhos! Nós não vendemos revistas em quadrinhos na Bantam. Eu estou surpreso com você, Will. Vá em busca de um pequeno editor.” (ANDELMAN, 2005, p. 290. Tradução nossa, grifos do autor)⁵

Na realidade, não se tratava da primeira vez que a expressão *graphic novel* era utilizada em relação a um produto em quadrinhos. Antes de Eisner, o termo já havia sido utilizado por Richard Kyle no boletim da Comic Amateur Press Alliance, *Capa-Alpha*, em 1964; da mesma forma, o trabalho que ele então oferecia ao editor – *Um contrato com Deus* -, tampouco poderia ser considerado de fato a “primeira” *graphic novel* a ser publicada no ambiente quadrinhístico norte-americano, com diversas obras podendo ser apontadas como suas antecessoras, destacando-se, neste aspecto, *Beyond time and again*, de George Metzger, publicado em 1976 (KAPLAN, 2006, p. 16). No entanto, polêmicas à parte, é certo que Eisner, com seu prestígio e atuação mercadológica, foi de capital importância para a popularização do termo e ampliação do mercado para esse tipo de publicação.

Após algumas rejeições, Will Eisner finalmente conseguiu publicar *Um contrato com Deus* (Figura 6) pela Baronet Books, em 1978. Tratava-se de uma coletânea de quatro histórias sobre pessoas que Eisner havia conhecido durante sua infância e adolescência no Bronx; na obra, o autor fugia do formato original dos quadrinhos, evitando contar a trama quadro a quadro e às vezes utilizando a página inteira para uma única ilustração. A obra não atingiu um sucesso imediato, mas aos poucos sua qualidade foi se impondo e a reação a ela se solidificando de forma calorosa e encorajadora a partir de sua difusão entre o público adulto, o que lhe garantiu sucessivas reimpressões. De uma certa forma, a

⁵Eisner called Oscar Dystel, then president of Bantam Books, and pitched the concept. Dystel not only knew Eisner but was said to be a fan of his work on *The Spirit*. Dystel remembered him, but he was a busy man, as publishers usually are, and he was impatient. He wanted to know what it was that Eisner had, exactly. Eisner looked down at the dummy, and an instinct told him, *Don't tell Dystel it's a comic book or he will hang up on you*. So Eisner thought for a moment, and said: “It's a *graphic novel*.” “Oh,” Dystel said, “that sounds interesting; I've never heard of that before.” At Dystel's invitation, Eisner brought the dummy up to his office. Dystel looked at the dummy, looked at Eisner in disbelief, and then looked back at the dummy. Then Dystel shook his head. “Call it what you will,” he said sadly, “but this is still a comic book! We don't sell comic books at Bantam. I'm surprised at you, Will. Go find a small publisher.”

aceitação do trabalho representava o apoio dos leitores às ideias de Will Eisner e à sua proposta de destruir os estereótipos que existiam em relação às histórias em quadrinhos.

Figura 6: Capa de “Um contrato com Deus” em edição Brasileira de 1988



Fonte: HATA, J. (2011)

A partir da publicação de *Um Contrato com Deus*, o criador do *Spirit* passou a se dedicar à elaboração de *graphic novels*, com novas obras sendo regularmente produzidas por ele, sempre tratando de questões corriqueiras que envolviam pessoas simples, elaborando temáticas ligadas à sua própria experiência e vivência pessoais ou privilegiando a memória comum, a nostalgia e os estereótipos sociais como ferramentas básicas da narrativa. Assim, o balanço dos seus últimos 25 anos de produção apresenta as seguintes obras:

Life in another planet (1978) – as consequências políticas e sociais decorrentes de um sinal vindo do espaço, comprovando a existência de vida fora da Terra. (COUCH, WEINER, 2004);

A força da vida (1979) – a saga de um imigrante e sua luta contra condições adversas para sobrevivência no novo mundo (EISNER, 2007a);



New York, a grande cidade (1981) – coleção de anedotas e relatos de experiências colhidos ao longo dos anos, tendo como ambiente comum a cidade de Nova York (EISNER, 1989b);

O sonhador (1986) – de caráter autobiográfico, apresenta um fiel retrato do universo de criação de histórias em quadrinhos durante a década de 1930 (EISNER, 2007b);

O edifício (1987) – crônica sobre a vida e os desencontros dos habitantes de um único edifício; o próprio prédio participa da trama, quase como que com as características de uma personagem (EISNER, 1989a);

City people notebook (1989) – retomada das propostas desenvolvidas em *New York, the big city*, realizadas a partir de observações de Eisner sobre a vida na metrópole (COUCH, WEINER, 2004);

Will Eisner Reader (1991) – coletânea de histórias publicadas entre 1985 e 1986, destacando-se “A sunset in Sunshine City”, que se debruça sobre o impacto das mudanças na vida de um cidadão idoso, visto com laivos de ironia e resignação (COUCH, WEINER, 2004);

No coração da tempestade (1991) – crescimento e preconceito em um ambiente pobre dos Estados Unidos, no início do século 20 (EISNER, 1996);

Invisible people (1992) – a busca da invisibilidade social como um santuário contra os perigos da vida (COUCH, WEINER, 2004);

Avenida dropsie: a vizinhança (1995) – um local físico visto como um símbolo de evolução e mudança (EISNER, 2009b);

Assunto de família (1998) – o retrato de uma família envolvida em um tipo relacionamento que beira à crueldade (EISNER, 2009a);

O último dia no Vietnã: reminiscências (2000) – o relacionamento humano em um ambiente de conflito armado (EISNER, 2001);

Will Eisner reader (2001) – sete histórias sobre personagens motivadas e afetadas por amor, ódio e medo, expressando a força e a fragilidade dos seres humanos (CROUCH, WEINER, 2004);

Pequenos milagres (2000) – coleção de 4 histórias relatando casos que destacam o papel do miraculoso no dia-a-dia dos moradores da Avenida Dropsie (EISNER, 2000);

O nome do jogo (2002) – a saga de uma família de imigrantes durante quase um século, enfocando quatro gerações em luta com problemas econômicos, morte, desastre e desavenças conjugais (EISNER, 2003);

Fagin, o judeu (2003) – re-visitação do personagem de Charles Dickens, apresentando a visão pessoal de Eisner sobre a vida na Inglaterra do século 19 (EISNER, 2005);

O Complô (2005) – Publicado postumamente, narra a criação e divulgação dos famosos Protocolos dos Sábios de Sião, notória peça de

propaganda anti-semítica elaborada pela política secreta russa no final do século 19 (EISNER, 2006).

Além dessas obras de maior fôlego, Eisner também aproveitou seu tempo para excursionar em paragens antes não exploradas por ele, pequenas adaptações dos clássicos da literatura mundial à linguagem dos quadrinhos - produzindo quadrinhos para *Moby Dick* - no Brasil, publicado como *A baleia branca* (EISNER, 1998a) -, *Dom Quixote* - no Brasil, *O último cavaleiro andante* (EISNER, 1999) e *A princesa e o sapo* (EISNER, 1998b), e lendas populares de culturas africanas - o que, em 2002, deu origem a *Sundiata, o leão de Mali* (EISNER, 2004), que descreve a luta do príncipe *Sundiata* e do povo de Mali contra a opressão do poderoso *Sumanguru*, o Rei de Sosso. Incansável produtor, ao falecer ele deixou em processo de produção gráfica sua última obra em quadrinhos, *The plot: the secret story of the Protocols of the Elders of Zion*, que trata da maior peça de propaganda elaborada contra os judeus no século 20, em que estes eram acusados de um plano secreto para o domínio do mundo.

É importante também destacar, nesta última etapa de atuação de Will Eisner em favor da divulgação da linguagem das histórias em quadrinhos como um meio essencialmente participativo, seu incessante trabalho educativo na área, atuando tanto diretamente, como professor de artes na School of Visual Arts de Nova York entre 1973 e 1979, como produzindo dois tratados didáticos que se transformaram em obras seminais para o estudo da linguagem das histórias em quadrinhos, *Quadrinhos e arte sequencial* (EISNER, 2010) e *Narrativa Gráfica* (EISNER, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como afirmado no início deste artigo, Will Eisner foi aclamado e reconhecido por seus pares por toda a sua atividade em benefício das histórias em quadrinhos. O reconhecimento de sua contribuição ocorreu ainda em vida do artista, quando seus contemporâneos decidiram batizar com seu nome o mais importante galardão da 9ª Arte nos Estados Unidos, destinado a premiar aqueles que se destacaram na área de quadrinhos durante o ano. Criado em 1988 à semelhança do Oscar na área cinematográfica, o Eisner



Award passou desde então a ser distribuído anualmente durante a maior convenção de quadrinhos dos Estados Unidos, na cidade de San Diego, no estado da Califórnia, para indicados selecionados por comitês e votados pelos próprios profissionais da área.

O próprio Eisner recebeu vários prêmios com o seu nome no correr dos anos, bem como vários Harvey awards, outro prestigiado prêmio dos quadrinhos, criado em homenagem a Harvey Kurtzman. Além destes, Eisner recebeu também vários prêmios internacionais, evidenciando o respeito que granjeou em todo o mundo, inclusive no Brasil, onde esteve várias vezes e tinha vários amigos, dentre os quais se destacava o saudoso professor Álvaro de Moya (1930-2017) que dedicou seu último livro à celebração dessa amizade (MOYA, CHAVES, 2017).

Will Eisner teve uma vida totalmente dedicada ao desenvolvimento e divulgação da linguagem das histórias em quadrinhos, mostrando, por obras e atos, sua firme crença de que ela poderia ser colocada em uma enorme variedade de usos e missões, do entretenimento à educação de jovens e adultos. Por todas as inovações que trouxe à arte gráfica seqüencial, ele foi chamado de *Leonardo dos Quadrinhos* pela revista *Civilization*, editada pelo Congresso norte-americano (SACHS, 2012), da mesma forma como Milton Caniff recebeu a alcunha de *Rembrandt* e Burne Hogarth a de *Michelangelo*... De fato, tal como o "bruxo" de Florença, Eisner constituiu o que se poderia denominar um verdadeiro profeta dos quadrinhos, tendo a inovação da linguagem como seu maior desafio.

Ele buscou vencer esse desafio até o seu último alento, como evidenciou em muitas de suas entrevistas. Ele deixou isso bem claro em uma de suas frases mais conhecidas: "Eu estou em busca da excelência. Não tenho tempo para ficar velho"⁶.

Não seria exagero afirmar que ele realmente jamais ficou.

6 As for me, I am in pursuit of excellence. I have no time to get old. Disponível em: <<https://quotefancy.com/quote/1174842/Will-Eisner-As-for-me-I-am-in-pursuit-of-excellence-I-have-no-time-to-get-old>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

REFERÊNCIAS

- ANDELMAN, Bob. **Will Eisner: a spirited life**. Milwaukie Press, 2005.
- BENTON, Mike. **The comic book in America: an illustrated history. Updated Edition**. Dallas: Taylor Publishing Company, 1989.
- COMA, Javier. **El Espiritu de los comics**. Barcelona: Toutain Editor, 1981.
- COUCH, N. C. Christopher; WEINER, Stephen. **The Will Eisner companion: the pioneering spirit of the father of the graphic novel**. New York: DC Comics, 2004.
- EISNER, Will. **Assunto de família**. São Paulo: Devir, 2009. (a)
- EISNER, Will. **Avenida Dropsie: a vizinhança**. São Paulo: Devir, 2009. (b)
- EISNER, Will. **A baleia branca**. São Paulo: Cia. das Letra, 1998. (a)
- EISNER, Will. **O complô: a história secreta dos protocolos dos Sábios de Sião**. São Paulo: Quadrinhos na Cia., 2006.
- EISNER, Will. **No coração da tempestade**. São Paulo: Ed. Abril, 1996.
- EISNER, Will. **O edifício**. São Paulo: Ed. Abril, 1989. (a)
- EISNER, Will. **Fagin, o judeu**. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.
- EISNER, Will. **A força da vida**. São Paulo: Devir, 2007. (a)
- EISNER, Will. **Narrativas gráficas: princípios e práticas da lenda dos quadrinhos**. 3.ed. São Paulo: Devir, 2013.
- EISNER, Will. **New York: a grande cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989. (b)
- EISNER, Will. **O nome do jogo**. São Paulo: Devir, 2003.
- EISNER, Will. **Pequenos milagres**. São Paulo: Devir, 2000.
- EISNER, Will. **A princesa e o sapo**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. (b)
- EISNER, Will. **Quadrinho e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

- EISNER, Will. **O sonhador**. São Paulo: Devir, 2007. (b)
- EISNER, Will. **Sundiata**. São Paulo: Quadrinhos na Cia., 2004.
- EISNER, Will. **O ultimo cavaleiro andante**. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.
- EISNER, Will. **O último dia no Vietnã**. São Paulo: Devir, 2001.
- HARVEY, Robert C. **The art of the comic book: an aesthetic history**. Jackson: University Press of Mississippi, 1996.
- HATA, Jorge. "Um Contrato Com Deus" de will eisner inaugurou uma nova era nos quadrinhos: as *Graphic Novels*. Quarta-feira, 13 de julho de 2011. **Os quadrinhos**. Disponível em: <<http://osquadrinhos.blogspot.com/2011/07/um-contrato-com-deus-de-will-eisner.html>>. Acesso em: 19 nov. 2018.
- FALLANI, Renzo. Will Eisner Album. **Pinterest.com** Disponível em: <<https://br.pinterest.com/renzofallani/will-eisner/?lp=true>>. Acesso em: 18 nov. 2018.
- FAMOUS COMIC BOOK CREATORS. Forestville: Eclipse Enterprises, 1992. (105 trading cards)
- O HOMEM que matou o facínora. Direção: John Ford. Intérpretes: John Wayne; James Stewart; Lee Marvin; Vera Miles. Roteiro: James Warner Bellah; Willis Goldbeck. Los Angeles: Paramount Pictures, 1962.
- KAPLAN, Arie. **Masters of the comic book universe revealed!** Chicago: Chicago Review Press, 2006.
- MCKINLEY, Cecil. "Hawks of the seas - les boucaniers" par Will Eisner. 18 fev. 2017. **BDzoom.com**. Disponível em: <<http://bdzoom.com/111075/comic-books/«-hawks-of-the-seas---les-boucaniers-»-par-will-eisner/>>. Acesso em: 18 nov. 2018.
- MOYA, Álvaro de; CHAVES, Dario. **Eisner/Moya: memórias de dois grandes nomes da arte sequencial**. São Paulo: Criativo, 2017.
- PESSOA, Alberto. Will. Eisner e a desfragmentação da comunicação de massa. [Paper on line] 2014. Disponível em: <https://pesquisadoralbertopessoa.wordpress.com/2014/10/23/will-eisner-e-a->



desfragmentacao-da-comunicacao-de-massa/. Publicado em 23 out. Acesso em: 03 jan. 2018.

SACHS, Sheila. *The Spirit e outros personagens de Will Eisner*. [paper on line] Disponível em: <http://sheilasacks.blogspot.com.br/2012/03/spirit-e-outros-personagens-de-will.html>. Publicado em 20 mar. 2012. Acesso em: 04 jan. 2018.

SCHUMACHER, Michael. **Will Eisner**: um sonhador nos quadrinhos. São Paulo: Globo, 2013.

SCHUMACHER, Michael. **Will Eisner**: a dreamer's life in comics. New York: Bloomsbury, 2010.

THOMPSON, STEVIE. Joe Dope-Will Eisner-1954. Wednesday, July 18, 2012. **4CS**. Disponível em: <<http://fourcolorshadows.blogspot.com/2012/07/joe-dope-will-eisner-1954.html>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

WONDER MAN COVER NUMBER 1. Arquivo: <Wonder Comics Cover 1.jpg>. 16 out. 2016. Wikimedia Commons. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?title=File:Wonder_Comics_Cover_1.jpg&oldid=209940879>. Acesso em 18 nov. 2018.



VERSÃO INTEGRAL EM LINGUA INGLESA

TRIBUTE

A complete comic book artist: Will Eisner and his legacy for the 9th art⁷

Waldomiro Vergueiro⁸

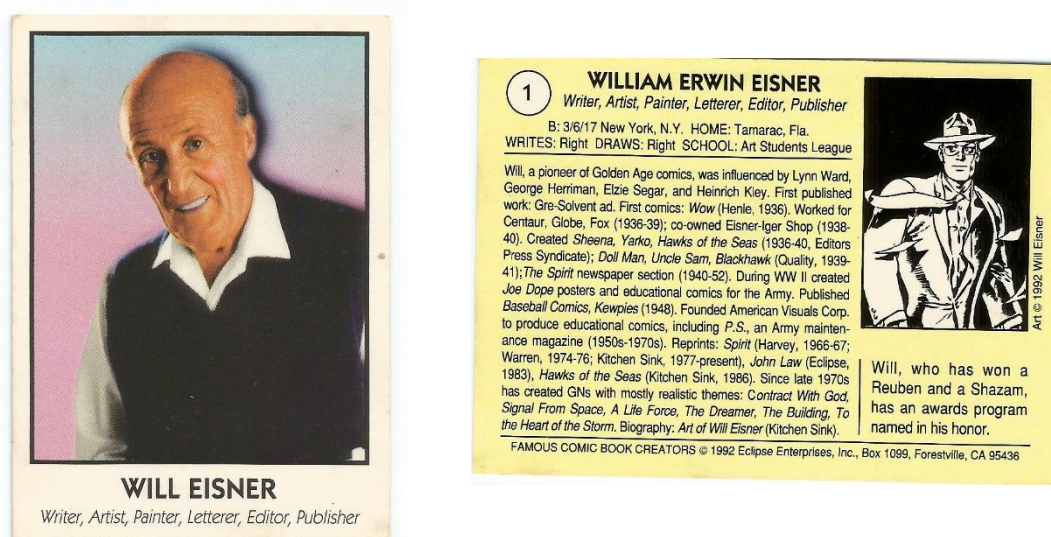
⁷ Received on 09/28/2018, version approved in 11/11/2018.

⁸ Full professor, retired from the School of Communications and Arts, University of São Paulo (ECA/USP). Graduated in Library Science from the School of Sociology and Politics of São Paulo. Master and PhD in Information Science from the School of Communications and Arts of the University of São Paulo (ECA/USP). Founder and coordinator of the Comics Observatory of the School of Communications and Arts (OHQ/USP). Professor associated with the Postgraduate Program in Information Science at Universidade Federal de Sergipe (PPGCI/UFS). Author of a representative number of books and scientific articles about comics.

INTRODUCTION

In early 2005, the comic book world lost one of its greatest artists. Victim of complications from surgery that he underwent at the end of December 2004, the American William Erwin Eisner, known worldwide as Will Eisner (figure 1), passed away on January 3, 2005. If still alive, last year, 2017, he would have turned one hundred years.

Figure 1: The most famous comic book creator– Will Eisner



Fonte: FAMOUS COMIC BOOK CREATOR, 1992. Collectible card nº. 1.

At the time of his death, newspapers and specialized publications filled with eulogies to the comic. The internet played hundreds of praises to the great artist disappeared, focusing on the various aspects of his art and the great human figure that had left us at that time. Artists from all sources and quadrinísticos styles, contemporary to the author or directly influenced by him, both the United States and other countries and continents, reported their personal experiences of contact with the graphic producer and gave different testimonies of the prestige he had won between their peers. Readers from all quarters of the world sought ways to express their grief over the loss of one of his biggest idols.

Nothing more just. It's not often you lose a giant. And Will Eisner was a giant. Or maybe more. It can be said that in his decades of activity in the comics he had become a real a



colossus. One can even risk the statement that he had become bigger than himself and had come to enter the space legend. Therefore, it is possible to argue that most of the demonstrations only followed the spirit of the phrase put in the mouth of journalist portrayed in the film *The man who killed the ruffian* (1962): "When the legend becomes greater than the facts, imprima- if the legend. "

Overkill? A little, perhaps. But it is certain that the contribution of Will Eisner development of the 9th Art was not negligible. On the contrary, few came to offer both the sequential graphic. However, more that even if justifiably regret the absence of the great Teacher - not filled, by the way - it seems to be more important to reflect on its impact on the area, on what he has built over its 87 years of life totally dedicated to the production and dissemination of sequential graphic. She was his great passion. And it is its great heritage.

It is seeking to do in this article.

THE FIRST, ON THE PRODUCTION LINE ...

It can be said that in his long career, Will Eisner passed over for all aspects of the production of comics, from the simplest to the most complex, the most humble to the most considered socially. At the time began to produce stories for comic books still beginners, still very young, he served as intensely quadrinhístico material supplier to a wide range of commercial publishers. He did this by SM Iger Studios, the company he founded in partnership with fellow designer Jerry Iger (1903-1990) - better known in the US comic market as Eisner-Iger Studios - one of the first comic production companies the American market, which he founded in 1936 with Jerry Iger (COUCH, WEINER, 2004). Working hard,

He was not alone. With his team - which were part of artists who later achieved prominence in the area, as Bob Kane (1915-1988), Lou Fine (1914-1971), Jack Kirby (1917-1994), George Tuska (1916-2009), Bob Powell (1916-1967), among others - he was a real assembly line to a "factory" of comics production, establishing the model for

several similar studios and shaping the comics production systematically in the United States for decades following.

In the company, Iger was responsible for the commercial part, while Eisner was in charge of the creative aspect, as has Robert C. Harvey (1996, p. 23, our translation⁹):

Eisner presided from a drawing board located at one end of a large living room; other artists seated at tables that lined along the walls of the room. On his desk, Eisner rascunhava stories with non-photographic blue pencil on drawing sheets, breaking action, preparing the layout of the pages, outlining the figures, indicating the dialogues. These leaves were drafted passed to a writer team, writing captions and dialogue. Then, the page would for other artists. The first ended drafts Eisner pencil and ink spent on them. Finally, the letters would receive ink and the page was deleted and clean. At various stages of production, each page passed under the eyes of Eisner for approval. When he saw something that did not meet their standards, he suggested change. Sometimes he even made the changes.

Figure 2: The Eisner's pirates



Source: MCKINLEY, C. (2017)

Even then - then with just over 20 years - Eisner was not content to just supervise the

⁹Eisner presided from the drawing board at one end of a large room; other artists drawing boards that sat at the lined wall of the room. At his drawing board, Eisner roughed October stories in non-photo blue pencil on sheets of illustration board - breaking down the action, designing page layouts, sketching in figures, indicating dialogues. These rough pages he passed on to the staff writer, who wrote captions and dialogue. Then the page went to the other artists. The first of these would finish Eisner's pencils and ink then the figures; the second artist would draw in the backgrounds and ink them. Finally, the lettering would be inked and the page erased and cleaned up.

At various stages in the production, each page passed under Eisner's eye for approval. When he saw something That didn't meet his standards, he Suggested changes. Sometimes, the changes he made himself.

work of his teammates, but also involved in the creation of characters; of his authorship are several series of more or less success, as The Flame, Blackhawk, Black Condor, Doll Man, Mr. Mystic, Lady Luck, Hawks of the Seas (Figure 2), Uncle Sam, etc. (Harvey, 1996, p. 23).

During its years of activity, the studio produced literally hundreds of comic books of various genres, encompassing from mystery stories to superheroes with the most varied powers of detective stories the adventures in exotic environments, war stories narratives pirates, etc. It has even been produced the most blatant copy of Superman, created at the request of Victor Fox editor to respond directly to the success of superhero comics first; launched in May 1939, creating Eisner, Wonder Man, published in the journal Wonder Comics (figure 3), had a meteoric career, being stopped immediately after a lawsuit that was filed against Fox by the Man of Steel's publisher (SCHUMACHER, 2010, p. 51-54).

Figura 3: *Wonder Man*: o meteórico herói de Will Eisner



Source: Wikimedia Commons (WONDER, 2016).

The 1940s were of intense activity for the author, representing a total immersion in the world of comics as a form of mass entertainment. Still, he was not content to only act as a mechanical worker, element, like so many others, of a production chain that



produced graphic narrative in the same way could produce cartoon, hobbies or any other product designed to the fun of the reading public Of your country. Even benefiting enough with the industrial production system - and making lots of money with him, say by the way... Eisner seemed to feel the intimate need to produce something different, facing an audience that was not only made up children and adolescents. The ability to meet this anxiety came to him in 1940.

Thus began a new phase in Will Eisner's career, if not the most creative, at least the one that most marked in the eyes of readers of comics, garnering him later general recognition as one of the greatest masters of sequential graphic of all time.

A COPYRIGHT WORK IN THE COMICS INDUSTRY WITHIN

The highlight of this phase point is no doubt from the idea of drawing up a weekly supplement of comics for American newspapers, a publication quite different from those with which readers were used: instead of the stories are arranged inside the newspaper in a special notebook similar to other supplements, the new proposal constituted a comics magazine of 16 pages that would inset periodicals. Thus, from June 2, 1940, when it was published the first story of his new hero – the Spirit, a rather peculiar masked vigilante – on Sunday Comic Book Section, Eisner had much more freedom to carry out the creative flights that had previously not dared or had not found space to develop.

In a way, creating Eisner broke with two characteristic paradigms of the most popular comics of his time: first, he tried to move away from the figure of superheroes with their flashy clothes, to take a much more sober dress, one suit and tie common, supplemented by a mask that only covered up her eyes, nor showing any extravagant gift, which could greatly distinguish it from ordinary mortals; secondly, it sought a different player that consuming these other characters, longing to reach an older audience and greater demands in terms of graphic narratives. Thus, the Spirit of the stories are not always focused on



the protagonist, but used it to present a narrative about a specific human concern.¹⁰⁾ In many stories the hero is just

[...] an impotent witness to this moral barbarism where the relative cult of freedom presupposes the contempt for social justice, where delinquency seed becomes inherent to the same abusive promoting family institution as the first and last of pleasure mostly miserable strata where the 1940 former criminals hunter ended up being a man on the run at all costs System.

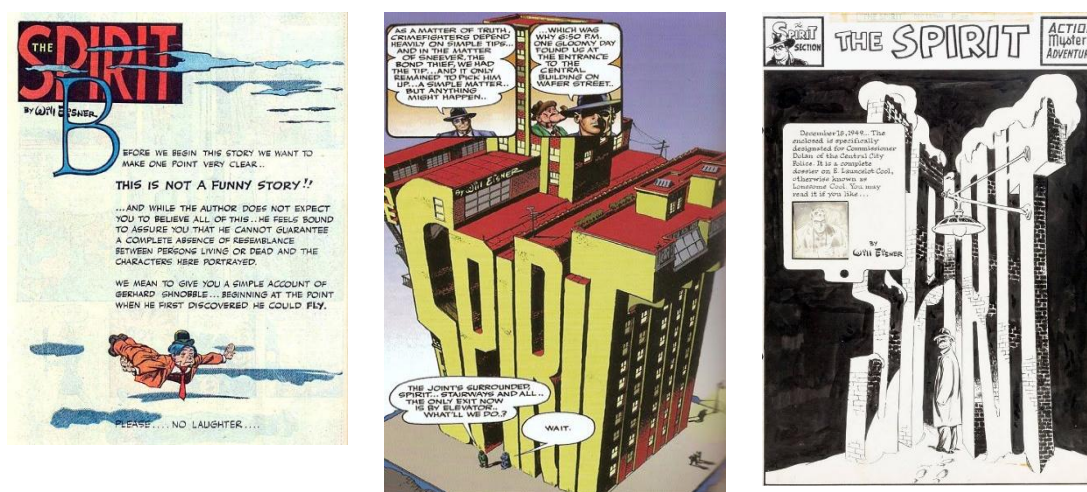
The stories of the Spirit are usually short stories that highlight the fragility of the human being in the fight for survival facing the adversity and stress, often the irony of existence itself. Although constituting basically a supporter of law and order and, in essence, taking the defense of the status quo, the American way of life, the protagonist of the most famous series of Will Eisner does not represent a mere agent of the established order or problem solver - as with the other heroes of the comics - but it is, too, another victim of the prevailing social model, powerless to provide any kind of definitive answer or solution to society's problems. Often, moreover, it was soundly defeated by opponents and events, showing the inconsistency of life itself.

The graphical aspects were another area in which the stories of the Spirit is distinguished from its contemporaries. Elaborating his narratives always with a limited number of only seven pages, Eisner put in that work all your genius both in terms of composition of the page as structuring comic sequence. He innovated with parallel narrative structures, unusual plans (as the story told through the eyeballs of one of the characters), shadow and light games, disturbing angles, etc. Each Spirit of adventure drawn by Eisner is, today, a real lesson in the art of composition of a comic book, even for experienced artists. Among these innovative features, yet it stands out the introduction of the splash page, where the home page of the story takes on a prominent role to hold the reader's attention: with innovative graphic techniques, Eisner always diversified this introductory page, playing with the elements that composed it and making the logo - each time with different characteristics - compose the image with the same visual body. Sometimes, the logo could be made up of the top of several neighboring buildings, part of a reward poster, to be

¹⁰ [...] un helpless testigo of this barbarism moral donde el relative worship a la libertad presupone el desprecio a la social justicia, where it siembra de la delinquency deviene inherent la misma abusive proporción of her family institución as placer primero last y de los strata mayormente misérrimos, donde el antiguo cazador criminales of 1940 there ended siendo one hombre huido the whole costa del System.

drawn by the gravestones of a cemetery, represent an element of scenery, etc., appearing anywhere on the page (figure 4). Playing with the elements that composed it and making the logo - each time with different characteristics - compose the image with the same visual body. Sometimes, the logo could be made up of the top of several neighboring buildings, part of a reward poster, to be drawn by the gravestones of a cemetery, represent an element of scenery, etc., appearing anywhere on the page (figure 4).

Figura 4: Exemplos de *splash page* de *The Spirit*



Fonte: FALLANI, R. (2018)

PARTICIPATION IN WORLD WAR II AND PRODUCTION FOR THE US ARMY

Will Eisner was mobilized to the US Army in 1942. In the army, he continued to write stories, sending them to their employees to be completed; however, at the end of 1942 he had to abandon completely the character, leaving it in the hands of artists of his team - especially Lou Fine, drawings, and William Woolfok (1917-2003) and Manly Wade Wellman (1903-1986) in scripts. (COUCH, WEINER, 2004, p. 86) returned to the character only in December 1945, after their demobilization, again taking control of production and performing some of the best stories of the hero. In this second phase, with the collaboration of several helpers of great talent, as Jules Feiffer, Abe Kanegson, Jerry



Grandenetti (1926-2010) and the Haitian André LeBlanc (1921-1998), who would later take up residence in Brazil

The Sunday Supplement was published until September 28, 1952, when he had assumed the name of The Spirit section, further highlighting the character Eisner (COUCH, WEINER, 2004, p. 79).

The Spirit remained in limbo until 1966, when it was briefly revived in a special issue of New York Magazine and two numbers of its own magazine published by Harvey Comics; he would only return to the limelight since 1973, with compilations published by Kitchen Sink Enterprises. At the end of the 1990s, the series began to be published by DC Comics, who created unique stamps for the reissue of all the works in Eisner's comics - Will Eisner Library and Will Eisner's The Spirit Archives - and to publish their new work.

CLOSING SPIRIT AND PRODUCTION OF INSTRUCTIONAL COMICS

Apparently, Eisner ended the publication of The Spirit in 1952 because he was tired of the demands that the commercial comic put him. Had been more than 600 stories in the twelve years of the hero, as well as a daily strip that lasted from December 8, 1941 to March 11, 1944. (COUCH, WEINER, 2004, p. 14) However, it would also be possible to assume that this was an option for another way to work with the language of comics or the search for new creative challenges, something that has always characterized his career. Since 1950, he had created a company - the American Visuals Corporation - focused on the use of comics as a teaching tool or industrial training, with the large companies customers such as General Motors, the American Medical Association and the RCA Victor, and several other companies that wanted to use the language of comics to instruct their employees. (SCHUMACHER, 2010, p. 148)

On the other hand, leaving the publication of his most popular character, he also resumed an activity that had developed during his years of army, time devoted to the production of comics with educational content for the Army motors magazine. With the advent of

the Korean War, the US Army invited him to return in a publication like this magazine; so, from 1952 he began to devote himself exclusively to PS Magazine, seeking to develop a publication that could hold the attention of the soldiers by mixing characters from comics, jokes, speakers equipment, etc. with a rather informal text, always emphasizing graphics and colorful elements.

Eisner remained in the magazine during its first twenty years of existence, being virtually the only artist to her work in this period. Initially, he found relationship difficulties with the magazine's editors, who had trouble keeping a regular publication. Fortunately, much of the trouble ended up being equated when the third magazine editor was hired in 1952. James Kidd, a journalism professor at West Virginia University, quickly put the house in order and ensured that the magazine was published regularly until 1971, when the author of Spirit pulled away from your writing. In this magazine, Eisner was able to put into practice his belief in the instructional potential of quadrinística language, developing characters (figure 5) that helped to carry forward this belief.

Figura 5: Joe Dope, the soldier created by Eisner in World War II



Source: THOMPSON, S. (2012).

The military, who dedicated much time and effort to shape the mental processes of the soldiers were not interested in informal or in mood. Joe Dope and his partner, Soldier Fogsnoff were an eternal bone of contention - and in essence, primary examples of disagreements ever be resolved between Eisner and the army. Eisner believes - correctly and, judging by the reaction of readers to P * S - the two misfits exemplified through its failure, as something should not be done. Military officials did not think so. Joe Dope, contrasted, ridiculed the training process and, by extension, the army itself. (Schumacher, 2013, p. 174)

These communication difficulties with bureaucracy - that eventually made up with the Fogsnoff soldier was "kicked out" of the army, for its inefficiency - they were probably among the reasons that have made Eisner departing from the publication in the beginning of the 1970s. he tried to court to take ownership of the characters, but it was not successful in his attempt, with the judge ruling that these belonged to the US army (SCHUMACHER, 2013, p. 176).

"INVENTION" OF THE GRAPHIC NOVEL

In 1972, 59-year-old Eisner decided to sell his educational comic book production company and enfrontar in new projects in the field of comics. It started up, so what might be called the third and final phase of his career, turned to the deepening and spreading of the potential of the language of comics and the creation of specially targeted products for adult audiences, which also sought to explore the literary ability of comics as a communication medium. To these works, he generically termed graphic novels.

The creation of the new name for the sequential graphic language is generally credited to Will Eisner, leading even to be often called the "graphic father novel," as in the book's subtitle that he dedicated Couch and Weiner (2004).

The artist himself was in charge of spreading of good-natured way, in several interviews, a version of the facts that help to corroborate this belief:

Eisner called Oscar Dystel, then president of Bantam Books, and threw the concept. Dystel not only knew but Eisner said he was a fan of his work on *The Spirit*. Dystel remembered it, but it was a busy man, as editors usually are, and was impatient. He wanted to know what was that Eisner had, exactly. Eisner looked at your doll, and instinct told him, Do not tell Dystel which is a comic book or it will hit the phone in your face. So Eisner thought for a moment and said, "It's a graphic novel." "Oh," Dystel said, "This looks interesting; I had never heard of it before. "

At the invitation of Dystel, Eisner took the doll to his office. Dystel looked at the doll, Eisner looked in disbelief, then looked back at the doll. Dystel then shook his head.

"Call it what you want," he said sadly, "but this is still a comic book! We do not sell comics in Bantam. I'm surprised at you, Will. Go in search of a small publisher." (Andelman, 2005, p. 290. Translation ours, emphasis added)¹¹

Figure 6: Cover of "A Contract with God" in Brazilian edition of 1988



Fonte: HATA, J. (2011)

In fact, this was not the first time that the expression of novel graphic was used in relation to a product comic. Before Eisner, the term had been used by Richard Kyle in the bulletin

¹¹Eisner called Oscar Dystel, then president of Bantam Books, and pitched the concept. Dystel not only knew Eisner but was said to be a fan of his work on *The Spirit*. Dystel remembered him, but he was a busy man, as publishers usually are, and he was impatient. He wanted to know what it was that Eisner had, exactly. Eisner looked down at the dummy, and an instinct told him, *Don't tell Dystel it's a comic book or he will hang up on you*. So Eisner thought for a moment, and said: "It's a graphic novel." "Oh," Dystel said, "that sounds interesting; I've never heard of that before." At Dystel's invitation, Eisner brought the dummy up to his office. Dystel looked at the dummy, looked at Eisner in disbelief, and then looked back at the dummy. Then Dystel shook his head. "Call it what you will," he said sadly, "but this is still a comic book! We don't sell comic books at Bantam. I'm surprised at you, Will. Go find a small publisher."



of the Comic Amateur Press Alliance, Cover-Alpha in 1964; likewise, the work he then offered to the editor - *A contract with God* - could not be considered in fact the "first" graphic novel to be published in the American quadrinhístico environment with several works can be identified as its predecessor, highlighting in this regard Beyond team and again, George Metzger, published in 1976 (KAPLAN, 2006, p. 16). However, controversy aside, it is certain that Eisner, with its prestige and market performance.

After a few rejections, Will Eisner finally managed to publish a contract with *God* (figure 6) by Baronet Books in 1978. It was a collection of four stories about people that Eisner had met during his childhood and adolescence in the Bronx; in the work, the author fled the original format of comics, avoiding telling the plot frame by frame and sometimes using the entire page for a single illustration. The work did not achieve an immediate success, but gradually their quality was being imposed and the reaction to it solidifying warmly and encouragingly from its diffusion among adult audiences, which earned him successive reprints. In a certain way.

Since the publication of *A Contract with God*, the creator of *Spirit* began to devote himself to the development of graphic novels, with new works being regularly produced by him, always dealing with everyday issues involving ordinary people, developing themes related to their own experience and personal experience or favoring the common memory, nostalgia and social stereotypes as basic tools of narrative. Thus, the balance of the past 25 years of production presents the following works:

Life in another planet(1978) - the political and social consequences of a signal from space, proving the existence of life beyond Earth. (COUCH, WEINER, 2004)

The life force (1979) - the saga of an immigrant and his struggle against adverse conditions for survival in the new world (EISNER, 2007a);

New York, the big city(1981) - collection of anecdotes and experience reports collected over the years, with the common environment the city of New York. (Eisner 1989b)

The dreamer (1986) - autobiographical character, presents a true picture of the universe of creation of comic books during the 1930s (EISNER, 2007b)



The building(1987) - chronicle of the life and the inconsistencies of the inhabitants of a single building; the building itself part of the plot, almost as with the features of a character. (EISNER, 1989a)

City people notebook(1989) - resumption of proposals developed in New York, the big city, held from Eisner's observations about life in the metropolis. (COUCH, WEINER, 2004)

Will Eisner Reader(1991) - collection of stories published between 1985 and 1986, highlighting "The sunset in Sunshine City," which focuses on the impact of changes in the life of a senior citizen, seen with hints of irony and resignation. (COUCH, WEINER, 2004)

In the heart of the storm (1991) - growth and prejudice in a poor environment of the United States in the early 20th century (EISNER, 1996)

Invisible people(1992) - the search for social invisibility as a sanctuary from the dangers of life. (COUCH, WEINER, 2004)

Dropsie Avenue: The Neighborhood(1995) - a physical location seen as a symbol of evolution and change. (Eisner 2009b)

Family matter(1998) - the portrait of a family involved in a relationship type that borders on cruelty. (Eisner 2009a)

The last days in Vietnam: reminiscences(2000) - the human relationship in an armed conflict environment. (Eisner 2001)

Will Eisner reader(2001) - Seven stories about characters and motivated affected by love, hate and fear, expressing the strength and fragility of human beings. (CROUCH, WEINER, 2004)

small miracles(2000) - collection of four stories reporting cases that highlight the role of the miraculous in the day-to-day residents of Dropsie Avenue. (Eisner 2000)

The name of the game(2002) - the saga of an immigrant family for nearly a century, focusing on four generations struggling with economic problems, death, disaster and marital discord. (EISNER, 2003)

Fagin the Jew (2003) - re-visitation of the character of Charles Dickens, with personal Eisner outlook on life in England in the 19th century (EISNER, 2005)

The Plot(2005) - Published posthumously, chronicles the creation and dissemination of the famous Protocols of the Elders of Zion, notorious piece of anti-Semitic advertising prepared by the Russian secret police in the late 19th century (EISNER, 2006)

In addition to these works of greater breath, Eisner also took his time to tour at stops before unexplored by him, small adaptations of the classics of world literature to comics



language - producing comics for Moby Dick - in Brazil, published as The White Whale (EISNER 1998a) - Don Quixote - in Brazil, the last knight errant (EISNER, 1999) and the princess and the sapo (EISNER, 1998b), and popular legends of African cultures - which, in 2002, gave rise to Sundiata, the lion of Mali (EISNER, 2004), which describes the struggle of prince Sundiata and the Malian people against the oppression of the powerful Sumanguru, the King of Soso. Tireless producer, when he died he left in graphic production process his last work in comics, The plot: the secret story of the Protocols of the Elders of Zion.

It is also important to note, in this last Will Eisner's performance stage in favor of disclosure of the language of comics as an essentially participatory medium, its incessant educational work in the area, acting both directly, as a teacher of arts at the School of Visual Arts of new York between 1973 and 1979 as producing two didactic treatises that became seminal works for the study of the language of comic books, Comics and sequential art (EISNER, 2010) and graphic narrative (EISNER, 2013).

FINAL CONSIDERATIONS

As stated earlier in this article, Will Eisner was acclaimed and recognized by his peers throughout his activity in favor of comics. The recognition of his contribution was still in the artist's life, when his contemporaries decided to baptize with his name the most important award of the 9th Art in the United States, to reward those who have excelled in comic area during the year. Created in 1988 like the Oscar in the film area, the Eisner Award passed since then to be distributed each year during the biggest Comics convention of the United States in the city of San Diego, in California, for given selected by committees and voted on by own professionals.

Eisner himself received several awards with his name over the years, as well as several awards Harvey, another prestigious award of comics, created in honor of Harvey Kurtzman. In addition, Eisner also received several international awards, showing the



respect that earned worldwide, including Brazil, where he several times and had several friends, among which stood out the late Professor Alvaro de Moya (1930-2017) that he dedicated his last book the conclusion that friendship (MOYA, KEYS, 2017).

Will Eisner had a life totally dedicated to the development and dissemination of the language of comics showing of works and deeds, its firm belief that it could be placed in a huge variety of uses and missions, entertainment to youth education and adults. For all the innovations that brought the sequential graphic, it was called Leonardo of the Comic by Civilization magazine, published by the US Congress (SACHS, 2012), just as Milton Caniff earned the nickname of Rembrandt and Burne Hogarth the Michelangelo ... in fact, as the "wizard" of Florence, Eisner constituted what could be called a true prophet of comics, and innovation of language as their biggest challenge.

He sought to overcome this challenge to his last breath, as evidenced in many of his interviews. He made this clear in one of his most famous phrases: "I'm in pursuit of excellence do not have time to get old."¹². It would not be exaggeration to say that it really never was.

REFERENCES

ANDELMAN, Bob. **Will Eisner**: a spirited life. Milwaukie Press, 2005.

BENTON, Mike. **The comic book in America: an illustrated history. Updated Edition.** Dallas: Taylor Publishing Company, 1989.

COMA, Javier. **El Espiritu de los comics.** Barcelona: Toutain Editor, 1981.

COUCH, N. C. Christopher; WEINER, Stephen. **The Will Eisner companion**: the pioneering spirit of the father of the graphic novel. New York: DC Comics, 2004.

¹²As for me, I am in pursuit of excellence. I have no time to get old. Available in: <<https://quotefancy.com/quote/1174842/Will-Eisner-As-for-me-I-am-in-pursuit-of-excellence-I-have-no-time-to-get-old>>. Acesso em 18 nov. 2018.



- EISNER, Will. **Assunto de família**. São Paulo: Devir, 2009. (a)
- EISNER, Will. **Avenida Dropsie**: a vizinhança. São Paulo: Devir, 2009. (b)
- EISNER, Will. **A baleia branca**. São Paulo: Cia. das Letra, 1998. (a)
- EISNER, Will. **O complô**: a história secreta dos protocolos dos Sábios de Sião. São Paulo: Quadrinhos na Cia., 2006.
- EISNER, Will. **No coração da tempestade**. São Paulo: Ed. Abril, 1996.
- EISNER, Will. **O edifício**. São Paulo: Ed. Abril, 1989. (a)
- EISNER, Will. **Fagin, o judeu**. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.
- EISNER, Will. **A força da vida**. São Paulo: Devir, 2007. (a)
- EISNER, Will. **Narrativas gráficas**: princípios e práticas da lenda dos quadrinhos. 3.ed. São Paulo: Devir, 2013.
- EISNER, Will. **New York**: a grande cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1989. (b)
- EISNER, Will. **O nome do jogo**. São Paulo: Devir, 2003.
- EISNER, Will. **Pequenos milagres**. São Paulo: Devir, 2000.
- EISNER, Will. **A princesa e o sapo**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. (b)
- EISNER, Will. **Quadrinho e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- EISNER, Will. **O sonhador**. São Paulo: Devir, 2007. (b)
- EISNER, Will. **Sundiata**. São Paulo: Quadrinhos na Cia., 2004.
- EISNER, Will. **O ultimo cavaleiro andante**. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.
- EISNER, Will. **O último dia no Vietnã**. São Paulo: Devir, 2001.
- HARVEY, Robert C. **The art of the comic book**: an aesthetic history. Jackson: University Press of Mississippi, 1996.
- HATA, Jorge. "Um Contrato Com Deus" de will eisner inaugurou uma nova era nos quadrinhos: as *Graphic Novels*. Quarta-feira, 13 de julho de 2011. **Os quadrinhos**.



Disponível em: <<http://osquadrinhos.blogspot.com/2011/07/um-contrato-com-deus-de-will-eisner.html>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

FALLANI, Renzo. Will Eisner Album. **Pinterest.com** Disponível em: <<https://br.pinterest.com/renzofallani/will-eisner/?lp=true>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

FAMOUS COMIC BOOK CREATORS. Forestville: Eclipse Enterprises, 1992. (105 trading cards)

O HOMEM que matou o facínora. Direção: John Ford. Intérpretes: John Wayne; James Stewart; Lee Marvin; Vera Miles. Roteiro: James Warner Bellah; Willis Goldbeck. Los Angeles: Paramount Pictures, 1962.

KAPLAN, Arie. **Masters of the comic book universe revealed!** Chicago: Chicago Review Press, 2006.

MCKINLEY, Cecil. “Hawks of the seas - les boucaniers” par Will Eisner. 18 fev. 2017. **BDzoom.com**. Disponível em: <<http://bdzoom.com/111075/comic-books/«-hawks-of-the-seas—les-boucaniers-»-par-will-eisner/>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

MOYA, Álvaro de; CHAVES, Dario. **Eisner/Moya: memórias de dois grandes nomes da arte sequencial**. São Paulo: Criativo, 2017.

PESSOA, Alberto. Will. Eisner e a desfragmentação da comunicação de massa. [Paper on line] 2014. Disponível em: <https://pesquisadoralbertopessoa.wordpress.com/2014/10/23/will-eisner-e-a-desfragmentacao-da-comunicacao-de-massa/>. Publicado em 23 out. Acesso em: 03 jan. 2018.

SACHS, Sheila. *The Spirit e outros personagens de Will Eisner*. [paper on line] Disponível em: <http://sheilasacks.blogspot.com.br/2012/03/spirit-e-outros-personagens-de-will.html>. Publicado em 20 mar. 2012. Acesso em: 04 jan. 2018.

SCHUMACHER, Michael. **Will Eisner: um sonhador nos quadrinhos**. São Paulo: Globo, 2013.

SCHUMACHER, Michael. **Will Eisner: a dreamer's life in comics**. New York: Bloomsbury, 2010.



THOMPSON, STEVIE. Joe Dope-Will Eisner-1954. Wednesday, July 18, 2012. **4CS**. Disponível em: <<http://fourcolorshadows.blogspot.com/2012/07/joe-dope-will-eisner-1954.html>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

WONDER MAN COVER NUMBER 1. Arquivo:<Wonder Comics Cover 1.jpg>. 16 out. 2016. Wikimedia Commons. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?title=File:Wonder_Comics_Cover_1.jpg&oldid=209940879>. Acesso em 18 nov. 2018.